

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**AS CLASSES FORMAIS DO PORTUGUÊS E SUA CONSTITUIÇÃO:  
UM ESTUDO À LUZ DA TEORIA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

**Cíntia da Costa Alcântara**

Prof. Dr. Leda Bisol  
Orientadora

Data da defesa: 28/01/2003

Instituição depositária:  
Biblioteca Central Irmão José Otão  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, dezembro de 2002

Para César e Mário Luís.

## AGRADECIMENTOS

À Dr<sup>a</sup>. Leda Bisol, por sua seriedade, competência e gentileza com que me orientou ao longo do processo de construção desta tese.

À Dr<sup>a</sup>. Regina Zilberman, coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras, por sempre atender às solicitações que lhe fiz em momentos cruciais de minha vida como doutoranda.

À Dr<sup>a</sup>. Carmen Lúcia Barreto Matzenauer, da UCPel, e à Dr<sup>a</sup>. Regina Lamprecht, da PUCRS, por suas valiosas contribuições durante o exame de qualificação para doutorado.

Ao Dr. James Harris, do MIT, pelo envio de material e pelas discussões em torno do tema abordado.

Ao Dr. Andrea Calabrese, da Universidade de Connecticut, pelo envio de seus textos e também pelos esclarecimentos com respeito à teoria da Morfologia Distribuída.

À Dr<sup>a</sup>. Eulàlia Bonet, da Universidade Autônoma de Barcelona, pelas importantes observações tecidas no que tange ao enfoque teórico deste estudo.

À Cláudia e Mara, secretárias do PPGL, por sua atenção.

Aos bolsistas do VARSUL, por seu auxílio constante.

À CAPES, pela bolsa concedida.

A todos que, de uma forma ou outra, contribuíram para a realização deste trabalho.

## SUMÁRIO

### AGRADECIMENTOS

### RESUMO

### ABSTRACT

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	13
2.1 Objetivos .....	13
2.1.1 Objetivo geral .....	13
2.1.2 Objetivos específicos .....	13
2.2 Hipóteses .....	14
2.2.1 Hipótese geral .....	14
2.2.2 Hipóteses específicas .....	14
2.3 Organização dos dados .....	15
2.4 Método de Análise .....	17
<b>3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	18
3.1 A Teoria da Morfologia Distribuída (DM) .....	18
3.1.1 O módulo morfológico .....	22
3.1.1.1 Operações morfológicas .....	22
3.1.1.2 Inserção vocabular ( <i>Spell-Out</i> ) .....	26
3.1.1.3 Regras de reajustamento .....	32
3.1.2 O módulo fonológico .....	33
<b>4 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA</b> .....	34
4.1 A vogal temática no português .....	34
4.1.1 Câmara Jr. (1999 [1977]) .....	34
4.1.2 A visão da gramática tradicional (Bechara, 2000) .....	36
4.1.3 Celso Luft (1974) .....	37
4.1.4 Villalva (1994) .....	39
4.1.5 Lee (1995) .....	43

4.1.6	Moreno (1997) .....	44
4.1.7	Pereira (1999) .....	47
4.2	As classes temáticas e o gênero (Câmara Jr., 1976) .....	48
4.3	A análise de Harris (1999) .....	50
<b>5.</b>	<b>AS CLASSES FORMAIS DO PORTUGUÊS</b> .....	<b>58</b>
5.1	A constituição das classes formais do português .....	64
5.1.1	Classe formal I .....	74
5.1.2	Classe formal II .....	76
5.1.3	Classe formal III .....	79
5.1.4	Classe formal IV .....	89
5.1.5	Classe formal V: Palavras com morfema de classe formal zero .....	96
5.1.6	5.2 O plural dos membros de classe formal .....	99
5.3	Classe formal V e seus membros .....	103
5.3.1	Palavras terminadas em /l/ .....	103
5.3.2	Palavras terminadas em /N/ .....	107
5.3.3	Palavras acabadas em /-V/ .....	109
5.3.4	Palavras acabadas em ditongo (-VV) .....	113
5.4	Classes formais do português - Parte II: Palavras terminadas em ditongo nasal ..	119
5.5	Visão geral das classes formais do português .....	131
5.6	Traços de classe formal e generalizações morfológicas: mais evidências .....	134
5.7	Classes formais do português e a hierarquia de marcação .....	138
5.7.1	Hierarquia de marcação e regras de empobrecimento .....	140
<b>6</b>	<b>DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO: UMA ILUSTRAÇÃO DA TEORIA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA</b> .....	<b>142</b>
6.1	As palavras não-verbais derivadas do português .....	144
6.2	Os advérbios em <i>-mente</i> .....	151
6.3	Os compostos .....	156
6.4	A formação do diminutivo: sufixo <i>-zinho</i> sob o enfoque da DM .....	160

<b>7 CONCLUSÃO .....</b>	<b>165</b>
--------------------------	------------

<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>167</b>
---------------------------	------------

**ANEXOS:**

I- Amostragem das Classes Formais do Português

II- Curriculum Vitae

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Classe formal I .....	74
Quadro 2 – Classe formal II .....	77
Quadro 3 – Morfemas de classe formal da classe III – Singular e Plural .....	102
Quadro 4 – Palavras terminadas no ditongo decrescente oral <i>-eu</i> .....	117
Quadro 5 – Acréscimos à classe I: palavras terminadas em <i>-ão</i> .....	119
Quadro 6 – Acréscimos à classe II: palavras terminadas em <i>-ã</i> .....	120
Quadro 7 – Classes formais do português: visão geral .....	132

## RESUMO

Este estudo diz respeito às classes formais do português, grupos temáticos que compartilham a mesma terminação. A classificação de classes temáticas distintas é uma característica herdada do latim, que se mantém nas línguas românicas.

A análise que se fundamenta na Morfologia Distribuída, proposta por Halle & Marantz (1993, 1994), é orientada pela idéia de que o português possui cinco classes formais. Três delas terminam respectivamente nas vogais /o, a, e/ e duas outras têm características específicas: uma delas alterna Ø com /e/ e a outra não possui elemento terminal, isto é, todas as palavras que pertencem a essa categoria possuem Ø como morfema de classe formal.

A descrição dos dados foi realizada seguindo Harris (1999). Os resultados permitiram reconhecer as vogais /o/ e /a/ como criadoras de classes formais não-marcadas, e a vogal /e/ com dois estatutos: morfema de classe formal e vogal epentética.

Foi também discutida a relação entre gênero e classe formal, assim como regras envolvidas em derivações.

## ABSTRACT

This thesis deals with the form-classes of Portuguese, thematic clusters that share the same ending /o, a, e/. The classification of distinctive thematic classes is a characteristic inherited from Latin, which remains in roman languages in general, such as Portuguese.

The analysis is based on Distributed Morphology proposed by Halle & Marantz (1993, 1994). It defends the idea that the Brazilian Portuguese has five form-classes. Three of them end in /o, a, e/ respectively and the other two show specific characteristics: one of them alternates  $\emptyset$  with /e/ and the other does not have terminal element, that means all the words that belong to this class have  $\emptyset$  as form-class morpheme.

The description of the data was realized following Harris (1999). The results permitted to recognize the vowels /o/ and /a/ as creators of non-marked form-classes. The vowel /e/ has two different status, it can be either thematic vowel or epenthetic vowel.

It was also discussed the relation between gender and form-class, as well as rules involved in some derivations.

## 1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por tema as classes formais do português constituídas de palavras não-verbais terminadas nas vogais átonas /o, a, e/. Com inspiração no trabalho de Harris (1999), à luz do modelo teórico da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993, 1994), o presente estudo pretende não só analisar e descrever o papel desempenhado pelas vogais temáticas nominais, ou morfemas de classe formal, /o, a, e/, nas palavras não-verbais do português do Brasil – identificadores de distintas classes formais, ou classes temáticas, mas contribuir para a discussão acerca da interface entre morfologia e fonologia.

Por ser o tema escolhido muito pouco explorado em português, entende-se que uma pesquisa aprofundada, como a que se visou a empreender, é não só pertinente como necessária. Acredita-se, pois, que os esclarecimentos que dela possam decorrer ajudem na elucidação de outras questões concernentes à fonologia e à morfologia do português.

A partir do estudo da teoria da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993, 1994), seguindo-se a proposta de Harris (1999), formulou-se uma hipótese geral, segundo a qual as vogais átonas finais /o/ e /a/ são morfemas de classe formal, ao passo que a vogal átona final /e/ se apresenta com dois papéis, morfema de classe formal ou vogal epentética. E como objetivo geral do presente estudo pretende-se analisar e descrever o papel desempenhado pelas vogais átonas finais /o, a, e/, como morfemas de classe formal. As hipóteses e objetivos específicos serão apresentados no capítulo 2, dedicado à metodologia empregada neste estudo.

Enfim, o presente trabalho está organizado em sete capítulos, os quais se subdividem em seções secundárias e terciárias.

O Capítulo 1 diz respeito à parte introdutória do trabalho em curso, na qual se encontra um sucinto relato sobre as diferentes partes deste estudo, bem como do objetivo e hipótese gerais levantados.

O Capítulo 2 dedica-se não só à exposição de todos os objetivos e hipóteses levantados, mas também à organização dos dados e ao método de análise.

O Capítulo 3 é responsável pelo suporte teórico que fundamenta o trabalho, a abordagem teórica da Morfologia Distribuída.

No capítulo 3, apresenta-se a teoria da Morfologia Distribuída que assume ser a gramática constituída de três módulos autônomos, a Sintaxe, a Morfologia e a Fonologia, o segundo dos quais é a interface entre a Sintaxe e a Fonologia. Nesses três componentes da gramática, a estrutura das sentenças e palavras é representada por diagramas arbóreos. Os nós terminais das árvores (os morfemas) são constituídos de complexos de traços, tanto fonológicos como não-fonológicos. O módulo da Sintaxe ocupa-se exclusivamente dos traços não-fonológicos dos morfemas. O componente da Morfologia preocupa-se tanto com os feixes de traços não-fonológicos quanto fonológicos. O módulo da Fonologia lida, particularmente, com os traços fonológicos dos morfemas; não obstante, os traços não-fonológicos também aí desempenham um papel, embora secundário.

O Capítulo 4 traz a revisão bibliográfica do português, bem como um sucinto resumo da análise de Harris (1999) do espanhol, na qual se inspira o presente estudo do português. Esses dois eixos da revisão teórica fornecem o lastro para o desenvolvimento e discussão das classes formais do português, sob o enfoque da teoria da Morfologia Distribuída.

O Capítulo 5 diz respeito à análise das distintas classes formais do português do Brasil e o capítulo 6 concerne à aplicação do modelo adotado na presente pesquisa em palavras derivadas do português.

No capítulo 5, desenvolve-se a análise dos dados do português, os agrupamentos formais da língua constituídos de palavras não-verbais. Defende-se que as classes formais do português são em número de cinco; a identificação dessas classes é feita através da terminação que carregam a qual é intitulada *morfema de classe formal* – tradicionalmente intitulada *vogal temática*. A classe I carrega todas as palavras terminadas na vogal /o/, a classe II abriga todos os vocábulos acabados na vogal /a/, a classe III reúne não somente palavras terminadas na vogal epentética /e/, mas também aquelas que terminam em / r S /. A classe IV constitui-se de todos os vocábulos que, a despeito de carregarem uma consonante licenciada pela coda, ainda assim terminam na vogal /e/. A classe V identifica-se por agrupar não somente palavras terminadas em vogal tônica e seqüências de duas vogais – os denominados ditongos, bem como as terminadas nas soantes / l N /. Ressalta-se que, sob a perspectiva aqui assumida, os morfemas de classe formal pertencem à morfologia flexional e não à morfologia derivacional da língua – cujos morfemas mudam o significado e/ou a categoria gramatical do radical; por conseguinte, a adjunção dos morfemas de classe formal aos radicais não-verbais tem por função única assegurar a boa-formação morfológica da

palavra. Logo, os morfemas de classe formal são despojados de quaisquer funções sintático-semânticas.

No capítulo 6, desenvolvem-se as idéias trabalhadas nos capítulos precedentes através de exemplificações, em que a morfologia derivacional do português, em termos de sufixos nativos, é diretamente tratada.

O Capítulo 7 consagra-se à conclusão do trabalho.

## 2. METODOLOGIA

O presente capítulo visa à exposição da metodologia empregada na pesquisa: os objetivos, as hipóteses, a organização dos dados e o método de análise.

### 2.1 Objetivos

#### 2.1.1 Objetivo geral

Este trabalho pretende, à luz da proposta de Harris (1999), sob o aparato teórico da Morfologia Distribuída, analisar e descrever o papel desempenhado pelas vogais átonas finais /o, a, e/, como morfemas de classe formal.

#### 2.1.2 Objetivos específicos

- a) Identificar o número de classes formais não-verbais existentes no português brasileiro (PB);
- b) Investigar a constituição de cada uma das classes formais não-verbais do PB;
- c) Analisar os itens nominais do português, quanto à sua terminação, de acordo com a proposta de Harris;
- d) Verificar as diferentes interpretações da vogal átona final /e/ – morfema de classe formal ou vogal epentética;
- e) Discutir o sistema de especificação de gênero, segundo o modelo da Morfologia Distribuída, aplicado aos vocábulos nominais do português;
- f) Examinar a formação do plural dos membros de classe formal.

## 2.2 Hipóteses

### 2.2.1 Hipótese geral

As vogais átonas finais /o/ e /a/ são morfemas de classe formal, ao passo que a vogal átona final /e/ se apresenta com dois papéis, morfema de classe formal ou vogal epentética.

### 2.2.2 Hipóteses específicas

- a) O PB possui, minimamente, três classes formais, terminadas em /o/, /a/ e /e/, respectivamente.
- b) A vogal átona final /e/, em português, como morfema de classe formal, é introduzida no componente morfológico da gramática, como os demais morfemas de classe formal.
- c) A vogal átona final /e/, como vogal epentética, é inserida no componente fonológico da gramática.
- d) As vogais /o/ e /a/ são morfemas de classe formal, independentemente de estarem correlacionadas ao gênero.
- e) O gênero é fator relevante para a atribuição de classe formal em geral.
- f) A presença do morfema de classe formal é fator indispensável para a boa-formação morfológica da palavra.
- g) As mudanças fonológicas acontecem através de operações morfológicas intituladas *regras de reajustamento*.

### 2.3 Organização dos dados

Os dados a serem discutidos, no presente trabalho, não sofreram tratamento quantitativo, por ser esta tese de caráter estritamente teórico. Salienta-se, contudo, que as fontes consultadas – a partir das quais se construíram as listas não-exaustivas de vocábulos nominais do português, subseqüentemente organizadas em diferentes classes formais, seguindo a proposta de Harris – não foram poucas, nem pequeno foi o trabalho de checagem do material coletado nas diferentes obras, a fim de serem minimizadas as probabilidades de incorreções quando da constituição das relações de palavras. Essas listas, cujos dados são oriundos de fontes diversas, constituem o *corpus* ilustrativo da tese. Citam-se abaixo as obras mais utilizadas:

a) dicionários – eletrônico e convencional –, *Dicionário Aurélio Eletrônico* (AE) - Século XXI, versão 3.0 (novembro de 1999), *Minidicionário Luft* (2000) e *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001);

b) dicionários etimológicos, Antenor Nascentes (1955), José Pedro Machado (1977) e Antônio Geraldo da Cunha (2000);

c) gramáticas históricas, Edwin B. Williams (1961), José Joaquim Nunes (1975), Ismael de Lima Coutinho (1976) e M. Said Ali (2001 [1921]).

Optou-se, como marco inicial da pesquisa, pelo AE em função de seu mecanismo de busca ser extremamente rápido, permitindo assim a visualização dos dados em sua totalidade em curto espaço de tempo, além de obviamente ser o mais completo dicionário da língua portuguesa, quando do início desta pesquisa.

Tal resultado seria inviável através de uma coleta tradicional, ou seja, via pesquisa nos dicionários convencionais da língua portuguesa, em virtude do tempo despendido para ser efetuada. É necessário observar, no entanto, que o material obtido através da busca eletrônica consistia não só dos vocábulos nominais não-derivados do português, portadores de uma das vogais átonas finais solicitadas, /o/, /a/, /e/, bem como os que, possuindo as mesmas terminações, apresentavam-nas tônicas, pois o dicionário não permitia tal seleção.

Esse fator tornou mais complexa a tarefa de coleta dos dados, em razão do grande número de vocábulos que tiveram de ser descartados. Assim, das listagens fornecidas pelo dicionário eletrônico foram manualmente separados os vocábulos com que se pretendia trabalhar.

Desse trabalho, resultaram as primeiras listas de vocábulos nominais do português terminados nas vogais átonas /o, a, e/. Contudo, essas relações de palavras, por serem demasiado extensas, proporcionalmente ao tempo de que se dispunha para a elaboração do presente trabalho, necessitaram passar por reestruturações através do descarte de material, como vocábulos onomatopaicos, antropônimos, topônimos, entre outros, chegando-se desta feita a uma certa delimitação do *corpus*. Finda essa etapa, mas permanecendo a classificação dos vocábulos terminados na vogal final /e/, em número muito superior àquele com que se pretendia trabalhar, decidiu-se, mais uma vez, restringir o *corpus*.

Este novo enxugamento de dados foi norteado pelo critério ‘origem não-obscura’, o qual só poderia ser rigorosamente seguido caso fossem utilizados dicionários etimológicos fidedignos (item b). E esta foi a tarefa empreendida para algumas centenas de vocábulos nominais terminados na vogal átona /e/.

A fase seguinte foi marcada por consultas a gramáticas históricas (item c), com o objetivo de buscar mais informações acerca do papel desempenhado pela vogal átona final /e/ nos vocábulos nominais da língua portuguesa. Paralelamente a essa pesquisa, consultaram-se outros materiais em que pudessem constar vocábulos terminados na vogal /e/, os quais tivessem sido recentemente incorporados ao português, e cujo elencamento não integrasse o AE. Encontraram-se palavras que preenchiam os requisitos exigidos ao consultarem-se outros dois dicionários, o *Minidicionário Luft* (2000) e, com melhores resultados, o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2001) (ambos item a).

Como última etapa, procedeu-se a uma checagem no *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* de todo o material retirado do AE. Decidiu-se pela confrontação integral dos dados coletados – ou seja, não só dos vocábulos acabados na vogal átona final /e/, mas, da mesma forma, daqueles terminados nas vogais átonas /o/ e /a/ – em virtude de terem sido encontradas informações divergentes de uma obra para a outra, as quais eram relevantes para a análise do português brasileiro.

Finalmente constituídas as referidas listas (Anexos), pode-se dar início à organização do *corpus*.

A figura (32), no capítulo 5, a partir da qual a presente análise se desenvolve, ilustra alguns membros integrados às cinco classes formais do português. A delimitação dos elementos integrantes desses agrupamentos formais decorre das propriedades morfológicas e fonológicas de que são portadores.

#### 2.4 Método de análise

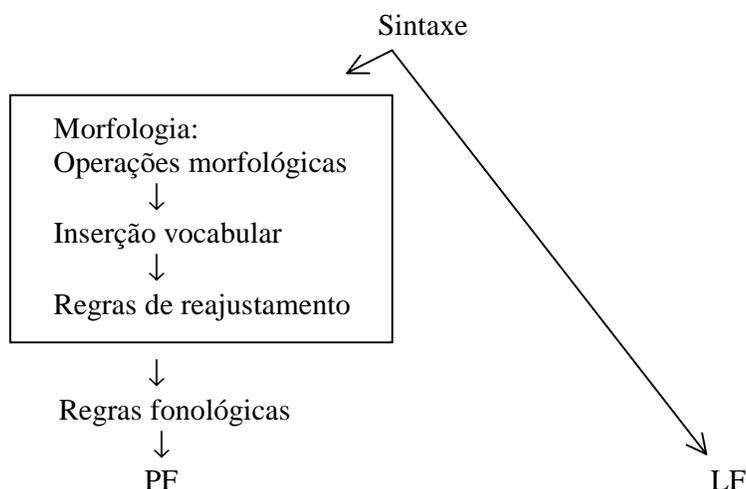
Optou-se pela abordagem de Harris, em virtude de a sua descrição dos dados do espanhol ser a mais detalhada que se encontrou acerca do tema deste estudo, o papel desempenhado pelas vogais átonas finais /o, a, e/, nos vocábulos nominais do português do Brasil. Ademais, as contribuições oferecidas, em termos de análise, pelo modelo teórico da Morfologia Distribuída, são ainda inexploradas no que tange ao sistema do português do Brasil, pois não há estudos no campo da lingüística brasileira que possibilitem corroborar ou falsear as hipóteses levantadas por esta teoria.

### 3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Este capítulo é consagrado à exposição do modelo teórico adotado, a teoria da Morfologia Distribuída, a qual vai sendo passo a passo descrita, na seção 3.1 e subseções seguintes.

#### 3.1 A Teoria da Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída (doravante DM, do inglês *Distributed Morphology*) é uma teoria da arquitetura da gramática cujo *locus classicus* é Halle & Marantz (1993, 1994), e desenvolvida por Bonnet (1991), Noyer (1992), Harris (1994a, 1996, 1997), Calabrese (1997a, 1997b, 1998), Halle (1997), Marantz (1997), entre outros. Esta abordagem, segundo Marantz (1999), postula a existência de *uma só máquina gerativa* que estabelece correspondências entre som e significado. Em outros termos, a sintaxe é o sistema congregante de palavras e sintagmas, os quais são submetidos a dois outros módulos independentes, a morfologia e a fonologia. Daí ser este modelo comumente referido como abordagem sintática da palavra. Apresenta-se em (1) a estrutura dessa nova abordagem teórica (ap. Calabrese, 1997b, p. 10).

(1) *Modelo de Organização Gramatical na DM*<sup>1</sup>

A sintaxe é um componente gerador de estruturas pela combinação, sob nós terminais, de feixes de traços sintáticos e semânticos selecionados pelas línguas particulares a partir de um inventário disponibilizado pela Gramática Universal (doravante UG, do inglês *Universal Grammar*). Essas combinações de traços estão sujeitas a princípios e operações da sintaxe, as quais são subsequentemente trabalhadas nos componentes morfológico e fonológico.

O componente morfológico da gramática compreende três etapas: operações morfológicas (cf. subseção 3.1.1.1), inserção vocabular (cf. subseção 3.1.1.2) e regras de reajustamento (cf. subseção 3.1.1.3). A primeira diz respeito à manipulação das representações advindas da sintaxe, podendo não só modificar a estrutura dessas representações, bem como o seu conteúdo. A segunda parte diz respeito à inserção vocabular, em que são atribuídos traços fonológicos aos nós terminais. A terceira parte concerne às regras de reajustamento, as quais atuam sobre itens vocabulares específicos em um contexto morfológico específico (cf. Harris, 1999).

No componente fonológico estão as operações fonológicas que podem ser sensíveis a informações morfológicas.

<sup>1</sup> No presente estudo, não se tratará dos módulos da Sintaxe e da Forma Lógica (LF, do inglês *Logical Form*). Há muitos trabalhos na literatura que aprofundam o estudo da Sintaxe (e.g. Harris, 1994, 1997; Calabrese, 1997a-b, 1998).

Em suma, nesses três módulos, a estrutura das palavras e sentenças é representada por diagramas arbóreos. Os nós terminais das árvores – isto é, os morfemas<sup>2</sup>, são constituídos de feixes de traços gramaticais (não-fonológicos) e fonológicos. O módulo da sintaxe ocupa-se exclusivamente dos traços gramaticais dos morfemas. A fonologia importa-se especialmente com os traços fonológicos dos morfemas, desempenhando aí os traços não-fonológicos somente um papel secundário. A morfologia, por seu lado, preocupa-se com ambos os tipos de traços – fonológicos e não-fonológicos, os quais são aí fundamentais, uma vez que o módulo morfológico constitui a interface entre sintaxe e fonologia. Em outras palavras, a morfologia é a ponte que liga sintaxe e fonologia.

Antes de passar à análise de cada uma das partes que compõem o módulo morfológico, a noção de ‘*morfema*’ passa a ser explicitada.

Na DM, o termo *morfema* pressupõe propriamente um nó terminal sintático (ou morfológico) e um conteúdo. A expressão fonológica desse nó terminal não está aí incluída, mas é fornecida como parte de um *item vocabular* (cf. subseção 3.1.1.2). Desta feita, os morfemas são os átomos da representação morfossintática. O conteúdo de um morfema ativo na sintaxe consiste em traços sintático-semânticos retirados de um conjunto disponibilizado pela UG.

É importante observar que os morfemas na DM nem sempre tiveram a interpretação que têm agora. Halle (1992; ap. Halle & Marantz, 1993) propôs uma distinção entre *morfemas concretos* – cuja expressão fonológica era fixa, e *morfemas abstratos* – cuja expressão fonológica era postergada. Neste sentido, os trabalhos mais recentes na DM admitem a *Inserção Tardia* de todas as expressões fonológicas, abandonando a distinção entre morfemas concretos *versus* morfemas abstratos.

Harley & Noyer (1998a, p. 120) propõe uma alternativa para os *morfemas*. Para eles, esses nós terminais são divididos em duas classes, *f-nodes* e *l-nodes*. A primeira classe, ou *f-nodes*, consiste em feixes de traços para os quais o falante normalmente não tem escolha, sendo o seu conteúdo fonológico determinístico. Os *f-morphemes*, tradicionalmente são conhecidos como *morfemas funcionais*. Por exemplo, no português, o morfema de plural só pode ser preenchido com a sibilante /S/ (e.g. [pl] ↔ /S/). A segunda classe, ou *l-nodes*,

---

<sup>2</sup> Halle & Marantz (1993) optam por chamar os elementos terminais de *morfemas* tanto antes quanto após a inserção vocabular, ou seja, em ambas as etapas, antes e depois, do fornecimento de traços fonológicos aos elementos terminais. E o presente trabalho manterá essa posição.

consiste em feixes de traços cujo conteúdo fonológico a ser escolhido pelo falante, os *l-morphemes* – tradicionalmente intitulados *morfemas lexicais*, não pode ser pré-determinado. Ao contrário, o conteúdo fonológico de um morfema-raiz ( $\sqrt{\quad}$ ) pode ser livremente inserido, mas sujeito a condições de *licensing*, cujos licenciadores são tipicamente *f-morphemes* que mantêm certas relações estruturais (sintáticas) com a raiz.

Enfim, a hipótese de os *l-morphemes* serem desprovidos de categoria, por não estarem presentes na sintaxe, é denominada por Harley & Noyer (1999, p. 7) *A Hipótese do L-Morfema*, a qual defende que os termos tradicionais para os elementos das sentenças, tais como nome, verbo e adjetivo não têm significância universal e são, essencialmente, derivados de morfemas mais básicos – um só *l-morpheme* ou *root* (cf. Pesetsky, 1995), o qual se encontra em certas relações locais com *f-morphemes*, doadores de categoria. Conseqüentemente, um mesmo *item vocabular* pode aparecer em diferentes categorias, dependendo do contexto sintático em que a *root* aparece. Por exemplo, o item vocabular *destroy* é realizado como um *nome destruct-(ion)*, quando seu licenciador mais próximo é um determinante, mas o mesmo item é realizado como um particípio *destroy-(ing)*, quando seus licenciadores mais próximos forem Aspecto e verbo (Harley & Noyer, 1999, p. 7).

Há que se notar o reconhecimento, por parte de Halle & Marantz (1993), de minimamente dois tipos de morfemas zero, os quais, na nomenclatura de Harley & Noyer (1999), são denominados *f-morphemes*. Um desses tipos é ilustrado pelo tempo passado do inglês  $\emptyset$ ; nesse caso o sufixo zero bloqueia o */-d/ default* deste tempo. Assim, encontra-se *drove*, mas não *drive-d* ou *drove-d*. O sistema temporal do inglês ilustra também o segundo tipo de morfema zero. Para a terminação [- passado, - particípio], quando o sujeito não é o singular de 3<sup>a</sup>. pessoa, o sufixo é igualmente  $\emptyset$ . Contudo, em tal caso o sufixo  $\emptyset$  é um traço *default* para o [- passado], de fato, para o nó temporal como um todo.

Para Halle & Marantz (1993), então, é possível que a Gramática Universal forneça um detalhamento zero como realização fonológica de um morfema no caso não-marcado. Esta possibilidade de maneira alguma enfraquece a existência dos morfemas zero.

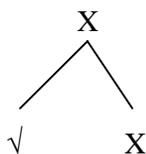
### 3.1.1. O Módulo Morfológico

A tarefa básica do componente morfológico, para a DM, é *assegurar a boa-formação morfológica das palavras e das unidades gramaticais maiores* (Halle, 1996, p. 101). Para a DM, o componente morfológico é um nível da representação gramatical com seus próprios princípios e propriedades, ou seja, é um módulo autônomo.

#### 3.1.1.1 As operações morfológicas

É de fundamental importância, na teoria da DM, segundo Halle & Marantz (1994, p. 276), o fato de as operações morfológicas serem *controladas por condições de localidade sintática estrita*, cuja exigência é feita no sentido de os constituintes que interagem entre si se manterem numa relação recíproca de governo ou de adjacência estrutural (cf. Bobaljik, 1996), como é o caso da estrutura em (2) que será modificada na morfologia, como resultado da aplicação de operações morfológicas sobre a referida representação proveniente da sintaxe.

(2) *Configuração sintática bem-formada* (ap. Harris, 1999, p. 52)



O símbolo ‘√’ é empregado para ‘raiz’ e ‘X’ é uma variável sobre os cabeças<sup>3</sup> sintáticos. Nesta configuração, é mostrado que X doa categoria morfossintática à raiz, assim são formados os átomos sintáticos, aqui representados por X<sup>0</sup>s. Ou seja, essa representação sugere que as tradicionais *partes do discurso*, como N, A, V são de um só tipo *raiz*, cuja categoria morfossintática é determinada por um morfema definidor de categoria (cf. Pesetsky, 1995).

<sup>3</sup> A noção de *cabeça* foi introduzida na morfologia por Williams (1981) para explicar o fato de uma palavra complexa compartilhar muitas, se não todas as propriedades com um de seus constituintes. O constituinte que determina as propriedades da palavra complexa como um todo é intitulado o *cabeça* desta palavra. No presente caso, o *cabeça* dos radicais nominais ou adjetivais é o nó terminal que se encontra à direita da raiz.

Calabrese (1998, p. 75-76) apresenta seis operações morfológicas bem-motivadas que podem modificar as estruturas fornecidas pela sintaxe, em (3) comentadas, e também fornece a representação formal desse conjunto de operações, cuja ilustração pode ser vista em (4).

Salienta-se, mais uma vez, que todas as operações descritas e formalizadas abaixo são aplicadas ao conteúdo dos morfemas, os quais são constituídos somente de traços morfossintáticos antes da *Inserção Vocabular*, item 3.1.1.2.

### (3) Conjunto de Operações Morfológicas

a) *Mudança de Traços* – Mudança do valor de um traço pertencente a um feixe de traços associado a um morfema (*nó terminal*), para seu valor oposto. Em decorrência disso, o item lexical (*expressão fonológica, item vocabular*) caracterizado pela configuração proibida não mais pode ser inserido, em seu lugar, aparece então o item lexical caracterizado pela configuração resultante do desligamento.

Esta operação, segundo Calabrese (1998), é uma inovação, relativamente às demais operações propostas em Halle & Marantz (1993).

b) *Empobrecimento* – Dispositivo central na teoria da Morfologia Distribuída, funciona como restrições à coocorrência de traços, à semelhança daquelas empregadas por Calabrese (1995) para inventários segmentais fonológicos.

Calabrese (1998, p. 100) assevera que o Empobrecimento tem por função bloquear a inserção de itens vocabulares mais específicos, substituindo-os por itens menos específicos. Nesse sentido, o empobrecimento não necessita envolver apagamento, e poderia, assim, ser substituído por uma condição que proibiria o uso de certos traços na inserção vocabular. Da mesma feita, o autor observa que existe uma relação entre as operações de Empobrecimento (3b) e Mudança de Traços (3a), dado que o resultado a que chegam é o mesmo, ou seja, a prevenção de ser inserido um dado item lexical. Contudo, afirma o autor, há casos em que somente uma dessas operações pode atuar. Por exemplo, nos fenômenos de sincretismo absoluto ocorridos no sistema de casos do latim – decorrentes necessariamente de razões morfossintáticas, predomina a operação de Mudança de Traços (3a) e não a de Empobrecimento (3b). Da perspectiva diacrônica, por outro lado, ter-se-ia o Empobrecimento como sendo a operação que pode melhor explicar a expansão morfológica de formas que são mais gerais do ponto de vista distribucional, particularmente no que concerne à expansão

dos casos *elsewhere*, como o espriamento diacrônico do plural em /-s/ no inglês ou do plural em /-i/ no italiano.

c) *Adição de Morfemas* – Acréscimo de constituintes morfológicos não diretamente motivados pela sintaxe, em virtude de esse módulo prescindir de tais informações.

Segundo Halle & Marantz (1993), esta operação, também intitulada *inserção de morfema* (*morpheme insertion*; Calabrese, 1997b, p. 11), permite que morfemas possam ser inseridos na estrutura morfológica da gramática, a fim de satisfazer condições de boa-formação universais e/ou de língua particular. No presente trabalho, esta operação assume a roupagem da condição de língua-particular apresentada em Harris (1999, p. 53).

d) *Adjunção* – Reunião de nós terminais sintáticos sob o nó de categoria de um cabeça (um nó de projeção zero,  $X^0$ ), cujo efeito consiste em reordenar os constituintes adjacentes na seqüência terminal. Tal operação estrutural mantém, contudo, o caráter independente dos nós terminais sob o nó de categoria, ou seja, a adjunção morfológica altera estruturas hierárquicas, mas não reduz o número dos distintos morfemas.

e) *Fusão* – União em um só nó terminal dos traços de diferentes nós, o que afeta a correspondência entre peças na sintaxe e na fonologia.

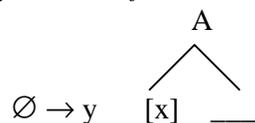
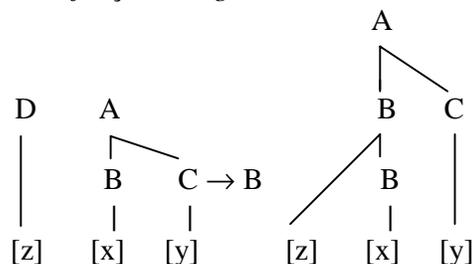
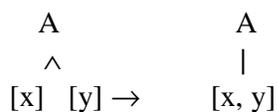
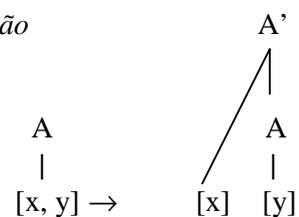
f) *Fissão* – Separação de um dado nó terminal numa seqüência de dois nós terminais. Esta operação também afeta a correspondência entre peças na sintaxe e na fonologia.

4) *Formalização das Operações Morfológicas* (ap. Calabrese, 1998, p. 76)a. *Mudança de Traços*

$$bF \rightarrow -bF / [ \_ , aG ]$$

b. *Empobrecimento*

$$bF \rightarrow \emptyset / [ \_ , aG ]$$

c. *Adição de Morfema*d. *Adjunção/Merger*e. *Fusão*f. *Fissão*

As operações morfológicas descritas e formalizadas em (3) e (4), respectivamente, explicam, segundo Calabrese (1998, p. 76), os *desencontros entre a organização das peças morfológicas e as estruturas fornecidas pela sintaxe*. Aliás, em qualquer nível da análise gramatical, a composição de traços de um morfema pode ser modificada em contextos particulares, levando novamente a divergências aparentes entre a sintaxe e os afixos fonológicos.

Somente após a atuação dessas operações estruturais, a fim de satisfazer condições de boa-formação da palavra, é chamada a *Inserção Vocabular* (ou *Spell-Out*) no componente morfológico.

### 3.1.1.2 Inserção Vocabular (*Spell-Out*)

A *Inserção Vocabular*, também denominada *Spell-Out*, é responsável pelo fornecimento de traços fonológicos aos nós terminais, raízes (l-morfemas) e afixos (f-morfemas), ou seja, ocupa-se da inserção dos componentes de um vocábulo. Independentemente do tipo de morfema, essa operação envolve a associação de peças fonológicas (itens vocabulares) a morfemas abstratos.

Cumpre salientar que a ordem linear dos nós terminais não pode ser plenamente estabelecida antes da inserção de suas matrizes fonológicas. Outrossim, refere-se que os traços morfológicos disponibilizados por esta operação assinalam propriedades idiossincráticas de itens vocabulares específicos.

Outro ponto crucial diz respeito ao fato de a operação de *Inserção Vocabular* ser, a rigor, cíclica, sua aplicação inicia no morfema mais profundamente encaixado, ou seja, a raiz, e é sensível ao contexto. O fato de ser sensível ao contexto significa que toda a estrutura constitutiva arbórea está disponível para esta operação, a qual é governada pelo Princípio do Subconjunto (Halle, 1997, p. 428), embora o tratamento desse princípio já se encontre em Halle & Marantz (1993). A definição formal figura em (5).

#### (5) *Subset Principle*

*The phonological exponent of a Vocabulary item is inserted into a morpheme in the terminal string if the item matches all or a subset of the grammatical features specified in the terminal morpheme. Insertion does not take place if the Vocabulary item contains features not present in the morpheme. Where several Vocabulary items meet the conditions for insertion, the item matching the greatest number of features specified in the terminal morpheme must be chosen<sup>4</sup>.*

---

<sup>4</sup> *Princípio do Subconjunto*. O expoente fonológico de um item vocabular é inserido num morfema na seqüência terminal se o item combina todos ou um subconjunto dos traços gramaticais especificados no morfema terminal. A inserção não acontece se o item vocabular contém traços não presentes no morfema. Na situação em que diversos itens vocabulares encontram as condições para inserção, o item que combina o maior número de traços especificados no morfema terminal tem de ser escolhido.

Veja-se em (6), na representação formal do *Subset Principle* que, da competição entre dois itens vocabulares para o preenchimento de um dado nó que contém três traços [F1, F2, F3], ganha aquele que contiver o maior subconjunto de traços (Halle & Marantz, 1994, p. 279). O símbolo ‘ $\leftrightarrow$ ’ representa inserção vocabular.

(6) a. *Categoria X*

Item vocabular A: [F1, F2]  $\leftrightarrow$  P<sub>A</sub>

Item vocabular B: [F1]  $\leftrightarrow$  P<sub>B</sub>

b.            X  
              |  
              [F1, F2, F3]

Os dois itens vocabulares da Categoria X, em (6a), competem para inserção num nó da Categoria X, em (6b). O vencedor da competição é o item A em virtude de conter um subconjunto maior de traços no nó X, do que B. Em outras palavras, dos três traços apresentados sob X, em (6b), dois deles o item A do vocabulário carrega, ao passo que B possui não mais do que um único desses traços.

Note-se, entretanto, que o *Princípio do Subconjunto* não desempenha papel algum onde não há *competição*, isto é, onde somente um item vocabular satisfaz um dado contexto. Considerem-se, para isso, as regras formuladas por Harris (1999) para as entradas vocabulares a serem inseridas no morfema de classe formal ( $\mathfrak{S}$ ), em (7) especificadas.

(7) *Entradas Vocabulares para  $\mathfrak{S}$*

(ap. Harris, 1999, p. 69)

$$\mathfrak{S} \leftrightarrow e / \left\{ \begin{array}{l} \text{IV} \\ \text{III} \quad \text{--- [plural]} \end{array} \right\}$$

$$\emptyset / \text{III} \quad \text{---}$$

$$a / \text{II} \quad \text{---}$$

$$o \quad (\text{default})$$

Em (7), o *princípio do subconjunto*, o qual repousa sobre o *Princípio Universal de Panini*, que reza *as regras mais restritas devem preceder as mais gerais* (Halle, 1995, p. 46), atua somente em dois casos<sup>5</sup>, mostrados em (8).

(8) *Dois casos submetidos ao Princípio do Subconjunto*

$$\mathfrak{S} \leftrightarrow \left. \begin{array}{l} e / \text{III} \quad \_ \text{ [plural]} \\ \emptyset / \text{III} \quad \_ \end{array} \right\} \text{Caso 1}$$

$$\left. \begin{array}{l} o \quad (\text{default}) \end{array} \right\} \text{Caso 2}$$

De acordo com o *Princípio do Subconjunto*, o contexto / III \_\_\_, no Caso 1, é um subconjunto de III / \_\_\_ [plural], o qual, por conter mais informação, em termos de traços, tem prioridade na inserção do expoente fonológico sobre o contexto / III \_\_\_. No Caso 2, não há qualquer especificação contextual – dado ser este o caso *default*, assim, ele é o próprio subconjunto de todos os demais casos, os quais têm precedência sobre ele. Em outras palavras, todos os demais casos são aplicados se e somente se o ambiente para a sua inserção é satisfeito. Isso também ocorre como esperado. A hierarquia dos subconjuntos, como um todo, está, de certa forma, expressa em (7).

Conforme salienta Harris, *é a complexidade dos ambientes que determina o ordenamento pela relação do subconjunto*. Assim, em (7), todos, exceto os casos acima mencionados, possuem o mesmo grau de complexidade, inexistindo, pois, *competição*. Eis a razão de o *Princípio do Subconjunto* (5) não ser chamado.

Sumariando, sob a perspectiva da DM, a *Inserção Vocabular*, como parte do componente morfológico, é um passo essencial na realização fonológica de uma sentença. Essa alocação ilustra o que foi chamado “*Separationism*” por Robert Beard, cuja visão, assim como na DM, consiste em *a realização fonológica de uma sentença ser separada dos princípios que determinam as estruturas hierárquicas básicas dos traços sintáticos, semânticos e morfológicos na sentença* (Halle & Marantz, 1994, p. 277). Eis por que a função principal dessa operação morfológica é fornecer traços fonológicos aos diferentes morfemas, cuja combinação resulta, assim, nos denominados *Itens Vocabulares*, cuja formalização pode ser vista em (9).

<sup>5</sup> Agradeço ao Professor James Harris os esclarecimentos relativos à atuação do *Princípio do Subconjunto* em sua proposta para o espanhol.

(9) *Unidade Básica da Morfologia na DM* (ap. Halle & Marantz, 1994, p. 275)

O Item Vocabular

$$\left. \begin{array}{l} \text{Traços semânticos} \\ \text{Traços sintáticos} \\ \text{Traços morfológicos} \end{array} \right\} \leftrightarrow \text{Traços fonológicos}$$

É importante observar que, no processo de *Inserção Vocabular*, os traços morfológicos, sintáticos e semânticos mostrados à esquerda em (9), funcionam como índices que *identificam* o item cujos traços fonológicos são inseridos (‘↔’) no apropriado nó terminal. Os itens vocabulares, segundo Halle (1997), constituem uma parte essencial do conhecimento dos falantes acerca de sua língua; este é o conhecimento que os falantes *têm* de memorizar um por um.

Enfim, um *item vocabular* é, propriamente falando, uma relação entre uma seqüência fonológica ou *peça* (traços fonológicos) e a informação acerca do seu *locus* de inserção (traços morfosintáticos) (cf. Noyer, 1999). Contudo, na DM, as peças fonológicas não necessitam carregar todos os traços necessários para explicar o comportamento sintático das palavras que criam, podendo ser especificadas somente para aqueles traços que determinam que um dado morfema seja inserido em um dado nó terminal.

Apresentam-se, em (10), exemplos de itens vocabulares de diversas línguas, cujos trabalhos foram todos desenvolvidos à luz dos pressupostos teóricos da DM.

(10) *Ilustrações de Itens Vocabulares*

- a) Um afixo do russo (cf. Halle, 1997)  
/i/ ↔ [\_\_\_\_, +plural]
- b) Um clítico no catalão barcelonês (cf. Harris, 1997a)  
/n/ ↔ [\_\_\_\_, +participant +speaker, plural]
- c) Um morfema de classe formal (cf. Harris, 1999)  
/o/ ↔ *default*
- d) A subparte de um clítico no espanhol ibérico (cf. Harris, 1994)  
zero ↔ 2 *pl* (onde '2' significa: 2a. pessoa do plural)

Note-se que o conteúdo fonológico de um item vocabular pode ser qualquer seqüência fonológica, *incluindo* zero ou NULO, o qual será inserido ('↔') em um dado contexto (cf. Noyer, 1999). O conteúdo de traços, ou contexto de inserção, pode ser similarmente destituído de informação, em tais casos o item vocabular é denominado *default* ou *elsewhere*. Ressalta-se, entretanto, que os dois não necessariamente coincidem, isto é, um *afixo fonológico nulo* em um dado paradigma não é necessariamente o *item vocabular default*. Por exemplo, o afixo de plural zero inserido no contexto dos nomes marcados do inglês, como *sheep*, não é o plural *default* do inglês, que é /s/ (Harley & Noyer, 1999, p. 6).

As três propriedades dos *itens vocabulares*, consideradas conjuntamente, distinguem a teoria da Morfologia Distribuída de outras abordagens. São elas: (a) *Inserção Tardia*, (b) *Subespecificação* e (c) *Estrutura Sintática Total*, em (11) apresentadas.

(11) *Propriedades da DM*

- a) *Inserção Tardia* diz respeito à hipótese de as categorias sintáticas serem puramente abstratas, desprovidas de conteúdo fonológico. Somente após a sintaxe tornam-se, por inserção de item vocabular, expressões fonológicas, inserção esta que se dá através da operação morfológica intitulada *Inserção Vocabular (Spell-Out)*, em (10) ilustradas.

Segundo Bonet<sup>6</sup>, essa propriedade é amplamente aceita não só por aqueles que trabalham sob outros modelos teóricos, bem como por *muitos lingüistas, principalmente sintaticistas que seguem Chomsky, como Jonathan D. Bobaljik*, para quem *a morfologia tem de ocorrer após a sintaxe*.

É importante destacar também a visão de Harley & Noyer (1999, p. 3) sobre essa propriedade da DM. Para eles, a hipótese de as categorias sintáticas serem puramente abstratas é mais forte do que a simples asserção acerca de os nós terminais não conterem conteúdo fonológico, em virtude de *não haver, essencialmente, qualquer diferenciação pré-sintática (a não ser, talvez, indexação) entre dois nós terminais portadores de um idêntico conteúdo de traços, mas que serão, ao final, explicitados com distintos itens vocabulares* (e.g. *calo* e *galo*, no português).

- b) *Subespecificação* é a propriedade segundo a qual os itens vocabulares não necessitam ser plenamente especificados para as posições sintáticas em que podem ser inseridos. Em outros termos, os itens vocabulares são, em muitos casos, sinais *default* inseridos onde nenhuma forma mais específica está disponível, conforme exemplificado em (10c).
- c) *Estrutura Sintática Total* implica que os elementos dentro da sintaxe e morfologia integrem os mesmos tipos de estruturas constitutivas. Para a DM, esses elementos são *piece-based*, no sentido de serem interpretados como unidades discretas, ao invés de serem concebidos como o resultado de processos morfofonológicos (cf. Harley & Noyer, 1999, p. 3), em (25) ilustrado.

---

<sup>6</sup> Correspondência por e-mail, 2002.

### 3.1.1.3 As regras de reajustamento

Segundo Halle & Marantz (1993), a informação fonológica contida nas entradas vocabulares não é suficiente para assegurar que, em todos os casos, o *output* fonológico correto seja gerado. Desta feita, a parte remanescente da informação sobre a forma fonológica dos morfemas é fornecida por um conjunto de *regras de reajustamento*.

As regras de reajustamento são regras fonológicas que se aplicam aos morfemas depois da operação de *inserção vocabular*; ocorrem, portanto, no componente morfológico da gramática. A título de exemplificação, citam os referidos autores as alternâncias que acontecem no paradigma do plural em inglês do tipo (a) *flag/flags*; (b) *life/lives*; (c) *child/child-r-en*, (d) *tooth/teeth*. São, do ponto de vista morfossintático, alternâncias que contêm um morfema de plural. Este, não obstante, apresenta distintos expoentes, [-z] em *flags* e *lives*, [-en] em *children*, e [∅] em *teeth*. São as regras de reajustamento que explicam essas diferenças: o desencadeamento de uma regra fonológica especial de sonorização em palavras do tipo /*life*[-z]/, a aplicação de uma regra fonológica especial que insere [-r-] em /*child*[-en]/, seguida de um processo fonológico de encurtamento /i:/ (na forma de superfície do singular [ay]) diante de um *cluster* consonantal ([dr]) e, por fim, uma regra fonológica especial que torna frontal e menos arredondada a vogal da raiz em nomes como (*foot, tooth, goose, etc.*)<sup>7</sup>.

Em suma, esse conjunto de regras muda a forma fonológica dos itens vocabulares já inseridos, envolvendo f-morfemas ou l-morfemas, esses últimos já portadores de categoria morfossintática (tradicionalmente intitulados *radicais*).

---

<sup>7</sup> Agradeço ao Professor Andrea Calabrese a paciente explicação acerca não só da relevância das regras de reajustamento na DM, o que mostra a importância da Fonologia nesta proposta sintática de formação da palavra, bem como do funcionamento das referidas regras seguidas de fartos exemplos, alguns dos quais foram aqui transcritos.

### 3.1.2 O módulo fonológico

É um dos componentes autônomos da gramática, em que somente informação relevante para a realização fonética da sentença está presente, nesse nível apenas processos fonológicos podem aplicar.

Em outras palavras, o componente fonológico da gramática importa-se especialmente com os traços fonológicos dos morfemas. O que pode ocorrer é serem as regras fonológicas sensíveis à informação morfológica, tal no processo de *ℑ-epêntese* (41), como veremos no capítulo 5 desta pesquisa.

## 4. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O presente capítulo concerne às diferentes visões, sob distintas abordagens teóricas, da vogal temática nominal no português. Outrossim, à guisa de introdução para a hipótese defendida neste trabalho com relação à VT (morfema de classe formal), à luz da teoria da Morfologia Distribuída, apresenta-se, sucintamente, a análise do espanhol de Harris (1999) (seção 4.3), que norteou o estudo das classes formais do PB, desenvolvido no capítulo 5.

### 4.1 A vogal temática no português

Nesta seção, são apresentadas diferentes visões acerca do *status* das vogais temáticas nominais no português. Inicia-se com a visão de Câmara Jr. (1976; 1999 [1977]), passa-se à concepção da gramática tradicional, Luft (1974), Bisol (1989, 1992, 1998), Villalva (1994), com respeito ao português europeu (PE), Lee (1995), Moreno (1997) e Pereira (1999), também com relação ao PE. Todas essas visões divergem de uma forma ou outra do posicionamento aqui adotado.

#### 4.1.1 Câmara Jr. (1999 [1977])

Segundo Câmara Jr. (1999, p. 231 [1977]), a VT é um segmento fônico denominado *ÍNDICE TEMÁTICO*, cujo papel consiste em caracterizar morficamente um conjunto de vocábulos da mesma espécie, ou seja, aqueles que podem ser identificados sob uma mesma classe temática, uma vez que amplia o radical formando o tema da palavra, sobre o qual podem então ser adicionados sufixos flexionais. Quando isso ocorre, a VT está sujeita a sofrer diferentes regras morfofonêmicas, tal como a regra de truncamento, que nada mais é do que o apagamento da VT, quando em contato com outra vogal (cf. *macaco+a* → *macaca*).

Os temas nominais em português são em número de três e acabam nas vogais átonas *-a*, *-e*, *-o* subjacentemente interpretadas como os fonemas /a, u, i/<sup>8</sup>. No caso da vogal *-a*, essa é a única passível de assumir duas vestes distintas, a saber, VT (cf. *rosa*, *artista*) ou desinência de feminino (cf. *macaco+a=macaca*). Não obstante, como sufixo flexional de gênero feminino, essa vogal somente existe se contraposta a uma forma masculina em  $\emptyset$  – representada pela vogal *-o* para os nomes em geral (substantivos e adjetivos: *gato/papagaio arisco*) ou *-e*, condição esta disponível somente para os nomes substantivos (cf. *mestre distante*, *mestra* \**distanta*), assim mesmo em escasso número. Em outros contextos, a vogal átona final *-a* será sempre VT.

É também considerado temático o sufixo derivacional *-eu*, em formas como *europeu* (*versus* *européia*) cujo tema em *-o* se revela na vogal assilábica do ditongo (Câmara Jr., 1995, p. 90 [1970]). Outrossim, Câmara Jr. (1999, p. 231 [1976]) assume que *os nomes terminados no singular em -l, /s/, -r, são do tema em -e e a vogal temática aparece no plural*. Ao lado dos nomes temáticos, aparecem os atemáticos, os quais *circunscrevem-se, a rigor, aos oxítonos*, cuja terminação pode ser *-a*, *-é*, ou *-ê*, *-ó*, ou *-ô*, *-u* e *-i* (e.g. *vatapá*, *curió*, *jabuti*, *urubu*, *jacaré*). Os nomes atemáticos que terminam em vogal tônica também podem receber o sufixo flexional *-a* no feminino (cf. *peru*, *perua*).

Em suma, para Câmara Jr. (1995, p. 86 [1970]), há nomes de tema em *-a* (*rosa*, *poeta*, *planeta*), *-o* /u/ átono final (*livro*, *tribo*, *cataclismo*) e os de tema em *-e* /i/ átono final (*dente*, *ponte*, *análise*). *Assim não se confunde a desinência de feminino -a, que aparece especialmente nos temas em -o (lobo, loba) e a vogal temática em -a, que não é marca de gênero (cf. poeta, masculino; artista, masculino ou feminino conforme o contexto)*. As vogais temáticas são, pois, representantes de formas de uma mesma espécie, independentemente de gênero ou sexo. Mattoso resolve assim, de forma elegante, o que muitos gramáticos confusamente tentaram explicar, misturando as noções de gênero gramatical, sexo biológico e vogal temática.

---

<sup>8</sup> No presente trabalho, assume-se que as três vogais átonas finais *-o*, *-a*, *-e* são representadas subjacentemente sob a forma de /o a e/ átonos finais, e cujas realizações fonéticas são [a], [e] ~ [i], [o] ~ [u], em virtude de essas vogais poderem sofrer regra de elevação (cf. Vieira, 1997).

#### 4.1.2 A visão da gramática tradicional: Bechara (2000)

Segundo a concepção da gramática tradicional, a vogal temática (nominal) é o elemento vocálico que se adjunge ao radical – *núcleo onde repousa a significação externa da palavra, isto é, relacionada com o mundo em que vivemos* (Bechara, 2000, p. 337), para formar o tema, o qual pode ser simples (*camp-o*) ou derivado (*camp-eir-o*). Eis a palavra pronta para receber as desinências ou sufixos.

As vogais temáticas nominais /o, a, e/ são representadas graficamente pelas vogais correspondentes -o, -a e -e. De acordo com Bechara (2000, p. 337), *nos nomes a vogal temática (a, o) cumulativa e secundariamente funciona como a desinência de gênero*. Quanto à VT *o* ou *e*, *esta se acha representada, às vezes, por uma semivogal de um ditongo: pãO, pãEs*. O autor, referindo Kehdi (2001 [1989, p. 35]), observa que há casos nos quais a VT *o* pode ocorrer como em *afetuoso > afeto*. Esse mecanismo todavia somente é passível de acontecer quando à vogal temática *o* segue uma desinência ou um sufixo iniciado por vogal, para tanto ver capítulo 5.

São considerados atemáticos, ou seja, desprovidos de vogal temática os nomes acabados em vogal tônica (e.g. *café, mocotó, saci, urubu, sabiá, ipê, judô*). Em tais casos, diz-se que *o tema coincide com o radical* (Bechara, 2000, p. 337). Uma característica desses atemáticos é a manutenção da vogal tônica final na formação de derivados: *café -- > cafezal, cafeiro*. Do ponto de vista diacrônico, Bechara observa que tais vogais (á, é, ó, ê, ô) são resultantes da crase da vogal do radical com a vogal temática: *fé < fee < fide(m)*.

Com relação aos nomes terminados em consoante (e.g. *dor, mal, noz*), esses conteriam a vogal temática *e*, *latente no singular, mas patente no plural* (e.g. *dores, males, nozes*). Essa é, aliás, a visão esposada por Mattoso Câmara, cuja exposição foi feita no item precedente, 4.1.1.

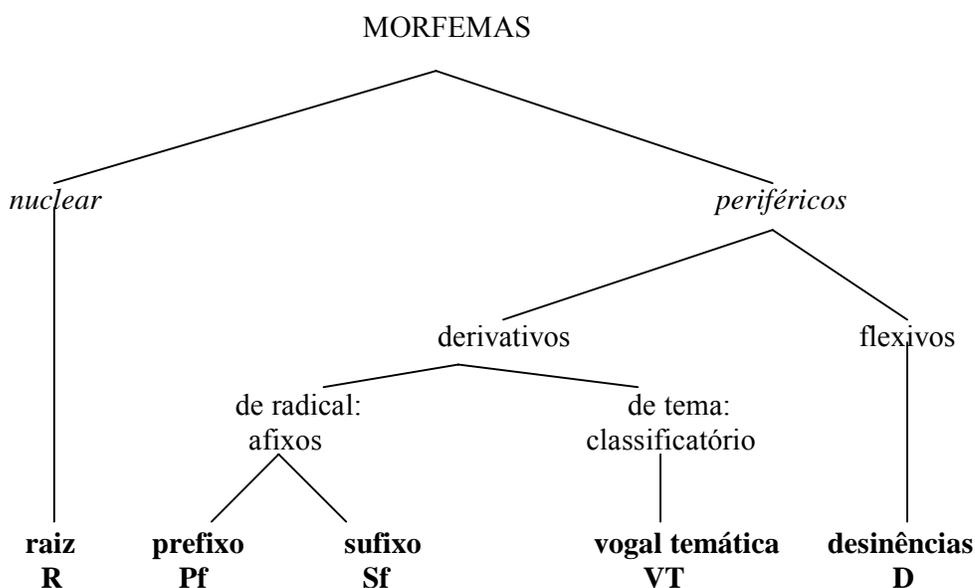
## 4.1.3 Celso Luft (1974)

Luft (1974) compartilha a visão mattosiana de que a VT, adjungida ao radical, constitui um tema de derivação, o qual forma a base para a anexação das desinências. Seu lugar é, pois, entre o Radical e a Desinência: RD + VT + D.

No entender de Luft, a função única da VT, por ele concebida como um *morfema gramatical*, é a de marcar classes. A VT é, pois, um *morfema classificatório* de nomes (substantivos/adjetivos) e verbos; daí ser denominada de vogal temática nominal {a,e,o} e verbal {a,e,i}, respectivamente. Apresenta-se em (12) a classificação dos morfemas de acordo com Luft.

(12) *Classificação dos Morfemas*

(ap. Luft, 1974, p. 90)



Na classificação proposta por Luft (1974), os morfemas – constituintes estruturadores das palavras – estariam divididos, quanto à significação, em *lexicais*, como respeito à significação ‘externa’, e *gramaticais*, isto é, de significação ‘interna’. A classificação também poderia ser feita da seguinte forma: morfema *nuclear*: a raiz – que se expande em radical mediante a anexação de afixos ou vogal temática, tendo, pois, o mesmo significado que radical para Bechara, e morfemas *periféricos*, os quais, por sua vez, estariam divididos

entre *derivativos* (de radical: afixos (prefixos e sufixos) e de tema: classificatório (VT)) e *flexivos*, que dizem respeito às desinências.

O autor assume também que as palavras terminadas em ditongo decrescente oral carregam uma VT na representação subjacente, a qual é realizada por uma semivogal, como em *pai* /'pae/ → ['paj]; /'sai/ → ['saj]; /'mao/ → ['maw] (Luft, 1974, p. 166). Este é um ponto de divergência. Como vimos, Câmara Jr. deixa clara a sua posição quanto ao ditongo -*eu*, mas não se manifesta quanto aos demais, enquanto Moreno, como veremos mais adiante, considera atemáticos os ditongos, de modo geral.

Luft parece, assim, captar a generalização de que todos os vocábulos (nomes e adjetivos) do português estão divididos em distintas classes formais, em oposição aos vocábulos atemáticos, como os oxítonos terminados por vogal do radical, que não carregam um *morfema classificatório*.

O autor observa ainda que as vogais temáticas tornadas internas, em palavras derivadas, podem ficar inalteradas (cf. *levanta(r): levantAmento*, etc.) ou ser modificadas (cf. *luto: lutUoso*, *hábito: habitUal*, etc.), em ambos os casos, ao que parece, a função classificatória permanece, em *levAntamento*, a VT interna -A- identifica verbos (classes de conjugação), enquanto -U-, em *lutUoso*, identifica nomes (classes de declinação).

Enfim, apesar de essa visão parecer diferir das demais, pelo menos no que concerne à divisão dos morfemas, ainda assim, a vogal temática necessariamente terá de sofrer uma regra de truncamento quando da adjunção de sufixos iniciados por vogal (e.g. *livr-o+ -eiro* > *livr-Ø + -eiro* > *livreiro*) ou do acréscimo de desinências (e.g. *menin-o + -a* > *menin-Ø + -a* > *menina*).

Passa-se, no próximo item, a considerar a visão de Villalva com respeito à noção de VT em português, mais especificamente quanto ao português europeu (PE).

#### 4.1.4 Villalva (1994)

Para Villalva (1994), cuja análise da morfologia do português europeu é feita à luz de uma das versões da teoria X-barras (Chomsky, 1993), por ela denominada XM-barras, o *índice temático em português* pode ser *-a* (e.g. *poeta, aluna*), *-o* (e.g. *aluno, desempregado*) ou  $\emptyset$ , pelo fato de não ter realização fonética *ao menos nas formas do singular* (cf. *dente, leve, sal, normal*) (Villalva, 1994, p. 197). O denominado *índice temático  $\emptyset$*  contrasta, por sua vez, com a *inexistência de índice temático* em formas como *faraó, avô, avó*. No entanto, tal contraste é passível de ser verificado, segundo a autora, quando formas portadoras de índice temático  $\emptyset$  e as atemáticas *participam em processos de sufixação avaliativa* (cf. *dentinho, salinho* vs *\*cafeinho, \*soinho* ou *z-avaliativa* (cf. *dentezinho, salzinho* vs *cafezinho, sozinho*).

Apesar de fazer a distinção entre esses dois tipos de palavras, as de tema em  $\emptyset$  e as atemáticas (1994, p. 198), a autora afirma que *o radical, o tema e a palavra flexionada no singular são, em ambos os casos, foneticamente idênticas*. O que ocorre com palavras de *índice temático  $\emptyset$* , do tipo *sede, mares*, é que *a grafia mantém freqüentemente um “vestígio” da existência desse elemento*, apesar de não ser foneticamente realizado.

Outrossim, a autora traz evidências de que palavras terminadas em vogal nasal, como *homem, jasmim, comum*, e ditongo decrescente oral, do tipo *mau*, não carregam um índice temático, ou seja, são atemáticas, de sorte que a regra de truncamento (cf. Aronoff, 1976) sequer pode ser cogitada, uma vez que não há um índice temático que possa sofrer truncamento. Tal visão diverge, pois, daquela defendida por Luft (1974), com referência às palavras terminadas em ditongo decrescente oral em português do Brasil.

Em (13), são reproduzidos os exemplos arrolados por Villalva (1994, p. 137), como evidência para a sua hipótese de não haver índice temático que possa ser envolvido no processo de sufixação por justaposição em palavras terminadas por vogal nasal e ditongo decrescente oral *-au*. Neste caso, portanto, a base para o processo de sufixação em pauta é um radical e não o tema (cf. *certo* → *certo(s)*, *organiza* → *organizar*, *adverte* → *advertência*, etc.) ou a palavra (cf. *previsível* → *imprevisível*, *classe* → *subclasse*, *papel* → *papelzinho*, *papéis* → *papezinhos*, etc.).

(13) *Vocábulos sem índice temático* (ap. Villalva, 1994, p. 137)

*homem* → **homenzarrão**  
*jardim* → **jardinagem**  
*mau* → **mauzito**

Segundo Villalva (1994), palavras terminadas em vogal nasal (e.g. *jardim*, *homem*, etc) e ditongo decrescente oral (e.g. *mau*), às quais, quando da anexação de um sufixo derivacional, nada sofrem, em termos de regras de truncamento – regras morfológicas que se aplicam unicamente após todas as regras de formação de palavra terem ocorrido, também intituladas *regras de reajustamento* (cf. Aronoff, 1976), são atemáticas, e não constituem os casos mais numerosos da língua. Além disso, os vocábulos em (14) são uma ilustração do fato de a única forma selecionada pela sufixação derivacional associada a bases adjetivais e nominais, segundo Villalva (1994, p. 119), ser o *radical*. Este, aliás, seria também a base selecionada no caso de vocábulos cujo índice temático não tem realização fonética, ou seja, é Ø, em (14) mostrado, conforme Villalva (1994, p. 137).

(14) *Vocábulos com índice temático Ø*

a.	<i>decadente</i>	<i>decadent (e) ismo</i>
	<i>gente</i>	<i>gent (e) alha</i>
	<i>monte</i>	<i>mont (e) ículo</i>
	<i>rebelde</i>	<i>rebeld (e) ia</i>
	<i>saliente</i>	<i>salient (e) ar</i>
	<i>valente</i>	<i>valent (e) ao</i>
b.	<i>crystal</i>	<i>crystalino</i>
	<i>favor</i>	<i>favorecer</i>
	<i>flor</i>	<i>florzita</i>
	<i>hotel</i>	<i>hoteleiro</i>
	<i>jornal</i>	<i>jornaleco</i>
	<i>lugar</i>	<i>lugarejo</i>
	<i>mel</i>	<i>melaço</i>
	<i>papel</i>	<i>papelaria</i>
	<i>pastor</i>	<i>pastorício</i>
	<i>punhal</i>	<i>punhalada</i>
	<i>solar</i>	<i>solarengo</i>
	<i>vital</i>	<i>vitalício</i>

De acordo com Villalva (1994, p. 137), à hipótese de truncamento que não ocorre em (13), porque atemáticos, tampouco em (14a-b), uma vez que aí o índice temático é  $\emptyset$ , ou seja, não tem realização fonética, pode contrapor-se uma outra suposição, segundo a qual sufixação e integração dos radicais em classes são *processos paralelos*. Daí não haver razão para falar em *supressão de constituinte temático da palavra derivante*, como pareceria ocorrer em (15a-d).

(15) *Processo de sufixação* (ap. Villalva: 1994, p. 136)

a.	<i>carimbo</i> <i>fumo</i>	<i>carimb (o) ar</i> <i>fum (o) aça</i>
b.	<i>aranha</i> <i>casa</i> <i>gota</i> <i>Madeira</i> <i>tarefa</i> <i>terra</i>	<i>aranh (a) iço</i> <i>cas (a) ebre</i> <i>got (a) ejar</i> <i>madeir (a) ense</i> <i>taref (a) eiro</i> <i>terr (a) estre</i>
c.	<i>ácido/a</i> <i>duro/a</i> <i>esquisito/a</i> <i>fraterno/a</i>	<i>acid (o/a) ez</i> <i>dur (o/a) eza</i> <i>esquisit (o/a) ice</i> <i>fratern (o/a) al</i>
d.	<i>ferrugem</i> <i>hebreu</i> <i>trovão</i>	<i>ferrug (em) ento</i> <i>hebr (eu) aico</i> <i>trov (ão) isco</i>

Nas palavras acima, o processo de sufixação desencadearia a supressão do último constituinte, ou seja, dos índices temáticos, nos casos em (15), *-o* (15a), *-a* (15b),  $\emptyset$  (15c) e ainda *-em*, *-eu*, *-ão* (15d). Nestes casos interviria, hipoteticamente, segundo Villalva (1994), uma regra de truncamento, opondo-se desta feita aos casos de sufixação por justaposição mostrados em (13) e (14), respectivamente. Contudo, a hipótese de truncamento, como refere Villalva, não se sustenta uma vez que há palavras derivadas cuja forma de base, em sendo o de uma palavra existente, *é impossível de determinar* (cf. 15c), além de outras palavras como *barcaça* ← *barca* / *barco*; *chinelada* ← *chinela* / *chinel*; *jarrão* ← *jarra* / *jarro*. Entretanto, afirma Villalva, em se admitindo ser a base um radical e não uma palavra, *a questão não se coloca* (cf. *barc<sub>RN</sub>*, *chinel<sub>RN</sub>*, *jarr<sub>RN</sub>*).

Enfim, o propósito de Villalva é mostrar que *a postulação de regras de truncamento não tem qualquer motivação empírica, é requerida pela Hipótese de Base-Palavra* (cf. Aronoff, 1976) *e serve apenas para que os dados não invalidem esta hipótese* (Villalva, 1994, p. 160). Conclui, assim, que *os processos morfológicos envolvidos na formação de palavras como fumaça, casebre, acidez e na sufixação de -ismo, -ista, -aria e -eiro, não requerem a intervenção de regras de truncamento* (Villalva, 1994, p. 160).

Essa conclusão, segundo a autora, *debilita* a Hipótese de Base-Palavra e, por outro lado, *reforça* a condição sobre a base proposta por Villalva (1994, p. 118), a qual consiste em três tipos: 1- Base = Radical: processos de sufixação formadores de adjetivos, nomes e verbos (e.g. *cer*<sub>RADJ</sub> -- > *certeza*, *livr*<sub>RN</sub> -- > *livreiro*, *intruj*<sub>RV</sub> -- > *intrujão*); 2- Base = Tema: processos flexionais e de sufixação derivacional deverbal (e.g. *certo*<sub>TADJ</sub> -- > *certo(s)*, *livro*<sub>TN</sub> -- > *livro(s)*, *organiza*<sub>TV</sub> -- > *organizar*); 3- Base = Palavra: processo de derivação e *para alguns processos de derivação a partir de adjetivos e nomes* (e.g. *previsível*<sub>ADJ</sub> -- > *imprevisível*, *antiga*<sub>ADJ</sub> -- > *antigamente*, *papel*<sub>N</sub> -- > *papelzinho*, *papéis*<sub>N</sub> -- > *papezinhos*).

Como se pode observar, Villalva defende a idéia de a regra de apagamento de vogal no processo derivativo do português inexistir. Para ela, a vogal final *-e*, presente em nomes e adjetivos do tipo *ponte, leve, dente*, que integram as classes temáticas nominais e adjetivais, cujo tema é  $\emptyset$ , não tem manifestação fonética, sua presença em vocábulos com tal configuração é meramente gráfica. Somente quando entram em cena os sufixos avaliativos e z-avaliativos podem as formas de tema  $\emptyset$  (cf. *lanche, avestruz*, etc.) ter manifestação fonética, mas isso não é regra geral (e.g. *lanchezinho, sanduichezinho, avestruzinhas ~ avestruzezinhas, narizinhos ~ narizezinhas*).

Enfim, para Villalva, os únicos índices temáticos existentes no PE são *-a* e *-o*, a vogal *-e* é um elemento que, em regra, não tem realização fonética, por isso o índice temático que a identifica é  $\emptyset$ , assim como o das palavras terminadas em consoante, do tipo *mar, farol*.

Passa-se agora à visão de Lee (1995) para o PB, cujo entendimento é diverso do de Villalva, para o PE.

## 4.1.5 Lee (1995)

Lee (1995), sob a perspectiva da Fonologia Lexical (FL), localiza a vogal temática nominal no português não no nível da flexão, como defende Harris (1991a) para o espanhol, mas no nível do radical. Para tanto, Lee traz evidências de que tanto na derivação (e.g. *matagal*), quanto na composição (e.g. *espaçonave*), a vogal temática pode ocorrer entre constituintes, assim como veremos mais adiante nesta análise. Para o autor, a *forma não-verbal* *mata* serve de base (*radical derivacional*) para formar a nova palavra, *matagal*; por conseguinte, a vogal final em *mat-a* não satisfaz o contexto para ser realizada como marcador de palavra, *uma vez que o marcador de palavra se realiza no nível flexional*; logo, em *matagal* a vogal final de *mat-a* faz parte do radical derivacional, ao passo que, como marcador de palavra, tem de ocorrer após toda a derivação, ou seja, no nível flexional. Em suma, Lee considera problemática essa presença de vogal temática, na análise de Harris (1991).

O autor propõe, então, uma redefinição para a noção de marcador de palavra (cf. Harris, 1991a), o qual passa a ter uma função fonológica, além de sua função morfológica, a de marcador de gênero. A redefinição é feita nos seguintes termos: *o elemento (vogal temática do não-verbo) que fica na margem direita do seu domínio é o marcador de palavra – sujeita-se à Condição de Perifericidade.*

Mostra-se em (16) a representação da derivação de marcador de palavra proposta por Lee nos vocábulos do não-verbo no PB.

(16) *Derivação do Marcador de Palavra* (ap. Lee, 1995, p. 41)

[casa]	radical derivacional
[ [casa] eiro]	afixação de -eiro
[caseiro]	truncamento: V → Ø / ____ ] V

A palavra *casa* serve para ilustrar o que acontece no primeiro ciclo, no nível do radical, há vogais que, por sua posição, são entendidas como marcadores de palavra nas formas não-derivadas. Nas palavras de Lee (1995, p. 41), *a vogal temática /a/ sujeita-se à Condição de Perifericidade, de tal maneira que é o marcador de palavra*; por isso, no ciclo 2, ao entrar um sufixo começado por vogal, a vogal temática é apagada ou perde a sua função

como em *matagal*. Enfim, Lee, assim como os demais, assume a regra de truncamento da vogal temática nominal no PB. Contudo, esta não será a visão esposada por Moreno (1997), revisada no próximo item.

#### 4.1.6 Moreno (1997)

Moreno (1997), em sua tese de doutorado sobre a morfologia nominal do português, à luz da FL, discute o *status* da tradicional *VT nominal*, como ele mesmo a denominara em pesquisa anterior (Moreno, 1977), passando a interpretá-la como um *marcador de classe* (cf. Harris, 1991b).

Os marcadores de classe (ou elementos terminais, cf. Harris, 1983) são entidades que podem aparecer unicamente à borda da palavra. Sua propriedade morfológica fundamental é de sempre assinalarem o *vocábulo completo derivacionalmente*, e poderem ser seguidos unicamente por *-S* plural. Por exemplo, o marcador *-a* assinala o final do vocábulo *poet+a* e não aparece em *poét+ic+o*, cujo marcador é a vogal *-o*, além disso nenhum deles aparece em *poet+izar*, pois os verbos não carregam marcadores de palavra.

Em português, seguindo a proposta de Harris para o espanhol, Moreno (1997, p. 47) estabelece serem três essas vogais, /o, a, e/. Esses elementos servem unicamente como *identificadores fonológicos de várias classes de forma lexicalmente arbitrárias em que todos os radicais de substantivos, adjetivos e advérbios e sufixos derivacionais são divididos*, que não estão necessariamente relacionados ao gênero gramatical do vocábulo.

Moreno faz uma distinção fundamental entre o marcador de palavra e a vogal temática verbal, enquanto aquele somente aparece ao final da palavra, esta, que aparece após o radical do verbo, pode ser mantida mesmo nas formas deverbais derivadas, como bem já notara Luft (1974). Nesses casos, a referida vogal seria concebida como um tipo de *vogal temática 'interna'*, em (17).

(17) *Formação de deverbais com VT interna*

(ap. Moreno, 1997, p. 41)

encorajAr	→	encorajA + mentO
amAr	→	amA + ntE
vendEr	→	vendE + dora
pedIr	→	pedI + ntE

Moreno (1997, p. 42) afirma que *qualquer análise da morfologia do português necessita definir a verdadeira natureza desses segmentos vocálicos que costumam fechar os vocábulos não-verbais (substantivos, adjetivos, pronomes e advérbios)*. Desta feita, um de seus objetivos, à luz da FL, é *definir a verdadeira natureza dessa vogal e o momento da derivação em que ela se liga ao vocábulo*.

O autor, à luz da proposta de Borowsky (1993), quanto à Fonologia Lexical, afirma que é somente no Nível 1, o do Radical, que radicais e afixos recebem o elemento terminal (ET), como o autor passa a denominar o marcador de palavra. O ET, segundo ele, é adicionado unicamente na saída do Nível 1 – quando a palavra já recebeu todos os afixos derivacionais, sendo, logo, a última operação desse nível morfológico. Em outras palavras, o ET aparece unicamente na derradeira camada da estrutura morfológica, isto é, quando a palavra já está completa, jamais no interior de radicais derivacionais, aos quais são acrescentados os morfemas derivacionais. Observem-se, em (18), exemplos que mostram o funcionamento desses mecanismos.

(18) *Afixação do ET à Palavra*

(ap. Moreno, 1997, p. 48)

- a) sedento [ ((sed)<sub>n</sub> ent)<sub>a</sub> **O** ]<sub>A</sub>  
 verdoso [ ((verd)<sub>a</sub> os)<sub>a</sub> **O** ]<sub>A</sub>  
 brancura [ ((branc)<sub>a</sub> ur)<sub>n</sub> **A** ]<sub>N</sub>
- b) [ (urb)<sub>n</sub> **E** ]<sub>N</sub> [ ((urb)<sub>n</sub> AN)<sub>a</sub> **O** ]<sub>N</sub> [ (((urb)<sub>n</sub> AN)<sub>a</sub> ism)<sub>n</sub> **O** ]<sub>N</sub>  
 [ (cal)<sub>n</sub> **O** ]<sub>N</sub> [ ((cal)<sub>n</sub> OS)<sub>a</sub> **O** ]<sub>A</sub> [ (((cal)<sub>n</sub> OS)<sub>a</sub> idade)<sub>n</sub> ]<sub>N</sub>

Para Moreno (1997, p. 49), conforme referido anteriormente, os ETs são *morfemas terminais que se acrescentam na saída do Nível 1, representando a operação final deste nível*

*morfológico*. No que concerne às palavras DERIVADAS, a vogal terminal somente é anexada após o processo de sufixação haver terminado. Quando uma forma entra no Nível 2, o da Palavra, ela já traz, segundo Moreno, a posição ET preenchida, já está pronta. Ao entrarem *-mente* ou *-zinhV* – sufixos especiais do Nível da Palavra, *o marcador, tanto do elemento à esquerda, quanto do sufixo especial, já está lá* (Moreno, 1997, p. 49).

Há também vocábulos sem marcador de palavra, os quais se subdividem em português em dois grupos (Moreno, 1997, p. 50): (a) acabados em consoante (*éter, útil, ônix; mulher, fatal, rapaz*) ou (b) acabados em vogal tônica (*vatapá, jacaré, saci, umbu*).

Segundo o autor, um pequeno grupo de palavras não-derivadas oxítonas terminadas em uma das consoantes /r/, /s/ ou /N/ são acrescentadas, na forma plural, ou seja antes do /S/-plural, a vogal epentética /e/ (e.g. *paz, pazes; lar, lares*). *Esta é que pode ser chamada de vogal epentética, e não se confunde com o /e/ que serve de marcador de palavra em **dente, leve ou longe*** (Moreno, 1997, p. 50).

Enfim, Moreno assume a mesma visão de Harris (1991a) com respeito à natureza da vogal terminal. Os marcadores de palavras são morfemas flutuantes, isto é, unidades melódicas desassociadas das posições esqueléticas nas representações subjacentes. Conseqüentemente, todos os radicais são interpretados por Moreno como consonânticos, e o ET que lhes é adjungido somente aí se manifesta para que tais formas adquiram o *status* de vocábulo. Assim, se os radicais têm terminações consonânticas e os ETs lhes são adicionados unicamente para completar a palavra morfológica, então as derivações sempre serão feitas a partir do radical, *e não do vocábulo primitivo*. O autor afirma que essa hipótese *tem um apoio muito mais sólido nos dados do PB; a quase totalidade dos sufixos inicia por vogal e termina em consoante, o marcador é sempre vocálico* (ap. Moreno, 1997, p. 55). Se for adotada esta visão, a regra de truncamento torna-se sem razão de ser, pois não faz parte do radical, seja ele simples ou expandido por sufixação.

Em suma, enquanto Câmara Jr. (1976; 1999 [1977]), Luft (1974) e Pereira (1999) – no que concerne ao PE, como veremos a seguir, falam em regra de truncamento ou apagamento de VT, Moreno assume a inexistência de tal regra na morfologia nominal do PB, à luz da FL, e cuja inspiração está no trabalho de Harris (1991a). Eis uma visão totalmente nova nas descrições do português do Brasil. Note-se que, com referência ao português europeu, visão semelhante já fora proposta por Villalva (1994), sob a abordagem da teoria X-barras.

#### 4.1.7 Pereira (1999)

Maria Isabel Pires Pereira (1999), em seu trabalho intitulado *O Acento de Palavra em Português: Uma Análise Métrica*, em que é abordado o sistema acentual não-verbal do português, adota como forma canônica dos nomes em português o formato mostrado em (19).

#### (19) RADICAL + MARCADOR DE CLASSE + NÚMERO

Segundo ela, o constituinte que maior controvérsia causa na literatura é o denominado *marcador de classe*, em (19), cujo *status não está claramente definido*. Abaixo, reproduzem-se as características essenciais desse constituinte morfológico citadas por Pereira (1999, p. 125):

- (i) ocupa a posição periférica mais à direita da palavra, podendo apenas ser seguido do morfema de plural /-s/;
- (ii) é sempre preenchido por vogais átonas;
- (iii) não tem significado, apesar da sua correlação parcial com o gênero;
- (iv) desaparece no processo de derivação.

A autora refere ainda que *o português (PE) apresenta três formas possíveis de preenchimento do constituinte marcador de classe, [v], [u] e [i]* (cf. *escada, pedaço, alface*). Existem também formas desprovidas desse constituinte, como *cascavel, herói, maracujá* (Pereira, 1999, p. 126). Nessa mesma página, ela também assevera que *partindo dessa constatação, autores como Mateus (1997) e (Mateus e d'Andrade, 2000) afirmam que os marcadores de classe são /a/, /o/ e /e/, existindo um número importante de formas atemáticas*. Esses mesmos autores, segundo Pereira, defendem a distribuição de nomes e adjetivos por três classes distintas: (i) os que possuem marcador de classe, (ii) os que não possuem marcador de classe e cujo radical termina em consoante e (iii) os que não possuem marcador de classe e cujo radical termina em vogal.

Segundo Pereira, no entanto, esta classificação tripartida não é necessária, uma vez que as distinções entre o comportamento acentual das palavras em (ii) e (iii) são, em seu

entender, ténues o bastante para justificar a sua distribuição em duas grandes classes: 1) as que carregam marcador de classe e 2) as que não carregam marcador de classe.

O elencamento proposto pela autora permite, enfim, que sejam captadas as generalizações concernentes às regularidades acentuais fundamentais, sendo tal elencamento legitimado pelos diferentes comportamentos que as formas de cada uma das classes manifestam quanto à derivação que envolve sufixos avaliativos – escolhidos obrigatoriamente pelas formas cujo radical termina em vogal, e z-avaliativos – preferencialmente selecionados pelas formas cujo radical termina em consoante, mas que também podem selecionar o sufixo avaliativo.

Como vemos, Pereira, que aponta para a grande controvérsia que existe sobre VT, fica fiel à regra de truncamento, o que, aliás, já havíamos mencionado na seção precedente.

No item que segue, apresentam-se as classes temáticas do português e a questão relacionada ao gênero, segundo Câmara Jr. (1976).

#### 4.2 As classes temáticas e o gênero (Câmara Jr., 1976)

As classes temáticas nominais em português são em número de três, aquelas em *-a* /a/, *-o* /u/, *-e* /i/ átonos finais, as quais caracterizam os nomes temáticos; as demais palavras terminadas em vogal tônica ou consoante são chamadas de nomes atemáticos, ou seja, desprovidos de VT. No caso da vogal *-a*, segundo Mattoso, este é o único elemento vocálico passível de assumir duas vestes distintas, a saber, o de VT ou o de desinência de feminino. Contudo, como sufixo flexional de gênero feminino, o *-a* só é possível se contraposto a uma forma masculina em  $\emptyset$  – representada por *-o* para os nomes em geral (substantivos e adjetivos: *gato* / *papagaio arisco*) ou *-e*, condição esta disponível somente para os nomes substantivos (cf. *mestre distante*, *mestra \*distanta*), assim mesmo em escasso número. Em outros contextos, a vogal *-a* átona final será sempre VT.

Os adjetivos terminados em *-e*, segundo Mattoso, são os genuínos representantes dessa categoria gramatical, porque jamais mudam de classe, diferentemente daqueles em *-o*. Ademais, os nomes adjetivais em *-e* nunca sofrem modificações em sua forma (cf. *amigo alegre*, *amiga distante*).

As vogais *-e* e *-o* são entendidas, portanto, única e exclusivamente como elementos identificadores de uma determinada classe formal. Desta feita, a flexão nominal de gênero em português consiste em um mecanismo simples de oposição privativa (*-a* vs.  $\emptyset$ ).

Relativamente à questão gênero gramatical e sexo biológico, estabelece-se uma relação entre eles, segundo Mattoso, somente no grupo dos seres animados, irracionais ou racionais, mas mesmo aí ela não é absoluta. Observem-se em (20a-b-c) alguns exemplos que ilustram as diferentes classes temáticas, bem como a identificação de gênero gramatical nos nomes temáticos.

(20) *Classe Temáticas*

	VT	gênero	Exemplos
a.	-a	m	poet <u>a</u>
		f	testemunh <u>a</u> , onç <u>a</u> (*neta)
b.	-o	m	net <u>o</u> (net <u>a</u> , teoricamente: VT -o + desinência -a)
		f	libid <u>o</u>
c.	-e	m	cônjug <u>e</u>
		f	pont <u>e</u>
		m/f	mestr <u>e</u> (~ - <u>a</u> )

Em (20), figuram exemplos de nomes temáticos que permitem tecer alguns comentários. Em primeiro lugar, Mattoso afirma que todos os substantivos possuem inerentemente gênero gramatical, sejam eles seres animados ou inanimados, o que parece ser inquestionável, conforme os vocábulos distribuídos pelas diferentes classes temáticas, em (20). Em segundo lugar, em sendo a categoria de gênero intrínseca aos nomes, ela deve ser apontada de alguma forma, haja vista não ser esta a função das VTs, senão a de reunirem elementos pertencentes a uma mesma classe temática, o que de fato ocorre.

Logo, o mecanismo utilizado por Mattoso para a identificação do gênero consiste na presença *concreta ou virtual* de um artigo junto ao nome substantivo (cf. (a) testemunha, (a) libido, (o) poeta). A concordância em gênero é, então, estabelecida sintaticamente, como também ocorre com os adjetivos que acompanham os substantivos (cf. menino esperto). Em virtude da concordância, Mattoso argumenta que a flexão em gênero, quando aparece (cf.

neta), tem caráter redundante, visto o gênero do vocábulo já estar manifestado no artigo que o acompanha.

Faz-se claro, assim, o porquê da inadequação do vocábulo \*neta, no grupo de palavras cujo tema é representado por *-a*. Essa forma carrega não a VT *-a*, mas a desinência de feminino *-a*, em oposição a uma forma masculina em  $\emptyset$ .

Por último, quanto aos nomes em *-e*, cabem duas observações. Primeiro, quando carregam a marca de gênero (cf. (o) mestre, (a) mestra), o que é esporádico, flexionam no feminino tal como as formas em *-o*. Segundo, quando apresentam gênero único (cf. (a) ponte, (o) cônjuge), assim como a maioria dos nomes temáticos em *-a* e *-o*, a marca do gênero latente manifesta-se no artigo.

Passa-se, na próxima seção, ao resumo de Harris (1999) sobre as classes de declinação do espanhol.

### 4.3 A análise de Harris (1999)

O objetivo desta exposição consiste em apresentar as idéias fundamentais de Harris (1999), as quais, conforme referido, nortearam a presente análise das classes formais do português. Essas idéias serão retomadas e desenvolvidas no capítulo de análise, à medida que se fizer necessário detalhamento maior para o estudo do PB.

Harris (1999) propõe, à luz da teoria da Morfologia Distribuída, cinco classes de palavras não-verbais para o espanhol. Além das tradicionais classes I, II e III, dois novos agrupamentos formais são apresentados: a classe IV e uma classe de *estrangirismos* – pelo autor denominada “*xenonym*” class.

Cada classe formal é identificada explicitamente pela configuração fonológica do respectivo morfema de classe formal (sufixo temático). Segundo essa proposta, a distribuição dos morfemas de classe formal exige ter acesso à Sintaxe, uma vez que os membros de classe dependem da concordância, mas as próprias classes formais e seus sufixos temáticos não desempenham papel algum neste módulo. A única função dos morfemas de classe formal é satisfazer a boa formação morfológica. Daí, os nós terminais desses morfemas serem adicionados unicamente no Componente Morfológico da gramática, em que a organização sintática ainda se faz disponível para referência.

Harris afirma que as classes de declinação do espanhol não são classes de gênero gramatical. O gênero gramatical não determina o pertencer a uma dada classe; todas as classes maiores carregam membros cujo gênero é gramaticalmente masculino e membros cujo gênero é gramaticalmente feminino, abrigando também certas formas verbais e advérbios que não participam no sistema de gênero, ou seja, não desencadeiam a concordância de gênero nem são a ela submetidos. Em termos de ordenamento serial, *a concordância de gênero precede a designação de classe formal*.

Observe-se de que tipo de vocábulo cada classe é constituída. A classe I carrega todos os vocábulos não-verbais terminados na vogal átona /o/ (e.g. *tío, libro, tribo*); a classe II abriga todas as palavras cuja vogal átona final é /a/ (e.g. *jirafa, espantosa, día*); a classe III reúne não só palavras terminadas em consoantes licenciadas pela coda do espanhol (e.g. *verdad, tos, tul, líder*), bem como todos os vocábulos cujas consoantes ou grupos de consoantes em final de radical são seguidos, necessariamente, na forma de superfície, da vogal /e/ (e.g. *bote, chefe, grande*); a classe IV compõe-se tão somente de vocábulos que, inesperadamente, carregam a vogal /e/ depois de consoantes licenciadas pela coda (e.g. *pirámide, Tule, curare, pose*); a classe dos estrangeirismos, por sua vez, é o único agrupamento formal que contém palavras não integralmente assimiladas à morfofonologia do espanhol (e.g. *beeper(s), coñac(s), golf*).

A idéia fundamental a ser destacada é a formação das classes III e IV. A classe III abarca nomes, no singular e plural, como *mar-Ø / mares*, *corazón-Ø / corazones* e *verdad-Ø / verdades*, além de outras, como *bot-e(s)*, *chef-e(s)*, *grand-e(s)*. Observa-se, então, a existência de um grupo de palavras que somente no plural carrega a vogal /e/, ao passo que o outro grupo sempre apresenta tal vogal. Harris defende que a vogal /e/ presente nos plurais de palavras como *mares* e *corazones* é um segmento vocálico que surge no componente morfológico da gramática – o qual precede o módulo fonológico. Por outro lado, a vogal final /e/ presente no singular de palavras como *bot* e *grand* depende tanto da morfologia quanto da fonologia. Eis uma nova proposta da *família da epêntese*, como assegura o autor. Entre os vocábulos que integram esse agrupamento formal, está a maioria dos empréstimos nativizados do espanhol. Esses diferem daqueles enviados à classe dos estrangeirismos pelo fato de sofrerem uma perfeita integração à morfofonologia do espanhol, uma vez que não somente recebem a vogal *e*, no plural (e.g. *cácher(es), líder(es)*),

bem como se submetem à morfologia derivacional com sufixos nativos, por exemplo, *lider+azgo*, *lider+ato*.

A classe IV, por sua vez, é constituída de vocábulos que, a despeito de apresentarem radicais terminados em um segmento silabificável, ainda assim carregam a vogal /e/, enquanto morfema de classe formal (e.g. *Tule(s)*, *curare(s)*, *pose(s)*, *oboe(s)*). Isso mostra o caráter de exceção deste agrupamento formal com respeito à classe III – que carrega um grande número de palavras terminadas, na forma do singular, em uma consoante silabificável jamais seguida da vogal /e/. A classe IV também tem um comportamento de exceção por outras razões: não somente é pequena – muitos de seus membros são latinismos ou palavras indígenas locais, relativamente poucas delas são compartilhadas pela maioria dos falantes do espanhol, mas é essencialmente fechada, não aceita neologismos livremente, ao contrário da classe III (e.g. *cácher*, *líder* não \**cáchere*, \**lídere*).

Haja vista a diferença entre os membros das classes III, no singular, e IV, Harris argumenta em prol de uma nova proposta de epêntese que olha tanto para a morfologia quanto para a fonologia da língua. Segundo ele, as regras de caráter puramente fonológico não são capazes de lidar seja com o apagamento do segmento *e* final em palavras como *cruce* e *pone* (classe IV) seja com a inserção da vogal *e* em fim de palavras como *cruz* e *pon* (classe III), cujos *outputs* seriam, inevitavelmente, incorretos, por neutralizarem o contraste de uma forma ou outra, em (21) dispostas.

(21)	<i>apagamento incorreto</i>	<i>epêntese incorreta</i>	(ap. Harris, 1999, p. 65)
	/cruçe      pone/	/cruç      pon/	
	cruç      * pon	cruçe      * pone	
	(para <i>pone</i> )	(para <i>pon</i> )	

Por conseguinte, a diferença entre formas como *tos* ‘tosse’ e *pose* ‘pose’, por exemplo, está ligada à Morfologia. Assim, o processo de epêntese proposto (*ℑ-epêntese*) deve *saber* não somente se a consoante precedente está extraviada ou não, mas também a alocação do morfema de classe formal.

Com base em todos os dados acima dispostos, Harris propõe as entradas vocabulares para morfema de classe formal e morfema de plural, em (22).

- (22) a. *Entradas vocabulares para*  $\mathfrak{S}$  (ap. Harris, 1999, p. 69)

$$\mathfrak{S} \leftrightarrow e / \left\{ \begin{array}{l} \text{IV} \\ \text{III} \text{ \_\_\_ [plural]} \end{array} \right\}$$

$$\emptyset / \text{III} \text{ \_\_\_}$$

$$a / \text{II} \text{ \_\_\_}$$

$$o \text{ (default)}$$

- b. *Entradas para [plural] em nomes e adjetivos*

$$\text{plural} \leftrightarrow s$$

Como se pode observar, especificamente com relação às classes III e IV, enquanto a entrada vocabular para o sufixo temático de classe III é zero fonológico para todos os singulares (e.g. *conde* (/e/) e *tos* $\emptyset$  ( $\emptyset$ )), o mesmo não ocorre para as formas plurais que, no contexto do morfema [plural], recebem o morfema de classe formal /e/, tal os integrantes da classe IV, seja singular ou plural. Quanto ao morfema de plural (22b), este só pode ser traduzido, em termos de traços fonológicos, pela consoante anterior coronal /s/. O mecanismo de  $\mathfrak{S}$ -epêntese (cf. Harris, 1999, p. 68), o qual é responsável pela inserção da vogal /e/ na posição do morfema de classe formal, é também aplicado ao português, por isso, será apresentado, neste trabalho, no capítulo dedicado à análise dos dados.

Por ora, basta referir que a vogal final /e/, nos singulares da classe III, do tipo *conde* e *bote*, é inserida pelo referido processo de epêntese, na posição do morfema de classe formal, quando a consoante à esquerda desta posição de inserção está extraviada silabicamente, o que é checado através da restrição de *Anexação da Coda* (cf. Harris, 1999, p. 61). Derivações ilustrativas de palavras encontradas no espanhol mostram o efeito conjunto de  $\mathfrak{S}$ -epêntese e *Anexação da Coda*, em (23).

(23) (ap. Harris, 1999, p. 68)

a.	IV		b.	III					
	N	ℑ		N	ℑ	N	ℑ		MORFOLOGIA
	↓	↓		↓	↓	↓	↓		
	pos	e		tos	_	bot	_		Inserção Vocabular
<hr/>									
	po	se		tos		bot			FONOLOGIA
	∨	∨		∨		∨			
	σ	σ		σ		σ			Silabação
					-		e		ℑ -epêntese
						bo	t e		
						∨	∨		
						σ	σ		Silabação

Em (23), a operação de Inserção Vocabular, no componente morfológico, fornece /e/ como a instanciação fonológica para o morfema de classe formal dos radicais da classe IV, como /pos-/, mas nenhuma expressão fonológica para os radicais da classe III, como /tos-/ e /bot-/. No componente fonológico, a Silabação subsequente produz as estruturas imediatamente abaixo da linha horizontal, em (23). Em especial, a *Anexação da Coda* permite a silabação de /s/ final, em *tos*, mas não de /t/ final, em *bot-*. Desta feita, ℑ-*epêntese* permite a inserção da vogal /e/ na posição do morfema de classe formal de *bot-*, e os segmentos /te/ são silabificados como esperado. Os resultados finais estão corretos: *po.se*, *tos* e *bo.te*.

Segundo Harris, o fato de a gramática de algumas línguas, como a do espanhol, por exemplo, dever produzir derivações como essas é previsível pelo modelo de organização gramatical, em (1), assumido pela DM. Segundo essa proposta, assim como as operações morfológicas podem ser sensíveis à informação sintática, as operações fonológicas também podem ser sensíveis à informação morfológica. Isso é altamente controverso, mas é verdadeiro para o mecanismo de ℑ-*epêntese*, e não é menos verdadeiro para a restrição de *Anexação da Coda*.

O plural de palavras da classe III, como *tos(es)*, *bote(s)*, *conde(s)*, são explicados por Harris da seguinte forma: a vogal /e/ que aparece em ℑ-posição, nos plurais dessa classe, é um item vocabular, ou seja, a instanciação fonológica de ℑ no ambiente [III] \_\_\_\_ [plural]. Esse ambiente é inteiramente morfológico e a operação de Inserção Vocabular ocorre

no Componente Morfológico da gramática. Por conseguinte, essa análise assume que o segmento final /e/ do singular *bote*, por exemplo, e a vogal /e/ do plural *botes* têm origens distintas. O primeiro surge a partir de *ɜ-epêntese* – que ocorre na Fonologia, e o outro provém do segundo caso de (22a), que acontece na Morfologia.

Harris traz evidências da origem distinta, em espanhol, da vogal /e/ que aparece no singular das palavras da classe III e aquela que ocorre nos plurais desta mesma classe. Os dados apresentados por Harris, transpostos em (24), fornecem evidências da adequação de sua proposta, a qual reflete generalizações que os falantes nativos têm internalizadas – a independência entre o processo de epêntese por ele propostoa, *ɜ-epêntese*, e o segundo caso de (22a).

(24)	<i>especial</i>	<i>regular</i>	(ap. Harris, 1999, p. 70)
	relo/x/ ( <u>es</u> )	pa/x/ĕ(s)	
		e/x/ĕ(s)	
	vals( <u>es</u> )	embalsĕ(s)	
		realĕ(s)	
	cloch( <u>es</u> )	cochĕ(s)	
		noche(s)	

Harris afirma que para muitos falantes do espanhol, *reloj* /relox/ é um caso de exceção meramente pelo fato de ser a única palavra nativa que termina em /x/, uma consoante proibida em codas silábicas. O caso regular das palavras da classe III é exemplificado por *paje* /paxe/ e *eje* /exe/, na coluna da direita, em (24), e muitas outras palavras similares cuja vogal final /e/ é devida ao processo de *ɜ-epêntese*. O mesmo pode ser dito com relação às palavras *vals* e *cloch* e suas contrapartes regulares à direita, em (24). Segundo o autor, qualquer que seja o mecanismo que permite as codas finais dos singulares dessas palavras especiais de manifestarem-se aparentemente desafiando as condições de *Anexação da Coda* regular, não poderá fazer com que sejam relegadas à lixeira dos estrangeirismos. Logo, as formas do tipo mostrado em (24), caso irregular, são membros genuínos da Classe III em virtude de seus plurais serem construídos em /es/, e pelo fato de participarem livremente da morfologia derivacional nativa (e.g. *reloj+e-ro*, *vals+ar*). Em suma, casos como esses são relevantes, pois confirmam a independência mútua da operação de *ɜ-epêntese* e de (22a).

Outrossim, Harris considera que os rótulos [I], [II], [III] e [IV] referem-se a traços de classe formal que desempenham outro papel na generalização morfológica, além de identificarem os membros de cada classe. As evidências fornecidas pelo autor são de que esses elementos têm um *status* de verdadeiros traços, fazendo parte de unidades mais elementares. Por exemplo, na classe III há palavras masculinas, cujas formas femininas correspondentes não terminam na vogal /e/, porém na vogal /a/ (e.g. mestre / mestra, presidente / presidenta). Essas formas femininas que se superficializam com a vogal átona final /a/ são o resultado da atuação da operação morfológica de empobrecimento (capítulo 3) sobre o feixe de traços morfológicos que as caracteriza, [III, f], o qual, com o desligamento do traço III, passa a ser constituído unicamente do traço de gênero feminino [f]. Isso faz com que tais formas femininas sejam atribuídas à classe II, através de *regra de redundância* independentemente motivada que direciona todos os radicais femininos à classe II, por *default*.

O importante a ser aqui fixado se refere ao fato de a boa formação morfológica da palavra somente ser alcançada mediante a adjunção de um morfema de classe formal ‘3’. Essa é uma condição que vigora não somente para o espanhol (Harris, 1999), bem como para outras línguas românicas, como o catalão (Oltra-Massuet, 1999) e o português, como veremos a seguir, no capítulo de análise.

Antes, porém, de dar início à análise do português, detenhamo-nos em alguns pontos do trabalho de Harris que são relevantes para a presente análise.

Em primeiro lugar, as classes I e II do espanhol, cujas terminações são /o/ e /a/, respectivamente, não diferem, em princípio, daquelas encontradas em português, como veremos. Não obstante, uma crucial diferença entre espanhol e português diz respeito à existência, em língua portuguesa, de palavras terminadas em ditongo nasal, o que não ocorre em espanhol (e.g. *coração* versus ‘*corazón*’). Tal dessemelhança obviamente refletirá na atribuição de classe formal – *corazón-Ø* / *corazónes* pertencem à classe III; o mesmo não pode ser estabelecido para *coração* / *coraçãões*, como veremos.

Em segundo lugar, palavras terminadas em vogal acentuada em espanhol (e.g. *alelí(es)*, *dominó(es)*, *hindú(es)*) somente são consideradas nativas ou nativizadas se carregarem a vogal /e/ antes do morfema de plural /s/, de outra forma são relegadas à classe dos estrangeirismos, pelo fato de não apresentarem uma adaptação plena à morfofonologia da língua, segundo a argumentação de Harris (1999). Assim sendo, ter-se-iam *alelí-Ø(s)*,

*dominó-Ø(s)*, *hindú-Ø(s)*. É interessante observar, neste ponto, que palavras do espanhol com semelhantes configurações são tratadas por Oltra-Massuet & Arregi (2001) como portadoras do *marcador de classe* [Ø] (morfema de classe formal). Em momento algum, esses autores fazem referência a uma parcial adaptação dessas palavras do espanhol à morfofonologia da língua. Infere-se, daí, que, na visão de Oltra-Massuet & Arregi (2001), vocábulos como *puré-Ø*, *israelí-Ø* não estão elencados sob uma classe cujos integrantes não estão plenamente adaptados ao espanhol, ao contrário, fazem parte de uma classe formal cujos membros são reconhecidos como legitimamente adaptados à morfofonologia dessa língua. Vocábulos do português com semelhante forma também serão analisados no capítulo 5, como palavras plenamente adaptadas tanto à morfologia quanto à fonologia da língua.

Por fim, se a forma fonológica dos radicais, no espanhol, é irrelevante para atribuição de classe formal (e.g. *tos-Ø* (classe III), *pos-e* (classe IV), segundo afirma Harris (1999), isso não é o que se observa em português – e.g. *rapal-Ø* (classe III), porém *alfas-e* (classe IV); *fiN-Ø* (classe V), porém *vim-e* (classe III), como veremos no capítulo seguinte.

## 5. AS CLASSES FORMAIS DO PORTUGUÊS

No presente trabalho, sob a perspectiva da Teoria da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993, 1994), com inspiração em Harris (1999), assume-se que o português agrupa as palavras não-verbais em diferentes classes formais, cujos membros são portadores de VT – morfema de classe formal, na nomenclatura aqui adotada (cf. Harris, 1999). O morfema de classe formal é uma entidade puramente morfológica destituída de papel sintático e cuja manifestação fonológica é responsável pela identificação das diferentes classes formais do português, em outras palavras, dos membros que se afiliam aos diferentes *agrupamentos formais* da língua (*classes de declinação*<sup>9</sup>), independentemente do gênero de que sejam portadores.

Por conseguinte, nomes e adjetivos que carregam as vogais átonas finais /o/, /a/, /e/ e mesmo Ø fonológico, estão distribuídos em diferentes classes formais, sendo que a identificação de tais agrupamentos vocabulares é feita através de números romanos: classe I, classe II, classe III, etc.

Defende-se que o português possui cinco classes formais, cujos membros são formas absolutamente integradas à morfofonologia da língua. Em outras palavras, nessas classes não há lugar para vocábulos que não se adaptem ao *gênio da língua* – em termos mattosianos. Salienta-se, outrossim, que todas as classes reúnem palavras masculinas e femininas. No caso dos nomes, o gênero é uma propriedade lingüística idiossincrática, ao passo que, nos adjetivos, essa informação é adquirida mediante relações de concordância (Harris, 1991a, 1991b). Eis a importância do módulo da Sintaxe. Nos termos de Harris (1999), a especificação de gênero precede a atribuição de classe formal.

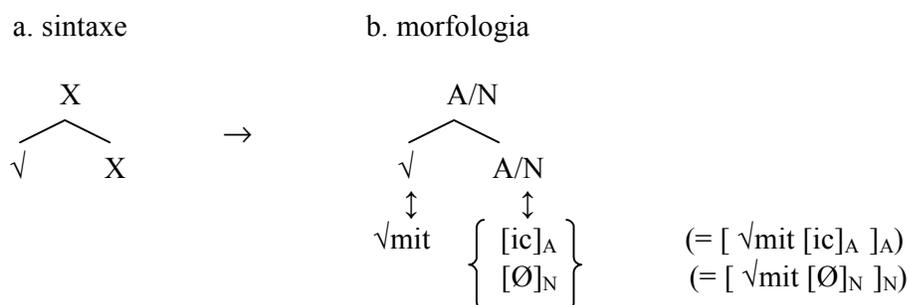
Sob o enfoque aqui assumido, os radicais<sup>10</sup>, sejam eles terminados em consoante ou não, não podem funcionar como palavras morfológicamente completas, independentes sem uma afixação posterior, seja através dos morfemas flexionais, como no verbo *faxin+á+v+a+mos*, seja através de morfemas de classe, como a vogal *-a* nos nomes *faxin+eir+a* e *faxin+a*. Os radicais do tipo *faxin-* (*faxina*), *mit-* (*mito*), *pel-* (*pele*), sobre os

<sup>9</sup> O presente trabalho não se ocupará das *classes de conjugações*, ou seja, dos agrupamentos verbais identificados por uma *vogal temática* ou *marcador de classe-formal verbal*, seja ela *-a*, *-e* ou *-i*.

<sup>10</sup> O termo *radical* refere-se aqui a uma raiz+um afixo derivacional, que pode ser zero.

quais o presente trabalho se detém, não possuem um afixo derivacional explícito, ou seja, uma expressão fonológica que lhes forneça uma designação de categoria morfossintaticamente indispensável. Tais radicais, de acordo com a DM, em consonância com o trabalho de Pesetsky (1995), são estruturalmente equivalentes aos de *faxineira*, *mítico*, *cremoso*, que precisam de um sufixo doador de categoria explícito. A essência desse postulado é mostrada em (25), seguindo-se Harris (1999, p. 52), onde a sub-árvore (25a) é uma configuração sintática bem-formada. O símbolo ‘√’ representa a *raiz*, ‘X’ é uma variável sobre os cabeças das categorias morfossintáticas; já em (25b), as iniciais A/N representam as categorias morfossintáticas (A(djetivo) e N(ome)), após a afixação derivacional e o símbolo ‘↕’ é empregado para representar inserção vocabular, ou seja, manifestação fonológica dos nós terminais.

(25) *Representação da Afixação Derivacional*

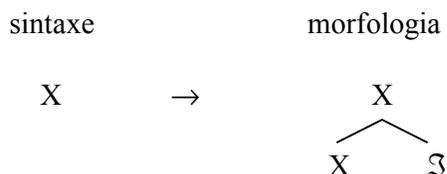


Como sugerido em (25a), as tradicionais *partes do discurso* N, A, V são todas de um só tipo, a *raiz* ‘√’ – cuja categoria morfossintática é determinada pelo morfema licenciador mais próximo ‘X’. A sub-árvore (25b) mostra como (25a) é desenvolvido no módulo seguinte, o componente morfológico. As setas bidirecionais (‘↕’), conforme referido anteriormente, correspondem à operação morfológica de *Inserção Vocabular*, cujo resultado é a inserção da raiz *mit-* e a inserção do sufixo de formação adjetival *ic-* ou do morfema  $\emptyset$ , que é sintaticamente motivado, embora não seja pronunciado. Eis a formalização da afixação derivacional, a qual inclui a tradicional *derivação zero* ou *conversão*. Na DM, somente através de morfemas derivacionais, sem considerar se têm conteúdo fonológico ou não, é que *raízes desprovidas de categoria morfossintática podem atingir o status de nomes e adjetivos sintaticamente viáveis* (cf. Harris, 1999, p. 53).

Entretanto, o que acontece em (25b) não é suficiente para que essas raízes (= radicais) portadoras de categoria morfossintática possam receber o *status* de vocábulos independentes, uma vez que lhes falta um morfema imprescindível para configurarem palavras bem-formadas, ou seja, necessitam da adição de um morfema de classe formal. Essa adição ocorre em cumprimento a uma condição de boa-formação morfológica, em (26) representada. Apesar de ser uma condição de língua-específica, abrange muitas línguas românicas, além do português, citam-se o espanhol (cf. Harris, 1996, 1999), o catalão (cf. Oltra-Massuet, 1999) e o italiano (cf. Peperkamp, 1997).

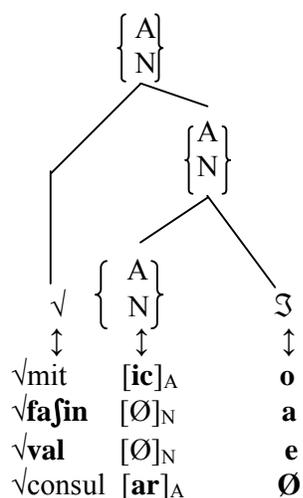
(26) *Adição de Nó Terminal de Sufixo Temático a X<sup>0</sup>* (ap. Harris, 1999, p. 53)

Uma categoria morfossintática, ou seja, X<sup>0</sup> exige um *sufixo temático* ‘ $\mathfrak{S}$ ’



Essa condição exige que um morfema de classe formal ou sufixo temático ( $\mathfrak{S}$ ) seja adjungido a X<sup>0</sup>s, raízes portadoras de categoria morfossintática, N, A, Adv, para que só então recebam o *status* de palavras morfológicamente bem-formadas. Essa adjunção ocorre no componente morfológico, uma vez que tais sufixos não têm função sintática.

Combinando-se (25) e (26), apresenta-se a estrutura constitutiva completa de palavras como *mítico*, *faxina*, *vale* e *consular*, mostrada em (27).

(27) *Estrutura Constitutiva Completa das Palavras Não-Verbais do Português*

O morfema de classe formal ou sufixo temático é selecionado pelo morfema não-nulo mais próximo que c-comanda. No primeiro e último exemplos, em (27), são os sufixos formadores de radicais, como *-ic-* e *-ar-*, que selecionam o morfema de classe formal.

Somente no caso *default*, a própria raiz toma para si esta responsabilidade, ou seja, quando o licenciador do radical não possui conteúdo fonológico. São os casos de  $\emptyset$  na posição destinada ao morfema derivacional (afixo derivacional). Como vimos, em (27), o tradicional termo *radical* não possui qualquer *status* teórico nesta teoria, mas ao longo deste trabalho continua a ser utilizado para referir à união raiz+afixo derivacional.

É pertinente lembrar o fato de cada morfema de classe formal, cujo elencamento é fornecido na última coluna à direita, em (27), ser a assinatura fonológica de uma das classes formais arbitrárias, dentro das quais estão distribuídas todas as palavras não-verbais do português, especificamente, nomes (N) e adjetivos (A). A maior parte do vocabulário do português é constituído de palavras terminadas em uma das três vogais átonas finais /o/, /a/ ou /e/, o mesmo acontece em outras línguas românicas, como o espanhol (cf. Harris, 1983, 1985, 1991b, 1991c, 1996, 1999; Oltra-Massuet & Arregi, 2001), o italiano (cf. Peperkamp, 1997), o galego (cf. Martínez-Gil, 1997) e o catalão (cf. Bonet, 1991; Harris, 1994, 1997; Oltra-Massuet, 1999).

Acrescenta-se a isso o fato de os morfemas de classe formal não ocorrerem em posição interna ao radical – senão em casos especiais, como veremos no capítulo 6, em virtude de

serem os últimos elementos a serem adjungidos ao radical derivacional para configurar a palavra morfológicamente bem-formada, podendo ser seguidos unicamente pelo morfema de plural /-S/.

Defende-se, nesta análise, à luz do modelo teórico da DM, a inexistência da regra de apagamento de morfema de classe formal ou truncamento – como se vem propondo nas derivações de modo geral – a começar pelas figuras (25), (27) e (28), a seguir, além de muitas outras que serão ilustradas no desenvolvimento deste trabalho.

(28) *Formação de Palavras Não-Verbais do Português*

- a. *mit-o*  
*mit+ic-o* (\**mit-o+ic-o*)
- b. *crem-e*  
*crem+os-o* (\**crem-e+os-o*)
- c. *faxin-a*  
*faxin+eir-a* (\**faxin-a+eir-a*)

Independentemente do modelo teórico assumido, outros estudiosos chegaram à mesma conclusão. De fato, o precursor da idéia de a derivação basear-se em radicais e não palavras flexionadas, é o próprio Harris (1983, 1985, 1991a). Peperkamp (1997) argumenta – sob o enfoque da Teoria Prosódica, seguindo a análise do espanhol de Harris (1983, 1991a), que a sufixação derivacional no italiano tem por base um radical, ao invés de palavras plenamente flexionadas, cuja vogal final necessariamente teria de passar por uma regra de truncamento ao ser anexado um sufixo iniciado por vogal, como defende Scalise (1983, 1984; ap. Peperkamp, 1997, p. 59-64).

Villalva (1994), em sua análise dos nomes e adjetivos do PE, à luz da teoria X-barras, também defende que a base para a sufixação derivacional é o radical, não palavras portadoras de *índice temático com a respectiva manifestação fonológica*, combatendo assim a proposta de Aronoff (1976), relativamente à necessidade de se utilizar regra de apagamento de vogal no processo derivativo.

Por fim, Moreno (1997), como vimos, defende que partir do radical como base morfológica para a sufixação derivacional tem mais vantagens do que partir do vocábulo primitivo. Em suas palavras: *Esta hipótese tem um apoio muito mais sólido nos dados do PB; a quase totalidade dos sufixos inicia por vogal e termina em consoante, o marcador é sempre*

*vocálico* (Moreno, 1997, p. 55). Em sendo assim, a regra de truncamento torna-se absolutamente prescindível, em virtude de a vogal final não integrar o radical.

De acordo com os pressupostos teóricos da DM, os afixos derivacionais são adicionados diretamente à raiz, em (28), formando assim o radical portador de categoria morfossintática. Somente após essa adjunção serão adicionados novos sufixos. Isso porque, à luz da DM, as vogais temáticas nominais (ou morfemas de classe formal) devem ser mapeadas sobre o nó terminal morfológico que se encontra à borda da representação morfológica da palavra, podendo ser seguidas unicamente pelo morfema de plural [pl]. Portanto, se a palavra receber sufixos derivacionais, esses serão anexados à raiz em posição que terá de ser precedente à do morfema de classe formal. Uma só raiz poderá receber várias categorias morfossintáticas e a cada uma delas, dependendo do afixo derivacional licenciador do radical, e dos traços fonológicos que este contém, os quais podem ser até mesmo  $\emptyset$ , corresponderá uma manifestação fonológica do morfema de classe formal. Isso porque não só a raiz atribui traços de classe formal ao seu sufixo temático, quando o afixo derivacional portador de categoria morfossintática é  $\emptyset$ , no caso *default*, mas o próprio afixo portador de categoria morfossintática, conforme referido, pode doar traços de classe formal ao sufixo temático, conforme ilustrado em (28).

Observa-se ainda que os traços de categoria morfossintática, gênero (inerente nos N e adquirido nos A) e classe formal são informações idiossincráticas dos radicais. Salienta-se, à luz da DM, conforme Harris (1997), que a informação de classe formal que podem carregar radicais nominais e adjetivais, em suas entradas vocabulares, ocorre sob a forma de um traço diacrítico abstrato, não como traços fonológicos do morfema de classe formal. Dado os morfemas de classe formal não trazerem informação de gênero ou categoria morfossintática, as manifestações fonológicas desses morfemas não podem ser interpretadas senão como informação de classe formal. Esse elemento identifica membros de um mesmo agrupamento formal, cuja semelhança única entre si é carregarem a mesma terminação.

Em suma, em contextos não-verbais, o morfema de classe formal ou sufixo temático é exigido, em posição final de palavra, para todas os vocábulos não-verbais do português, bem como o espanhol, catalão e italiano, conforme anteriormente referido. Além disso, esses sufixos temáticos não desempenham papel algum na sintaxe. Acrescente-se ainda que, embora a atribuição de classe formal seja idiossincrática para muitos radicais, são os morfemas de

classe formal e não os traços de gênero que adquirem substância fonológica pela operação de *Inserção Vocabular*, no componente morfológico da gramática, como veremos a seguir.

### 5.1 A constituição das classes formais do português

Para o presente trabalho, o primeiro ponto crucial a ser entendido é a existência / inexistência de correlação entre gênero e classe formal, cujos exemplos são fornecidos em (29). Como se pode ver em (29a), a classe I contém todas as possibilidades permitidas em português no que diz respeito a gênero, isto é, esta classe contém palavras somente masculinas, palavras somente femininas e palavras masculinas ou femininas. As ilustrações em (29b-c) mostram que todas as combinações encontradas na classe I também estão presentes nas classes II e III. O mesmo é verdadeiro para as demais classes que serão posteriormente tratadas.

#### (29) *Gênero e Classes Formais*

		m	f	m/f
a.	I	bot- <i>o</i>	libid- <i>o</i>	model- <i>o</i>
b.	II	crom- <i>a</i>	testemunh- <i>a</i>	coleg- <i>a</i>
c.	III	tigr- <i>e</i>	lebr- <i>e</i>	client- <i>e</i>

onde m= somente masculino, f = somente feminino, m/f=masculino ou feminino

As observações de Harris (1996, p. 105), formuladas para o espanhol, também são válidas para as classes formais do português: *há correlações de generalidade variada – masculinos predominam na classe I e femininos preponderam (com muito menos vigor) na classe II – mas não há nada sequer próximo da relação de um para um entre classe formal e gênero*. Em outras palavras, as classes formais não são agrupamentos de gênero, pois reúnem tanto palavras masculinas como femininas, independentemente da vogal final que carreguem (cf. *sistem-a* (masc.) e *moed-a* (fem.), ambos da classe II; *cedr-o* (masc.) e *trib-o* (fem.), ambos da classe I, etc.).

Um segundo ponto de fundamental importância para a presente exposição é o fato de as relações de concordância sintática envolverem gênero e não classe formal. Em outras palavras, a concordância de gênero exige similaridade de gênero, no sentido gramatical estrito, mas *não* similaridade de classe formal. Verifica-se, em (30), que todos os adjetivos e determinantes concordam em gênero com o cabeça nominal da sentença, porém isso não significa que as palavras tenham de integrar a mesma classe formal, como pode ser observado particularmente com respeito às sentenças em (30b), cuja inspiração está em Harris (1999).

(30) *Concordância de Gênero*

- a. *Toda*-II *menina*-II *irriquieta*-II *é* *travessa*-II. -- > (fem.)  
*Todo*-I *menino*-I *irriquieto*-I *é* *travesso*-I. -- > (masc.)
- b. *Aquele*-III *sistema*-II *javanês* -III *era* *cruel* -III. -- > (masc)  
*Aquela*-II *tribo*-I *javanesa*-II *era* *cruel* -III. -- > (fem.)

A figura (30a) mostra que todas as palavras masculinas e femininas pertencem às classes I (-o) e II (-a), respectivamente; eis a correlação mais comum entre gênero e classe formal. Já (30b) ilustra coisas diferentes, somente a correlação feminino-classe II é expressa nas palavras *aquela* (versus masculino *aquele*, não *\*aquele*) e *javanesa* (versus masculino *javanês*, não *\*javaneso*). O masculino *sistema* e o feminino *tribo* estabelecem correlações contrárias às identificadas em (30a), de forma que o vocábulo *sistema*, a despeito de ser masculino, é direcionado à classe II (-a) e *tribo*, conquanto seja feminina, é afiliada à classe I (-o). O adjetivo *cruel* recebe o gênero do nome ao qual está vinculado sintaticamente, mas não há combinação de classe formal, se assim fora, fatalmente emergiriam formas agramaticais.

A título de ilustração, em (31), estão entradas vocabulares não só de nomes (31a), bem como de adjetivos (31b). Particularmente a esses últimos, a configuração de suas entradas vocabulares são aquelas anteriores à concordância de gênero com um dado nome.

(31) *Entradas Vocabulares de Nomes e Adjetivos*

a. (Nomes)	[/variS/,	N,	III,	fem	...]	<i>variz</i>
	[/nariS/,	N,	III,	-	...]	<i>nariz</i>
	[/koʎer/,	N,	III,	fem	...]	<i>colher</i>
	[/ʃofer/,	N,	III,	-	...]	<i>chofer</i>
b.(Adjetivos)	[/piɔr/,	A,	III,		...]	<i>pior</i>
	[/tenaS/,	A,	III,		...]	<i>tenaz</i>
	[/traves/,	A,	-		...]	<i>travesso(a)</i>

Em (31a), observam-se três distintas informações: categoria morfossintática (N), classe formal (III) e gênero (feminino). Uma vez que o gênero dos nomes, em português, assim como em muitas línguas, é, em geral, arbitrário, essa informação tem de ser especificada na entrada vocabular, como um traço idiossincrático. E, pelo fato de assumir-se que o gênero marcado é o feminino, somente este deverá ocorrer nas entradas vocabulares, no português. O gênero masculino é, por sua vez, considerado não-marcado / *default*, ou seja, a *ausência do feminino* (cf. Câmara Jr., 1966, para o português; cf. Harris, 1996, para o espanhol); portanto, o traço que identifica nomes masculinos está ausente das entradas vocabulares no português. Por outro lado, todos os nomes com a configuração mostrada em (31a) têm de carregar a informação de classe formal, III, o que denota a sua imprevisibilidade nesta classe.

No que concerne aos adjetivos mostrados em (31b), observe-se que todos carregam a informação de categoria morfossintática (A), porém lhes falta totalmente a informação de gênero, cuja adição, em suas entradas vocabulares, somente se concretizará após a concordância com um dado nome, se feminino, esse traço deverá aparecer na entrada vocabular do adjetivo, se, por outro lado, o nome for masculino, essa informação não aparecerá. É interessante notar que, no último exemplo ilustrado em (31b), estão ausentes não só a informação de gênero bem como a de classe formal, isso ocorre porque, em tal caso, a classe à qual pertencerá tal adjetivo é I ou II, as classes maiores e mais gerais do português, conforme se verá a seguir.

Enfim, enquanto o gênero gramatical não determina estritamente a classe formal – tanto *menino* (classe I) como *sistema* (classe II) são masculinos e induzem à concordância do masculino, assim como *menina* (classe II) e *tribo* (classe I) são femininos e induzem à

concordância do feminino – a especificação de gênero, a qual nos adjetivos somente acontece mediante concordância sintática com um dado nome, tem de estar disponível para a correta seleção de classe formal (e.g. *irriquieto* / *irriqueta* versus *javanês* / *javanesa* versus *cruel* / *cruel*). *Em termos de ordenamento serial, à luz da DM, a concordância de gênero precede a atribuição de classe formal* (Harris, 1999, p. 56).

Especificamente com relação à informação de gênero nos adjetivos, Halle (1994), em seu texto intitulado *The Russian Declension*, cuja análise é empreendida à luz da DM, faz uma afirmação de caráter universal que corrobora as previsões expressas neste trabalho, também sob a perspectiva da DM, para o gênero dos adjetivos no português: *Diferentemente dos nomes, os adjetivos são – universalmente – subespecificados para gênero e obtêm esse traço dos nomes que modificam* (Halle, 1994, p. 40).

Vale lembrar que as classes formais e seus respectivos morfemas de classe formal – traços morfológicos típicos –, ocorrem no componente da Morfologia, não desempenhando papel algum no módulo anterior, a Sintaxe.

Apresenta-se, em (32), um inventário parcial das classes de palavras do português.

(32) *Os Morfemas de Classe Formal*

Classe <sup>11</sup>	Ʒ	Gênero	Exemplos:
a. I	o	f	imago, libido, tribo, virago
		m	astro, belo, calmo, dado, eixo, figo, jato, lobo, modo, noivo, oco, peito, quadro, rato, sino, ...
b. II	a	m	aroma, cometa, drama, fantasma, gorila, idioma, lema, mapa, nauta, prana, rapa, sistema, tema, ...
		f	alameda, bela, cava, dama, empresa, fada, garça, ilha, juta, lâmpada, mesa, neta, ostra, pedra, quimera, rúcula, testa, uva, vaca, zebra, ...
c. III	∅ ~ e <sup>12</sup>	m	abacate, acorde, açougue, alaúde, bagre, baile, bandeide, basquete, blefe, bleque, bosque, cipreste, clube, deboche, tigre, verde, ... / algoz, bolor, farol, capuz, convés, mel, ...
		f	arte, ave, boate, butique, chance, cidade, haste, lápide, lente, madre, parte, rede, saúde, sebe, sorte, trave, ... / cal, cascavel, cor, cruz, dor, flor, foz, paz, tez, ...
		m/f	alegre, chefe, célebre, cliente, consorte, craque, humilde, triste, ... / feliz, mártir, tenaz, frágil, ...
d. IV	e <sup>13</sup>	m	apêndice, are, bule, cárcere, doce, escore, estresse, folclore, tule, vale, ...
		f	alface, classe, face, índole, musse, pele, prole, ...
		m/f	benesse, célere, mole, precoce, ...
e. V	∅ <sup>14</sup>	m	álbuN, armazeN, homeN, jardiN, treN, ... frei, rei, boi, apogeu, mausoléu, troféu, ... araçá, café, ipê, jabuti, mocotó, pivô, urubu, ...
		f	bagageN, corageN, lei, ...
		m/f	joveN, ...

<sup>11</sup> Há um outro agrupamento de palavras no português, os *estrangeirismos*, à semelhança daqueles referidos por Harris (1999), existentes no espanhol. No entanto, deixou-se de lado a classe dos estrangeirismos, incluída na relação de Harris.

<sup>12</sup> A propósito da alternância fonológica ∅ ~ e, ver subseção 5.1.3.

<sup>13</sup> Ver a subseção 5.1.4 com respeito à vogal /e/.

<sup>14</sup> Na classe V existente no português (cf. itens 5.1.5 e 5.3), o morfema de classe formal cuja manifestação se dá através de ∅ fonológico jamais alterna com a vogal /e/, razão por que se distingue da classe III.

Observa-se que todas as classes de palavras ilustradas em (32) são heterogêneas com respeito ao gênero, não podendo, logo, ser consideradas *classes de gênero*. Passa-se a uma rápida apreciação de cada uma das classes mostradas, mas o detalhamento das mesmas será feito em itens separados.

A classe I (32a), cujo morfema de classe formal é a vogal /o/, é uma das maiores e mais produtivas do português, nela prevalecem palavras masculinas, não obstante aí também é possível encontrarem-se palavras femininas. A afiliação dessas poucas palavras à tal agrupamento formal acontece, como veremos adiante, através de um mecanismo que não permite sua incorreta atribuição à classe II, o caso não-marcado para os nomes femininos. A classe I é, pois, a classe *default*, ou seja, não-marcada para nomes e adjetivos masculinos. Neste agrupamento, estabelece-se uma correlação mais estreita entre gênero e classe formal, característica esta compartilhada unicamente pela classe II (32b).

A classe II (32b), cujo morfema de classe formal é a vogal /a/, é considerada a classe não-marcada para os vocábulos femininos. Em outras palavras, a afiliação nesta classe é predizível para os radicais que carregam o gênero feminino, exceto aqueles que são direcionados às classes I e III, especialmente. A classe II pode ainda ser considerada, juntamente com a classe I, uma das maiores e mais produtivas da língua. Outrossim, aí também são abrigados vocábulos masculinos – nomes ou adjetivos, considerados casos de exceção, em virtude de estarem afiliados à classe não-marcada para o gênero feminino. Ressalta-se, contudo, que há um número bem superior de masculinos que carregam a vogal átona final /a/ do que femininos terminados na vogal átona final /o/, conforme pode ser visto em (32). As palavras masculinas terminadas em *-a* também exigem um mecanismo especial a fim de assegurar que não sejam incorretamente afiliadas à classe I, o caso não-marcado para os vocábulos masculinos.

A classe III, identificada pela alternância  $\emptyset \sim e$ , em (32c), cujo morfema de classe formal pode ser realizado como a vogal /e/ ou NULO ( $\emptyset$  fonológico), por razões que serão posteriormente esclarecidas, abriga nomes masculinos e femininos, assim como adjetivos. Como pertencer a esta classe não pode ser algo previsível, diferentemente do que acontece aos membros não-marcados das classes I e II, os integrantes da classe III têm de contar com algum dispositivo que bloqueie sua incorreta atribuição a tais classes. Para tanto, é colocado em funcionamento um mecanismo especial para obstar o indevido direcionamento das palavras desta classe às classes I e II, respectivamente.

A classe IV (32d), cujo morfema de classe formal é a vogal /e/, assemelha-se parcialmente à classe III; parece, contudo ser mais marcada do que essa, em virtude de seus membros carregarem inesperadamente a vogal /e/ em posição final de palavra, além de outras singularidades que serão expostas na seção consagrada ao tratamento desta classe.

Finalmente, em (32e), surge a classe V do português, cujo morfema de classe formal manifesta-se inexoravelmente como  $\emptyset$  fonológico, jamais alternando com a vogal /e/, conforme anteriormente referido. Dito de outra forma, o sufixo temático de palavras cuja terminação pode ser: (i) vogal acentuada (V), (ii) ditongo decrescente oral (VV) ou (iii) uma das soantes /N/ ou /l/, seja no singular seja no plural, será sempre manifesto como [ $\emptyset$ ].

Sumariando, as classes I, II e III reúnem a maior parte das palavras não-verbais do português, ao passo que a classe IV parece reunir um número relativamente pequeno de palavras, se comparada à classe III, com a qual compartilha semelhanças. Com respeito à classe V, essa compreende as palavras que tanto no singular quanto no plural jamais carregam uma vogal na posição do sufixo temático.

De acordo com Harris (1996; 1999), a afiliação de classe formal é geralmente imprevisível, tendo, logo, de ser incluída como parte da informação lexical de muitos radicais e sufixos. Em alguns casos, contudo, esta informação pode ser fornecida mediante regras de redundância morfológica: classe II é predizível para os radicais do gênero feminino no caso não-marcado, conforme ilustrado em (33).

- (33) *Regra de Redundância para Classe* (ap. Harris, 1999, p. 58)  
fem  $\rightarrow$  II

A classe II não é, contudo, a única a ser identificada a partir de regra de redundância morfológica, isso também acontece à classe I, o caso *default*, assim denominada pelo fato de os radicais a ela afiliados não conterem em suas respectivas entradas vocabulares quaisquer informações idiossincráticas de classe formal. Em outras palavras, um radical que não carrega informação de classe formal, pertencerá, por *default*, à classe I, a menos que o contexto determine diferentemente, como acontece a todas as outras classes formais, conforme pode ser visto em (34), onde o símbolo ‘ $\leftrightarrow$ ’ indica inserção vocabular no *slot* do morfema de

classe formal ‘ $\mathfrak{I}$ ’, no contexto de um dado traço morfológico de classe formal. Outrossim, salienta-se que, em (34), é acrescentada uma classe, a classe V (32e), que não se encontra na análise de Harris (1999), mas que deve aí figurar por envolver um grande número de palavras do português.

(34) *Entradas Vocabulares para  $\mathfrak{I}$*

a.  $\mathfrak{I} \leftrightarrow e / \left( \begin{array}{l} \text{IV} \\ \text{III} \text{ — [plural]} \end{array} \right)$

$\emptyset / \left( \begin{array}{l} \text{III} \\ \text{V} \text{ —} \end{array} \right)$

a / II  
o (default)

b. *entrada única de [plural] em nomes e adjetivos*  
plural  $\leftrightarrow$  S

As informações de (34a), ou seja, as *entradas vocabulares para  $\mathfrak{I}$*  representam, de acordo com Halle (1997, p. 430), *os itens vocabulares que os falantes têm de memorizar*. Conforme referido anteriormente, um *item vocabular* é a relação entre um conteúdo fonológico – o qual pode ser qualquer seqüência fonológica, incluindo  $\emptyset$ , e a informação do contexto em que pode ser inserido, ou seja, o morfema que receberá tal manifestação fonológica.

Em (34a), verifica-se que a vogal /e/ é inserida (‘ $\leftrightarrow$ ’), enquanto segmento subjacente, tanto na posição do morfema de classe formal da classe IV (cf. *folclore*), quanto naquela da classe III, no contexto do [plural] (cf. *mares, botes*) – quanto ao item III-plural, tratar-se-á mais tarde. Os morfemas de classe formal das classes III e V, recebem, ambos,  $\emptyset$ , no singular, como entrada vocabular – apenas membros da classe III, do tipo *park-*, *bot-* recebem vogal epentética, no singular, como veremos mais adiante. As demais entradas informam que a vogal /a/ é inserida no morfema de classe formal quando este contiver o traço [II] e, finalmente, /o/ é inserido quando o morfema não contiver qualquer informação em termos de traços gramaticais, ou seja, no caso *default*. (34b) informa que o único conteúdo fonológico

que o morfema de plural pode receber é a fricativa coronal /S/. Em outras palavras, o que (34a-b) mostram é que o conteúdo fonológico a ser inserido em um dado contexto de traços (isto é, morfema) decorre sempre da exigência desse contexto, o qual é traduzível em termos de traços. Esta proposta fornece os resultados corretos em todos os casos.

Por exemplo, este resultado, seguindo-se a proposta de Harris (1999), é também atestado para palavras como *Sócrates*, *oásis*, *vírus*, *brócolis*, cujas formas de singular e plural são idênticas (e.g. *um brócolis saboroso*, *dois brócolis saborosos*). Palavras como *vir+al*, *oás+ico* mostram que o *-s* final não faz parte do radical. Desta feita, uma regra é desencadeada no componente morfológico, a qual adiciona um morfema de plural às formas não-plurais semântica e sintaticamente como *vir+u-*, *oás+i-*, de forma que elas sejam realizadas fonologicamente com um /S/ final. Palavras com tal configuração constituem outro agrupamento formal de porte bastante reduzido, do qual não se tratará na presente análise. Outrossim, ressalta-se que palavras com tal configuração constituem forte evidência para a hipótese de a derivação basear-se sobre radicais e não sobre palavras, conforme Harris já defendia em (1985, 1991a-b, 1996, entre outros), da mesma forma que Peperkamp (1997) para o italiano. Salienta-se que, se o pressuposto fosse de a derivação basear-se na palavra, sendo as vogais temáticas nominais truncadas por uma regra fonológica, seria impossível explicar o apagamento dessas vogais (morfemas de classe formal) seguidas de uma consoante final /-S/, como nos vocábulos acima. Por conseguinte, formas inexistentes como *\*viral* e *\*oásístico* seriam absolutamente bem-formadas do ponto de vista fonológico.

Sob o modelo teórico da DM, o fato de haver expoentes fonológicos  $\emptyset$  ou *NULO*, assim como contextos de inserção *default / elsewhere* ou simplesmente [ ] é altamente comprovado nas línguas do mundo. A título de ilustração, apresenta-se, em (35), a formalização dada por Halle (1997), às entradas vocabulares dos casos do latim, os quais são entendidos como feixes de traços. Dá-se especial atenção aos casos que ilustram o que foi explicado acerca de expoentes *zero* e contextos de inserção *elsewhere*.

(35) *Entradas Vocabulares para Caso* (ap. Halle, 1997, p. 434)

/um/	↔	[+Obl, +Struct, -Sup, +Pl]	<i>PlG</i>
/i:/	↔	[+Obl, +Struct, -Sup]	<i>SgG/D</i>
/m/	↔	[-Obl, -Pl]	<i>SgAc</i>
NULO	↔	[-Pl]	<i>Sg default</i>
/s/	↔	[ ]	<i>default</i>

Sem entrar no detalhamento de (35), nota-se que a ordem de complexidade aqui apresentada vai daquilo que é mais complexo, por exigir maior informação contextual, até chegar ao caso menos complexo, ou seja, completamente destituído de informação contextual. A propósito, são os dois últimos casos que interessam ao presente trabalho, enquanto evidências da existência desses traços em outras línguas do mundo.

Conforme Halle (1997, p. 434), o sufixo /s/ aparece no plural em uma variedade de Casos que nada têm em comum. Isso é então refletido em (35), onde /s/ é o expoente fonológico *default*, e como resultado disso, é inserido sem ter de combinar um único traço. Relativamente ao expoente NULO, este será inserido unicamente no contexto que contiver o traço [-PL] e nada mais.

Como se pode observar, tais mecanismos não são meros instrumentos *ad hoc* para resolver casos específicos do português ou espanhol, mas formalizações que captam generalizações do funcionamento dos sistemas lingüísticos.

Nas próximas subseções, passa-se a descrever e analisar cada uma das classes formais do português. Salienta-se que outros mecanismos formais também serão empregados, mas sua introdução no presente trabalho ocorrerá à medida que a intervenção desses se fizer necessária para a elucidação de questões ainda não contempladas, concernentes ao sistema do português.

## 5.1.1 Classe Formal I

A classe I (32a) é a menos marcada (classe *default*), daí não necessitar vir especificada para todos os radicais que não foram, de uma forma ou outra, direcionados às demais classes. Por ser a menos marcada, é conseqüentemente uma das mais *produtivas* da língua, ao lado da classe II. Apresenta-se no Quadro 1, uma amostra dos membros desta classe.

Quadro 1 – Classe I

$\mathfrak{S}$ I	masculino	feminino
/o/	astr-o, bel-o, calm-o, dad-o, eix-o, fig-o, imens-o, jat-o, lob-o, maestr-o, noiv-o, oc-o, peit-o, quadr-o, rat-o, sin-o, texug-o, urs-o, vândal-o, zel-o, ...	imag-o, libid-o, trib-o, virag-o

Os masculinos presentes nesta classe integram o grupo não-marcado, a esmagadora maioria. Os radicais femininos são, ao contrário, em número consideravelmente reduzido, sendo afiliados à classe I unicamente por carregarem nas respectivas entradas vocabulares o traço de classe formal [I].

Em (36) mostram-se membros da classe I, representantes do grupo marcado e não-marcado, respectivamente.

(36) *Ilustrações de Membros da Classe I*a. *entradas vocabulares dos radicais*

/libid/, f, I

/menin/

b. *derivações**libido*[/libid/] $\mathfrak{S}$ 

[ ]

f

I

*menino*[/menin/] $\mathfrak{S}$ 

[ ]

1<sup>15</sup>

MORFOLOGIA

a

b

↑

o

libid+o

↑

o

menin+o

2

inserção vocabular

Constata-se em (36a) a dessemelhança com respeito a informações (ou falta delas) nas entradas vocabulares dos radicais de *libido* e *menino*, respectivamente. Em (36b), apresentam-se as derivações de ambas as formas, feminina e masculina.

Na linha 1a das derivações, enquanto a especificação de gênero feminino ( f ) está marcada na entrada vocabular do radical *libid-*, não há qualquer marca para o radical masculino *menin-*. Isso acontece em virtude de o gênero masculino ser considerado não-marcado, não necessitando, pois, aparecer nas entradas vocabulares. Assim ocorre com todas as palavras masculinas do português, sejam elas nomes, cujo gênero é inerente, ou adjetivos, cujo gênero é adquirido via concordância de gênero, não de classe formal. O gênero feminino, ao contrário, é considerado o gênero marcado no português – assim como nas línguas românicas em geral, logo sua presença nas entradas vocabulares de todas as palavras femininas, nos nomes por inerência e nos adjetivos por concordância, faz-se imperativa.

Na linha 1b da figura (36), nas derivações, o radical da palavra *menino* não apresenta traço de classe formal, isso porque, por ser esta classe o caso *default* por excelência, os radicais masculinos que são a ela afiliados não carregam quaisquer traços nas entradas vocabulares. Contudo, o radical de *libido*, por se tratar de um caso marcado, apresenta o

<sup>15</sup> A numeração conjugada com letras que aparece nas figuras, do tipo 1a-b, 2, 3 nada mais é do que um expediente encontrado a fim facilitar a exposição/descrição dos mecanismos envolvidos nas derivações.

traço de classe formal [I] especificado na entrada vocabular, isso ocorre a fim de bloquear o incorreto direcionamento desse radical à classe não-marcada para os femininos, ou seja, à classe II, evitando assim que emerja a forma incorreta *\*libida*, ao invés de *libido*.

Finalmente, na linha 2 das entradas vocabulares ocorre a operação morfológica de inserção vocabular responsável pelo aparecimento da vogal /o/ em ambos os casos, *menino* e *libido*, como será visto adiante.

Salienta-se, mais uma vez, que radicais masculinos a que se anexam a vogal /o/, ou incluindo *-ão* (cf. *irmão* [/irmaN/]S) – dos quais se tratará em seção à parte, não carregam traço gramatical algum nas respectivas entradas vocabulares.

Em suma, todos os radicais masculinos não-marcados para classe, assim como os poucos femininos idiossincraticamente portadores do traço de classe formal [I], recebem /o/, como manifestação fonológica / subjacente do morfema de classe formal representativo da Classe I, a classe *default*, de acordo com (34).

### 5.1.2 Classe Formal II

A classe II (32b) é aquela para a qual nomes e adjetivos femininos regulares são atribuídos por regra de redundância morfológica (33). Esta classe, por outro lado, também abriga um grande número de radicais masculinos. Tais radicais devem carregar o traço de classe formal [II], o qual bloqueia sua incorreta afiliação à classe não-marcada para os masculinos, isto é, a classe I. No Quadro 2, apresenta-se uma amostra de membros desta classe.

Quadro 2 – Classe II

S II	feminino	masculino
/a/	alamed- <i>a</i> , bel- <i>a</i> , cav- <i>a</i> , dam- <i>a</i> , empres- <i>a</i> , fad- <i>a</i> , giraf- <i>a</i> , ilh- <i>a</i> , jut- <i>a</i> , lâmpad- <i>a</i> , mal- <i>a</i> , net- <i>a</i> , ostr- <i>a</i> , pedr- <i>a</i> , quimer- <i>a</i> , rúcul- <i>a</i> , cest- <i>a</i> , test- <i>a</i> , uv- <i>a</i> , vac- <i>a</i> , zebr- <i>a</i> , ...	arom- <i>a</i> , comet- <i>a</i> , dram- <i>a</i> , edem- <i>a</i> , fantasm- <i>a</i> , goril- <i>a</i> , idiom- <i>a</i> , lem- <i>a</i> , map- <i>a</i> , naut- <i>a</i> , ômeg- <i>a</i> , plasm- <i>a</i> , pran- <i>a</i> , querigm- <i>a</i> , rap- <i>a</i> , sistem- <i>a</i> , tem- <i>a</i> , ...

Considerando-se que na classe II os radicais têm sempre um traço morfológico nas entradas vocabulares – o de gênero feminino no caso dos radicais femininos e o de classe formal no caso dos radicais masculinos, depreende-se daí que esta classe é mais marcada que a classe I, a qual carrega um número majoritário de radicais totalmente desprovidos de quaisquer informações relativas a traços morfológicos, ou seja, radicais masculinos (cf. 5.1.1). Da mesma forma, esta classe também compreende um número expressivo de femininos terminados em *-ã*, assim como de masculinos com a mesma terminação. Casos como esses ficam, no entanto, para serem tratados mais adiante (cf. seção 5.4).

Em (37) apresentam-se duas derivações de palavras que compõem a classe II, uma feminina, grupo predominante nesta classe, e outra masculina, grupo de exceção, a despeito de sua extensa representação nesta classe.

(37) *Ilustrações de Membros da Classe II*a. *entradas vocabulares dos radicais*

/komet/, II

/mal/, f

b. *derivações*

<i>cometa</i>	<i>mala</i>		
[/komet/]S	/mal/]S	1	MORFOLOGIA
[ ]	[ ]		
II	f	a	
		b	
	II	2	
↓	↓	3	inserção vocabular
a	a		
komet+ <u>a</u>	mal+ <u>a</u>		

(37a) ilustra o fato de ambos os radicais, *komet-* e *mal-*, carregarem informações idiossincráticas; *komet-*, a de classe e *mal-*, a de gênero, decorrendo daí a noção de maior marcação da classe II, em relação à classe I. Em (37b), são mostradas as derivações de *cometa* e *mala*.

Na linha 1a, da figura (37), conforme mostram as derivações acima, somente o radical de *mala*, como esperado, carrega em sua entrada vocabular o traço de gênero especificado (f); pois *cometa*, em sendo masculino – ou seja, a *ausência do feminino* (cf. Harris, 1996), não apresenta marcação. Por outro lado, na linha 1b, somente o radical masculino tem de carregar a informação idiossincrática de classe formal (II), se assim não fora ocorreria sua equivocada afiliação à classe I, o caso não-marcado para nomes masculinos, derivando daí a forma agramatical *\*komet-o* por *komet-a*. Quanto ao radical de *mala*, este não exige nenhuma outra informação na entrada vocabular, senão ‘f’, pois está na classe não-marcada para os femininos. É na linha 2 da derivação que a regra de redundância morfológica (33) atribui o traço de classe formal [II] ao radical feminino *mal-*. Na linha 3, enfim, a operação de inserção vocabular atribui conteúdo fonológico ao morfema de classe formal aos membros da classe II, resultando as formas corretas, *komet+a* e *mal+a*.

Sumariando, todos os radicais que carregam o traço de classe formal [II], seja idiossincraticamente no caso dos radicais masculinos, seja por regra de redundância

morfológica no caso dos radicais femininos, caso não-marcado, apresentam a vogal /a/, enquanto manifestação fonológica do sufixo temático da classe II.

### 5.1.3 Classe Formal III

Quanto aos membros da classe III, todos eles apresentam  $\emptyset$  fonológico como manifestação do sufixo temático, posição esta que será ocupada por uma vogal epentética, nos casos em que esse elemento for requisitado. Daí a referida alternância  $\emptyset \sim e$ .

Nesta subseção, é, então, apresentada a análise dos membros da Classe III do português (32c), a qual abarca um grande número de nomes e adjetivos, sendo, conseqüentemente, interpretada como uma classe produtiva, da mesma forma que as classes I e II.

Não obstante, a classe III é considerada marcada em relação aos dois maiores agrupamentos formais. Uma das justificativas para tal marcação assenta no fato de não haver correlação estreita entre gênero e classe formal, pois III abriga palavras masculinas, bem como femininas, ao passo que as classes I e II dão primazia às palavras masculinas e femininas, respectivamente, embora não exclusivamente, (cf. 5.1.1 e 5.1.2). A outra justificativa para a marcação em relação a I e II reside no fato de os membros da classe III carregarem em suas entradas vocabulares um traço diacrítico que obsta sua equivocada integração às duas maiores classes, conforme será visto a seguir.

Os membros da classe III carregam, nas entradas vocabulares, tanto informação acerca do gênero, quanto informação de classe, semelhantemente aos casos marcados afiliados às classes I e II. Especificamente com relação à presença do traço III como informação idiossincrática dos membros dessa classe, esse funciona como um dispositivo bloqueador da aplicação da regra de redundância morfológica (33), para os radicais femininos, e daquela que direciona todos os radicais masculinos, no caso não-marcado, à classe I.

Adaptando-se a proposta de Harris (1999) ao português brasileiro, começa-se por examinar as formas que se afiliam à classe III, ilustrada em (38). Salienta-se que, identificados os membros dessa classe, é predizível a distribuição de  $\emptyset$  e /e/ como a expressão do morfema de classe formal, em (34) disponibilizada.

(38) *Classe III: Ø ~ e*

a.	/S/ <sup>16</sup>	algo <b>S</b> -Ø/algoz- <u>es</u>	/r/	ar-Ø/ar- <u>es</u>
		cru <b>S</b> -Ø/cruz- <u>es</u>		dever-Ø/dever- <u>es</u>
		feli <b>S</b> -Ø/feliz- <u>es</u>		flor-Ø/flor- <u>es</u>
		lilá <b>S</b> -Ø/lilaz- <u>es</u>		mártir-Ø/mártir- <u>es</u>
b.	C	av- <u>e(s)</u>	CC	açougu- <u>e(s)</u>
		blef- <u>e(s)</u>		alarm- <u>e(s)</u>
		cras- <u>e(s)</u>		alegr- <u>e(s)</u>
		club- <u>e(s)</u>		alqueir- <u>e(s)</u>
		cra <b>qu</b> - <u>e(s)</u>		bail- <u>e(s)</u>
		detalh- <u>e(s)</u>		bandeid- <u>e(s)</u>
		deboch- <u>e(s)</u>		bosqu- <u>e(s)</u>
		dos- <u>e(s)</u>		carn- <u>e(s)</u>
		pirâmid- <u>e(s)</u>		célebr- <u>e(s)</u>
		prenh- <u>e(s)</u>		cern- <u>e(s)</u>
		nev- <u>e(s)</u>		ciprest- <u>e(s)</u>
		tim- <u>e(s)</u>		chanc- <u>e(s)</u>
		sorvet- <u>e(s)</u>		charm- <u>e(s)</u>
				cisn- <u>e(s)</u>
				client- <u>e(s)</u>
				consort- <u>e(s)</u>
				entors- <u>e(s)</u>
				film- <u>e(s)</u>
				humild- <u>e(s)</u>
				parqu- <u>e(s)</u>
				urz- <u>e(s)</u>

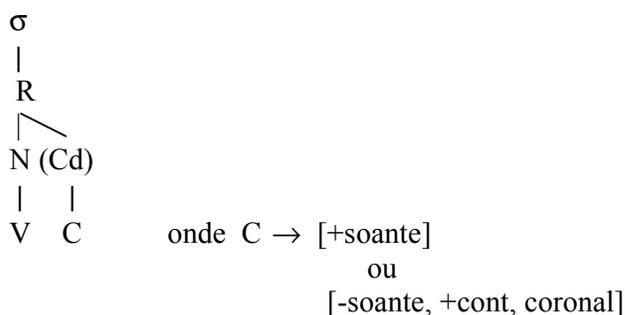
<sup>16</sup> Em palavras como *ônibus*, *lápis*, *pires*, pertencentes à tal classe formal, a consoante final que nelas aparece, ou seja, /-S/ é um segmento fonológico sem função sintática, sob a forma singular, seguindo-se Harris (1996) para vocábulos do espanhol.

Em primeiro lugar, o que faz com que todas essas palavras estejam reunidas sob a mesma classe formal, ou seja, a classe III, é o fato de os seus radicais carregarem todos, nas respectivas entradas vocabulares, o traço idiossincrático de classe, [III], cuja manifestação fonológica, no singular, é [Ø] e, no plural, é a vogal /e/, como legítimo morfema de classe formal. Como já se teve a oportunidade de observar nas figuras (36) e (37) com referência às classes I e II, respectivamente, o mapeamento de informação fonológica sobre informação morfológica ocorre no nível morfológico da gramática, através da operação de inserção vocabular. Quanto à vogal /e/ que ocorre na forma singular de todos os vocábulos da classe III, (38b), essa só é inserida no componente fonológico, seguinte ao morfológico, como se verá mais adiante.

Em segundo lugar, em termos de estrutura fonológica, os radicais aos quais é atribuído Ø, (38a), terminam em uma só consoante da classe das coronais, a soante /r/ ou a fricativa /S/, apesar de não serem essas as únicas a ocuparem a posição de final de radical – /l/ e /N/ também a ocupam, no entanto, pertencem à classe V, como veremos mais adiante. Os radicais que recebem /e/, (38b), acabam na seqüência (CC), entre as quais está incluído o glide derivado de vogal por silabação (e.g. *bail-e*, *freir-e*, *caul-e*, *noit-e*), além dos grupos de legítimas consoantes (e.g. *parqu-e*, *cond-e*, *pest-e*) – ou uma só consoante (C), que não pertença ao grupo /S r/ (e.g. *chef-e*, *bot-e*). Obviamente, a estrutura silábica ainda não está disponível para ser acessada no módulo morfológico da gramática, o que somente acontece no módulo subsequente, o fonológico, de acordo com os pressupostos teóricos da DM. Contudo, justifica-se a presença da fricativa coronal /S/ subespecificada para os traços [±sonoro] e [±ant], neste nível da gramática, em virtude de admitir-se que o português possui consoantes subespecificadas em coda, assim como /N/, conforme se verá mais adiante.

Por fim, acrescenta-se que a distribuição Ø ~ e não é acidental: as seqüências em final de palavra (38a) são fonologicamente admissíveis, quaisquer que sejam as categorias morfossintáticas dos radicais que contêm tais seqüências. Dito de outra forma, as configurações em final de palavra em questão não constituem uma peculiaridade dos radicais da classe III, mas, antes, são uma consequência do algoritmo de silabação geral do português. Particularmente, interessa aqui a condição da coda.

Em (39) apresenta-se a estrutura da Rima em português, em que está implícita uma *Rima e sua Condição de Coda*, a que esse trabalho irá, por vezes, referir-se.

(39) *A Rima e sua Condição de Coda*

As sílabas do português podem terminar em uma vogal nuclear ou podem ter coda. As codas podem ser constituídas de segmentos [+soa][+voc], isto é, vogais altas /i/, /u/, que, nessa posição, passam automaticamente a glides, ou de [+soante], como /rN/, ou [-soante, +cont, coronal], como /S/.

Salienta-se, com respeito às consoantes licenciadas por (39), o fato de as únicas que se manifestam como legítimas consoantes na forma de superfície são /r/ e /S/ (cf. *poma/r/* → [po'mar]; *xadre/S/* → [xa'dres]). A soante /N/ manifesta-se como glide vocalizado em posição final de palavra (e.g. *comu/N/* → [ko'mũ<sup>w̃</sup>] ~ [ko'mũ<sup>ñ</sup>], *ri/N/* → [ri<sup>ñ</sup>] ~ [ri<sup>ñ</sup>], *viage/N/* → [vi'aʒẽ<sup>ñ</sup>] ~ [vi'aʒi<sup>ñ</sup>] (~ [vi'aʒi])) e /l/, a seu turno, tende também à vocalização como glide dorsal [w] no singular e coronal [j] no plural (item 5.3) (cf. *cana/l/* → [ka'naw], [ka'najs]), *azu/l/* → [a'zu<sup>w</sup>], [a'zuj]; *anil* → [a'niw], [a'nijs]). A vocalização vem se mostrando incidente no português brasileiro.

O que se deve pôr em relevo é que a classe III compreende não só palavras cujos segmentos em posição final de radical atendem à restrição de coda, como (38a) (*liláS*, *flor*, *jasmiN*, *anel*), como também as que não atendem, conforme (38b) (*\*seb*, *\*part*, *\*fraud*).

A figura (40) ilustra o que se passa no componente morfológico da gramática com exemplificações de radicais afiliados à classe III, que têm, todos, o morfema de classe formal Ø, no singular. Obviamente, os mecanismos abaixo descritos ocorrem antes de adentrar no componente fonológico, no qual acontece para as formas do singular desta classe (38b) o processo de  $\mathfrak{J}$ -epêntese, em (41) apresentado, mas não aplicável às formas do plural, de acordo com (34).

(40) *Ilustrações de Membros da Classe III*a. *entradas vocabulares dos radicais*

/mar/, III

/pared/,f, III

/park/,III

b. *derivações**mar**pared**parque*[/mar/] $\mathfrak{S}$ [/pared/] $\mathfrak{S}$ [/park/] $\mathfrak{S}$ 

1

MORFOLOGIA

[ ]

[ ]

[ ]

f

a

III

III

III

b

 $\updownarrow$  $\updownarrow$  $\updownarrow$  $\emptyset$  $\emptyset$  $\emptyset$ 

2

inserção vocabular

mar + $\underline{\emptyset}$ pared+ $\underline{\emptyset}$ park+ $\underline{\emptyset}$ 

Das três derivações acima, a primeira é de um membro da subclasse (38a) e as duas seguintes de membros da subclasse (38b). A única diferença entre eles diz respeito ao número de propriedades que carregam em suas entradas vocabulares. Na linha 1a das derivações somente o radical *pared-* traz especificado o gênero ( f ), uma vez que somente a marca desse gênero tem de estar presente nas entradas vocabulares; o gênero masculino, conforme referido anteriormente, em sendo a ausência do feminino, não requer especificação, como é o caso em *mar-* e *park-*. A linha 1b apresenta para as entradas vocabulares das três formas em pauta a mesma informação, a qual tem de ser fornecida, ou seja, a afiliação de classe formal. Se assim não fora, todos os radicais em questão seriam incorretamente direcionados às duas maiores classes formais do português, em consequência os resultados seriam agramaticais. Contudo, funcionando o traço de classe formal [III] como instrumento bloqueador de regras que inexoravelmente produziriam formas incorretas, são fornecidos na linha 2 das derivações os resultados esperados, por meio da operação morfológica de inserção vocabular. Todos os membros da classe III exemplificados em (40) recebem assim  $\emptyset$  na posição do sufixo temático. Estas formas de *output* do componente morfológico da gramática servem de *input* para o componente fonológico, o qual dispõe de regras que se aplicarão sobre as formas geradas pelo módulo anterior.

Observe-se nas derivações em (40b) que, apesar das distintas terminações de final de radical, todos os três radicais são membros da classe III, uma vez que todos recebem Ø fonológico através da operação morfológica de inserção vocabular, conforme já referido. O preenchimento da posição do sufixo temático que se manifesta como Ø em todos os casos só será modificada, no que concerne aos membros da classe III (38b), no singular, no componente seguinte, o da fonologia, em virtude de, o módulo morfológico não ter acesso à estrutura silábica.

Com os elementos formais necessários para o entendimento de como são estabelecidas, no módulo morfológico, as formas que servirão de *input* para o componente fonológico, *mar-*, *pared-*, *park-*, passa-se à exposição do aparato formal sob o qual tais formas são manipuladas neste módulo, para gerar os resultados corretos: *mar*, *pared<sub>e</sub>* e *parque*.

Como vimos, os membros da classe III portam especificado o traço idiossincrático da classe a que pertencem, nas entradas vocabulares. Se assim não for, passarão automaticamente a integrar a classe que é predizível a partir do gênero que carregam. No caso dos radicais *mar-* e *park-*, por exemplo, estes seriam atribuídos à classe *default*, ou seja, à classe I, em virtude da ausência total de informação que suas entradas vocabulares atestariam, uma vez que o gênero masculino jamais é marcado, resultando daí formas outras que não as esperadas *\*maro*, *\*parco*, e mesmo formas agramaticais, como *\*professoro* em lugar de *professor*. Com referência ao radical *pared-*, por este encontrar-se especificado como portador do gênero feminino, seria, no caso de não marcação do traço de classe [III] em sua entrada vocabular, incorretamente atribuído à classe II, pela regra de redundância morfológica (33), configurando-se também neste caso uma forma agramatical *\*pareda*.

No componente fonológico da gramática, somente o primeiro dos três membros da classe III, ou seja, *mar\_*, em (40) ilustrados, tem sua representação fonológica subjacente plenamente silabificável, os demais são marcados como estruturas mal-formadas *\*pared\_* e *\*park\_*. É chamada, então, a epêntese a fim de preencher a posição do morfema de classe formal que permaneceu vazia até este ponto. Note-se que esse processo não se circunscreve a corrigir estruturas silábicas mal-formadas, em virtude da presença de segmentos sistematicamente proibidos nas codas em português, como é o caso de /d/ e /k/, em *\*pared\_*

e *\*park\_*, mas, sobretudo, de reparar a estrutura morfológica, mais precisamente à posição do sufixo temático que, agora, com informação fonológica, será devidamente preenchida.

Em suma, todos os radicais integrantes da classe III que não têm uma consoante licenciada em coda necessariamente receberão a vogal epentética /e/ na posição destinada à manifestação fonológica do morfema de classe, o qual, por ser  $\emptyset$ , permanece vazio na fonologia, requerendo, pois, o preenchimento dessa posição. Em (41), apresenta-se o mecanismo de epêntese.

(41)  $\mathfrak{I}$ -epêntese (ap. Harris, 1999, p. 68)

$$\emptyset \rightarrow e / C \text{ \_ } ]_x^0$$

$\mathfrak{I}$   
 $\downarrow$   
 $\neq$   
 $\sigma$

Note-se mais uma vez que o processo acima formalizado está indubitavelmente conectado à morfologia. De acordo com (41),  $\emptyset$  fonológico é substituído pela vogal /e/ unicamente se a posição do morfema de classe formal ( $\mathfrak{I}$ ) que se encontra vazia estiver à borda da palavra ( $x^0$ ), e que a consoante (C) em posição precedente permanece silabicamente desassociada pelo fato de não ser licenciada por (37). Se tais condições não forem satisfeitas, o processo de epêntese não acontece, é o que veremos a seguir, no tratamento dos plurais da classe III. Adianta-se que o plural dessas formas, assim como a sua forma singular, também é previsto, ou seja, o morfema de classe formal de todos os vocábulos integrados à classe III, no plural, manifesta-se inexoravelmente como o morfema de classe formal /e/. Dito de outra forma, não há epêntese no plural da classe III. A epêntese é processo aplicado exclusivamente às formas no singular, jamais no plural.

Apresenta-se em (42) o efeito conjunto de (34) e (41) sobre os membros da classe III, *mar\_*, *pared\_* e *parque\_*, agora com mais detalhes, em que *Inserção Vocabular* está por manifestação fonológica do morfema de classe formal.

(42) *Ilustração do Funcionamento de S-epêntese sobre Membros da Classe III*

<i>mar</i> III N    S ↓    ↓ mar    Ø	<i>parede</i> III N    S ↓    ↓ pared    Ø	<i>parque</i> III N    S ↓    ↓ park    Ø	MORFOLOGIA  inserção vocabular
mar_ mar.  [ˈmar]	pared pa.re.<d>  e pa. re.de. [paˈredi]	park par.<k>  e par. ke. [ˈparki]	FONOLOGIA  silabação S-epêntese (41) silabação saída <sup>17</sup>

Como se pode observar, os três exemplos da classe III recebem Ø no singular, como morfema de classe formal no componente morfológico, via inserção vocabular. Porém, os radicais *pared-* e *park-* recebem a vogal epentética /e/, no componente fonológico da gramática. Trata-se de vogal epentética que assume o papel de morfema de classe formal por entrar na posição deste morfema.

Enfim, (42) mostra que o processo de inserção vocabular, no componente morfológico, não fornece qualquer expressão fonológica a nenhum dos radicais da classe III, /mar-/, /pared-/ e /park-/. No componente fonológico, a silabificação subsequente produz as estruturas imediatamente abaixo da linha horizontal. A *Rima e sua Condição de Coda* (39) permite que a soante /r/, seja silabada, mas assinala como mal-formadas as obstruintes finais /d/ e /k/, em *pared-* e *park-*, respectivamente. Então, o processo de S-epêntese (41) é chamado, desencadeando a inserção da vogal /e/ na posição do morfema de classe formal nos radicais *pared-* e *park-*, e os segmentos /te/ e /ke/ são silabados conforme esperado, resultando daí os *outputs* corretos: *pa.re.de* e *par.ke*. Quanto à palavra *mar*, esta nenhuma alteração sofre, no singular, em virtude de a soante líquida /r/ ser licenciada por (39). É de suma importância observar que, no caso dos radicais *pared-* e *park-*, a vogal epentética preenche o espaço reservado à manifestação do morfema de classe formal.

<sup>17</sup> Regras de acentuação, neutralização, palatalização e outras pressupostas nas formas de saída não estão representadas, porque fogem ao principal objetivo deste estudo.

O fato de a gramática do português ser capaz de produzir derivações como essas é previsto pelo modelo de organização gramatical assumido pela DM. Esta abordagem pressupõe que, em sendo o módulo morfológico precedente ao fonológico, a informação deste componente seja sensível à informação morfológica, como é o caso da derivação ilustrada em (42), em que o processo de *Ṣ-epêntese* (41) é sensível à informação morfológica.

Com relação às demais classes, diz-se que a classe III é mais marcada, em virtude da quantidade de informação que seus membros devem carregar nas entradas vocabulares. Se femininos, sempre tem de estar presente não só a marca do gênero ‘f’, bem como o traço de classe a que pertencem; este funciona, conforme já mencionado, como um mecanismo bloqueador de uma possível integração equivocada à classe não-marcada para os femininos, ou seja, a classe II. Se masculinos, estes têm de carregar sempre o traço de classe formal a que pertencem, sob pena de serem também direcionados equivocadamente à classe *default*, ou seja, a classe I, abrigo maior dos vocábulos masculinos.

Por fim, outra observação a ser feita é a que diz respeito à produtividade desta classe. A classe III aceita livremente vocábulos novos, assim como as classes I e II. Aliás, na classe III há dois tipos de evidências que sugerem tenderem empréstimos realmente a ser assimilados à língua: a) ajustam-se à morfologia derivacional com sufixos nativos (cf. *líder+ar*; *gol+aço*) e b) são as formas plurais desses empréstimos contemporâneos que integram a classe III (38a), *líderes*, *placares*, recebendo o acréscimo da vogal /e/ antes do S-plural.

Enfim, as palavras que não requerem a presença de uma vogal ao lado da consoante do radical, ou seja, aquelas que carregam terminações licenciadas pela coda (38a), são identificadas por NULO, no plano fonológico. As palavras, cujos radicais carregam consoantes ou grupos de consoantes não-licenciados pela coda, são identificadas pela vogal /e/ (38b), no plano fonológico. Note-se, desta feita, que este preenchimento não se dá no componente morfológico da gramática, em que os legítimos morfemas de classe formal das classes I e II, /o/ e /a/, respectivamente, já entraram e no qual entrará também o /e/ temático de classe IV (cf. item 5.1.4). Contudo, a posição ocupada por /e/, nos membros da classe III, que acontece via processo de *Ṣ-epêntese* (41), é a mesma preenchida por /a/ e /o/ no módulo anterior, ou seja, a posição do morfema de classe formal (Ṣ), embora a vogal /e/ que se manifesta nos membros da classe III, paradigma do singular, não seja a legítima manifestação do sufixo temático desta classe. Em sendo

assim, a vogal /e/ nos membros da classe III assume, tardiamente, ou seja, na fonologia, a posição do sufixo temático. Ela pode ser, então, considerada, um morfema de classe formal não de *direito*, mas de *fato*.

É importante observar que, sob o enfoque da DM, conforme referido anteriormente, há uma condição de boa-formação morfológica vigente para muitas línguas, além do português – o próprio latim, o armênio (cf. Halle & Vaux, 1997), o russo (cf. Halle, 1995), o catalão (cf. Oltra-Massuet, 1999), o italiano (cf. Calabrese, 1998), o espanhol (cf. Harris, 1999). Segundo esta condição de boa-formação, todos os nominais somente são bem formados se ao radical (N e A no presente caso) é adicionado um morfema de classe formal, cuja manifestação fonológica pode ser inclusive Ø. Este é o caso de todos os membros da classe III, no componente morfológico da gramática, conforme (42). Somente no componente fonológico é que a estrutura silábica pode ser acessada, via (34), e as más-formações resolvidas, via (41), sem jamais descuidar da posição do morfema de classe formal que permaneceu vazio até a fonologia, conforme (42), e que agora será ou não preenchido com traços fonológicos, como é necessariamente o caso de todos os membros da classe III (38b).

Sumariando, os dois subgrupos em (38) fazem parte da classe formal III, porque seus membros estão em distribuição complementar. Ou seja, enquanto o subgrupo (38a) possui a propriedade peculiar de todos os seus radicais terminarem em consoantes que satisfazem a *Rima e sua Condição de Coda* (39), por isso o Ø no contexto final; o subgrupo (38b) abriga todos os demais radicais cuja seqüência final não satisfaz a referida condição, carregando, não só por essa razão, a vogal /e/, como anteriormente explicitado.

Com relação aos plurais da classe III, estes são tratados diversamente de suas formas no singular, com respeito ao morfema de classe formal, uma vez que, como veremos no item 5.1.4, recebem a vogal /e/ ainda no componente morfológico da gramática, tal os integrantes da classe IV.

#### 5.1.4 Classe Formal IV

Este grupo de palavras, cujos radicais terminam em segmentos permitidos pela *Rima e sua Condição de Coda* (39), carrega, por razões específicas, a vogal /e/ como morfema de classe formal, diferentemente dos membros da classe III, no singular, mas semelhantemente aos membros desta classe, no plural.

Enfim, reconhece-se, em português, a existência de uma classe formal constituída de pequeno número de nomes e adjetivos, os quais, a despeito de seus radicais terminarem em consoantes licenciadas pela coda, recebem a vogal /e/, como morfema de classe formal, é a denominada *classe IV*. Em outras palavras, a vogal /e/ presente nos membros da classe IV é identificada como a manifestação do morfema temático dessa classe, ilustrada a seguir (43). Isso significa que tal vogal, adicionada aos radicais portadores idiossincraticamente do traço de classe [IV], é, pois, a legítima *vogal temática /e/*. Contrariamente ao que acontece aos radicais da classe III, conforme mostrado na seção 5.1.3, que carregam uma vogal epentética /e/ na posição do morfema de classe formal.

Enfim, na classe IV, diferentemente da classe III, no singular, a vogal /e/ é interpretada como um legítimo morfema de classe formal como /o/ e /a/. Entretanto, vale referir que se trata do menor conjunto de todos tratados até então, ilustrado em (43).

#### (43) *Classe IV e seus Membros*

/r/	folclor- <u>e</u> (s)
	escor- <u>e</u> (s)
	mármor- <u>e</u> (s)
/l/	control- <u>e</u> (s)
	mol- <u>e</u> (s)
	pel- <u>e</u> (s)
	tul- <u>e</u> (s)
/s/	alfac- <u>e</u> (s)
	ápico- <u>e</u> (s)
	class- <u>e</u> (s)
	muss- <u>e</u> (s)

A Classe IV<sup>18</sup> é interpretada como sendo o conjunto de exceções à generalização que encerra (38a) da classe III (e.g. *mar*, *cóS*), isto é, nomes e adjetivos do português não têm a vogal /e/ de classe formal após um segmento silabificável. Logo, em sendo um conjunto de exceções, é esperado que o número de palavras que a integram seja pequeno, como de fato o é. Cerca de pouco mais de meia centena de palavras integra esta classe, entre elas há muitos termos eruditos, como *mêmore*, *óbice*, *súplice*, restando em torno de vinte palavras que, de modo geral, são utilizadas pelos falantes do português. Além disso, um argumento em prol da raridade do uso do /e/ temático, no português, é o fato de ser extremamente escasso o número de empréstimos na língua que carreguem tal vogal átona final (e.g. *escore*, *musse*, *estresse*<sup>19</sup>), diferentemente do comportamento atestado na classe III (cf. *líder*, *placar*, não \**lídere*, \**placare*).

Derivações ilustrativas que mostram o efeito de (34a), ou seja, efeito da *Inserção Vocabular*, operação morfológica que insere conteúdo fonológico na posição do sufixo temático, são dadas em (44).

(44) *Ilustrações de Membros da Classe IV*

a. *entradas vocabulares dos radicais*

/bul/, IV  
/klas/,f, IV

b. *derivações*

<i>bule</i>	<i>classe</i>		
[/bul/]S	[/klas/]S	1	MORFOLOGIA
[ ]	[ ]		
IV	f IV	a b	
↓	↓		
e	e	2	inserção vocabular
bul+e	klas+e		

<sup>18</sup> Nesta classe, há um conjunto de exceções cujos radicais terminam em duas vogais: *série*, *tênuê*.

<sup>19</sup> Existem as variantes *estresse* ~ *estrês*; diz-se, no entanto, que a primeira forma atesta, de fato, a presença do /e/ temático (e.g. *estres*+e), porque do radical *estres*- surge a forma *estressar* e não \**estre*[z]ar, como se esperaria se o radical fosse *estre*S-+Ø.

Observa-se em (44a), que ambos os radicais carregam o traço diacrítico da classe à qual se integram, IV, esta informação em suas entradas vocabulares não permite que sejam incorretamente afiliados às duas maiores classes da língua, I e II. O radical feminino, como de praxe, carrega obrigatoriamente a especificação de gênero ( f ). Com relação à linha 1a (44b), pode ser visto o que faz a diferença entre os radicais masculinos e femininos sob tal agrupamento formal. O radical masculino *bul-* não expressa qualquer marca de gênero, o feminino *klas-* carrega necessariamente especificada a informação ( f ). Se as informações dadas se resumissem a essas, ver-se-ia a geração de formas agramaticais *\*bul<sub>o</sub>* e *\*klas<sub>a</sub>*. Na linha 1b, é fornecida, para ambas as entradas vocabulares, o traço de classe [IV], independentemente do gênero que carregam. Esse mecanismo é o mesmo aplicado aos radicais afiliados às demais classes (cf. *libid<sub>o</sub>*-I; *planet<sub>a</sub>*-II, etc.). Finalmente, na linha 2, a operação de inserção morfológica fornece o item vocabular correspondente ao traço [IV], a vogal /e/. Assim, as formas corretas são geradas: *bul+e* e *klas+e*.

Antes de serem vistas derivações de ambas as classes, III e IV, lado a lado, repetindo a primeira, é mister revisar dois importantes pontos com respeito à constituição desses agrupamentos formais, sob a perspectiva da DM.

O primeiro diz respeito ao fato de a vogal final /e/ que aparece em final de palavra nos membros da classe III, subgrupo (38b), no singular, ser uma vogal totalmente previsível em tal contexto, uma vez que não há palavras no português que possam terminar em seqüências proibidas pela *Rima e sua Condição de Coda* (39); daí a entrada esperada e necessária desta vogal via epêntese (41), na posição do sufixo temático da classe III, no componente fonológico da gramática. Quanto aos membros da classe III, subgrupo (38a), no singular, essa vogal não aparecerá em virtude de as consoantes que porventura acompanharia são licenciadas por (39). No que concerne aos membros do subgrupo (38b), destaca-se o fato de, independentemente das propostas teóricas sob as quais diversos estudiosos empreenderam seus trabalhos, a vogal /e/ é inserida em final de palavra após consoantes ou grupos de consoantes não licenciados pela coda (cf. Leite, 1974; Girelli, 1988; Lee, 1995; Collischonn, 1997; Bisol, 1999a).

O segundo ponto concerne à razão por que a vogal /e/ cuja manifestação se dá no final de palavra nos membros da classe IV (43) é o legítimo morfema de classe formal /e/, da mesma forma que /a/ e /o/. Observem-se os pares opositivos *vale-vala-valo*, *passe-passa-passo*, *are-ara-aro*, se a vogal /e/ que se manifesta no final dessas palavras não fosse

subjacente, em chegando ao componente fonológico da gramática, nada indicaria a necessidade de após as soantes /l r/ ter de seguir um elemento vocálico ou mesmo após a fricativa surda /s/, dado que a realização não-marcada do arquifonema /S/, em final absoluto seguido de pausa (cf. Câmara Jr. 1976), é a fricativa coronal surda. Desta feita, a fonologia, por si só, não poderia dar conta desses casos, uma vez que as consoantes em final de radical que aparecem nos radicais da classe IV são perfeitamente silabificáveis, assim como as que aparecem nos radicais da classe III (38a).

Em (45), apresentam-se lado a lado derivações ilustrativas de membros da classe III, subgrupos (38a) e (38b), bem como de um membro da classe IV, nas formas de singular e plural, em que se pode observar o efeito conjunto da operação morfológica de *inserção vocabular* e do processo de  $\mathfrak{S}$ -epêntese (41).

(45) *Derivações de Membros das Classes III (singular e plural) e IV (singular)*

	<i>bar</i>	<i>bares</i>	<i>bote</i>	<i>botes</i>	<i>posse</i>	
a. III	b.III	c.III	d.III	e.IV		
N	$\mathfrak{S}$	N $\mathfrak{S}$ PL	N $\mathfrak{S}$	N $\mathfrak{S}$ PL	N $\mathfrak{S}$	MORFOLOGIA
↓	↓	↓ ↓ ↓	↓ ↓	↓ ↓ ↓	↓ ↓	
bar	Ø	bar e S	bɔt	Ø	bɔt e S	pos e
						inserção vocabular
<hr/>						
	bar	bar e S	bɔt	bɔt e S	pos e	FONOLOGIA
	bar.	ba.reS	bɔ.<t>	bɔ.teS	pɔ.se	silabação
			e			$\mathfrak{S}$ -epêntese (41)
			b ɔ . t e			silabação
	[ˈbar]	[ˈbares]	[ˈbɔte]	[ˈbɔtes]	[ˈpɔse]	saída

Através de (45) pode-se verificar que o processo de inserção vocabular, no componente morfológico da gramática, insere Ø fonológico na posição temática dos radicais da classe III, para *bar-* e *bɔt-* em (45a,c), no singular, como vimos em (42).

Contrariamente, em (45b,d,e), a vogal /e/ é inserida, como morfema de classe formal, tanto na posição do sufixo temático da classe III, no contexto de [plural] (*bares, botes*), como também na posição do sufixo temático do radical da classe IV, singular, exemplificado pelo radical *pɔs-*. No componente fonológico, a silabificação subsequente produz as estruturas imediatamente abaixo da linha horizontal em (45). No que diz respeito às formas plurais da classe III, tanto quanto a forma singular da classe IV, nessas, a posição do sufixo temático já vem preenchida da morfologia, logo, nada há a fazer, senão silabar. Quanto às formas da classe III, no singular, essas são vistas pela *Rima e sua Condição de Coda* (39), a qual permite que a soante /r/, em *bar*, seja silabada, mas proíbe a silabação da obstruinte final /t/, em *bɔt-*. Então, o processo de  $\mathfrak{I}$ -epêntese (41) insere a vogal /e/ na posição do morfema de classe formal no radical *bɔt-*, e os segmentos /te/ são silabificados conforme esperado. Os resultados finais mostram os *outputs* corretos: *bar.*, *pɔ.se* e *bɔ.te*. E as formas plurais da classe III, bem como a forma singular da classe IV também emergem corretamente: *ba.res*, *bɔ.tes* e *pɔ.se*.

O que foi descrito, e está exemplificado em (38a,b) para a classe III e em (43) para a classe IV, está de acordo com (34), em que o morfema de classe formal dos membros da classe III, no contexto do plural, é o sufixo temático /e/, tanto quanto o é nos membros da classe IV.

Poder-se-ia levantar ainda a possibilidade de unirem-se as classes III e IV do português sob um mesmo agrupamento formal, assim como propôs Harris (1991b) para o espanhol, à luz da Fonologia Lexical. No entanto, se tal união, em um primeiro momento, parece ser mais econômica, permitindo uma explicação mais elegante no que concerne à constituição das classes formais do português, em um segundo momento, constata-se que a nova classe seria construída à custa de ajustamentos *ad hoc*.

Lembremos que a manifestação fonológica do morfema de classe formal da classe III é  $\emptyset$  fonológico – o que se dá no componente morfológico da gramática. Somente no componente fonológico é que os radicais cujas consoantes ou grupos de consoantes finais são proibidos pela coda do português sofrerão o processo de epêntese, (41), que insere a vogal /e/ na posição destinada ao morfema de classe formal, em posição seguinte a uma consoante extraviada. A classe IV, por sua vez, tem como manifestação fonológica do sufixo temático desta classe a vogal /e/. Tal segmento, nos membros da classe IV, não surge por quaisquer motivações de ordem fonológica, ou seja, dado que os radicais aí abrigados carregam em

posição final consoantes plenamente silabificáveis, é inesperada a presença da vogal /e/ depois de elementos consonantais licenciados. Logo, a explicação única é de que a presença da vogal /e/, nos membros da classe IV, é entendida como uma informação subjacente, no sentido de não-sujeita à fonologia.

Ao reunir ambas as classes, III e IV, sob um só tipo, ter-se-ia de admitir, em primeiro lugar, a existência da vogal final /e/ exercendo dois papéis distintos, o de vogal epentética, para os radicais terminados em consoantes e grupos de consoantes não-licenciados pela coda e o de vogal subjacente, conferida aos radicais que têm consoantes licenciadas pela coda da língua. Em segundo lugar, essa nova classe formal ficaria com um número significativo de palavras que deveriam ser entendidas como *exceções*. Ora, esperar-se-ia que as *exceções* fossem em número verdadeiramente pouco extenso, mas não é o que ocorre. O fato é que o número de palavras elencado sob a classe IV é considerado pequeno para constituir uma classe, mas não o é enquanto um conjunto de vocábulos de exceção. Note-se, ademais, que o presente trabalho faz referência à meia centena de palavras, sem se fazer alusão a termos técnicos, específicos de uma determinada área, o que elevaria consideravelmente o número de vocábulos que inesperadamente carregam o morfema de classe formal /e/ (e.g. *átele, cabole, filele, martingale, parêmbola, secale, decare, flare, loesse*).

Quanto à nova classe formal, é mister salientar, por outro lado, que, dado serem as entradas vocabulares para sufixo temático (34a) fornecidas no componente morfológico da gramática, estar-se-ia tratando de formal igual, porém equivocadamente, o que exige ser tratado diferentemente – radicais que recebem /e/ por epêntese, classe III, o que se dá no componente fonológico da gramática, e radicais que recebem /e/ sem qualquer conexão com aspectos fonológicos da língua, em termos de estrutura silábica, classe IV. Em outras palavras, a vogal /e/ seria entendida como a legítima (i.e., subjacente) manifestação do morfema de classe formal para todas as palavras dessa nova classe, ou seja, seria inserida no componente morfológico da língua. Por conseguinte, teria de se empregar um mecanismo *ad hoc* para sinalizar que parte desta classe não recebe a vogal /e/ no componente morfológico da gramática – pois há evidências não só sincrônicas quanto diacrônicas de que muitos desses vocábulos são empréstimos de outras línguas que se adaptaram ao sistema do português, não sendo, logo, portadores do morfema de classe formal /e/, mas da vogal /e/ enquanto vogal epentética, ou seja, segmento anexado ao radical no componente fonológico da língua, jamais

no módulo morfológico, mesmo que condições morfológicas, à luz da presente proposta, tenham também de ser consideradas para que o segmento epentético seja inserido.

Além disso, as palavras terminadas em consoantes licenciadas pela coda constituiriam outro problema nesta nova classe, uma vez que jamais carregam, na forma singular, a vogal /e/. Então, essas deveriam constituir exceção, mas o fato é que existem em número bastante grande, sendo muitas, dentre elas, empréstimos contemporâneos plenamente adaptados ao sistema do português. Eis outro impasse.

Poder-se-ia conceber, então, que todos os membros dessa nova classe carregariam  $\emptyset$  fonológico como morfema de classe formal, ou seja, como informação dada na morfologia, recebendo a vogal /e/, na posição do sufixo temático, somente no componente fonológico da gramática. Porém, aí o problema consistiria em como tratar as palavras que carregam a vogal /e/ como legítima manifestação do morfema de classe formal, ou seja, cuja manifestação fonológica ocorre ainda no módulo morfológico da gramática. É necessário lembrar que os radicais que compõem essas palavras são terminados em consoantes licenciadas pela coda, assim sendo, em chegando à fonologia, o processo de epêntese (41) não seria chamado, visto que, apesar de a posição do morfema de classe formal manter-se vazia, a consoante em posição precedente não estaria extraviada. Em suma, os *outputs* não seriam os esperados.

Sumariando, o aparato formal da DM permite mostrar de forma bastante simplificada que a divisão entre classe III e classe IV, em português, é pertinente, pois capta a generalização de que há uma classe de palavras cuja vogal final /e/ é, de fato, mais subjacente (classe IV) do que a vogal epentética /e/ que se manifesta nas palavras da classe III. Essa divisão, não em termos de nomenclatura adotada, mas quanto aos vocábulos que devem carregar a vogal subjacente /e/ – enquanto morfema de classe formal, e os que devem receber a vogal epentética /e/ é atestada não só em português, conforme os dados deste trabalho tentam mostrar, mas também no espanhol (cf. Harris, 1999) e no galego (cf. Martínez-Gil, 1997).

No próximo item, passa-se a tratar da classe V, em (32e) ilustrada, cuja manifestação fonológica do morfema de classe formal é  $\emptyset$ , tanto para o singular como para o plural.

### 5.1.5 Classe formal V: Palavras com morfema de classe formal zero

A classe V diferencia-se de todas as demais vistas até então. O morfema de classe formal de seus membros recebe, tanto no singular quanto no plural, Ø fonológico. Quanto à forma plural, a regra é a mesma aplicada nos membros das classes anteriormente vistas, ou seja, somente /-S/ é inserido, na posição reservada ao morfema [pl].

É nesta classe, em (46) mostrada, que se agrupam palavras terminadas em /l/, /N/ – que não puderam ser integradas à classe III por jamais terem a posição temática preenchida com segmentos vocálicos, senão Ø fonológico, conforme já referido. Aí também se incluem as terminadas em vogal acentuada (V) e em ditongo.

#### (46) Classe V e seus Membros

- |        |                       |        |               |
|--------|-----------------------|--------|---------------|
| a. /l/ | anel-Ø / anéi-Ø(s)    | b. /N/ | jardĩ[j]-Ø(s) |
|        | barril-Ø / barri-Ø(s) |        | vintẽ[j]-Ø(s) |
|        | fácil-Ø / fácei-Ø(s)  |        | homẽ[j]-Ø(s)  |
|        | sol-Ø / sói-Ø(s)      |        | atũ[w]-Ø(s)   |
| c. V   | araçá-Ø(s)            | d. VV  | boi-Ø(s)      |
|        | café-Ø(s)             |        | cacau-Ø(s)    |
|        | ipê-Ø(s)              |        | confrei-Ø(s)  |
|        | jabuti-Ø(s)           |        | herói-Ø(s)    |
|        | jiló-Ø(s)             |        | pai-Ø(s)      |
|        | robô-Ø(s)             |        | perau-Ø(s)    |
|        | urubu-Ø(s)            |        | troféu-Ø(s)   |

Os quatro distintos grupos de palavras exemplificados em (46) constituem a denominada classe V do português. Aí figuram em virtude da semelhança única compartilhada por todos: o Ø fonológico que recebem por inserção vocabular, na posição do

sufixo temático, seja no singular seja no plural. Eis a razão por que estão reunidos sob uma mesma classe elementos que, em princípio, diferem por suas terminações. Esta classe será retomada na seção 5.3 e seções subseqüentes.

Nesse momento da análise, vale pontuar as seguintes conclusões:

- a- As classes formais do português não são classes de gênero, uma vez que todas carregam radicais masculinos e femininos, em maior ou menor número, bem como radicais desprovidos de gênero (como é, entre outros, o caso dos radicais adverbiais não contemplados neste trabalho).
- b- Todos os radicais masculinos, assim como os poucos femininos idiossincraticamente portadores do traço de classe formal [I], recebem /o/, como manifestação fonológica / subjacente do morfema de classe formal da Classe I, a classe *default*, de acordo com (34).
- c- Todos os radicais que carregam o traço de classe formal [II], seja idiossincraticamente, no caso dos radicais masculinos, seja por regra de redundância morfológica, no caso dos radicais femininos, no caso não-marcado, recebem a vogal /a/ como manifestação fonológica do morfema de classe formal de classe II.
- d- Todos os radicais da classe III, cuja atribuição de classe formal é idiossincrática, recebem Ø fonológico, no singular, como a manifestação do morfema de classe formal da classe [III], no componente morfológico da gramática (38a-b). Quando tais formas chegam à fonologia, necessariamente a *Rima e sua Condição de Coda* (39) licencia os radicais de (38a), mas não os de (38b), porque são interpretados como mal-formados. Neste caso, então, a *S-epêntese* (41) é chamada e insere na posição destinada à manifestação fonológica do morfema de classe formal, à borda da palavra, a vogal /e/, permitindo assim a silabificação correta. Por outro lado, todos os radicais da classe III, no contexto do plural ([pl]), recebem o morfema de classe formal /e/ na posição do sufixo temático desta classe, ainda no componente

da morfologia. Ao chegarem à fonologia, tais formas só têm de ser silabadas, tal como ocorre aos membros da classe IV.

- e- Todos os radicais que carregam o traço de classe formal [IV], os quais são exceções à generalização de que nomes e adjetivos do português não carregam /e/ temático após um segmento silabificável (38a), além de /l/, têm a posição do sufixo temático preenchida ainda no componente morfológico da gramática, com a vogal /e/, através da operação morfológica de inserção vocabular, assim como os radicais da classe III, no contexto de [pl]. Os membros da classe IV, quando chegam à fonologia, estão prontos para serem silabados, nada mais necessitando ser feito, assim como os plurais da classe III.
  
- f- Com referência à classe V (32e), como se pôde observar, essa se diferencia de todas as demais por receber o mapeamento de Ø fonológico sobre o morfema de classe formal e não sofrer qualquer alteração no componente fonológico da gramática, isto é, permanece com [Ø]. Desta feita, palavras terminadas em vogal mais nasal (VN) ou vogal mais soante líquida lateral (VL) serão aí integradas, pois nunca recebem uma vogal que compareça na posição reservada à manifestação do sufixo temático.
  
- g- É importante observar também, relativamente às classes III e IV, ser mais natural, nas palavras do português, encontrar-se a vogal átona final /e/ inserida por epêntese, mesmo que assuma a posição do sufixo temático (classe III), do que seja, de fato, a vogal temática /e/, de caráter imprevisível. Isso mostraria que as vogais /o, a/ são mais produtivas do que /e/, em termos de morfema de classe formal legítimo.

Conclui-se, das observações feitas, que, à luz da DM, os morfemas de classe formal (S) ou sufixos temáticos são entidades puramente morfológicas adicionadas a radicais nominais, adjetivais, portadores de traços de classe formal, [I, II, III, IV, V]. São os sufixos temáticos desses radicais de classe formal que adquirem substância fonológica (= conteúdo

fonológico, expoente fonológico, manifestação fonológica de morfema de classe formal), não o gênero que os radicais possam carregar em suas entradas vocabulares.

Enfim, sob a perspectiva da DM, com o postulado da condição de boa-formação morfológica, a qual exige a adição de um morfema de classe formal ao radical, seja ele nominal ou adjetival, é que as palavras atingirão o *status* de bem-formadas morfológicamente.

Todavia, faltam ainda outros pontos que serão agora considerados.

## 5.2 O plural dos membros de classe formal

É mister lembrar que, à luz da DM, é majoritariamente aceita a noção de a inserção dos morfemas ser cíclica, iniciando no morfema mais internamente encaixado, o morfema-raiz, até chegar ao mais externo, seja ele o morfema de classe formal, no caso de palavras não-verbais no singular, ou morfema de plural, no caso de as formas estarem pluralizadas. À luz dos pressupostos teóricos da DM, a formação do plural conta com uma só entrada para o morfema [plural] em nomes e adjetivos, a qual se manifesta em português invariavelmente como a fricativa coronal /-S/, conforme mostrado em (34b). Isso significa que todos os membros das classes formais do português fazem o plural mediante uma só forma: a adjunção do sufixo /-S/ à palavra. Tal idéia é amplamente aceita não só na literatura do português, independentemente da teoria assumida pelos lingüistas (cf. Saint-Clair, 1971; Leite, 1974; Câmara Jr., 1995 [1970]; Morales-Front & Holt, 1997; Redenbarger 1997; Bisol, 1998), bem como em outras línguas românicas, tal o espanhol (Harris, 1999; Hualde, 1991) e o galego (Martínez-Gil, 1997).

Como (34a) explicita, com referência aos plurais da classe III, subgrupos (38a) e (38b), a vogal /e/ que aparece nessas formas preenchendo a posição do sufixo temático (S), na posição precedente à do sufixo de plural (e.g. *botes*, *bares*, *gazes*, *condes*, etc.), é um segmento inserido ainda no componente morfológico da gramática, portanto, uma informação subjacente, sem qualquer relação com o componente fonológico da língua. Por outro lado, (38b), cuja consoante final não está licenciada pela silabação em coda, recebe uma vogal epentética no componente fonológico.

Aliás, a idéia de a vogal /e/ que se manifesta nas formas plurais das palavras da classe III ser a manifestação do morfema de classe formal, não é nova em português. Câmara Jr. (1976, p. 79), numa explicação diacrônica acerca da manutenção da vogal /e/ na forma plural das palavras acabadas em *-s*, *-l<sup>20</sup>*, *-r*, provenientes da 3ª declinação latina acabada em *e*, afirma: (...) *a vogal e do tema no plural se mantém, porque a sibilante de travamento impede essa mudança: (...) mares > mares; menses > meses; males > males*. Em termos sincrônicos, o autor assume que a razão de o plural assim se manter está conectada à fonologia da língua, ou seja, *a estrutura fonológica da língua não aceita grupos consonânticos finais /rs/, /ls/, muito menos uma geminação /ss/*. *Esse mesmo fenômeno também ocorre em empréstimos como revólver ou gás, cujas formas plurais são obrigatoriamente acrescidas da vogal /e/ (e.g. revólveres, gases)*. É também o que se assume neste trabalho, sob a perspectiva da DM, para os empréstimos assimilados ao português, conforme anteriormente explicado (item 5.1.3).

Os plurais da classe III, no presente trabalho, à luz da DM, são resolvidos de maneira simples, corroborando a hipótese de Mattoso Câmara, relativamente à *-r, s-*. A inserção da vogal /e/ é perfeitamente predizível entre essas consoantes, /r S/, e o /S/-plural, em termos de traços gramaticais, a vogal /e/ é inserida no seguinte contexto [III] \_\_\_ [pl]. Esse funcionamento justifica-se pelo fato de, em sendo Ø a manifestação fonológica do morfema de classe formal da classe [III], na forma singular, este conteúdo fonológico não pode permanecer ao lado do /-S/ plural, porque a estrutura fonológica da língua não permite; logo, os membros da classe III têm, ambas as posições, plural e morfema de classe, preenchidos na morfologia. Observem-se os exemplos de *mar+e+s* e *park+e+s*, em ambos a vogal /e/, que está entre o radical e o morfema de plural, é inserida no componente morfológico da gramática, portanto, é o morfema de classe formal /e/, ao passo que em *park-e* o /e/ final é epentético, pois a posição do morfema de classe formal acontece à borda da palavra, como já foi referido.

Observe-se, em (47), a inserção do conteúdo fonológico atribuído a cada um dos morfemas.

---

<sup>20</sup> Lembra-se que palavras, cujos radicais acabam em /l/, fazem parte da classe V em português, da qual se tratará com detalhe no item 5.3.

(47) *Singular e Plural: Classe III* (38a-b) (Derivações simplificadas)

<i>Singular</i>			
(38a)	(38b)		MORFOLOGIA
a. X + $\mathfrak{S}$	b. X + $\mathfrak{S}$		
↓ ↓	↓ ↓		
bar + $\emptyset$	park + $\emptyset$		
bar _	park e (epentético)		FONOLOGIA
<i>Plural</i>			
c. X + $\mathfrak{S}$ + <b>PL</b>	d. X + $\mathfrak{S}$ + <b>PL</b>		MORFOLOGIA
↓ ↓ ↓	↓ ↓ ↓		
bar + e + S	park + e + S		
bar e S	park e S		FONOLOGIA
<i>bar / ba.res</i>	<i>par.ke / par.kes</i>		<i>saídas (a-d)</i>

Observa-se que a única diferença entre as formas no singular *bar* (47a) e *parque* (47b) das respectivas formas no plural *bares* (47c) e *parques* (47d) é o fato de as primeiras estarem no singular, não carregando, pois, o morfema de plural (PL), o qual se manifesta, no entanto, nas segundas. Vale lembrar que a posição do sufixo temático ( $\mathfrak{S}$ ) de ambas as formas no singular *bar* (47a) e *parque* (47b), se manifesta como  $\emptyset$ , no componente morfológico da gramática. Porém, a palavra *parque* (47b) receberá a vogal /e/ por epêntese, na posição do sufixo temático, no componente fonológico da gramática, ou seja, após a morfologia; desta feita a vogal é epentética. Quanto aos plurais *bares* (47c) e *parques* (47d), nesses a posição temática a ser preenchida com a vogal /e/ na posição precedente ao sufixo /S/ também coincide com a posição temática preenchida por epêntese na palavra *parque*, (47b), porém o preenchimento ocorre ainda no componente morfológico da gramática; logo, é morfema de classe formal /e/.

Em suma, ao chegar à fonologia, todas as posições das formas plurais (X +  $\mathfrak{S}$  + PL), (47c-d), já terão sido devidamente preenchidas. Daí, a vogal /e/, nos plurais da classe III, ser concebida como um segmento subjacente preenchido ainda no

componente morfológico da gramática pela regra de *inserção vocabular*, assim como acontece ao /e/ temático dos membros da classe IV, figura (43). Sintetiza-se (47) no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – *Morfemas de classe formal da classe III – Singular e Plural*

<b>MORFOLOGIA</b>		
park[e]s	→	'e' morfema de classe formal (plural)
bar[e]s		
park[Ø]	→	'Ø' morfema de classe formal (singular)
bar[Ø]		
<b>FONOLOGIA</b>		
park e	→	vogal epentética 'e' ( <b>somente singular</b> )

Enfim, retomando (34a), as entradas vocabulares de sufixo temático representam os itens vocabulares que os falantes do português têm de memorizar, ou seja, a relação entre um expoente fonológico e a informação acerca do contexto em que tem de ser inserido, conforme explicitado no capítulo 3, cujas figuras ilustrativas são (9) e (10).

Salienta-se que a vogal /e/ é inserida não só na posição temática do morfema de classe formal da classe IV, bem como na do morfema de classe formal da classe III, no contexto do plural. Quanto à diferença existente entre as classes III e V, vale ressaltar que ambas têm Ø, no singular, como entrada vocabular (e.g. *mar-*, *cóS-*, *park-*, *bot-* (classe III) e *sol-*, *homeN-*, *vatapá-*, *lei-* (classe V)). Ressalta-se, mais uma vez, que somente os membros da classe III (38b), do tipo *park-e*, *bot-e*, irão receber, na posição do sufixo temático – única passível de ser preenchida no componente fonológico da gramática, por ter permanecido sem conteúdo de traços fonológicos, a vogal epentética /e/, ao passo que os membros da classe V nada receberão, pois os segmentos que carregam em posição final de radical são perfeitamente

silabificáveis, podendo, logo, a posição do morfema de classe formal não ser preenchida na fonologia. (34b) informa que o único conteúdo fonológico que o morfema de plural pode receber é a fricativa coronal /S/, conforme já referido.

Conforme referido anteriormente, as consoantes /r S/, presentes nos radicais dos membros da classe III (38a), não são as únicas consoantes da língua licenciadas pela coda, mas as únicas a receberem predizivelmente a adição da vogal /e/ antes do /S/-plural. Daí, poder-se captar a generalização acerca do aparecimento da vogal /e/ entre o radical e /S/ nos plurais.

Em português, conforme se pôde verificar, avultam cinco classes formais: classe I (-o), classe II (-a), classe III (-Ø ~ -e), classe IV (-e) e V (-Ø).

Retomam-se as palavras que contêm, tanto no singular quanto no plural, o morfema de classe formal zero, ou seja, cuja manifestação fonológica é sempre NULO, a referida classe V (32e), introduzida no item 5.1.5. Essa é a classe cujo tipo não foi contemplado na análise de Harris para os dados do espanhol, mas que tem de ser tratada em português, em virtude do grande número de vocábulos a ela integrados. Dos grupos arrolados na classe V, cuja explanação é retomada no item 5.3, inicia-se pelas palavras acabadas em /l/ (seção 5.3.1), passa-se às terminadas em /N/ (seção 5.3.2), após se analisam as terminadas em V (seção 5.3.3) e, finalmente, são consideradas as acabadas na seqüência VV (seção 5.3.4).

### 5.3 Classe formal V e seus membros

#### 5.3.1 Palavras terminadas em /l/

As palavras terminadas na soante /l/ não carregam morfema de classe formal, seja no singular seja no plural, assim como as demais apresentadas em (46) (subseção 5.1.5).

No presente trabalho, assume-se (cf. Morales-Front & Holt, 1997) que os vocábulos terminados na soante /l/ tem-na vocalizada, no PB, como o glide dorsal [w] no singular e como o glide coronal [j] no plural (cf. *sol/sóis: so[w]/só[j]s; coral/corais: cora[w]/cora[j]s; anel/anéis: ane[w]/ané[j]s; etc.*). À luz da DM, então, seria o caso de os radicais de palavras com tal configuração sofrerem alternâncias sistemáticas no plural. Daí propor-se a regra de reajustamento formalizada em (48).

(48) *Regra de Reajustamento – soante do radical: /l/*

$/l/ \rightarrow [j] / \_\_\_ [pl]$  (e.g. *anejs*)

Essa regra de reajustamento satisfaz a exigência do morfema de plural, a de anexar-se a uma vogal que, neste caso, é um glide em virtude da posição silábica. No caso desses radicais, o morfema de classe formal ( $\mathfrak{S}$ ) tem manifestação zero ( $\emptyset$ ). Da mesma forma, esses radicais podem pertencer a três casos distintos, *caso 1*, cujo exemplo dado é *anel/anéis*, *caso 2*, exemplificado por *fusil/fusis* ou, ainda, *caso 3*, ilustrado pelas formas *fácil/fáceis*. Salienta-se que, embora seja aplicada sobre esses três casos similares a regra formalizada em (48), ilustra-se a atuação de tal mecanismo, em (49), primeiramente na derivação do *caso 1* (*anel/anéis*), uma vez que os outros dois casos envolvem outros mecanismos formais e serão mostrados logo a seguir.

(49) *Derivação de Plurais da Classe V - /l/ (Caso 1)*

<i>anéis</i>			
V	$\mathfrak{S}$	PL	MORFOLOGIA
↓	↓	↓	
anel	$\emptyset$	S	inserção vocabular
anej	$\emptyset$	S	regra de reajustamento (48)
anej	_	S	FONOLOGIA
a. nejS			silabação
[a.'nejs]			saída

Acima da linha horizontal, acontecem duas operações no componente morfológico. A primeira é a operação morfológica de inserção vocabular que fornece conteúdo fonológico sob a forma de traços para o radical nominal e para o morfema de plural, e  $\emptyset$  ao sufixo temático. A segunda operação é responsável pela mudança fonológica da soante /l/, em final de radical, para a vogal /i/. Esta é, pois, uma alteração que ocorre no radical quando da presença do sufixo de plural. Abaixo da linha horizontal, já no componente da fonologia, a silabação é aplicada sobre o *input* do módulo fonológico, o qual nada mais é do que o *output* da morfologia, e a forma resultante é a esperada: *a.nejs*.

Observe-se agora o *caso 2* de *fusil/fusis*, em (50), em que atua não só a regra de reajustamento (48) como também OCP (do inglês *Obligatory Contour Principle*; Goldsmith, 1976).

(50) *Derivação de Plurais da Classe V - /l/ (Caso 2)*

<i>fusis</i>			
V	S	PL	MORFOLOGIA
↓	↓	↓	
fuzil	Ø	S	inserção vocabular
fuzij	Ø	S	regra de reajustamento (48)
fuzij	_	S	FONOLOGIA
fuzi:	_	S	OCP
fuziS			regra de encurtamento
fu.ziS			silabação
[fu.'zis] <sup>21</sup>			saída

Verifica-se que o plural *fusis*, ao sofrer a regra (48), passa a apresentar duas vogais adjacentes idênticas (cf. fus[ij]s), que se fundem *fuzi:S* por ação de OCP, do qual resulta uma vogal longa (:). Dado que o português não possui vogais longas, a forma resultante de OCP é, então, encurtada, através da *regra de encurtamento*, resultando *fuziS*. Na etapa posterior, a silabação aplica, sendo gerado o *output* esperado, ou seja, *fu.'zis*.

Com referência ao *caso 3*, o plural *fáceis* além de envolver a alternância formalizada em (48), também envolve um processo de dissimilação, em (51) formalizado, cujo alvo é a vogal /i/ do radical, quando em posição seguinte está o morfema de plural [pl]. Essa regra só é desencadeada em se tratando de palavras cujas raízes são marcadas para receber acento sobre a vogal penúltima, segue-se, para tanto, Oltra-Massuet & Arregi (2001), em sua análise do acento no espanhol, à luz da DM (Halle & Marantz, 1993, 1994) e também da teoria da estrutura métrica proposta por Idardi (1992; ap. Oltra-Massuet & Arregi, 2001) e Halle & Idardi (1995).

(51) *Dissimilação de vogal*

/ij/ → [ej]/\_\_[pl]

<sup>21</sup> As formas que aceitam o alongamento de vogal, como por exemplo [fu.'zi:s], só ocorrem por ênfase.

Na figura abaixo, (52), apresenta-se a derivação da palavra *fáceis*, sobre a qual as operações (48) e (51) operam.

(52) *Derivação de Plurais da Classe V - /l/ (Caso 3)*

<i>fáceis</i> V    S    PL ↓    ↓    ↓ fasil Ø    S fasij Ø    S fasej Ø    S	MORFOLOGIA  inserção vocabular rg de reajustamento (48) rg de reajustamento (51)
fasej Ø    S fa.sejS ['fa.sejs]	FONOLOGIA  silabação saída

Em (52), no componente morfológico da gramática, ocorrem as duas operações já comentadas para as derivações precedentes, além de outra regra de reajustamento (51): a inserção vocabular, da qual resulta a expressão fonológica do radical nominal, Ø fonológico como manifestação do morfema de classe formal da classe III e /S/ como sufixo de plural, a regra de reajustamento (48), responsável pela vocalização da soante /l/ do radical, a qual passa ao glide coronal [j] quando no contexto de [pl] e também a passagem de /i/ do radical à vogal /e/, em contato com o referido glide coronal, o que ocorre somente no contexto de [pl]. No componente fonológico, a silabação é aplicada como esperado e finalmente emerge o resultado correto, *'fa.sejs*.

Há, não obstante, radicais terminados em /l/ que excepcionalmente são seguidos da vogal /e/, estes seriam exceções à regra de reajustamento proposta em (48), emergindo assim, na forma plural, com a vogal /e/ (cf. *mal/mal-e(s)*). Há também a palavra *cônsul*, cujo plural é canonicamente feito como *cônsul-es*; contudo, assim como gol/gols – cujo plural tem variantes, *goles* ~ *gois*, as quais sem dúvida perdem em frequência na língua para *gols*, a forma *cônsules* freqüentemente superficializa-se como *cônsuls*, daí considerá-la de uma flexibilidade não presente na forma *mal-es*. Não obstante, formas como *males* e *cônsules* encaixam-se, por exceção, na mesma classe de *mar* > *mares*, ou seja, classe III (item 5.1.3).

Em princípio, à luz da DM, todos os radicais terminados na soante /l/ receberiam zero fonológico como a manifestação do morfema de classe formal da classe V, tanto no singular

quanto no plural, exceto os casos de exceção. Isso significa que, no caso regular, radicais com tal configuração são membros da classe V, em (46) ilustrada.

Enfim, como se pode observar a regra de plural mostrada em (34b), [pl] ↔ /S/, permanece a mesma para os membros da classe V, assim como para todos os membros das demais classes do português, já apresentadas.

Analizam-se, a seguir, as formas pluralizadas de palavras como *homens*, *jasmins*, *comuns*, também integradas à classe V.

### 5.3.2 Palavras terminadas em /N/

Em termos mattosianos, a seqüência tautossilábica de vogal oral seguida de elemento consonântico nasal (VN) é denominada *vogal nasal*, uma vez que em tal contexto a vogal oral é sempre nasalizada pelo segmento nasal destituído de ponto de articulação que se encontra à sua direita em posição final de palavra.

Diferentemente do que ocorre com as palavras terminadas em ditongo nasal – a serem tratadas no item 5.4, assume-se, na linha de Bisol (1998), que as palavras terminadas em vogal nasal ou nasalizada (e.g. *garagem*, *jasmim*, *hifen*) não carregam como manifestação fonológica de seu morfema de classe formal material segmental, seja no singular seja no plural, mas sim Ø fonológico, daí serem integradas à classe formal V, em (46) ilustrada, assim como as palavras cujos radicais carregam /l/ final, além das terminadas em V acentuado e as acabadas em ditongo (-VV), a serem ainda analisadas.

Acrescenta-se que as palavras terminadas em /N/, ao apresentarem tal segmento vocalizado, não apelam para uma regra de reajustamento, tal como ocorre aos radicais terminados em /l/, os quais, na presença do traço de plural [pl], têm essa consoante vocalizada, conforme visto na seção precedente.

A afiliação de palavras terminadas em VN à classe [V], independe do acento, podem ser oxítonas (e.g. *'jardim'* [ʒar'dĩj], *'jardins'* [ʒar'dĩj<sup>pl</sup>s]; *'vintém'* [vin'tẽj], *'vinténs'* [vin'tẽjs]) ou paroxítonas (e.g. *'bagagem'* [ba'gãzẽj] ~ [ba'gãzi], *'bagagens'* [ba'gãzẽjs] ~ [ba'gãzis]; *'homem'* ['omẽj] ~ ['omi], *'homens'* ['omẽjs] ~ ['omis]). O que se observa é que as palavras oxítonas não têm formas variantes terminadas em vogal oral, ao passo que as

paroxítonas o têm. Isso, contudo, também não altera os resultados na presente análise, desde que se assuma que as formas variantes acabadas em vogal oral ocorrem depois da atribuição do acento e, em sendo assim, não sofrem alteração de classe formal, como se poderia pensar à primeira vista.

Em (53), pode ser vista uma derivação ilustrativa dos membros da Classe V, com terminação nasal, ou seja, VN.

(53) *Derivações de Membros da Classe V – Vogal Nasal /N/*

V	S	V	S	PL	MORFOLOGIA
↓	↓	↓	↓	↓	
omeN	Ø	omeN	Ø	S	inserção vocabular
<hr/>					
omeN	Ø	omeN	Ø	S	FONOLOGIA
omẽj		omẽj		S	nasalização e preenchimento de N
o.mẽj		o.mẽjS			silabação
[ˈo.mẽj]		[ˈo.mẽjS]			saída

Verifica-se que a posição do sufixo temático é Ø fonológico tanto no singular quanto no plural, nas palavras *homem/homens*, comportamento típico dos radicais que não recebem uma vogal. No módulo da fonologia, antes de o processo de silabação aplicar, /N/ nasaliza a vogal por espraçamento e a vogal nasalizada se expande criando o glide. Trata-se de uma assimilação dupla. Enfatiza-se que esta operação é aplicada somente às palavras não-derivadas do tipo ilustrado acima, isso porque vocábulos que portam tais configurações como raízes, sendo-lhes anexados outros morfemas derivacionais com conteúdo fonológico, juntamente com os quais constituirão radicais, não sofrerão o processo de vocalização de /N/, uma vez que a nasal nelas é, por *default*, sempre uma consoante, conforme *hominal*, *jardineiro*, etc. Após a Nasalização e o Preenchimento de N, operam a silabação, daí resultando as saídas esperadas: [ˈo. mẽj], [ˈo.mẽjS].

Em suma, palavras cujos radicais terminam em /N/, ilustradas em (46b), integram a classe V, assim como as terminadas em vogal nasal acentuada, como *viném* e *atum*. Trata-se, a seguir, das palavras terminadas em vogal acentuada, que também integram a classe V.

### 5.3.3 Palavras acabadas em /-V/

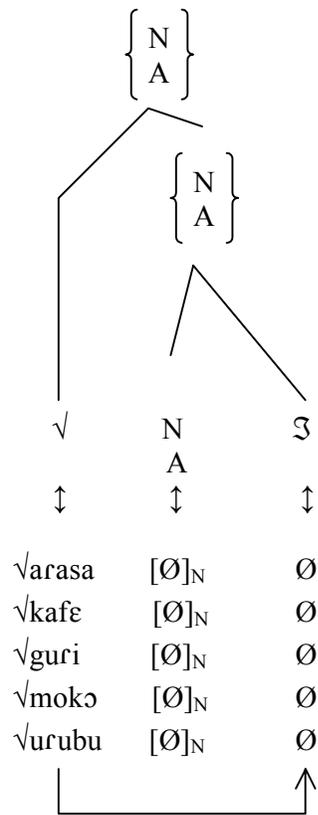
Com relação aos vocábulos terminados em vogal acentuada, listados em (46c), como membros da classe V, esses constituem um grupo bastante extenso em português e são majoritariamente nativizações oriundas de fontes indígenas e africanas.

Considerando-se que o morfema de classe formal se manifesta nas palavras nominais através da vogal átona final, seja ela /a/, /e/ ou /o/, as palavras com final tônico obviamente não são contempladas com a presença de tais segmentos vocálicos, mas com Ø, assim como as terminadas em /l/ e /N/, anteriormente apresentadas. Isso porque, sob a perspectiva da DM, para que um vocábulo alcance o *status* de bem-formado morfológicamente, indispensável é a presença do nó terminal morfológico ‘S’ na representação morfossintática da palavra. Dito de outra forma, mesmo as palavras acabadas em vogal do radical (ou raiz portadora de categoria morfossintática por derivação zero) carregam o morfema de classe formal em sua representação morfossintática, embora sua manifestação fonológica seja Ø. De fato, a idéia que subjaz a essa proposta teórica é que a representação morfossintática da palavra independe de sua representação fonológica, a qual somente ocorre tardiamente, de acordo com um dos três pilares da DM, a *hipótese da Inserção Tardia* (capítulo 3).

Com respeito às palavras com esse tipo de configuração no espanhol, Oltra-Massuet & Arregi (2001, p. 12), sob a perspectiva da DM, fazem a seguinte afirmação: *As palavras terminadas em vogal acentuada têm um marcador de classe [Ø]. Nesses casos, a vogal final não é um marcador de classe; ela faz parte da raiz (e.g. puré ‘purê’) ou do cabeça funcional n (e.g. israelí ‘israelita’, pakistání ‘paquistanês’).*

Enfim, as palavras terminadas em vogal tônica, seja no singular seja no plural, carregam Ø fonológico na posição temática destinada ao morfema de classe formal, diferentemente do que acontece às palavras terminadas em /r S/, da classe III, que podem ou não carregar a posição do morfema de classe formal preenchida.

Ilustra-se em (54) a estrutura constitutiva de algumas dessas palavras terminadas em vogal acentuada. O intuito dessa amostragem é a visualização da posição temática jamais ocupada, em tais casos, por traços fonológicos.

(54) *Estrutura Constitutiva das Palavras Terminadas em V acentuado*

Como se pode observar na figura acima, a formação de todos os radicais se dá por *derivação zero* ou *conversão*, uma vez que o morfema doador de categoria morfossintática é zero ( $[\emptyset]_N$ ). Em tais casos, é a própria raiz que, por *default*, seleciona o morfema de classe formal ( $\mathfrak{S}$ ), dado ser ela a detentora da informação idiosincrática de classe formal, ou seja, ela contém o traço de classe formal, o qual neste caso é  $\emptyset$ . Esse tipo de estrutura também pode ser expresso através da formalização por colchetes, que será amplamente empregada no capítulo 6, em virtude do grande número de palavras derivadas que serão exemplificadas. Assim, a estrutura representada, em (54), através de colchetes, corresponde à seguinte forma:  $[[\sqrt{\text{arasa}} \ \emptyset]_N \ \emptyset]_X^0$ , assim como as demais aí expostas.

Em virtude de palavras com tal configuração jamais carregarem na posição destinada ao sufixo temático um expoente fonológico com traços de vogal, seja no singular seja no plural, são elas membros da classe V (34e e 46), assim como as terminadas em /l/, /N/ e ditongo (VV), a ser apresentada a seguir.

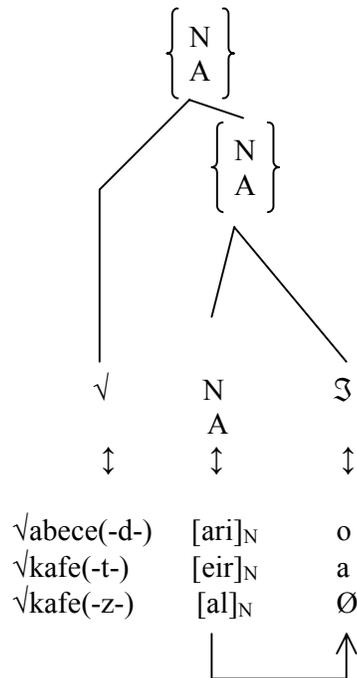
Observe-se o comportamento das palavras, cujos radicais jamais perdem a última vogal, pois ao próprio radical são adjungidos quaisquer afixos derivacionais seguidos de morfemas de classe formal. Os exemplos em (55) são transpostos de Bisol (1992, p. 16).

(55) *Formação de palavras derivadas a partir de formas simples com sufixo temático [Ø]*

abecê-Ø	-- >	abecedário
abricó-Ø	-- >	abricoteiro
café-Ø	-- >	cafeteira, cafezal
Maomé-Ø	-- >	maometano
robô	-- >	robotizar, robótico

As palavras na coluna da direita, formadas a partir das formas à esquerda, mantêm intactas as primeiras, ou seja, os vocábulos exemplificados à esquerda constituem, de fato, radicais que também funcionam como palavras, sem desrespeitar, contudo, os diferentes momentos delineados pela DM, a fim de que alcancem o *status* de palavras morfológicamente bem-formadas. Os vocábulos à direita também são fiéis às diferentes etapas preconizadas pela teoria da Morfologia Distribuída na formação da palavra. Observe-se que tais palavras apresentam sistematicamente uma consoante coronal *-t-*, *-d-* ou *-z-*, entre o radical e o afixo derivacional, a presença desse elemento seria oriunda da aplicação de uma regra de reajustamento, assim como acontece no inglês quando de formas plurais irregulares, como *child/children* (cf. Halle & Marantz, 1993).

Em virtude de palavras com tal configuração jamais carregarem na posição destinada ao sufixo temático um expoente fonológico com traços de vogal, seja no singular seja no plural, são elas, pois, membros da classe V. Todas essas formas são, de fato, raízes, ou seja, estão presentes na formação de várias palavras, juntamente com afixos derivacionais, os quais são os doadores de categoria morfossintática, como vimos. Apresentam-se, em (56), formas em que o afixo derivacional, por não ser zero, determina o morfema de classe formal a ser inserido na posição ‘3’.

(56) *Estrutura Constitutiva de Palavras Derivadas*

Verifica-se em (56) que não mais é a raiz portadora de categoria morfossintática que seleciona o morfema de classe formal da palavra, mas o nó terminal mais próximo preenchido com traços fonológicos, o do afixo derivacional. Daí assumir-se, na DM, que os sufixos derivacionais também são portadores de traços de classe formal que, nos casos em (56), determinam os traços de morfema de classe formal dos sufixos temáticos, os quais então os traduzem em termos de traços fonológicos de uma vogal ou mesmo  $\emptyset$ .

Como afirma Harris (1996, p. 105), *a afiliação de classe formal é geralmente imprevisível, e, portanto, deve ser incluída como parte da informação lexical de muitos radicais e afixos*. Nos casos exemplificados em (56), isso é o que acontece ao sufixo nominal [-al] que contém a informação de classe formal na respectiva entrada vocabular, se assim não fora a forma de superfície seria incorreta, porque esse sufixo seria direcionado à classe I, resultando daí a forma agramatical \*-alo. Os outros dois afixos comportam-se diferentemente, [-ari]<sub>N</sub> é um sufixo nominal sem qualquer informação na entrada vocabular, ou seja, não apresenta traço morfológico de gênero, porque é masculino, nem de classe formal, porque esta é a classe mais geral; portanto, tal sufixo recebe por *default* a vogal /o/. Quanto ao sufixo nominal [-eir]<sub>N</sub>, esse é uma exemplificação do que estabelece Harris

(1996, p. 105) para femininos no caso não-marcado, *a afiliação de classe formal pode ser fornecida por regra de redundância morfológica: classe II é predizível para o gênero feminino no caso não-marcado*, conforme indicado em (33), item 5.1.

Por fim, como membros da classe V, também são identificadas as palavras constituídas, em posição final de radical, de uma seqüência de duas vogais (VV) – as quais constituem os ditongos decrescente orais em português, conforme será apresentado na seção seguinte.

#### 5.3.4 Palavras acabadas em ditongo /-VV/

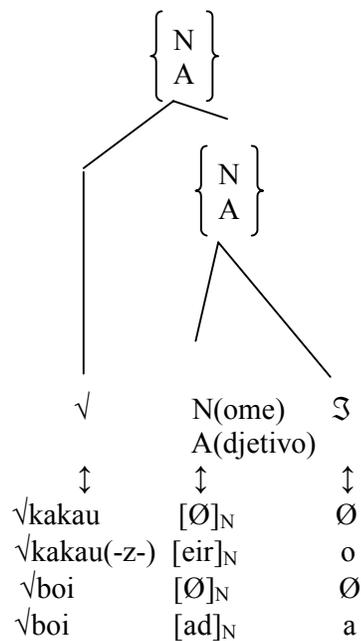
As palavras não-verbais acabadas em ditongo decrescente oral (VV) são interpretadas como formas portadoras de sufixo temático  $\emptyset$ , à semelhança dos radicais terminadas em /-V/ do radical, recém tratadas. Em termos de Teoria da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993, 1994), palavras com tal configuração são constituídas de um morfema-raiz ‘ $\sqrt{\quad}$ ’ mais um morfema doador de categoria morfossintática. Assim, forma-se o *radical*, portador de categoria morfossintática, gênero e classe formal. Entretanto, esses radicais somente recebem o *status* de *palavra*, à luz da teoria da DM, ao receberem um sufixo temático à borda direita do radical ( $\mathfrak{S}$ ), que no caso é  $\emptyset$ . Apresentam-se, em (57), exemplos ilustrativos com a seqüência final VV. Muitos dos vocábulos ilustrados abaixo têm a forma histórica acabada em *-o*, conforme registrado no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (versão 1.0, dezembro de 2001). Contudo, tais fatos históricos não constituem evidências sincrônicas, não podendo, logo, ser considerados.

(57) *Palavras Terminadas em Ditongo Oral*

-eu(s)	apogeu, breu, camafeu, codieu, coliseu, liceu, propileu, troqueu, ...
-éu(s)	boléu, céu, mausoléu, réu, troféu, véu, ...
-ei(s)	confrei, frei, grei, lei, rei, ...
-au(s)	bacalhau, bacurau, berimbau, blau, cacau, calhau, carapau, catimbau, colorau, degrau, grau, marau, mau, mingau, nau, pacau, patau, pau, perau, piau, sarau, vau, ...
-ai(s)	pai, samurai, ...
-ou(s)	grou
-ói(s)	calancói, , herói, caubói...;
-oi(s)	boi

As palavras cujo radical termina em ditongo (57) constituem uma parcela considerável de vocábulos da língua. Pelo fato de palavras com semelhante configuração jamais carregarem a posição do sufixo temático preenchida com material segmental, seja no singular seja no plural, integram a única classe capaz de abarcá-las, a classe V, assim como as demais já citadas e apresentadas, terminadas em -V acentuado, /l/ e /N/.

Em (58), a variável {N, A}, no componente da morfologia, exigirá, como condição de boa-formação morfológica, que lhe seja adjungida uma posição temática (S) e só, então, como um próximo passo, ainda na morfologia, ocorre a *Inserção Vocabular* ‘↕’, cujo resultado pode ser visualizado nas linhas horizontais, na figura abaixo.

(58) *Estrutura Constitutiva Completa das Palavras Terminadas em Ditongo*

A palavra *cacau*, a primeira a ser representada, tem como manifestação do morfema de classe formal  $\emptyset$ . Por sua vez, *cacauzeiro* – em que o *-z-* provém da atuação de uma regra de reajustamento, carrega como manifestação do morfema de classe formal a vogal /o/, selecionada pelo morfema mais próximo (*-eir-*). A forma *boi* recebe  $\emptyset$ , como manifestação fonológica do morfema de classe formal e, finalmente, *boiada* recebe a vogal /a/, enquanto sufixo temático. Note-se que é o morfema com conteúdo fonológico, o qual se encontra mais próximo ao sufixo temático, que doa a este o traço de classe formal. Somente no caso *default* é que a raiz doa seu traço de classe formal ao sufixo temático.

Observa-se, ainda, que em palavras simples terminadas na seqüência /-VV/, o radical coincide com a palavra, diferentemente quando se trata de palavras derivadas em que as formas simples se tornam radicais e a elas é adjungido um sufixo derivacional, o qual requisitará um morfema de classe formal. Como se pode verificar, a seqüência /-VV/ se mostra inalterada em todas as palavras nas quais comparece, sejam elas simples (e.g. *cacau-∅*, *boi-∅*) ou derivadas (e.g. *cacauzeir-o*, *boiad-a*), da mesma forma que os oxítonos terminados em /-V/.

Em suma, à luz da proposta da DM, as palavras terminadas em ditongo oral não podem ser concebidas como portadoras de um morfema de classe formal manifesto (vogal temática), uma vez que a rigor se apresentam intactas em quaisquer palavras, como as recém ilustradas. Quanto às vogais /o a e/ em posição final de palavra, cujos radicais aparecem na formação de outras palavras, estas não podem ser concebidas como tendo sofrido, num estágio anterior, regra de apagamento de morfema de classe formal (VT), uma vez que, à luz da DM, inexistem *temas* ou *radicais* aos quais sejam adicionados desinências ou sufixos derivacionais para a formação de novas palavras, como pensava Mattoso Câmara e como mantêm até os dias de hoje os estudos do português, à luz da fonologia e morfologia modernas, principalmente nos trabalhos desenvolvidos sob o enfoque da Fonologia Lexical, exceto na proposta de Moreno (1997).

Enfim, a abordagem da DM defende uma proposta mais econômica. Nesta teoria, lida-se com raízes (radicais) que podem receber morfemas de classe formal (vogais temáticas) somente ao final da palavra. Além disso, a visão de palavras como *cacau*, *herói*, *boi*, serem radicais é amplamente aceita na literatura da área (cf. Villalva, 1994; Pereira, 1999; Rocha, 1999), razão pela qual as formas derivadas as mantêm intactas.

Todavia, há, na classe das palavras terminadas em ditongo, uma subclasse que inclui apenas o ditongo *-eu*, em que a vogal final se revela um morfema de classe formal, cujo comportamento se torna evidente quanto ao gênero expresso (*européu* → *européia*), em que a vogal *u* é substituída por *a*. Segundo Câmara Jr. (1995, p. 90), a seqüência *-eu* é entendida como *um sufixo derivacional, em que o tema em -o se revela na vogal assilábica do ditongo*.

No Quadro 4 é fornecida uma ilustração de palavras que se ajustam a essas configurações. E, após, em (59), seguem-se derivações ilustrativas.

Quadro 4 – *Palavras terminadas no ditongo decrescente oral -eu (f.: -éia)*

<i>Classes Formais</i>	
<i>Classe I - /o/</i>	<i>-eu</i>
	alambandeu, amebeu, amorceu, antisseu, apotropeu, aqueu, aquileu, arameu, arinfeu, assideu, ateu, caduceu, cafarneu, caldeu, cananeu, cireneu, citeu, creteu, crisseu, dacriopeu, dimeu, elimeu, eliseu, enteu, epeu, epicureu, epidaureu, eritreu, eteu, eubeu, europeu, eveu, falasarneu, fariseu, febeu, fereu, filaceu, filisteu, focu, galileu, gazeu, geteu, giganteu, gireu, gogiareu, hamireu, hebreu, hermioneu, heteu, hileu, hipogeu, idumeu, isseu, itoneu, itureu, jacobeu, jebuseu, judeu, lapiteu, leteu, lilibeu, macabeu, maruceu, massileu, matateu, mazeu, meduseu, melibeu, meliteu, menipeu, miceneu, mileu, mitileneu, nabateu, napeu, nemeu, ninfeu, nubeu, pageu, paleneu, panticapeu, paroreu, plebeu, raguseu, sabeu, saduceu, sandeu, sapeu, sasseu, satarqueu, taraneu, tebeu, tereu, terineu, tianeu, ...
<i>Classe II - /a/</i>	<i>-éia<sup>22</sup></i>
	alambandéia, amebéia, amorréia, antisséia, apotropéia, aquéia, aquiléia, araméia, arinféia, assidéia, atéia, cafarnéia, caldéia, cananéia, citéia, cretéia, crisséia, dacriopéia, diméia, eliméia, eliséia, entéia, epéia, epicuréia, epidauréia, eritréia, etéia, eubéia, européia, evéia, falasarnéia, fariséia, febéia, feréia, filacéia, filistéia, focéia, galiléia, gazéia, getéia, gigantéia, giréia, gogiaréia, hamiréia, hebréia, heraclitéia, hermionéia, hetéia, hiléia, hipogéia, iduméia, isséia, itonéia, ituréia, jacobéia, jebuséia, lapitéia, letéia, lilibéia, macabéia, marucéia, massiléia, matatéia, mazéia, meduséia, megaréia, melibéia, melitéia, menipéia, micenéia, miléia, mitilenéia, nabatéia, napéia, nemeéia, ninféia, nubéia, pagéia, palenéia, panticapéia, paroréia, plebéia, raguséia, sabéia, saducéia, sasséia, satarquéia, taranéia, tebéia, teréia, terinéia, tianéia, ...

<sup>22</sup> Conquanto ao lado de *-éia* também exista a variante *-ia*, correspondentes ambas ao ditongo *-eu* (cf. judeu/judia; hebreu/hebréia), esta não será abordada no presente trabalho, pelo fato de sua ocorrência, como terminação feminina correspondente a vocábulos masculinos terminados em *-eu*, ser raríssima na língua .

(59) *Derivações de Novos Membros às Classes I e II*

a. (I) $\mathfrak{S}$	b. II $\mathfrak{S}$	MORFOLOGIA
↓ ↓	↓ ↓	
europe o	europe a	inserção vocabular
<hr/>		
europe o	europe a	FONOLOGIA
europeu	-	elevação de vogal
eu.ro.peu	eu.ro.pe.a	silabação
-	eu.ro.péj.a	criação do glide
eu.ro.pew	eu.ro.péj.a	saída

Em (59a), a vogal *-u*, segundo elemento da seqüência *-eu*, seria a vogal temática /o/, após a aplicação da regra de elevação de vogal, que ocorre antes da silabação. Através desta análise à luz da DM, constata-se o que já afirmava Mattoso Câmara, com relação ao último elemento desta seqüência, ser ele a realização da *vogal temática* dado ser comutável com a vogal /a/, para a forma feminina. Através da derivação em (59b), por outro lado, pode-se afirmar, à luz da DM, que a vogal final /a/ também é interpretada como a realização do morfema de classe formal, resultando daí a forma *europe-+-a* (cf. *europe-o/européia*), a qual, em virtude da formação do hiato *-e+-a*, passa por um processo fonológico de *criação de glide*, do qual resulta a ditongação [ej] diante da vogal [a]. Este fenômeno, segundo Câmara Jr. (1995, p. 90), *é um fenômeno fonológico geral em português para /e/ tônico em hiato*. Salienta-se novamente que, sob a perspectiva do modelo teórico da DM, a concordância sintática precede a atribuição de classe formal. Eis a condição de integração *sine qua non* em uma das referidas classes formais disponíveis na língua.

Dessa forma o modelo da DM confirma a hipótese mattosiana acerca da verdadeira natureza da vogal assilábica do ditongo *-eu*, qual seja de a vogal assilábica representar a vogal temática /o/ (morfema de classe formal). Da mesma forma, comportam-se palavras terminadas no ditongo *-eu*, como *museu*, que, ao passar à derivada *museólogo*, apresenta o morfema de classe formal /o/, realizado na forma da vogal média baixa [ɔ], fenômeno este resultante da regra de *abaixamento datílico* (cf. Wetzels, 1992).

A seguir, trata-se do último tópico concernente à afiliação de classe formal em português: as palavras terminadas em ditongo nasal.

#### 5.4 Classes formais do português - Parte II: Palavras terminadas em ditongo nasal

Considerando-se que a classe I abriga todas as palavras da língua portuguesa terminadas na vogal /o/, as quais são majoritariamente masculinas, propõe-se sejam incluídas neste agrupamento formal as terminadas no ditongo nasal *-ão* – paradigma do singular, uma vez que se assume no presente trabalho que estas também carregam o morfema de classe formal /o/ (cf. Câmara Jr., 1969; Bisol, 1989, 1994, 1998). Palavras que apresentam tal configuração obviamente passam por regras fonológicas responsáveis por sua manifestação de superfície, mas isso não está em discussão neste trabalho. Ilustram-se algumas dessas palavras, no Quadro 5.

Quadro 5 – *Acréscimos à Classe I: palavras terminadas em -ão (aN+o ou oN+o)*

MASCULINO	FEMININO
açafreão, agrião, alazão, alçapão, algodão, anão, anfitrião, arpão, artesão, avião, balcão, barão, bastão, batalhão, bisão, bordão, botão, brasão, camaleão, camarão, caminhão, campeão, canhão, cão, capelão, capitão, carvão, condão, coração, diapasão, embrião, ermitão, estragão, faisão, falcão, feijão, furacão, galpão, gamão, gavião, gibão, grão, irmão, jargão, lampião, leão, leilão, limão, macarrão, melão, mutirão, órfão, orfeão, órgão, padrão, pagão, pão, patrão, pavão, pavilhão, peão, pelotão, pendão, perdigão, pinhão, plantão, poltrão, porão, pulmão, quinhão, refrão, sabão, sacristão, saguão, salmão, são, serão, sermão, sertão, sifão, sótão, sultão, surrão, tabelião, tacão, talão, tendão, tição, timão, trovão, truão, tubarão, tufão, vagão, varão, verão, violão, vulcão, zangão, zarcão, (...)	acepção, afeição, aluvião, ambição, asserção, atenção, aversão, bênção, canção, caução, condição, emoção, função, gratidão, ilusão, irrisão, legião, lição, loção, mansão, mão, menção, missão, molição, monção, multidão, municação, mutação, nação, noção, obsessão, ocasião, opinião, oração, ovação, paixão, pensão, perfeição, poção, população, porção, posição, profissão, profusão, proporção, ração, reclusão, refeição, região, religião, sanção, sação, secreção, sensação, seção, solidão, solução, sorção, televisão, tensão, tradição, vocação, (...)

Como se pode observar no quadro acima, grande é a lista de palavras masculinas terminadas no ditongo nasal *-ão*; contudo, não é pequeno o número de palavras femininas

que carregam a mesma terminação. Esta é mais uma evidência de que classe formal não tem relação direta com gênero gramatical. Todas as palavras femininas cujos radicais recebem a adjunção da vogal /o/, carregam, nas respectivas entradas vocabulares, o traço diacrítico [I], a fim de bloquear a sua incorreta atribuição à classe não-marcada para os nomes femininos, ou seja, à classe II, ilustrada no Quadro 2.

Assim como a classe I – ampliada em português em virtude de conter não só palavras terminadas na vogal oral -o, bem como em todas as palavras terminadas no ditongo nasal -ão – a classe II também se vê acrescida das palavras terminadas na vogal nasal -ã, sejam elas masculinas ou femininas, as quais também conteriam o morfema de classe formal /a/. Tal posição é assumida no presente trabalho, com base nas análises de Câmara Jr. (1969) e Bisol (1998).

O Quadro 6 ilustra palavras com a terminação nasal -ã, femininas e masculinas também integrantes da classe II em português. Neste caso específico, assume-se com Bisol (1998, p. 41) que a seqüência dos dois *as* (cf. *maçaN+a: maçã*), o do radical e o do morfema de classe formal, desencadeará a fusão e encurtamento desses dois elementos vocálicos em um só.

Quadro 6 – *Acréscimos à classe II: palavras terminadas em -ã (aN+a)*

FEMININO	MASCULINO
anã, anfitriã, avelã, barbacã, campeã, cafetã, capitã, castelã, cortesã, ermitã, hortelã, irmã, jaçanã, lâ, maçã, órfã, pagã, rã, romã, sacristã, tabeliã, tecelã, vilã (...)	afã, cançã, cardigã, clã, divã, elã, flamboaiã, galã, ímã, satã, sutiã, talismã, tarumã, titã, tobogã, tucumã, (...)

Como se pode observar acima, as palavras femininas listadas são, em sua maioria, a contraparte de palavras masculinas terminadas em -ão. Quanto às palavras masculinas terminadas em -ã, essas praticamente igualam-se em número às femininas de mesma terminação. Eis mais uma evidência que a língua oferece no sentido de a constituição das classes formais não se concretizar mediante a reunião de palavras que compartilham o mesmo

gênero, mas são, de fato, agrupamentos formais que têm em comum apenas a terminação, ou seja, o mesmo morfema de classe formal.

Em (60), ilustra-se o aumento ocorrido nas classes I e II, respectivamente, com a inserção das palavras terminadas em *-ão* na classe I e das acabadas em *-ã* na classe II. O ordenamento das classes é feito de acordo com o número de palavras que as integram, a maior delas em português parece ser a classe I, ao passo que a segunda em extensão é a classe II.

(60) *Acréscimos às Classes I e II*

	<i>classe</i>	$\mathfrak{I}$	<i>exemplos</i>
a.	I	o	<u>masculino</u> : pão, tubarão, violão, ... <u>feminino</u> : oração, bênção, emoção, ...
b.	II	a	<u>feminino</u> : avelã, hortelã, lã, ... <u>masculino</u> : divã, ímã, ...

Note-se que, sob a perspectiva da teoria da Morfologia Distribuída, a forma sob a qual se dá a organização da gramática permite que sejam tratadas semelhantemente palavras terminadas em vogais orais e as terminadas em nasal subespecificada, ou seja, /N/.

Ilustra-se em (61) o funcionamento dos mecanismos responsáveis pela atribuição de classe formal, cujas formalizações podem ser vistas em (33) e (34a), às palavras cuja forma singular terminam no ditongo nasal *-ão*, sejam elas masculinas ou femininas. Após, explicações detalhadas serão fornecidas referentemente às regras fonológicas através das quais resultam palavras com a referida configuração.

(61) *Derivações de Acréscimos às Classes I e II*

[klaN]ᶑ	[lisoN]ᶑ	[laN]ᶑ	[korasoN]ᶑ	[irmaN]ᶑ	1	MORFOLOGIA
[ ]	[ ]	[ ]	[ ]	[ ]		
	f	f			a	
II	I				b	
		II			2	
↑	↑	↑	↑	↑	3	
a	o	a	o	o		
klaN+ <u>a</u>	lisoN+ <u>o</u>	laN+ <u>a</u>	korasoN+ <u>o</u>	irmaN+ <u>o</u>		

Em (61), são aplicados os mesmos mecanismos responsáveis pelas derivações das palavras terminadas em vogais orais às classes I (/o/) e II (/a/), anteriormente analisadas em (36) e (37), respectivamente. A diferença aqui é que tais radicais terminam em uma nasal subespecificada para pontos articulatorios, a qual, neste contexto, jamais se manifesta sob a forma de segmento consonantal na palavra, a operação responsável por lidar com tal segmento é formalizado em (62). Por ora, basta saber que os mecanismos que acontecem no componente morfológico da gramática são responsáveis pela boa formação morfológica de nomes e adjetivos do português terminados em ditongo nasal, fazendo com que sejam igualmente designados para as classes I (/o/) ou II (/a/). Na linha 1a, observa-se a atribuição de gênero às palavras femininas, através do traço ‘f’ (de feminino), as palavras masculinas nada recebem, pois, pelo fato de conterem o gênero *default*, não precisam ser marcadas nas entradas vocabulares. Na linha 1b, os radicais de *clã* e *lição*, carregam traços idiossincráticos de classe, isso deve acontecer a fim de tais radicais nominais não serem incorretamente atribuídos às classes que abrigam o maior número de palavras que com eles compartilham o gênero, ou seja, classe I (/o/) (cf. \*clão), que carrega majoritariamente palavras masculinas e classe II (cf. \*liçã)<sup>23</sup>, que contém em sua maioria palavras femininas. Na linha 2, vê-se a atribuição de classe II para a palavra *irmã*, através de (33), em virtude de essa palavra estar marcada na entrada vocabular com o traço ‘f’ na etapa anterior. E, finalmente, na linha 3, acontece a inserção vocabular para todas as formas. Note-se, contudo, que tais configurações

<sup>23</sup> Em dialetos populares as formas \**questã* por *questão*, \**congestã* por *congestão*, \**indigestã* por *indigestão*, por exemplo, são frequentemente empregadas. Delas voltar-se-á a tratar ainda nesta subseção.



Reinterpretando Bisol por DM, a adjunção do sufixo temático (63) é um processo morfológico, isto é, ocorre no módulo da morfologia – pos-sintaticamente, enquanto todos os demais são processos fonológicos como se pode verificar em (64).

(64) *Derivações de Membros da Classe I – Ditongo nasal*

(I) $\mathfrak{S}$ $\downarrow \uparrow$ irmaN o	(I) $\mathfrak{S}$ PL $\downarrow \uparrow \uparrow$ irmaN o S	MORFOLOGIA  inserção vocabular
irmaN o irma o <N> irmau <N> ir.mau <N> ir.mã ã  / R ← [N] [ir.'mãw̃]	irmaN o S irma o S <N> irmauS <N> ir.mauS <N> ir.mã ã S  / R ← [N] [ir.'mãw̃s]	FONOLOGIA desassociação de nasal (62)  elevação de vogal  silabação  reassociação de N à Rima (63)  saída

Acima da linha horizontal em (64), no componente morfológico da gramática, verifica-se a inserção vocabular não só do radical que recebe /o/, como realização do morfema de classe formal ( $\mathfrak{S}$ ), conforme (34a), bem como sua forma plural correspondente – aquela que carrega o morfema de plural (PL). O traço de classe formal [I] é mostrado entre parênteses, ([I]), na representação morfossintática, dada a sua característica de classe *default* em português, ou seja, não-marcada, exceto no caso de femininos, conforme anteriormente referido. Abaixo da linha horizontal, no componente fonológico, ocorrem os processos e restrições responsáveis pela manipulação do conteúdo fonológico inserido nas posições terminais (morfemas) na etapa anterior. O primeiro mecanismo a operar na fonologia é a *Desassociação de Nasal*, formalizado em (62), conforme explicado anteriormente, a nasal coda é desassociada desta posição, seu feixe de traços (N) permanece, no entanto, flutuante e, desta feita, a posição antes por ele ocupada fica disponível para a manifestação do morfema de classe formal. Segue-se a elevação da vogal, regra de aplicação geral na seqüência de duas

vogais, e após a silabação, da qual resultam sílabas bem formadas. Posteriormente, aplica-se a operação de *Reassociação de N à Rima* (63) que gera o ditongo nasal. Como resultado da aplicação de todos esses processos resultam as formas de *output* corretas: *ir.mãw*, *ir.mãws*.

Conforme já mencionado, há um número considerável de palavras femininas terminadas em *-ão* afiliadas à classe I, cujos radicais carregam, em suas respectivas entradas vocabulares, o traço diacrítico de classe formal [I]. Considerando-se o fato de as palavras femininas acabadas em *-ão* sobrepujarem, em número, as terminadas na vogal oral /o/, deve ser resolvida a questão concernente ao fator ‘marcação da classe I’ em relação às demais. No entanto, não há mudanças. A classe I continua a ser a menos marcada da língua, conquanto o número de palavras femininas que aí se integram seja relativamente grande, maior é o número de palavras masculinas que nenhuma informação de classe carregam, uma vez que o gênero masculino, por ser considerado não-marcado, está absolutamente ausente das entradas vocabulares. Em outras palavras, apesar de a classe I, com a integração das palavras acabadas em *-ão*, ter recebido um número elevado de femininos com essa terminação, ainda assim sua marcação é menor do que a da classe II, a qual abarca um número bem superior de masculinos terminados em *-a*.

Em (65), ilustra-se novamente a atuação dos mecanismos propostos em (62) e (63) para lidar com soantes subespecificadas, agora é a vez das formas terminadas em *-ã*, singular e plural, cujos radicais também terminam em *-aN*.

(65) *Derivações de Membros da Classe II – Terminação nasal*

II    ℑ ↓    ↓ masaN a	II    ℑ    PL ↓    ↓    ↓ masaN    a    S	MORFOLOGIA  inserção vocabular
masaN a masa a <N> masa: <N> ma.sa: <N> ma.sã :  / R ← [N] [ma.ˈsã:]	masaN a S masa a S <N> masa:S <N> ma.sa:S <N> ma.sã : S  / R ← [N] [ma.ˈsã:s]	FONOLOGIA desassociação de nasal (62)  OCP  silabação  reassociação de N à Rima (63)  saída

Acima da linha horizontal em (65), no componente morfológico da gramática, ocorrem as seguintes inserções ciclicamente: a dos radicais, a do morfema de classe formal (ℑ) e, por último, o /S/ na posição do morfema de plural, para a forma que carrega o referido sufixo (PL). Abaixo da linha horizontal, já no componente fonológico da gramática, começam a operar as regras e atuar as restrições responsáveis pela manipulação do conteúdo fonológico inserido nas posições terminais (morfemas) na etapa anterior. O primeiro mecanismo a operar na fonologia é o *Desassociação de Nasal*, formalizado em (62), ficando esta posição disponível para a manifestação do morfema de classe formal /a/, permanecendo, contudo, os traços da nasal flutuantes ‘< >’. Após a aplicação de (62), é chamado o *Princípio do Contorno Obrigatório* (OCP), o qual resolve o contato das duas vogais iguais (aa), através de um processo de fusão, do qual resulta o alongamento da vogal. O encurtamento é uma opção, pois o português não contrasta duração, a qual, neste caso, é decorrente da própria vogal nasal entendida como VN. Na linha temporal, esta vogal vem, então, a ocupar a posição deixada na rima pela vogal que com ela foi unida por OCP. Na etapa seguinte, é a vez de a silabação atuar, como resultado emergem sílabas bem-formadas. Posteriormente, ocorre a *Reassociação de N à Rima* (63) que nasaliza a vogal resultante da aplicação de OCP.

Conforme citado anteriormente, nesta subseção, formas como *\*questã*, *\*indigestã*, *\*congestã*, são comuns em dialetos populares. Sob a presente proposta, o que se observa é uma troca sistemática de /o/ para /a/, ou seja, de classe I para classe II. Se os traços [I], [II] e os demais não são meramente rótulos que identificam os membros de classe formal, eles devem desempenhar outro papel nas generalizações lingüísticas, como veremos no item 5.6. Eis o que os referidos dados comprovam. Pelo fato de formas femininas terminadas em /o/ serem interpretadas como marcadas, uma vez que a forma não-marcada para o feminino é a terminação /a/, o feixe de traços que caracteriza *questão*, *indigestão*, *congestão*, ou seja, [I, f], é sistematicamente simplificado, fazendo assim com que tais formas passem da classe I para a classe II, as duas únicas classes do português em que há uma estreita correlação entre gênero e classe formal. A referida simplificação ocorre através do desligamento do traço marcado, [I], e o traço restante na configuração, [f], desencadeia, por sua vez, a regra de redundância morfológica mostrada em (10), através da qual é atribuído o traço [II] aos radicais femininos, emergindo assim as formas *\*congestã*, *\*indigestã*, *\*questã*. Isso é, aliás, o mesmo que acontece a expressões informais *servente / serventa*, *chefe / chefe*, *parente / parenta*, *cliente / clienta*, e também a formas do português *standard*, como *mestre/mestra*, *monge/monja*, *infante/infanta*, a diferença está somente na constituição do feixe de traços marcado que identifica as formas femininas, aqui constituído como [III, f].

Acredita-se enfim que os dados comentados acima fornecem evidências de que a identificação de radicais acabados em *-aN*, sob as classes I e II, como receptores de /a/ e /o/, respectivamente, está correta. São, pois, legítimas manifestações fonológicas dos morfemas de classe formal [I] e [II]. Além disso, esses dados trazem suporte à postulação da existência dos traços de classe formal como legítimos traços na acepção *standard*, não só atuantes na catalogação de membros de classe formal, bem como participantes de outras regras da gramática, como, por exemplo, aquelas que simplificam feixes de traços morfológicos, levando assim a que membros de uma dada classe migrem para outra de marcação menor, em virtude dos traços que caracterizam os radicais-alvos de mudança (cf. *questão* → *\*questã*).

Passa-se, agora, à terminação *-ões* correspondente a palavras que no singular carregam a terminação *-oN* (cf. *corações*, *barões*, *emoções*, etc.). Assume-se com Bisol (1998) que palavras com tais configurações carregam em ambos os paradigmas, singular e plural, a vogal temática /o/ (na terminologia da DM, o morfema de classe formal ou sufixo temático /o/).

Sob o enfoque da teoria da DM, a presente análise explica o aparecimento da configuração *-õ̃s* nas formas pluralizadas de palavras terminadas em *-oN* como consequência de uma *regra de reajustamento*, através da qual o morfema de classe formal /o/ passa para /e/, quando da presença do sufixo de plural /S/. Eis a *dissimilação motivada por PL*. Além dessa operação que se aplica às palavras pluralizáveis em *-ões*, as formas correspondentes acabadas em *-ãw̃*, no singular, as quais carregam subjacentemente a seqüência *-oN*, têm seus radicais submetidos a uma operação denominada na literatura *dissimilação labial* (cf. Bisol, 1998). Esta operação estabelece que a vogal nuclear da seqüência *-õu* é convertida em *-ãu* em posição final de palavra polissílaba, uma vez que essa regra não se aplica a palavras monossílabas (cf. *som, tom, dom*, etc.), tampouco a empréstimos modernos que, embora polissílabos, também são exceções à referida dissimilação (e.g. *moletom, edredom, cupom, champinhom*).

Há, ainda, outra regra de reajustamento – a *dissimilação em posição final*, responsável pela dissimilação de /o/ para /a/, em posição final de palavra, em palavras como *limão/limões*. Em (66), ilustra-se a atuação desses mecanismos.

(66) *Derivações de Membros da Classe I – Terminação -oN*

<p>a.</p> <p>(I) ɜ</p> <p>↑ ↓</p> <p>limoN o</p> <p>-</p> <p>limaN o</p>	<p>b.</p> <p>(I) ɜ PL</p> <p>↑ ↓ ↓</p> <p>limoN o S</p> <p>limoN e S</p> <p>-</p>	<p>MORFOLOGIA</p> <p>inserção vocabular</p> <p>dissimilação motivada por PL</p> <p>dissimilação em posição final</p>
<hr/>		
<p>limaN o</p> <p>lima o</p> <p>&lt;N&gt;</p> <p>limau</p> <p>&lt;N&gt;</p> <p>li.mau</p> <p>&lt;N&gt;</p> <p>li.mãũ</p> <p> /</p> <p>R ← [N]</p> <p>[li.'mãw̃]</p>	<p>limoN e S</p> <p>limo e S</p> <p>&lt;N&gt;</p> <p>limoiS</p> <p>&lt;N&gt;</p> <p>li.moiS</p> <p>&lt;N&gt;</p> <p>li.mõĩ S</p> <p> /</p> <p>R ← [N]</p> <p>[li.'mõjs]</p>	<p>FONOLOGIA</p> <p>desassociação de N (62)</p> <p>elevação da vogal</p> <p>silabação</p> <p>reassociação de N à Rima (63)</p> <p>saída</p>

Nas derivações de *limão/limões*, a primeira operação que ocorre no componente morfológico é a inserção vocabular, responsável pelo fornecimento de traços fonológicos aos morfemas dispostos na representação morfossintática. Num segundo momento, dá-se a *dissimilação motivada por PL*, a qual modifica o item vocabular inserido na posição do sufixo temático dos plurais em *-ões*. Em seguida, atua sobre a forma singular em *-oN* a *dissimilação em posição final*, responsável pela dissimilação de *oo > ao*, daí resultando *-ão*. No componente fonológico, ocorre primeiramente a *Desassociação de Nasal (62)*, em ambas as formas, atuando logo em seguida a elevação da vogal média e a silabação. Na etapa posterior, ocorre a *Reassociação de N à Rima (63)*, cujo resultado é o ditongo nasal. Assim, os resultados corretos são atingidos: *li.mãw̃*, *li.mõjs*.

Enfim, as regras de reajustamento propostas, *dissimilação motivada por PL* e *dissimilação em posição final*, viabilizam um tratamento uniforme às palavras pluralizadas em *-ões*, permitindo assim captar a generalização de que, assim como as terminadas em *-ãos*, elas também pertencem à classe I, recebendo, pois, a vogal /o/ como

legítima manifestação do sufixo temático desse agrupamento formal, nos paradigmas do singular e plural, embora essa vogal sofra as regras fonológicas mostradas.

Poder-se-ia conjecturar, ainda, que as palavras cujos radicais acabam na seqüência *-oN*, recebem no plural a vogal subjacente /e/. Contudo, a única vantagem dessa proposta seria a prescindibilidade da regra de reajustamento *dissimilação motivada por PL*, dado que a vogal /e/, na palavra pluralizada *limões*, seria a legítima manifestação do morfema de classe formal /e/ para um conjunto de palavras acabadas em ditongo nasal, uma vez que nem todas elas pluralizam em *-ões*. Em consequência disso, a classe I, concebida como a menos marcada na língua, na qual as palavras terminadas em ditongo nasal se inserem, conforme visto anteriormente, passaria a ter um grau de marcação bem acentuado, considerando-se que somente parte de seus membros, no paradigma do plural, receberia a vogal /e/. Esta parte seria a das palavras terminadas em ditongo nasal.

Em suma, dado que a teoria da Morfologia Distribuída disponibiliza ferramentas como as *regras de reajustamento*, que nada mais são do que regras fonológicas a atuarem no componente morfológico da gramática, alterando formas fonológicas já inseridas, entende-se que a proposta aqui elaborada com relação aos plurais em *-ões* pertencerem à classe I está respaldada na própria evolução dessas formas. Os plurais em *-ões* tendem a ser os mais usados, mas há, da mesma forma, muitos plurais em *-ãos* e alguns em *-ães*. Ademais, relata Coutinho (1976, p. 238-239) que *a confusão entre esses plurais, na língua arcaica, é causa de que ainda hoje algumas palavras, além do plural próprio, tenham outro por analogia* (e.g. *aldeão – pl. aldeãos, aldeães, aldeões; anão – pl. anãos, anões; gavião – pl. gaviães, gaviões*). Eis os argumentos de que a presente pesquisa se utiliza para manter palavras com tais configurações de plural sob a classe I, com o morfema de classe formal manifestando-se sempre como /o/, ao menos subjacentemente. Passa-se, por fim, à avaliação das classes formais do português e sua constituição.

### 5.5 Visão geral das classes formais do português

Considerando-se que, à luz da DM, a adjunção de um morfema de classe formal, ou sufixo temático, aos radicais não-verbais – necessariamente formados pela adjunção de uma raiz a um afixo derivacional doador de categoria morfossintática (N), (A) – acontece em cumprimento a uma condição de boa-formação morfológica da língua; todas as palavras não-verbais do português, nomes e adjetivos carregam necessariamente em sua representação morfossintática um morfema de classe formal, cuja manifestação, no módulo fonológico, pode se dar através de um item vocabular (expressão fonológica) ou pode ser nula. Neste caso, o conteúdo do sufixo temático é  $\emptyset$  fonológico.

À guisa de conclusão para a longa discussão feita nas seções e subseções anteriores sobre a formação de cada uma das classes formais que compõem o português, são ilustradas, no Quadro 7, as diferentes classes de palavras do português, Classes I-V. Todas essas classes são heterogêneas com relação ao gênero, abrigando palavras masculinas e femininas. Daí inferir-se que as classes de palavras não são classes de gênero, senão agrupamentos de formas, ou seja, grupos de palavras cuja semelhança única entre si é carregarem a mesma terminação.

Quadro 7 - *Classes formais do português: visão geral*

Classe Formal		
a. <b>I</b> /o/	m	astro, belo, calmo, dado, figo, imenso, jato, lobo, maestro, noivo, oco, peito, quadro, rato, sino, urso, vândalo, zelo, ... anão, barão, camarão, ermitão, feijão, gavião, grão, irmão, leão, órfão, pagão, pão, pulmão, refrão, saguão, salmão, tabelião, trovão, tubarão, violão, vulcão, ...
	f	imago, libido, tribo, virago afeição, ambição, bênção, canção, emoção, função, gratidão, ilusão, irrisão, legião, mão, nação, oração, paixão, razão, refeição, solidão, televisão, tensão, tradição, vocação, ...
b. <b>II</b> /a/	f	alameda, bela, cava, dama, fada, girafa, ilha, juta, lâmpada, neta, ostra, pedra, quimera, rúcula, cesta, testa, uva, vaca, zebra, ... anã, avelã, campeã, capitã, castelã, cortesã, ermitã, hortelã, irmã, lâ, maçã, órfã, pagã, rã, romã, sacristã, tabeliã, tecelã, vilã, ...
	m	aroma, cometa, drama, edema, fantasma, gorila, idioma, lema, mapa, nauta, ômega, plasma, prana, querigma, rapa, sistema, tema, ... afã, clã, galã, imã, satã, sutiã, talismã, tarumã, titã, ...
c. <b>III</b> Ø ~ e	m	abacate, acorde, açougue, alarde, alaúde, bagre, balaústre, bandeide, basquete, blefe, ble/k/e, bos/k/e, cipreste, clube, debo/s/e, dote, eslaide, flerte, forde, lan/s/e, nocaute, padre, tigre, verde, ... algoz, anis, bolor, capuz, convés, feliz, mártir, revés, teor, tenaz, ...
	f	arte, ave, boate, buti/k/e, chance, chave, cidade, haste, lápide, madre, mascote, metade, neve, noite, parede, rede, saúde, sebe, sorte, trave, ... cor, cruz, dor, espiral, flor, foz, paz, tez, ...
	m/f	alegre, chefe, célebre, cliente, consorte, cra/k/e, mestre, pedestre, triste, ...
d. <b>IV</b> /e/	m	are, apêndice, bule, cárcere, do/s/e, escore, folclore, tule, vale, ...
	f	alfa/s/e, árvore, cla/s/e, fa/s/e, índole, mu/s/e, pele, prole, to/s/e, ...
	m/f	bene/s/e, célere, mole, preco/s/e, súpli/s/e, ...
e. <b>V</b> Ø	m/f	bagageN, corageN, joveN, homeN, álbuN, treN, armazeN, jardiN, ...
	m/f	frei, lei, rei, boi, apogeu, mausoléu, troféu, ...
	m/f	araçá, pá, vatapá, chá, jabuti, pajé
	m/f	vil, farol, papel, ...

Como se pode observar, os nomes e adjetivos do português estão distribuídos entre cinco classes formais, I-V, as quais, para serem assim organizadas, compartilham características específicas entre si capazes de as identificar.

A Classe I, identificada pelo morfema de classe formal /o/, parece ser a que mais palavras abriga na língua, sendo, por isso, um dos agrupamentos formais mais produtivos. Inclui também o ditongo *-ão* oriundo de *aN+o*. Na forma plural, enquanto as palavras com terminação oral recebem unicamente o acréscimo do sufixo /S/, pela regra (34b), a maioria das acabadas em ditongo nasal tem o morfema de classe formal /o/ reajustado para /e/, daí *-ões*. O emprego desta forma vem, aliás, revelando-se como uma tendência atual na língua, o que, no entanto, não torna sem razão a referida regra de reajustamento, uma vez que os nomes de singular em *-ão* resultam, segundo Câmara Jr. (1976), de uma *neutralização de três estruturas com radicais distintos*.

A Classe II, cujo morfema de classe formal manifesta-se com a vogal /a/, que também inclui /aN/, cuja forma de superfície é *-ã*, nasal, é a segunda mais produtiva do português, juntamente com a classe I.

A Classe III, no singular, inclui as palavras de terminação *-e* que é motivada pela epêntese, em nível fonológico, mas cujo morfema de classe formal é  $\emptyset$ , e palavras que jamais necessitam da vogal epentética, são as terminadas em /r ou S/. No plural, todos os radicais desta classe recebem o morfema de classe formal /e/, chegando prontos à fonologia.

A Classe IV compreende palavras que recebem /e/ como morfema de classe formal, isto é, em nível morfológico. O número de seus integrantes é reduzido, eis uma das evidências de que essa classe não é produtiva na língua.

A Classe V são palavras vulgarmente conhecidas como *atemáticas* que, sob a DM, são identificadas pelo morfema de classe formal  $\emptyset$ , tanto no singular quanto no plural. Em sendo assim, na fonologia, jamais será requerida uma vogal para preencher a posição do morfema de classe formal da classe V.

A seguir, no item 5.6, consideram-se os traços de classe formal, particularmente no que se refere ao seu *status* de legítimos traços, na acepção *standard*.

## 5.6. Traços de classe formal e generalizações morfológicas: mais evidências

A maioria das palavras, com exceção das duas maiores classes formais do português, exige, nas entradas vocabulares, a indicação da classe formal a que pertencem. Como vimos, em 5.1, um mecanismo especial é exigido para permitir que palavras femininas como *libido*, *tribo* além de outras mais – entre elas o grande número de femininos terminados no ditongo -ão, como *emoção*, *canção*, *oração*, *bênção*, arroladas, no item 5.4, sejam afiliadas à classe formal I, a classe *default*, ou seja, não-marcada no que diz respeito às palavras masculinas. Da mesma forma, palavras como *cometa*, *mapa*, *planeta*, *prana* entre muitas outras palavras masculinas ilustradas em (32b) – além das masculinas terminadas em -ã, como *afã*, *sutiã*, *tobogã*, também tratadas no item 5.4, requerem um dado dispositivo que responda pela alocação dessas formas à classe II, predominantemente feminina. Esse mecanismo especial, o qual é justificado por Harris (1999, p. 73) como sendo *the most plausible option that comes to mind*, trata-se de um traço idiossincrático de classe formal. Os traços diacríticos [I], [II] aparecem, então, nas entradas vocabulares dos itens que configuram exceções em uma dada classe, conforme mostrado nas figuras (36) e (37) para femininos terminados em /o/ que se afiliam à classe I e masculinos acabados em /a/ que se unem à classe II, respectivamente.

Enfim, esses traços diacríticos têm o efeito de bloquear a atribuição de classe *default* para as formas de exceção femininas, pois pertencem à classe I e masculinas, em virtude de serem afiliadas à classe II. É mister lembrar que o gênero nos nomes é inerente, diferentemente do gênero nos adjetivos que é adquirido. Todos os radicais nominais carregam essa informação, não importa se vem marcada nas entradas vocabulares, como é o caso do gênero feminino, ou se nenhuma informação com respeito ao gênero se faz presente nas entradas vocabulares, como é caso do masculino, a contraparte não-marcada do feminino.

Passa-se agora a considerar o *status* dos alegados traços de classe formal [I], [II], [III] e [IV]. Adianta-se que esses são verdadeiros traços na acepção *standard*, uma vez que gozam de motivação independente, isto é, *they play a role in morphological generalizations other than simply identifying the members of each class* (ap. Harris, 1999, p. 73). A evidência que se traz a seguir sustenta a hipótese de esses rótulos funcionarem como traços no sentido técnico. Outrossim, os exemplos que serão utilizados inspiram-se naqueles citados por Harris (1999) com relação ao espanhol.

A classe III contém palavras masculinas e femininas (e.g. masculino *lorde*, feminino *madre*), como observado relativamente à figura (34c). Acrescente-se a isso o fato de os membros dessa classe não diferirem entre si, em sua maioria, quanto à terminação que carregam, ou seja, as palavras afiliadas à classe III são majoritariamente idênticas no que concerne à terminação, como *o/a paciente* (não *\*pacienta* como nome feminino). Fato similar pode ser comprovado na forma de adjetivos integrados a essa classe *pato/pata grande* (inexiste o adjetivo feminino *\*granda*). Não obstante, há um grupo especial de radicais e sufixos nos quais o masculino da classe III e o feminino da classe II são combinados entre si. Uma amostragem é oferecida em (67).

(67) *Combinação entre Masculinos da Classe III e Femininos da Classe II*

	<i>classe III</i> <i>masculino</i>	<i>classe II</i> <i>feminino</i>
a. <i>radicais</i>		
mon3-	monge	monja
mestr-	mestre	mestra
b. <i>sufixos</i>		
-dor-	operador	operadora
-ot-	frangote	frangota
-eS-	inglês	inglesa

Com referência à combinação em (67a), ou seja, palavras da classe /III/, que carregam a vogal epentética /e/, em posição final, no masculino, mas /a/, no feminino, esta é uma tendência comprovada em português, embora muitas das formas que, por hipótese, poderiam integrar esse grupo, aí não estão pelo fato de não fazerem parte da língua padrão (e.g. *chefe* / *chefa*, *cliente* / *clienta*, *servente* / *serventa*, etc.).

Cada um dos casos apresentados em (67b) constitui um considerável grupo de palavras. Citam-se ainda *pescador(a)*, *animador(a)*, *morador(a)*; o diminutivo *-ot-* é aqui ilustrado com outros exemplos *gurizote* / *gurizota*, *gordote* / *gordota*, *velhote* / *velhota*; com relação às palavras formadas com o sufixo *-eS-* referem-se ainda *português* / *portuguesa*, *francês* / *francesa*.

O fato a ser observado concerne às particularidades que as formas em (67a-b) apresentam, à luz da DM, com base no que propõe Harris (1999) para o espanhol, nas entradas vocabulares. Em outras palavras, a proposta consiste em a entrada vocabular de cada

item vocabular, neste conjunto especial, incluir o traço [III]. Em se tratando de formas masculinas, estas não passam por quaisquer operações durante sua derivação, seja no singular, em (42) exemplificado, seja no plural, ilustrado em (45). As formas femininas correspondentes não têm, contudo, a mesma sorte, ou seja, são sujeitas a uma operação morfológica intitulada *Empobrecimento* (cf. Bonet, 1991), a qual manipula traços morfológicos, e cujo efeito pode ser visto em (68).

(68) *Regra de Empobrecimento*

$$\begin{array}{l} \text{[III, f]} / \text{mestr-, monz- e outros radicais} \\ \downarrow \quad \text{-dor-, -ot-, -eS-, e outros sufixos} \\ \emptyset \end{array}$$

Neste conjunto especial de itens, cujas formas femininas contêm nas respectivas entradas vocabulares a coocorrência de traços [III, f], ocorre uma simplificação intitulada *empobrecimento* (capítulo 3). A referida simplificação encarrega-se de desligar o traço de classe [III], quando este coocorre com o traço [f(eminino)]. Como resultado, às formas femininas é atribuído o traço [II], através da *regra de redundância* independentemente motivada (33) que coloca os femininos, por *default*, na classe II. Derivações ilustrativas de *mestre* e *mestra* são dadas em (69).

(69) *Derivações de Membros com Comportamento Especial dentro da Classe III*

a.	<i>entrada vocabular do radical</i>			
	/mestr/, III			
b.	<i>derivações</i>			
	[/mestr/] $\mathfrak{S}$	[/mestr/] $\mathfrak{S}$	1	
	[ ]	[ ]		MORFOLOGIA
	$\left[ \begin{array}{c} \text{III} \end{array} \right]$	$\left[ \begin{array}{c} \text{f} \\ \text{III} \end{array} \right]$	a	
	<hr/>			
		[f]	a'	empobrecimento (68)
	<hr/>			
		II	2	rg de redundância (33)
	<hr/>			
	$\updownarrow$	$\updownarrow$	3	inserção vocabular (34a)
	$\emptyset$	a		
	<hr/>			
	m e s t r	m e s t r a		FONOLOGIA
	\   /	\   /		
	$\sigma$	$\sigma$	4	silabação
			5	$\mathfrak{S}$ -epêntese (41)
	m e s t r e			
	\   /			
	$\sigma$	$\sigma$	6	silabação
	m e s t r + e	m e s t r + a		saída

Na linha 1a das derivações, são mostradas as propriedades relevantes das entradas vocabulares dos radicais. Em 1a', a regra de empobrecimento (68) é aplicada, simplificando o feixe de traços [f, III] para [f]. Como resultado, conforme mostrado na linha 2, o traço de gênero [f] dispara a regra de redundância (33), a qual atribui o traço de classe formal [II] para todas as palavras femininas portadoras do traço [f], por *default*. Na linha 3, ocorre a inserção vocabular atribuindo a vogal /a/ para o radical feminino e zero fonológico para a contraparte não-marcada, ou seja, o masculino. As próximas etapas ocorrem no componente fonológico da língua. Na linha 4, o processo de silabação acontece; a palavra *mestra* é perfeitamente silabificada, porque está completa, ao passo que a forma masculina correspondente só tem a primeira sílaba licenciada, a segunda contém a última consoante extraviada, não podendo, logo, passar pelo referido processo. A linha 5 mostra a atuação do processo de  $\mathfrak{S}$ -epêntese

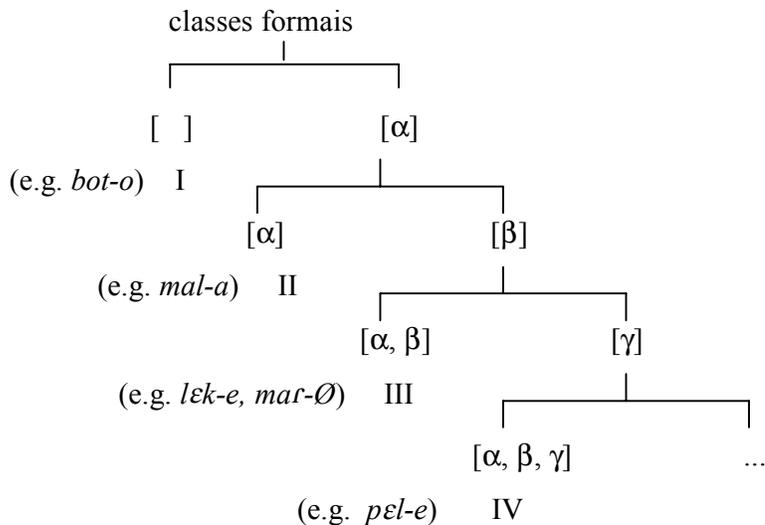
(41), através do qual a vogal /e/ é inserida na posição reservada à manifestação do morfema de classe formal da classe [III]. Após o processo de *Ḡ-epêntese* ser chamado, pode a palavra *mestre* ser completamente silabificada, o que é mostrado na linha 6. Finalmente, os resultados corretos são alcançados, *mestre* / *mestra*. Esses dados sustentam, assim, a proposta de os rótulos de classe formal [I], [II], como os demais, serem tecnicamente traços na acepção *standard*.

A fala popular está repleta de formas que sofrem essa operação de empobrecimento, em seus feixes de traços gramaticais, ou seja, antes de serem inseridas expressões fonológicas no morfema de classe formal, não só as terminadas em /e/ que passa para /a/, na forma feminina, bem como /e/ que passa para /o/, no masculino. Isso vem corroborar, não só a independência desses rótulos de classe, enquanto verdadeiros traços que, com outros coocorrendo, podem ser desligados, resultando dessas simplificações formas fonológicas menos marcadas. Eis um ponto que revela ser a classe III uma das mais marcadas.

### 5.7 Classes formais do português e a hierarquia de marcação

Como se pôde observar ao longo deste trabalho, as classes formais do português diferem entre si quanto ao grau de marcação que as define. A classe IV é mais marcada que a classe III, esta mais marcada que a classe II, a qual, por sua vez, é mais marcada que a classe I. Como a marcação está diretamente relacionada à presença de um morfema de classe formal, a classe V cujo morfema de classe formal é NULO, não entra nesta classificação.

Inspirando-se em Harris (1999), o qual, por sua vez, se inspira em Oltra-Massuet (1999), propõe-se, na presente seção, uma escala de marcação para as distintas classes formais do português, expressando, formalmente, o grau de marcação existente entre esses diferentes agrupamentos formais mediante traços morfológicos primitivos  $[\alpha \beta \gamma]$ . A reanálise das distintas classes formais do português, como classes construídas a partir de um conjunto mínimo de feixes de traços elementares, permite um melhor entendimento das relações de marcação que se estabelecem entre esses agrupamentos formais. Mais importante ainda é o fato de a escala de marcação permitir expressar as inter-relações entre as diferentes classes formais de uma maneira natural. Esta hierarquia é apresentada em (70).

(70) *Hierarquia de Marcação para Classes Formais*<sup>24</sup>

A título de rememoração, os traços primitivos  $[\alpha \beta \gamma]$  expressos em (70) são inseridos na morfologia como resultado de uma condição de boa-formação, a qual requer a adição de uma posição temática ( $\mathfrak{S}$ ) à raiz. Cada classe está ilustrada com um ou dois de seus membros, de acordo com o que foi anteriormente exposto. Como se pode observar em (70), a marcação é formalmente estabelecida em termos do número de traços que definem as classes. Assim, a classe I, que está mais alta na hierarquia, é maximamente não-marcada, o que significa dizer que não possui traço algum, daí ‘[ ]’. A classe II é levemente marcada, carrega um traço morfológico, ‘ $[\alpha]$ ’. A classe III é mais marcada que I e II, respectivamente, contém dois traços, ‘ $[\alpha, \beta]$ ’. A classe IV é aquela que possui o maior grau de marcação, carrega três traços num mesmo feixe ‘ $[\alpha \beta \gamma]$ ’. Em suma, as distintas classes formais do português são vistas, à luz da DM, como feixes de traços morfológicos, hierarquicamente interconectadas, de acordo com o grau de marcação que as caracteriza.

Observe-se cada uma dessas classes. A classe I abriga todos as palavras não-verbais do português ((N)omes e (A)djetivos) terminados em /o/ (e.g. *bol-o*; *fei-o*). Além disso, é uma das maiores classes e, logo, uma das mais produtivas. A classe II que abarca todas os N e A acabados na vogal /a/ (e.g. *bol-a*; *fei-a*) é, ao lado da classe I, uma das maiores e mais

<sup>24</sup> Quanto à classe V, a ela não fizemos menção por jamais carregar a posição do morfema de classe formal preenchida com traços fonológicos, ou seja, manifestar-se inexoravelmente como NULO.

produtivas. A classe III abarca palavras que podem ou não receber a vogal /e/, dependendo de condições de silabação, ou seja, Ø / e. Juntamente com I e II, a classe III é uma das mais proeminentes, para a qual são freqüentemente direcionados os neologismos que a todo dia são usados pelos falantes do português, por isso, uma classe produtiva. A classe IV, por sua vez, abriga palavras que, em princípio, inesperadamente carregam a vogal /e/ como morfema de classe formal. Ademais, não pode ser considerada uma classe extensa, tampouco aberta a inovações de toda sorte, como acontece às demais classes. Logo, é a mais marcada de todas.

Enfim, as distintas classes formais do português, isto é, os expoentes fonológicos das classes formais foram aqui realinalisadas como feixes de traços morfológicos. Tais traços são hierarquicamente relacionados entre si de acordo com o grau de marcação que lhes é peculiar.

Assim, os identificadores de classe I/II/III/IV teriam em português a característica formal de traços (decomponíveis). Conseqüentemente as palavras não-verbais do português (N e A) seriam formalmente caracterizados por meio de traços. Supõe-se que a UG disponibiliza um conjunto de traços, dos quais cada língua seleciona aqueles necessários para caracterizar suas classes temáticas, qualquer que fosse o papel adicional passível de ser desempenhado por tais traços na gramática.

### 5.7.1 Hierarquia de marcação e regras de empobrecimento

O fato de ser essa hierarquia de marcação de classes formais (70) adquirida pelos falantes nativos do português, não quer dizer que esses feixes de traços morfológicos não possam sofrer modificações, ou seja, ser simplificados, através de *regras*, como as chamadas *regras de empobrecimento* (Bonet, 1991), ilustradas no item 5.6 e tratadas no capítulo 3.

As *regras de empobrecimento*, conforme anteriormente referido, são um dispositivo central na DM. Funcionam como filtros ou restrições a coocorrências de traços, à semelhança daqueles empregados por Calabrese (1995) para inventários de segmentos fonológicos. Essas regras operam sobre feixes de traços morfológicos, cuja complexidade ou grau de marcação, os falantes tendem a evitar, simplificando-os. A fala popular bem como a das crianças em fase de aquisição da linguagem estão repletas de simplificações, via aplicação ‘automática’ de regras de empobrecimento. Diz-se ‘automática’ porque, de fato, os falantes não têm consciência de que as aplicam. Por exemplo, há muitas palavras femininas em português

terminadas em /e/, sejam elas, segundo a proposta que aqui se faz, pertencentes às classes III ou IV, que são sistematicamente produzidas com /a/ ou /o/ pelos falantes (cf. *servente* (m) *versus* *serventa* (f); *cliente* *versus* *clienta*; *chefe* *versus* *chefa*, etc.). Aqui se tem a simplificação da configuração complexa de traços que caracteriza os femininos da classe III: [III, f], em que o traço de classe [III] é desligado do feixe de traços e o traço restante [f] desencadeia então a regra de redundância que atribui classe II aos femininos no caso não-marcado, ou seja, aos portadores unicamente de [f] nas entradas vocabulares.

Se isso assim acontece é que, de fato, as classes I e II são aquelas em que há uma estreita correlação entre classe formal e gênero, o que desencadeia uma mudança nos feixes de traços que caracterizam os radicais femininos da classe III – não só em se tratando de adultos, já com o sistema alvo estabelecido, bem como em crianças em fase de aquisição.

Assim, à luz dos pressupostos teóricos da DM, o estabelecimento da *Hierarquia de Marcação* (70) e as regras de empobrecimento permitem explicar de forma natural os processos de simplificação empregados pelos falantes nativos do português na manipulação das classes formais da língua, o que é também amplamente atestado no espanhol (cf. Harris, 1999), no catalão (cf. Oltra-Massuet, 1999), assim como em outras línguas romanas.

## 6. DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO NO PORTUGUÊS: UMA ILUSTRAÇÃO DA TEORIA DA MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA

O presente capítulo tem por objetivo ilustrar a identificação do morfema de classe formal em derivados e compostos, exemplificando as idéias desenvolvidas neste estudo.

Para tanto, na seção 6.1, à luz da DM, são abordados casos de palavras não-verbais derivadas e a forma pela qual são geradas com a adição de ‘*sufixos derivacionais típicos*’ (e.g. *-eir-*, *-os-*, *-al-*). Em 6.2, ilustra-se o caso de palavras derivadas construídas com o afixo formador de advérbios em *-mente*. Em 6.3, é ilustrado o caso dos compostos e, finalmente, na seção 6.4, é abordado o caso do diminutivo *-zinhV* e sua adjunção às palavras simples.

Antes de tocarem-se tais temas, sob o enfoque da DM, é de fundamental importância, para o presente capítulo, rever a posição assumida por Câmara Jr. (1976) acerca da sufixação em português. Assim se procede, em virtude de a contribuição do eminente lingüista para os estudos sobre o sistema do português do Brasil ser de inestimável valor, independentemente do enfoque teórico que se assumia para investigação.

Segundo Câmara Jr. (1976, p. 215), *há duas circunstâncias muito importantes em referência ao sufixo*. Uma é a que diz respeito à *variabilidade do limite entre o que se considera sufixo e o radical (...)*. Segundo o autor, *na descrição atual da língua um dado sufixo pode apresentar variações a esse respeito na maneira por que entram em palavras derivadas* (Câmara Jr. 1976, p. 215). Em termos sincrônicos, Mattoso argumenta que em *fumarada*, por exemplo, *não há um ‘interfixo’ -ar- mas simplesmente um sufixo -arada como alomorfe de -ada* (cf. à equivalência de *chugarada* e *chugada*) (Câmara Jr., 1969, p. 45).

O segundo ponto de fundamental importância é o que concerne à *circunstância de integração no sufixo de uma vogal de tema, que situa a palavra derivada num tema determinado, independente do da palavra primitiva de que se deriva* (cf. *artista* < art-e, *pianista* < pian-o, *harpista* < -a). O autor argumenta em prol da vigência de um núcleo no segmento sufixal, que é o sufixo propriamente dito e pode apresentar variação de tema (cf. *-ez* em *palidez*, *-eza* em *tristeza*). Assim, para Câmara Jr. (1976, p. 215), *na*

*palavra derivada é o sufixo, complementado pela sua vogal de tema, que sofre a flexão nominal ou verbal.*

Quanto ao primeiro ponto mencionado por Mattoso com respeito à alomorfia, esta é explicada, à luz da DM, através da operação morfológica intitulada *regra de reajustamento* – conhecida tradicionalmente como *mudança morfofonêmica*, que opera no componente morfológico da gramática, após o mapeamento de itens vocabulares sobre os diferentes morfemas que constituem a palavra, conforme amplamente ilustrado no capítulo 5. Isso ocorre antes de o componente fonológico ser chamado a atuar. Assim, no caso de *-arada e -ada* (*chubarada ~ chuvada*), diz-se que o radical ao qual uma dessas variantes pode ser anexada é *chuv-* e não *\*chuva*, cuja vogal última teria, necessariamente, de passar por uma regra de truncamento para, só então, o sufixo escolhido, seja ele qual for, poder reunir-se ao radical *chuv-*. É de notar que nem todos os que estudam o PB são de mesmo pensamento. Para Lee (1995), no vocábulo *chubarada* o que ocorre é a manutenção da vogal temática nominal *-a-* no interior da palavra, abstraindo-se, assim, à regra de truncamento. Entretanto, Miranda (2000) argumenta em prol da existência do alomorfe *-arada*, mencionado por Mattoso, inexistindo, assim, em tal caso, a manutenção da VT nominal. Desta feita, a solução oferecida em termos de DM parece ser mais simples e econômica, no que concerne aos mecanismos formais a serem empregados, o que será exemplificado, em (73).

No que respeita ao segundo ponto referido por Mattoso, o fato de o sufixo portador de traços fonológicos que se prende a um radical (*-ez(a), -ista*), ser aquele que poderá receber ou não a manifestação fonológica de um morfema de classe formal (sufixo temático / vogal temática nominal) é também aceito na DM. No entanto, enquanto Mattoso defende que na formação de palavras derivadas, a forma simples, da qual aquelas derivam, se contiver vogal temática, esta terá de passar por uma regra de truncamento, a fim de que o sufixo, quando iniciado por vogal, possa prender-se ao radical; a DM assume que, na formação de palavras derivadas, jamais se faz presente a informação de morfema de classe formal nominal, uma vez que tal informação somente é requisitada como instância última na formação de um vocábulo, seja ele simples ou derivado.

A seguir, passa-se ao tratamento de alguns casos de derivação em português, a fim de ilustrar o funcionamento da DM.

## 6.1 As palavras não-verbais derivadas do português

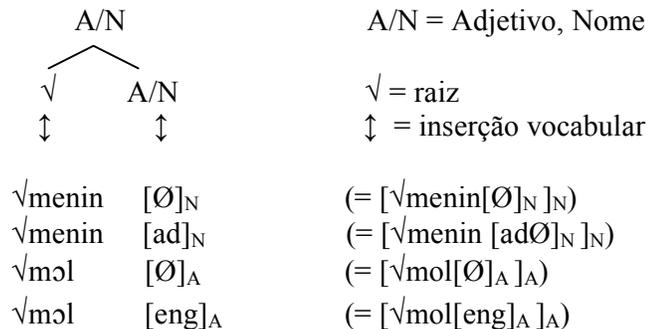
As *diferentes partes do discurso* (N, A, V) podem ser definidas como pertencendo a um só tipo a *raiz* – ou *l-morfema* (cf. Harley & Noyer, 1998a), e são, por hipótese, desprovidas de categoria. A raiz ( $\sqrt{\quad}$ ), por sua vez, somente adquire categoria morfossintática quando a ela é adicionado um morfema definidor de categoria, isto é, um afixo derivacional (cf. Harris, 1999) – um tipo de *f-morfema* (cf. Harley & Noyer, 1998a), o qual pode ser  $\emptyset$  (cf. *menino* [ $\sqrt{\text{menin}}$  [ $\emptyset$ ]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>), (cf. *mole* [ $\sqrt{\text{mol}}$  [ $\emptyset$ ]<sub>A</sub>]<sub>A</sub>) ou conter traços fonológicos (*meninada* [ $\sqrt{\text{menin}}$  [ad]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>), (cf. *mole* [ $\sqrt{\text{mol}}$  [eng]<sub>A</sub>]<sub>A</sub>). No primeiro caso, trata-se de exemplos de palavras simples, amplamente descritas e analisadas no capítulo 5. No segundo caso, trata-se de palavras derivadas, em virtude de o sufixo formador de nomes e adjetivos conter traços fonológicos, *-ad-* e *-eng-*, respectivamente. Infere-se daí que o mesmo *item vocabular* (*menin-*, *mol-*) pode aparecer em distintas categorias morfossintáticas, dependendo do contexto de inserção, ou seja, do morfema que licencia a raiz, isto é, o afixo derivacional.

Em suma, à luz da DM, a formação de palavras de uma língua, sejam elas não-verbais, como no presente caso do português, ou verbais, é viabilizada quando a uma raiz ( $\sqrt{\quad}$ ) adjunge-se um afixo derivacional portador de categoria morfossintática. Somente assim forma-se um nome (N) ou um adjetivo (A), ou seja, um radical nominal ou adjetival, conforme mostrado em (71).

(71) *Formação de Radicais Nominais e Adjetivais à luz da DM*

<i>menin-</i> <i>menin-<math>\emptyset</math>-</i>	<i>menin-</i> <i>menin-ad-</i>	<i>mol-</i> <i>mol-<math>\emptyset</math>-</i>	<i>mol-</i> <i>mol-eng-</i>
---	-----------------------------------	---	--------------------------------

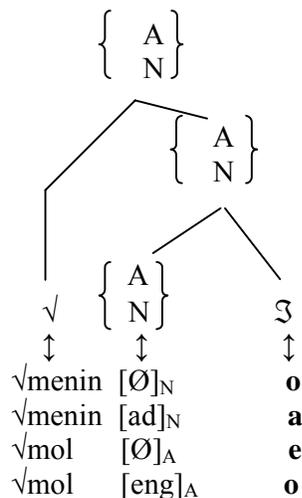
Morfologia:



Conforme se pode observar, a  $\surd$  = raiz é uma forma presa desprovida de categoria passível de ser determinada (cf. *menin+ice*), mas combinada com os sufixos portadores de categoria morfossintática, A/N = Adjetivo, Nome, forma um radical nominal ou adjetival, na verdade  $X^0$ . Nos casos em que o afixo é  $\emptyset$ , falar-se-á em um radical simples; quando contiver traços fonológicos, o radical será derivado. No entanto, esses radicais têm de ter uma posição temática – em cumprimento a uma condição de boa-formação morfológica, em (26), a fim de receberem o *status* de palavras morfológicamente bem-formadas.

A estrutura constitutiva completa dos radicais ilustrados em (71) é mostrada em (72). Depreende-se daí que, à luz da DM, uma palavra só é concebida como morfológicamente bem-formada após o cumprimento da condição de adjunção de um sufixo temático ao radical, em (72) mostrado, independentemente da informação fonológica mapeada sobre o morfema de classe formal, /o/, /a/, /e/ ou  $\emptyset$ .

(72) *Estrutura Constitutiva Completa de Nomes e Adjetivos Simples e Derivados à luz da DM*



Observa-se na figura acima, que tanto palavras simples (*menino*, *mole*) como derivadas (*meninada*, *molengo*) inserem-se no mesmo tipo de estrutura constitutiva, e partem, obviamente, das mesmas raízes ( $\surd$ mol --> *mole*, *molengo*;  $\surd$ menin --> *menino*, *meninada*). A informação que permite diferenciar formas simples de derivadas, à luz da DM, é o conteúdo fonológico do afixo doador de categoria morfossintática à raiz, conforme referido anteriormente. Verifica-se, assim, que o morfema de classe formal ‘ $\mathfrak{S}$ ’, elemento último inserido à borda do vocábulo morfológico, não está absolutamente envolvido em tais casos,

consistindo tão só no elemento derradeiro a formar a palavra, seja ela simples ou derivada. Por conseguinte, o morfema de classe formal não pode ser considerado como morfema derivacional, pois não está envolvido na formação de uma categoria morfossintática.

Em sendo assim, não há sentido em falar sobre regra de truncamento, à luz da DM, para as palavras derivadas não-verbais do português, como *roseir-a*, *mural-o*, *gulos-o*, uma vez que a base dessas formas é um radical do tipo: *ros-*, *mur-*, *gul-*, aos quais se reúnem os sufixos derivacionais *eir-*, *al-* e *os-*, respectivamente; devendo ser adicionado aos radicais com esses sufixos formados um morfema de classe formal, derradeiro e imprescindível passo para a boa-formação morfológica da palavra. Isso, entretanto, não significa que a regra de truncamento seja banida do sistema. Nas formações verbais ela persiste, sob a forma de *regra de reajustamento*<sup>25</sup>.

Em (73), mostra-se a inexistência, à luz da DM, de uma vogal átona final, passível de sofrer regra de truncamento; através de ilustrações apresentam-se palavras nominais derivadas, bem como formas simples que compartilham a mesma raiz ( $\sqrt{\quad}$ ).

(73) *Nominais*

- a. *ros-a* --> [ [ $\sqrt{\text{ros}}$   $\emptyset$  ]<sub>N</sub>  $\mathfrak{S}a$ ]<sub>N</sub>  
*ros+eir-a* --> [ [ $\sqrt{\text{ros eir}}$  ]<sub>N</sub>  $\mathfrak{S}a$ ]<sub>N</sub>, (\**ros-a+eir-a*)  
*ros+eir+al-o* --> [ [ [ $\sqrt{\text{ros eir}}$  ]<sub>N</sub> *al* ]<sub>N</sub>  $\mathfrak{S}\emptyset$  ]<sub>N</sub>, (\**ros-a+eir-a+al*)
- b. *brav-o* --> [ [ $\sqrt{\text{brav}}$   $\emptyset$  ]<sub>A</sub>  $\mathfrak{S}o$  ]<sub>A</sub>  
*brav-a* --> [ [ $\sqrt{\text{brav}}$   $\emptyset$  ]<sub>A</sub>  $\mathfrak{S}a$  ]<sub>A</sub>, (\**brav-o+a*)  
*brav+ez-a* --> [ [ $\sqrt{\text{brav ez}}$  ]<sub>N</sub>  $\mathfrak{S}a$  ]<sub>N</sub>, (\**brav-o/-a+ez-a*)

Verifica-se, mais uma vez, que no processo de afixação derivacional estão envolvidos unicamente raízes ( $\sqrt{\quad}$ ) e afixos derivacionais (cuja manifestação fonológica inclui até mesmo  $\emptyset$ , em negrito). Os radicais, por si sós, não podem funcionar na gramática livremente, sem uma afixação posterior, a do morfema de classe formal, aqui representado sob ‘ $\mathfrak{S}$ ’. É o que também se vê em Peperkamp (1997) que, à luz da Fonologia Prosódica, admite a visão de

<sup>25</sup> Calabrese (1997, p. 16) referindo-se às formas verbais flexionadas no italiano, afirma: (...) *uma vogal temática é também inserida no presente do indicativo dos verbos regulares (...). Essa vogal é, contudo, apagada na superfície, antes de sufixos iniciados por vogal, através de uma regra de reajustamento.*

Harris (1991) na análise de dados do italiano, em processos de derivação, opondo-se a Scalise (1983, 1984), cuja linha seguida é a tradicional.

Ilustra-se, em (74), a construção de algumas palavras não-verbais do português à luz da DM.

(74) *Formação de palavras simples e derivadas na perspectiva da DM*

<b>Raiz (√)</b>	<b>afixação derivacional</b>	<b>sufixo temático (S)</b>	<b>saída</b>
a. √ <i>menin-</i>	[√ <i>menin</i> Ø] <sub>N</sub> [√ <i>menin</i> ad] <sub>N</sub> [√ <i>menin</i> ic] <sub>N</sub> [√ <i>menin</i> eir] <sub>A</sub> [√ <i>menin</i> ez] <sub>N</sub>	[[√ <i>menin</i> Ø] <sub>N</sub> o] <sub>N</sub> [[√ <i>menin</i> ad] <sub>N</sub> a] <sub>N</sub> [[√ <i>menin</i> ic] <sub>N</sub> e] <sub>N</sub> [[√ <i>menin</i> eir] <sub>N</sub> o] <sub>N</sub> [[√ <i>menin</i> ez] <sub>N</sub> Ø] <sub>N</sub>	<i>menin-o</i> <i>meninad-a</i> <i>meniníc-e</i> <i>menineir-o</i> <i>meninez-</i>
b. √ <i>vulcaN-</i>	[√ <i>vulcaN</i> Ø] <sub>N</sub> [√ <i>vulcaN</i> ic] <sub>A</sub> [√ <i>vulcaN</i> ism] <sub>N</sub>	[[√ <i>vulcaN</i> Ø] <sub>N</sub> o] <sub>N</sub> [[√ <i>vulcaN</i> ic] <sub>A</sub> o] <sub>N</sub> [[√ <i>vulcaN</i> ism] <sub>N</sub> o] <sub>N</sub>	<i>vulcão</i> <i>vulcânic-o</i> <i>vulcanism-o</i>
c. √ <i>natur-</i>	[√ <i>natur</i> Ø] <sub>N</sub> [√ <i>natur</i> ez] <sub>N</sub> [√ <i>natur</i> al] <sub>A</sub> [[√ <i>natur</i> al] <sub>A</sub> ism] <sub>N</sub> [[[√ <i>natur</i> al] <sub>A</sub> ist] <sub>N</sub> ic] <sub>A</sub> [[√ <i>natur</i> al] <sub>A</sub> idad] <sub>N</sub>	[[√ <i>natur</i> Ø] <sub>N</sub> a] <sub>N</sub> [[√ <i>natur</i> ez] <sub>N</sub> a] <sub>N</sub> [[√ <i>natur</i> al] <sub>A</sub> Ø] <sub>A</sub> [[[√ <i>natur</i> al] <sub>A</sub> ism] <sub>N</sub> o] <sub>N</sub> [[[[√ <i>natur</i> al] <sub>A</sub> ist] <sub>N</sub> ic] <sub>A</sub> o] <sub>A</sub> [[[√ <i>natur</i> al] <sub>A</sub> idad] <sub>N</sub> Ø] <sub>A</sub>	<i>natur-a</i> <i>naturez-a</i> <i>natural-</i> <i>naturalism-o</i> <i>naturalístic-o</i> <i>naturalidad-e</i>
d. √ <i>laN-</i>	[√ <i>laN</i> Ø] <sub>N</sub> [√ <i>laN</i> ugeN] <sub>N</sub> [√ <i>laN</i> os] <sub>A</sub> [√ <i>laN</i> os] <sub>A</sub> [√ <i>laN</i> ud] <sub>A</sub>	[[√ <i>laN</i> Ø] <sub>N</sub> a] <sub>N</sub> [[√ <i>laN</i> ugeN] <sub>N</sub> Ø] <sub>N</sub> [[√ <i>laN</i> os] <sub>A</sub> o] <sub>A</sub> [[[√ <i>laN</i> os] <sub>A</sub> idad] <sub>N</sub> Ø] <sub>N</sub> [[√ <i>laN</i> ud] <sub>A</sub> o] <sub>A</sub>	<i>lã</i> <i>lanugem-</i> <i>lanos-o</i> <i>lanosidad-e</i> <i>lanud-o</i>
e. √ <i>flor-</i>	[√ <i>flor</i> Ø] <sub>N</sub> [√ <i>flor</i> al] <sub>A</sub> [√ <i>flor</i> ist] <sub>N</sub> [√ <i>flor</i> eir] <sub>N</sub>	[[√ <i>flor</i> Ø] <sub>N</sub> Ø] <sub>N</sub> [[√ <i>flor</i> al] <sub>A</sub> Ø] <sub>A</sub> [[√ <i>flor</i> ist] <sub>N</sub> a] <sub>N</sub> [[√ <i>flor</i> eir] <sub>N</sub> a] <sub>N</sub>	<i>flor</i> <i>floral</i> <i>florist-a</i> <i>floreir-a</i>
f. √ <i>meS-</i>	[√ <i>meS</i> Ø] <sub>N</sub> [√ <i>meS</i> ad] <sub>N</sub> [√ <i>meS</i> ari] <sub>N</sub>	[[√ <i>meS</i> Ø] <sub>N</sub> Ø] <sub>N</sub> [[√ <i>meS</i> ad] <sub>N</sub> a] <sub>N</sub> [[√ <i>meS</i> ari] <sub>N</sub> o] <sub>N</sub>	<i>mês</i> <i>mesad-a</i> <i>mesári-o</i>
g. √ <i>club-</i>	[√ <i>club</i> Ø] <sub>N</sub> [√ <i>club</i> ist] <sub>A</sub> [√ <i>club</i> ist] <sub>A</sub>	[[√ <i>club</i> Ø] <sub>N</sub> Ø] <sub>N</sub> [[√ <i>club</i> ist] <sub>A</sub> a] <sub>N</sub> [[[√ <i>club</i> ist] <sub>A</sub> ic] <sub>A</sub> o] <sub>A</sub>	<i>club-e</i> <i>clubist-a</i> <i>clubístic-o</i>
h. √ <i>dent-</i>	[√ <i>dent</i> Ø] <sub>N</sub> [√ <i>dent</i> ist] <sub>N</sub> [√ <i>dent</i> al] <sub>A</sub> [√ <i>dent</i> ari] <sub>A</sub>	[[√ <i>dent</i> Ø] <sub>N</sub> Ø] <sub>N</sub> [[√ <i>dent</i> ist] <sub>N</sub> a] <sub>N</sub> [[√ <i>dent</i> al] <sub>N</sub> Ø] <sub>N</sub> [[√ <i>dent</i> ari] <sub>N</sub> o] <sub>N</sub>	<i>dent-e</i> <i>dentist-a</i> <i>dental-</i> <i>dentári-o</i>

i	$\sqrt{mol}$ -	$[\sqrt{mol} \ \emptyset]_A$	$[[\sqrt{mol} \ \emptyset]_A \ e]_A$	<i>mol-e</i>
		$[\sqrt{mol} \ eir]_N$	$[[\sqrt{mol} \ eir]_N \ a]_N$	<i>moleir-a</i>
		$[\sqrt{mol} \ eng]_A$	$[[\sqrt{mol} \ eng]_A \ a]_A$	<i>moleng-a</i>
		$[\sqrt{mol} \ ez]_N$	$[[\sqrt{mol} \ ez]_N \ a]_N$	<i>molez-a</i>
		$[\sqrt{mol} \ ed]_N$	$[[\sqrt{mol} \ ed]_N \ o]_N$	<i>moled-o</i>
		$[\sqrt{mol} \ i\check{c}]_N$	$[[\sqrt{mol} \ i\check{c}]_N \ o]_N$	<i>moli\check{c}-o</i>
j.	$\sqrt{sal}$ -	$[\sqrt{sal} \ \emptyset]_N$	$[[\sqrt{sal} \ \emptyset]_N \ \emptyset]_N$	<i>sal_</i>
		$[\sqrt{sal} \ in]_N$	$[[\sqrt{sal} \ in]_N \ a]_N$	<i>salin-a</i>
		$[\sqrt{sal} \ eir]_N$	$[[\sqrt{sal} \ eir]_N \ o]_N$	<i>saleiro</i>
		$[\sqrt{sal} \ in]_A$	$[[\sqrt{sal} \ in]_A \ o]_A$	<i>salin-o</i>
l.	$\sqrt{zardiN}$ -	$[\sqrt{zardiN} \ \emptyset]_N$	$[[\sqrt{zardiN} \ \emptyset]_N \ \emptyset]_N$	<i>jardim_</i>
		$[\sqrt{zardiN} \ eir]_N$	$[[\sqrt{zardiN} \ eir]_N \ o]_N$	<i>jardineir-o</i>
		$[\sqrt{zardiN} \ ist]_A$	$[[\sqrt{zardiN} \ ist]_A \ a]_A$	<i>jardinist-a</i>
m.	$\sqrt{kakau}$ -	$[\sqrt{kakau} \ \emptyset]_N$	$[[\sqrt{kakau} \ \emptyset]_N \ \emptyset]_N$	<i>cacau_</i>
		$[\sqrt{kakau} \ ist]_A$	$[[\sqrt{kakau-l-} \ ist]_A \ a]_A$	<i>cacaulist-a</i>
		$[\sqrt{kakau} \ eir]_N$	$[[\sqrt{kakau-z-} \ eir]_N \ o]_N$	<i>cacauzeir-o</i>
n.	$\sqrt{urubu}$ -	$[\sqrt{urubu} \ \emptyset]_N$	$[[\sqrt{urubu} \ \emptyset]_N \ \emptyset]_N$	<i>urubu_</i>
		$[\sqrt{urubu} \ eir]_N$	$[[\sqrt{urubu-z-} \ eir]_N \ o]_N$	<i>urubuzeir-o</i>

Como se pode observar, uma mesma raiz ( $\sqrt{\quad}$ ) participa na formação de N e A simples e derivados, obviamente com a adjunção a um afixo derivacional, que pode ter, como manifestação fonológica,  $\emptyset$  ou traços fonológicos. A forma resultante da combinação é posteriormente desenvolvida, conforme mostrado na coluna mais à esquerda, em (74). Somente após a raiz ter adquirido categoria morfossintática, via combinação com um morfema doador de categoria, é que poderá ser adjungido um sufixo temático ( $\mathfrak{S}$ ) ao radical, mediante uma condição de boa-formação, fornecendo /o a e  $\emptyset$ /, às classes I, II III, IV e V.

Particularmente com respeito à classe III, seus membros, dependendo da constituição silábica e posição do sufixo temático, recebem ou não a vogal /e/ na fonologia, através do processo de epêntese, apresentado no capítulo 5 (e.g. club- $\emptyset$  -- > *clube* (74g); dent- $\emptyset$  -- > *dent-e* (74g)). Relativamente à classe V, cujos membros podem ter seus radicais terminados em /l/, /N/, V acentuado ou seqüência de VV, cujo morfema de classe formal se manifesta invariavelmente como NULO, há um número considerável de regras de reajustamento que

devem atuar, a fim de as formas morfológicas de output saírem corretamente, para serem então manipuladas pela fonologia (*urubu* -- > *urubuzal*, *cacau* -- > *cacaulista*, etc.). Contudo, o objetivo aqui se restringe à visualização das várias derivações que podem ser geradas a partir de uma única raiz, a qual, repete-se, é desprovida não só de categoria morfossintática, bem como de gênero e classe formal, até o momento em que se combina a um afixo derivacional, a partir de então há um radical portador de categoria morfossintática, gênero – no caso de radicais nominais e adjetivais, e classe formal.

Salienta-se que os radicais nominais, em geral, no presente caso tratados unicamente nomes e adjetivos, carregam informação idiossincrática de classe formal em suas respectivas entradas vocabulares, sob a forma de um traço diacrítico abstrato que pode ser [I] – ou mesmo nenhuma informação de classe, no caso *default*, [II], [III], [IV] ou [V]. A informação de classe formal não é estabelecida sob a forma de traços fonológicos do morfema de classe formal (sufixo temático). Por exemplo, *mar*, *algoz* são interpretados como membros da classe III precisamente pelo fato de após /r S/ não se fazer presente a manifestação explícita do sufixo temático. Fatos como esses permitem elucidar o fato de ‘*classe formal*’ não coincidir com / ser reduzido às propriedades fonológicas de uma vogal, em qualquer nível da representação, como vimos.

Pelas exemplificações em (74) e demais ilustrações apresentadas, observa-se a inexistência de um morfema de classe formal em posição precedente aos afixos derivacionais da língua. Essa constatação mostra que, de fato, os morfemas de classe formal nominais não fazem parte da morfologia derivacional da língua, mas pertencem à morfologia flexional. Portanto, em palavras como *matag-al*, *ervat-ário*, não se poderia sequer levantar a hipótese de serem formas de exceção, uma vez que não há como interpretar o *-a-* interno como morfema de classe formal. Isso porque, na perspectiva da DM, a condição implícita de perifericidade é indispensável.

No próximo item, consideram-se os advérbios formados com o sufixo *-mente*.

## 6.2 Os advérbios em *-mente*

A presente seção enfoca os advérbios formados com a adjunção do sufixo derivacional *-mente* a formas adjetivais que carregam em posição final de palavra a vogal /a/ (e.g. *bel-a+mente*, *hipocrit-a+mente*).

Em primeiro lugar, é interessante verificar o que registram as obras de cunho histórico, acerca das formações dessa natureza. Said Ali (2001, p. 140 [1921]):

*Dos advérbios latinos, originados, na maior parte, de nomes ou pronomes, poucos passaram às línguas românicas. Enriqueceram-se estas todavia com algumas formações desconhecidas do latim literário (...) os advérbios em -mente que se tiram de adjetivos. Esta terminação nada mais é do que o ablativo do latim mens, v.g. em bona mente. Por algumas locuções desse tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer como um sufixo derivativo.*

Já Câmara Jr. (1976, p. 121) fornece detalhamento maior acerca da forma *-mente*:

*(...) há, entretanto, um mecanismo geral, que já vem do latim vulgar, para derivar latamente advérbios de adjetivos (...). Consiste no emprego de mente (...) combinado com um adjetivo que se quer usar adverbialmente: o adjetivo é obrigatoriamente anteposto e concorda em gênero com mente, que tem na construção o sentido geral de “maneira, modo”.*

Mattoso refere ainda que as formas invariáveis de um adjetivo de sufixo *-ês* é mera convenção da língua literária, na base do padrão arcaico (*burguesmente*, *portuguesmente*). Corroborando a afirmação de Mattoso, encontra-se no dicionário eletrônico Houaiss a seguinte afirmação: (...) *na prática moderna, já ocorrem formas regulares, como francesamente, inglesamente, ainda assim não canônicas*. Já para o sufixo *-or* há a flexão, segundo Mattoso: *desesperadamente*. Isso quer dizer que os adjetivos terminados em *-or*,

cujas formas femininas são feitas em *-ora*, já fazem parte da regra geral, ou seja, adjunção de *-mente* à forma feminina do adjetivo.

Em francês, o comportamento é, em linhas gerais, o mesmo do português. Observe-se o que diz o eminente gramático francês Maurice Grevisse (1996, p. 1376-1377) acerca do advérbio *-mente*:

**Histoire** – *Les adverbes en -ment, en dépit de leur apparence de dérivés, sont, à l'origine, des composés. On avait en latin des syntagmes constitués d'un adjectif féminin et de l'ablatif mente (...). Peu à peu mente s'est affranchi et il a perdu, dès le latin vulgaire (...) sa signification (...), si bien qu'il ne fut plus qu'un simple suffixe, apte à s'attacher à toutes sortes d'adjectifs (...)*<sup>26</sup>.

Em outras palavras, a regra geral de adjunção do sufixo *-mente*, em francês, é a mesma vigente no português, e também no espanhol (cf. Harris, 1996). Mas o francês, diferentemente das outras duas línguas românicas, também pode construir advérbios formados com adjetivos masculinos (e.g. *vrai* -- > *vraiment*, *poli* -- > *poliment*, *éperdu* -- > *éperdument*). Em português, esse tipo de construção é, de fato, exceção, como se teve a oportunidade de constatar no trecho transcrito da obra de Câmara Jr. (1976, p. 121) e corroborado pelas informações contidas no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Mas decididamente inexitem advérbios que possam ser construídos com adjetivos terminados em *-o*, pelo simples fato de inexistirem formas adjetivais que, sob tal configuração, possam ou tenham de ser femininos, como acontece às formas adjetivais terminadas em /a/ que, de um lado, têm de ser femininas (e.g. *bela*, *feia*, *medonha*) e, por outro, podem ser femininas (e.g. *hipócrita*, *calhorda*).

Logo, os advérbios em *-mente*<sup>27</sup>, de fato, só se unem a adjetivos de gênero feminino, não importa a forma que esses assumam: (i) aqueles terminados em *-a* que necessariamente são femininos (e.g. *bela* versus *belo*), (ii) os terminados em *-a* que podem ser femininos (e.g. *hipócrita*) ou ainda (iii) os acabados em quaisquer outras terminações (e.g. *mole-*

<sup>26</sup> Tradução: **História** – Os advérbios em *-mente*, apesar de sua aparência de derivados, são, originariamente, compostos. Havia, em latim, sintagmas constituídos de um adjetivo feminino e do ablativo *mente* (...). Pouco a pouco *mente* enfraqueceu-se e perdeu, já no latim vulgar (...) sua significação (...), de tal forma que se tornou mero sufixo, apto a ligar-se a todos os tipos de adjetivos (...).

<sup>27</sup> Agradeço ao Professor James Harris as reflexões e as sugestões feitas em torno desse tema.

*mente, social-mente*). Esse último item, (iii), corresponde às formas marcadas de palavras de gênero feminino, ou seja, aquelas que não estão afiliadas à classe II que abarca grande parte dos vocábulos femininos do português.

Enfim, a vogal /a/, presente nos adjetivos femininos, os quais vão integrar *advérbios* formados com o sufixo *-mente*, é, de fato, *indistinguível do /a/ marcador de classe*<sup>28</sup> (e.g. *bel-a+mente, cert-a+mente, louc-a+mente, hipocrit-a+mente, israelit-a+mente, caipir-a+mente, calhord-a+mente, despot-a+mente*). Com isso, conclui-se que a tradição não está incorreta ao afirmar que é ao gênero feminino dos adjetivos que os advérbios terminados em *-mente*. A propósito, Harris, com respeito a esse assunto, afirma *desconhecer boas razões sincrônicas* para o comportamento dos advérbios em *-mente*, em se tratando de sua anexação a formas femininas. *A resposta para isso encontra-se na história. O nome moderno 'mente' é feminino, embora o sufixo moderno -mente não mantenha uma relação sintática conhecida com esse nome.*

Salienta-se, por fim, que os adjetivos aos quais se adjunge a forma *-mente* podem apresentar quaisquer formas: de um lado, as não-marcadas, ou seja, aquelas que carregam a terminação *-a*, de outro, as formas marcadas, isto é, aquelas cujas terminações podem conter a vogal *-e* (cf. *molemente, tristemente*) ou quaisquer das consoantes do grupo das coronais licenciadas pela condição de anexação da rima em português, /S, r, l/ (cf. *felizmente, regularmente, lealmente*).

Resta ainda tratar dos advérbios cuja formação se dá com adjetivos terminados no sufixo *-vel* mais o sufixo formador de advérbios *-mente* (cf. *amigavelmente < amigavel + mente, amavelmente < amável + mente, afavelmente < afável + mente*).

Os adjetivos terminados em *-vel*, segundo defende Câmara Jr. (1976, p. 217)<sup>29</sup>, carregam o referido sufixo anexado à vogal do tema verbal, daí surgindo formas como *cobrável* (cobrar), *suprível* (suprir), *perecível* (perecer). As duas últimas formas, pertencentes à 2ª. e à 3ª. conjugações carregam a vogal temática verbal *-i*. Segundo Câmara Jr., com relação ao verbo *vender*, esse possui duas formas adjetivais variantes, embora tenham distinção semântica, *vendível* e *vendável*. Segundo Mattoso Câmara, *vendável* adviria do nome verbal 'venda', carregando, assim, acrescenta-se, a vogal temática nominal /a/ em posição interna ao radical. Comparativamente ao português, o espanhol, segundo Harris<sup>30</sup>,

<sup>28</sup> Observações tecidas por Harris em correspondência eletrônica.

<sup>29</sup> A visão mattosiana também é esposada por Said Ali (2001, [1921]).

<sup>30</sup> Correspondência por e-mail.

apresenta formas de exceção, em que a vogal do radical *-a-* em *respons-a-ble* também é considerada rara, em virtude de não ser idêntica à vogal temática do radical verbal *-e-*, em *respond-e-r*.

À luz da DM, particularmente com respeito aos adjetivos construídos com *-(a)vel*, estar-se-ia lidando com a vogal temática verbal *-a-* que, no presente caso, não assume quaisquer funções, uma vez que o sufixo doador de categoria morfossintática à raiz é *-vel*. Ademais, não é surpreendente que se encontrem marcadores de classe formal verbais em tais contextos, pois eles, de fato, não compartilham com os morfemas de classe formal nominais a propriedade morfológica de terem de se apresentar à borda da palavra. Isso significa que os morfemas de classe formal nominais, diferentemente dos marcadores de classe formal verbais, somente em casos especiais, podem aparecer em outra posição que não a externa.

Enfim, em termos de DM, deve-se destacar, em primeiro lugar, o fato de o sufixo formador de advérbio *-mente* apresentar um comportamento diferenciado dos demais sufixos derivacionais. O que o torna diferente é o fato de anexar-se a palavras já portadoras de morfema de classe formal – não a radicais que terão de receber posteriormente a afixação de um sufixo temático como é o caso de todos os exemplos tratados em 6.1, independentemente da manifestação de superfície desse morfema, /o a e/ ou Ø, ou seja, palavras prontas, morfológicamente independentes.

Em segundo lugar, não só a palavra, à qual o sufixo *-mente* se anexa, que é inexoravelmente um adjetivo, é portadora de acento primário, bem como ele mesmo o possui. Este caso assemelha-se àquele dos compostos justapostos, como veremos em 6.4. Não há perda de informação morfológica, em termos de morfema de classe formal do adjetivo ao qual *-mente* se anexa, tampouco perda de informação prosódica, ambos os elementos que compõem o advérbio mantêm seus acentos. Em (75), ilustra-se o comportamento desse tipo de sufixo ao lado de uma base-palavra, caso este especial, uma vez que a base é portadora de morfema de classe formal.

(75) *Formação de Advérbios com o sufixo -mente*

<i>Base</i>		<i>forma sufixada</i>	
bela <sup>31</sup>	(A/f/II)	bela+mente	(Adv/III)
hipócrita <sup>32</sup>	(A/f/II)	hipócrita+mente	(Adv/III)
mole	(A/f/IV)	mole+mente	(Adv/III)
feliz	(A/f/III)	feliz+mente	(Adv/III)

Como se pode observar, nos casos acima, os adjetivos sempre estão sob o gênero feminino, independentemente da forma que assumam. No que respeita à questão do acento, obviamente o primeiro deles passará a secundário, permanecendo o acento primário sobre o advérbio *-mente*, em todos os casos. Na última coluna, à direita, podem ser visualizados os traços desses vocábulos, uma vez que os advérbios são vocábulos não envolvidos na questão do gênero, esse traço passa a inexistir quando da combinação do adjetivo com o sufixo adverbial *-mente*, a classe formal passa a ser Adv e o traço de classe formal desse é III, embora internamente esteja presente o traço de classe formal do vocábulo ao qual o sufixo se adjungiu, mas este foi colocado entre parênteses pelo fato de, em se tratando da identificação do vocábulo em uma dada classe, o que é considerado, por razões óbvias, é aquele que se encontra à borda da palavra.

Passa-se, a seguir, a tratar dos vocábulos compostos, sob a DM.

<sup>31</sup> Note-se que o adjetivo *bela* somente adquire traços de classe formal e gênero após concordar com um nome feminino, conforme mostrado no capítulo 5.

<sup>32</sup> O adjetivo *hipócrita* diferentemente de *bela* contém em sua entrada vocabular o traço idiosincrático de classe formal II, se assim não fora ao concordar com um nome masculino seria, equivocadamente, afiliado à classe I, decorrendo daí a forma agramatical *\*hipócrito*. Eis mais uma evidência de que concordância de gênero não implica combinação de classe formal. Obviamente, no presente caso, em que a palavra *hipócrita* concorda com um nome feminino, o *-a* de classe formal e o *-a* de gênero são indistinguíveis, pois a classe II é o caso não marcado para os femininos que aí se alocam.

### 6.3 Os compostos

Segundo Câmara Jr. (1976, p. 211)<sup>33</sup>, um dos mecanismos gramaticais herdados do latim de que se utiliza o português para renovar e ampliar o seu léxico é a denominada *composição* que consiste em uma *associação significativa* (semântica) e *formal* (morfológica) *entre duas palavras*, da qual resulta *uma palavra nova, em que se combinam as significações das que a constituem*. Em termos fonológicos, os compostos dividem-se em dois grupos formados por: (i) *justaposição*, em que os dois vocábulos fonológicos conservam seu próprio acento (e.g. *campo-santo, obra-prima*) ou (ii) *aglutinação*, em que dos elementos assim combinados resulta um único vocábulo fonológico.

O processo de composição é identificado por Rocha (1999) como sendo um processo autônomo de formação de palavras em português, *diferente da derivação e da onomatopéia*. Segundo o autor, o falante pode criar um vocábulo novo, um composto, através do mecanismo de junção de duas bases preexistentes na língua (e.g. *trem-de-ferro, aguardente, estrada de ferro, salário-família, secretária-eletrônica, cadeira de balanço*). Tal processo é bastante rico e diversificado, por isso ser amplamente utilizado na imprensa contemporânea.

De uma perspectiva morfossintática, Carone (2000, p. 37) interpreta a composição como sendo o mecanismo através do qual *uma construção sintática se imobiliza, dando origem a uma unidade cristalizada*, a qual, por sua vez, dá origem a uma *nova palavra que se incorpora ao léxico da língua*. Os compostos, segundo a autora, apresentam três características: a inseparabilidade, a irreversibilidade dos elementos constitutivos e o fato de o seu significado, *embora relembre figuradamente os elementos constitutivos, ser distinto do de ambos* (e.g. *campo-santo*).

De acordo com Monteiro (2002), o vocábulo composto – cuja formação se dá pela união de dois semantemas (isto é, morfema lexical) – é formado de elementos que podem ocorrer de três formas distintas, a saber: (a) ligados graficamente, e.g. *aguardente, passatempo*, (b) hifenizados, e.g. *vira-lata, franco-suíço* ou (c) soltos, e.g. *Porto Alegre, Mato Grosso*. O autor refere, entretanto, que *as fronteiras que distinguem o vocábulo composto da locução são bastante imprecisas*. Para ele, o vocábulo composto é aquele que admite tão somente a pluralização do último componente (e.g. *aguardentes, auriverdes*,

<sup>33</sup> Segundo Câmara Jr. (1976, p. 214), *o genuíno mecanismo da composição em português, abrangendo a criação de nomes e de verbos, é o da “prefixação”, que o latim desenvolveu amplamente com o ponto de partida nos “preverbos” (...)*.

*beija-flores, malmequeres, madressilvas, vaivens*; Monteiro, 2002, p. 186). Por conseguinte, não são considerados como vocábulos compostos, mas locuções ou grupos sintáticos, os agrupamentos de vocábulos cujo processo de pluralização ocorre em todos os componentes ou somente no primeiro (e.g. *mulas-sem-cabeça, decretos-leis, pores-do-sol, salários-família*).

Os compostos em português podem ser constituídos de várias formas, observem-se algumas delas:

- N + N (justapostos): cuja formação se dá a partir de dois substantivos (e.g. *espaçonave < espaç-o+nav-e; salário-família < salári-o+famíli-a, mestre-escola < mestr-e+escol-a, couve-flor < couv-e+flor\_, manga-espada < mang-a+espad-a*), em que o primeiro elemento do composto funciona como núcleo da construção e o segundo como modificador ou especificador (cf. Basílio, 2000). Aliás, isso já preconizava Câmara Jr. (1976, p. 212) ao afirmar que a *tendência é equiparar essa estrutura de S + S à de S + A, fazendo-se o segundo substantivo concordar com o primeiro em número (couves-flores, rosas-chás)*.

- A + A: esta estrutura compositiva é formada de dois adjetivos (cf. *franco-britânico < franc- o+britânico-o, brasileiro-uruguaio < brasileir-o+uruguai-o, ítalo-americano < ítal-o+american-o; sócio-cultural < sócio-cultural*).

É importante destacar o que afirma Alves (1994, p. 44) com relação aos neologismos adjetivais cujas bases pertencem à mesma categoria, como, por exemplo, os constituídos de A + A. Em tais casos, *o primeiro membro da justaposição mantém a formação erudita e apresenta-se invariável, sob a forma do tema em -o* (e.g. *tiroteio lírico humorístico, ...rítmico-orgânicas...*; grifo nosso). Contudo, tal *invariabilidade canônica*, assegura Alves, nem sempre é *conservada*.

Os compostos cuja formação é verbo e nome (V + N) carregam, como primeiro elemento, a forma verbal constituída do radical complementado pela vogal do tema (cf. Câmara Jr., 1976; cf. Peperkamp, 1997 para os dados do italiano).

Segundo Lee (1995, p. 55-56), sob a perspectiva teórica da Fonologia Lexical, há também compostos ‘*pós-lexicais*’ cujos constituintes apresentam a seqüência inversa à dos compostos ‘*lexicais*’, ou seja, determinado-determinante. Compostos de tal gênero são interpretados, pelo autor, como *unidades semânticas*, cada uma das quais *funciona independentemente nas operações morfológicas*. Tais compostos são:

N + (preposição) + N: *sofá-cama, homem-rã, bar restaurante; trem-bala, garota propaganda; fim de semana, pé-de-moleque.*

N + A: *bóia-fria, carro-forte; mesa-redonda; pão-duro, dedo-duro.*

A + A: *surdo-mudo.*

Por fim, compostos formados pelos constituintes A + N, apesar de construídos pós-lexicalmente, na visão de Lee, ainda assim carregam a mesma seqüência encontrada no compostos identificados como lexicais, ou seja, determinante-determinado. Não obstante, conforme referido, *cada um dos constituintes desse composto funciona como palavra independente nas operações morfológicas.* Os exemplos retirados de Lee são: *curto-circuito, primeiro-ministro; boa-vida.*

A visão defendida em Moreno (1997) com relação aos compostos, também à luz da FL, diverge bastante da assumida por Lee (1995). Para Moreno, todos os vocábulos compostos do português, independentemente de seus elementos constitutivos, são formados no nível pós-lexical, ou seja, no componente sintático, reduzindo assim enormemente o número de mecanismos envolvidos na formação desse tipo de estrutura.

Sob o modelo teórico da DM, explicou-se anteriormente que toda a fonologia é pós-sintática, não haveria, portanto, como se mencionar compostos *lexicais* e *pós-lexicais*, todos eles deveriam, logo, ocorrer pós-sintaticamente. Em outras palavras, a separação que, em FL, pode ser postulada para os compostos, inexistiria à luz da DM. Contudo, segundo Alec Marantz, um dos proponentes da DM, o tema *compostos* ainda está praticamente inexplorado na teoria. O único tipo de composto do português que poderia ilustrar a teoria da DM é, justamente, o mais produtivo deles, aquele cujos elementos constitutivos são V+N – para tal visão, segue-se Calabrese<sup>34</sup>, o qual, apesar de afirmar não ter trabalhado com os compostos à luz da DM, foi o único lingüista, entre os muitos contatos feitos, que assume, no que concerne aos compostos produtivos, do tipo encontrado em línguas germânicas, como o inglês e o alemão, que esses devem ser derivados na morfologia via *merger*. Salienta-se que a afirmação de Calabrese parece ajustar-se à visão de Moreno (1997), relativamente aos compostos em português. Esse mesmo tipo de composto é também o mais produtivo no espanhol (cf. Harris), francês (cf. Baker & Bobaljik, 2002), italiano (cf. Baker & Bobaljik, 2002; cf. Peperkamp, 1997; Calabrese).

---

<sup>34</sup> Contato por e-mail.

Enfim, como citado anteriormente, a estrutura de composição V+N parece ser a preferida pelas línguas românicas, contrariamente às línguas germânicas, como o alemão e o inglês (e.g. *meeting place*, não *\*meet-place*). Outrossim, Baker & Bobaljik (2002) apontam para a probabilidade de o razoável número de compostos formados por V+N (cf. *die-hard*, *pushcart*), em inglês, ser devido ao amplo contato com o francês numa etapa inicial na história da língua. Outrossim, as estruturas de composição altamente frequentes, no inglês, são, por exemplo, aquelas formadas por N+N e A+N (e.g. *doghouse*, *blackbird*).

Seguindo-se Calabrese, à luz da DM, os compostos produtivos do português ocorreriam no componente morfológico da gramática, através da operação de *merger* – responsável pela combinação de dois nós terminais sintáticos sob um nó de categoria mínima ( $X^0$ ) (capítulo 3). Para Calabrese, uma denominação mais adequada para essa operação é ‘*univerbation*’ (literalmente ‘*averbação*’, em português). A explicação fornecida pelo linguista para tal preferência reside no fato de esse termo ser mais transparente na indicação da operação que incorpora diferentes palavras sob um só cabeça nominal (e.g. [*madre*]<sub>N</sub>, [*pérola*]<sub>N</sub> -- > [*madrepérola*]<sub>N</sub>). Eis o processo por que passam os compostos produtivos do português, e, provavelmente, aquele por que passaram as palavras que eram produtivas e não mais o são, como o exemplo dado.

O processo de *univerbation* ocorre não só em português, mas também em italiano, espanhol, além das línguas germânicas como o inglês e o alemão. É necessário salientar que, em tal operação morfológica, os radicais adjetivais ou nominais combinados sob um mesmo nó de categoria morfossintática mantêm-se, quando da formação de um vocábulo composto, independentes. Daí poder-se explicar, à luz da DM, o fato de cada um dos elementos de uma palavra composta, aos menos aquelas formadas por V+N, carregarem seu próprio marcador de classe formal, verbal no primeiro elemento, e nominal no segundo elemento (e.g. *porta-bandeira* -- > [[*porta*]<sub>V</sub> [*bandeira*]<sub>N</sub>]<sub>SV</sub> -- > [*porta-bandeira*]<sub>N</sub>, *arranha-céus* -- > [[*arranha*]<sub>V</sub> [*céus*]<sub>N</sub>]<sub>N</sub>), bem como sua própria flexão de plural, principalmente em vocábulos compostos do tipo *porc-o(s) + espinh-o(s) ~ porc-o(s) + espinh-o; palavr-a(s) + chav-e; erv-a(s) + doc-e(s)*, em que cada elemento do composto carrega seu próprio morfema de classe formal. O comportamento deste tipo de composto também é atestado em muitas palavras com tal configuração no italiano, segundo Peperkamp (1997).

Com respeito ao último tipo de construção mostrado no parágrafo anterior, esse é uma evidência de que não só em italiano, (cf. Peperkamp, 1997; e.g. *camposanto*, *buonafede*

'*boa-fé*'), mas também em português, é a conclusão a que se chega, (cf. *madressilva*), o fato de *nomes e adjetivos geralmente consistirem em um radical acrescido de uma vogal flexional, faz com que os morfemas flexionais sejam internos a muitos compostos*. Tal característica também é compartilhada pelo espanhol (cf. Harris, 1996). Passa-se agora a tratar dos diminutivos formados com o sufixo *-zinho*.

#### 6.4 A formação do diminutivo: sufixo *-zinho* sob o enfoque da DM

O tema *diminutivos (-inho ~ -zinho)* foi amplamente discutido na literatura (cf. Câmara Jr., 1976; Moreno, 1977, 1997; Bisol, 1992 (ms.); Menuzzi, 1993 (ms.); Lee (1995)). Esta seção, no entanto, tendo em vista o objetivo do presente capítulo – exemplificar as idéias expostas ao longo do texto com alguns casos de derivação e composição, limita-se a ilustrar a teoria da DM com palavras formadas com o sufixo *-zinho*.

Defende-se, assim como Moreno (1997, p. 182), que o sufixo *-zinho* tanto quanto *-mente* se anexam *a uma base dotada de marcador e já flexionada*. À luz da DM, no caso das palavras *mole*, *vala*, cujos morfemas de classe formal são as vogais /e/ e /a/, respectivamente, estes permanecem na palavra derivada com a adjunção do sufixo (e.g. *mole* -- > *molezinho*, *vala* -- > *valazinha*). Esse sufixo também se une a formas não portadoras de um morfema de classe formal manifesto, fonologicamente, (e.g. *bolor* (classe III) -- > *bolorzinho*; *canal* (classe V) -- > *canalzinho*). Ademais, essas palavras têm um comportamento de compostos, pois não só o primeiro membro carrega acento próprio, bem como o segundo, o sufixo formador de diminutivo *-zinho* (cf. Menuzzi, 1993; Lee, 1995; Moreno, 1997).

Antes de prosseguir com a visão dos diminutivos formados com *-zinho*, à luz da DM, apresenta-se a visão de Câmara Jr. sobre o tema, o qual se assemelha bastante àquela esposada na DM, bem como a dos autores aqui citados.

Segundo Câmara Jr. (1976, p. 215), a anexação do sufixo de diminutivo *-zinho* ao vocábulo primitivo não provoca qualquer alteração na forma deste (e.g. *colar*+*-zinho* -- > *colarzinho*, *anéis*+*-zinho* -- > *aneizinhos*). Nesses casos, o sufixo *-zinho* justapõe-se ao vocábulo primitivo, *criando assim uma locução, em que o vocábulo fonológico*

*correspondente à palavra primitiva tem a sua flexão ao lado da flexão no sufixo* (e.g. *lobazinha*, com a desinência de feminino tanto em *loba* como em *-zinha*). Quando da forma plural, prossegue Mattoso, *os traços da formação da flexão de número e a própria desinência -s do termo primitivo, suprimida na escrita, se mantém em regra atenuada na língua oral: florezinhas, animaizinhos* (Câmara Jr., 1976, p. 216).

A visão de Mattoso Câmara não só quanto à anexação do sufixo formador de diminutivo *-zinho* ao vocábulo primitivo, assim como a que concerne à formação do plural, quando tal sufixo está envolvido, são absolutamente consonantes com a proposta da DM. Dir-se-ia uma *versão atualizada* da visão de vanguarda do mestre brasileiro. Como se verá mais adiante.

A anexação de *-zinho* em nada altera o vocábulo primitivo, como já afirmava Mattoso. A razão por que isso acontece reside no fato de o referido sufixo, além de ser independente em termos prosódicos, receber do vocábulo primitivo ao qual se anexa os traços de gênero e categoria morfossintática – esta também é a visão defendida por Lee (1995), sob o enfoque da FL – diferentemente dos sufixos tratados na seção 6.1.

Em segundo lugar, a visão de formação do plural, à luz da DM, coincide com o ponto de vista assumido por Mattoso. Na perspectiva da DM, o sufixo *-zinho* copia o morfema de número do nome ao qual se anexa; em se tratando do morfema de plural [pl], esse se manifesta como /-S/, conforme estabelecido em (34b), capítulo 5. Observe-se em (76) algumas ilustrações de formas em que *-zinho* se encontra.

(76) *Formação de diminutivos com o sufixo -zinho*a. *Singular*

<i>base</i>		<i>-zinho</i>	
colar	(N/m/III)	colar+ <u>z</u> inho	(N/m/I)
sucuri	(N/f/V)	sucuri+ <u>z</u> inha	(N/f//II)
mole	(A/f/IV)	mole+ <u>z</u> inha	(A/f/II)
chapéu	(N/m/V)	chapeu+ <u>z</u> inho	(N/m/I)
canal	(N/m/III)	canal+ <u>z</u> inho	(N/m/I)
acróbata	(N/m/II)	acrobata+ <u>z</u> inho	(N/m/I)
acróbata	(N/f/II)	acrobata+ <u>z</u> inha	(N/f/II)

b. *Plural*

<i>base</i>		<i>-zinho</i>	
colares	(N/m/III)	colare <u>S</u> + <u>z</u> inhos (colare <u>z</u> inhos)	(N/m/I)
sucuris	(N/f/V)	sucuri <u>S</u> + <u>z</u> inhas (sucuri <u>z</u> inhas)	(N/f//II)
moles	(A/f/IV)	mole <u>S</u> + <u>z</u> inhas (mole <u>z</u> inhas)	(A/f/II)
chapéus	(N/m/V)	chapeu <u>S</u> + <u>z</u> inhos (chapeu <u>z</u> inhos)	(N/m/I)
canais	(N/m/III)	canai <u>S</u> + <u>z</u> inhos (cana <u>z</u> inhos)	(N/m/I)

Como se pode observar, em (76a), *-zinho* copia todos os traços da palavra à qual se adjunge, diferindo unicamente quanto ao traço de classe formal, no caso dos nomes masculinos ou femininos, bem como adjetivos, independentemente da forma que assumam, pois o sufixo a eles anexado sempre assume a classe formal *default* para gênero, ou seja, classe I para masculino e classe II para feminino. Observe-se que de todas as palavras listadas em (76a), as únicas que carregam a manifestação de morfema de classe formal são as palavras *mole* (classe IV) e *acróbata* (classe II).

Em *molezinho*, a vogal *-e-* do vocábulo simples é o sufixo temático da classe IV, ao passo que a forma *-zinho*, como esperado, manifesta a classe formal *default* para o gênero masculino, ou seja, classe I, cuja manifestação fonológica se dá através da vogal átona /o/. Em *acrobatazinho*, a vogal aparentemente interna *-a-*, de *acrobata*, é o morfema de classe

formal /a/ que identifica os membros da classe II, ao passo que *-zinho* carrega a classe *default* para o gênero masculino, ou seja, a classe I, cuja manifestação é a vogal átona /o/. Já em *acrobatazinha*, a classe *default* para gênero feminino, ou seja, classe II, não só se manifesta através da vogal /a/ na forma *-zinha*, bem como em *acrobata*, em que o /a/ final, como morfema de classe formal, é indistinguível do *-a* que aparece em nomes que podem ser femininos, como no presente caso, o que é evidenciado pela forma que assume o sufixo de diminutivo: *-zinha*.

Em (76b), sob o enfoque da DM, o morfema de plural /-S/, do vocábulo primitivo, em sendo uma coronal, tal a consoante que inicia o sufixo *-zinho*, sofre um processo de fusão com este segmento consonantal, realizando-se unicamente a forma *-zinho*, a qual, por sua vez, também carregará a forma pluralizada em /-S/. De fato, os únicos casos em que a forma plural do vocábulo que se une a *-zinho* se faz detectável é quando este vocábulo carrega na forma singular uma das soantes /r/ ou /l/; no plural, a soante /r/ se fará acompanhar da vogal /e/ e /l/ será vocalizado para [j], na visão aqui assumida (cf. Morales & Front, 1997 e também Leite, 1974). Assim, a visão da DM confirma o que já apontara Mattoso Câmara: *os traços da formação da flexão de número e a própria desinência -s do termo primitivo, suprimida na escrita, se mantém em regra atenuada na língua oral: florezinhas, animaizinhos* (Câmara Jr., 1976, p. 216).

Com relação à classe IV, é curioso observar que na linguagem popular *molezinho(s)* passa a *\*molzinha(s)*, *pelezinha(s)* à *\*pelzinha(s)*; é clara, aí, a tendência à simplificação dessas formas, havendo, por conseguinte, uma busca pela regularização, tendo como modelo formas terminadas em /l/ (e.g. *gol* -- > *golzinho*, *mel* -- > *melzinho*). Acrescente-se a isso o fato de a presença de duas marcas de plural em uma mesma palavra ser vista como mais marcado do que apenas uma, pois não só os dialetos populares produzem formas em que somente há uma marca de plural, ou seja, em que somente um membro é flexionado para o plural, bem como a linguagem falada, em geral, a qual recorre, em larga escala, a formas também simplificadas, como *colarzinhos*, *pomarzinhos*, etc.

Enfim, tanto *-mente* quanto *-zinho* unem-se a palavras flexionadas, em que a vogal, aparentemente interna, é um morfema de classe formal.

E aqui finda a breve exposição acerca das palavras derivadas do português, enquanto exemplificações das idéias desenvolvidas nos capítulos que a este precederam. O objetivo

aqui foi revisitar tais temas à luz da DM. Há pontos, entretanto, de que a teoria começa a ocupar-se, não se podendo, logo, tecer maiores comentários.

Passemos, pois, às conclusões da presente pesquisa, no capítulo 7.

## 7. CONCLUSÃO

Após a análise dos vocábulos não-verbais do português do Brasil terminados em uma das três vogais átonas finais /o a ou e/, sob o modelo teórico da Morfologia Distribuída (Halle & Marantz, 1993, 1994), seguindo-se Harris (1999), o presente trabalho chegou às seguintes conclusões:

a) O português do Brasil possui, minimamente, três classes formais não-verbais e, maximamente, cinco:

1- A classe I, uma das maiores em extensão, é considerada a classe *default* por abarcar todos os vocábulos que, por uma razão ou outra, não foram encaminhados às demais classes. Todos os seus membros acabam na vogal /o/.

2 - A classe II, também registrada como uma das mais vultosas, compreende um grande número de palavras femininas terminadas em /a/, mas também um considerável percentual de palavras masculinas que carregam tal terminação.

3- A classe formal III tem seus membros, na forma singular, identificados pelo morfema de classe formal  $\emptyset$ , no nível morfológico da gramática, ao passo que, no contexto do plural, todos recebem o morfema de classe formal /e/.

4- A classe formal IV, a menor em extensão, integra palavras cujo morfema de classe formal é a vogal /e/, tanto no singular quanto no plural.

5- A classe V compreende as palavras cujo morfema de classe formal não se manifesta com traços fonológicos de vogal, nem no singular nem no plural. Trata-se, pois, do morfema temático  $\emptyset$ . Os vocábulos, nesse agrupamento afiliados, terminam nas soantes /l ou N/, vogal acentuada ou ditongo decrescente oral.

b) A vogal átona final /e/, como morfema de classe formal, é introduzida no componente morfológico da gramática – como os demais morfemas de classe formal –, aos membros da classe IV e às formas plurais da classe III. Salienta-se que as palavras integradas à classe IV, portadoras desse morfema, são em reduzido número na língua, o que, de certa forma, explica sua maior marcação em relação às demais e o fato de ser a menor entre as classes estudadas. É a classe que menos aceita neologismos na língua.

c) Como vogal epentética, a vogal átona final /e/ é inserida no módulo fonológico da gramática, às formas no singular da classe III, cujos radicais carregam consoantes ou grupos não-licenciados pela coda. Trata-se de estruturas silábicas mal-formadas que são salvas pelo processo de epêntese. A vogal epentética ocupa a posição do morfema de classe formal.

d) As vogais /o/ e /a/ são morfemas de classe formal, independentemente de estarem correlacionadas ao gênero, pois identificam agrupamentos formais cuja semelhança única entre si consiste em carregarem a mesma terminação.

e) O gênero é fator relevante para a atribuição de classe formal aos vocábulos não-verbais do português do Brasil, somente no que concerne às duas maiores classes formais, I e II. Isso porque, nessas duas classes, normalmente, a informação de classe formal é predizível a partir do gênero de que são portadores os radicais. No caso dos membros das demais classes, entretanto, não só o gênero, bem como a classe formal são informações idiossincráticas dos radicais.

f) Os números identificadores das diferentes classes formais do português do Brasil, 'I/II/III', por exemplo, funcionam como traços na acepção *standard*, uma vez que podem envolver-se em operações morfológicas atuantes em etapa precedente à *Inserção Vocabular*, podendo, assim, mudar a forma fonológica dos morfemas sobre os quais serão mapeados expoentes fonológicos.

## BIBLIOGRAFIA

1. ALVES, M. I. O conceito de neologia: da descrição lexical à planificação lingüística. *Alfa*, São Paulo, 40, p. 11-16, 1996.
2. \_\_\_\_\_. *Neologismo: criação lexical*. 2 ed., São Paulo: Ática, 1994.
3. \_\_\_\_\_. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. *Alfa*, São Paulo, 32, p. 1-14, 1988.
4. \_\_\_\_\_. Metalinguagem e empréstimo na mensagem publicitária. *Alfa*, São Paulo, 28, p. 97-100, 1984.
5. \_\_\_\_\_. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), p. 119-126, 1984.
6. ALVES, I. E.; ANJOS, E. D. dos. Uma experiência terminológica: a elaboração do glossário de termos neológicos da economia. *Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.), p. 205-221, 1998.
7. ANDERSON, J. The morphophonemics of gender in Spanish nouns, *Lingua*, 10, p. 285-296, 1961.
8. ANDERSON, S. *A-morphous morphology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
9. ARONOFF, M. Morphology by itself: stems and inflectional classes. *Linguistic Inquiry Monographs*, 22, 2 ed., 1996.
10. \_\_\_\_\_. *Word formation in generative grammar*. Cambridge, MA: MIT Press, 1976.
11. ASSIRATI, E. T. Neologismos por empréstimo na informática. *Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.), p. 121-145, 1998.
12. BAKER, C.; BOBALJIK, J.. *Introduction to morphology*. 2002 (draft – for class use)
13. BARROS, J. de. *Gramática da língua Portuguesa*. Lisboa (s.n.) 1957.
14. BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2001.
15. BEARD, R. Derivation. In: Spencer, A.; Zwicky, A.M. (eds.) *The handbook of morphology*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001.
16. \_\_\_\_\_. *Lexeme-morpheme Base Morphology*. Albany: State University of New York Press, 1995.
17. BECHARA, E. *Moderna gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Lucena, 2000.

18. BERGEN, J. J. A simplified approach for teaching the gender of Spanish nouns. *Hispania*, v. 61, p. 865-876, 1978.
19. BISOL, L. O clítico e seu status prosódico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 5-30, jan./jun. 2000.
20. \_\_\_\_\_. (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2 ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999b.
21. \_\_\_\_\_. A sílaba e seus constituintes. *Gramática do Português Falado*, v. 6, FAPESP. 1999a.
22. \_\_\_\_\_. A nasalidade, um velho tema. *D.E.L.T.A.*, v. 14 (n. esp.), p. 27-46, 1998.
23. \_\_\_\_\_. Ditongos derivados. *D.E.L.T.A.*, v. 10 (n. esp.), p.123-140, 1994.
24. \_\_\_\_\_. *O acento: duas alternativas de análise*. Porto Alegre: PUCRS, 1992. (não-publicado)
25. \_\_\_\_\_. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *D.E.L.T.A.*, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
26. \_\_\_\_\_. A lingüística contemporânea e o conhecimento da língua portuguesa. *Ciência e Cultura*, v. 38, no. 12, p. 2035-2047, 1986.
27. \_\_\_\_\_. *A fonologia de Mattoso Câmara a nossos dias*. (não-publicado)
28. BOBALJIK, J. A-chains at the PF-Interface: copies and 'covert' movement. *Natural Language & Linguistic Theory*, 20: 197-267, 2002.
29. \_\_\_\_\_. What does adjacency do? (revised version), p. 1-52. 1996. 1a. versão - In: *MITWPL 22: The Morphology-Syntax Connection*, p. 1-32, 1994.
30. BONET, E. *Morphology after syntax: pronominal clitics in Romance*. Tese de Doutorado. MIT, 1991.
31. BROSELOW, E. On predicting the interaction of stress and epenthesis. *Glossa*, 16:2, p. 115-132, 1982.
32. CAGLIARI, L. C. Questões de morfologia e fonologia. *Coleção Espiral. Série Lingüística*, v. 5, Campinas: Edição do Autor, 2002.
33. CALABRESE, A. Some remarks on the Latin case system and its development in Romance. In: Trevino, E.; Lema, J. (eds.) *Theoretical Analysis of Romance Languages*, 71-126. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

34. \_\_\_\_\_. 1997b. On fission and impoverishment in the verbal morphology of the dialect of Livinallongo. In: Tortora, C. *A Festschrift in Honor of Paola Benincà*. Oxford, University Press. (To appear)
35. \_\_\_\_\_. Distributed morphology and sentential complementation in the Salentino dialect of Italian. In: Peter, S.; Vaux, B.; Kuno, S. (eds.) *Harvard Working Papers in Linguistics*, v. 6, p. 47-85. Cambridge: Harvard University, 1997a.
36. \_\_\_\_\_. A constraint-based theory of phonological markedness and simplification procedures. *Linguistic Inquiry*, 26, p. 373-463, 1995.
37. CÂMARA JR, J. M. *Dicionário de lingüística e gramática – referente à língua portuguesa*. 20. ed., Petrópolis: Vozes, 1999.
38. \_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. 23. ed., Petrópolis: Vozes, 1995.
39. \_\_\_\_\_. *Para o estudo da fonêmica brasileira*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
40. \_\_\_\_\_. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
41. \_\_\_\_\_. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.
42. \_\_\_\_\_. Considerações sobre o gênero em português. *Revista Brasileira de Lingüística Teórica e Aplicada*, v. I (2), p. 1-9, 1966.
43. CARDOSO, S. A. M. Sociolingüística e diatopia: empréstimos no português do Brasil. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas, 20, p. 139-161, jan./jun., 1991.
44. CARONE, F. de B. *Morfossintaxe*. 9 ed., São Paulo: Ática, 2000.
45. CARVALHO, N. F. de. *A Formação do sintagma nominal e do nome como base para a determinação do gênero em português*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 1980.
46. CARVALHO, N. F. de. A Natureza do gênero em português. *Alfa*, São Paulo, 33, p. 55-88, 1989.
47. CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper & Row, 1968.
48. COLLISCHONN, G. Um estudo da epêntese à luz da teoria da sílaba de Junko Itô (1986). *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 149-158, jun. 1996.
49. \_\_\_\_\_. *Análise prosódica da sílaba em português*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.
50. COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. 7 ed., Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

51. CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. 1997.
52. CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
53. CUNHA, C; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
54. DEMELLO, G. Denotation of female sex in Spanish occupational nouns: The DRAE Revisited, *Hispania*, 73, p. 392-400, 1990.
55. DRESSLER, W.U. Morphology: the dynamics of derivation, *Linguistica Extranea, Studia 12*, Karoma Publishers, Inc., Ann Arbor, 1985.
56. DUBOIS et al. *Dicionário de lingüística*. 15 ed., São Paulo: Cultrix, 1997.
57. ECHAIDE, A.M. El género del sustantivo en español: evolución y estructura. *Ibero-Romania*, 1, p. 89-124, 1969.
58. ELCOCK, W. D. *The Romance languages*. London: Faber & Faber Limited, 1960.
59. EMBICK, D. Participial structures and their morphological realization. *International Workshop on Participles*, 2001.
60. \_\_\_\_\_. Voice systems and the syntax/morphology interface. In: *MITWPL 32: Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect*. Cambridge: MITWPL, p. 41-72, 1998a.
61. ENTWISTLE, W.J. *The Spanish language: together with Portuguese, Catalan and Basque*. London: Faber & Faber, 1951.
62. FALK, J.S. *Linguistics and language: a survey of basic concepts and implications*, 2 ed., New York: Wiley, 1978.
63. FERNÁNDEZ, J. G. (ed.) *Panorama de la fonología española actual. Biblioteca Philologica*. Madrid: Arco Libros, 2000.
64. FOLEY, J. Spanish plural formation. *Language*, no. 43, p. 486-493, 1967.
65. FREITAS, M. J. *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Lisboa, 1997.
66. FREITAS, M. A. de. Empréstimos, teoria autosegmental e abertura vocálica. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 23, p. 71-81, Jul./Dez., 1992.

67. FREIDIN, R. Foundations of generative syntax. *Current Studies in Linguistics Series*, 21. London: MIT Press, 1994.
68. FROEHLICH, P. A. O problema sociolingüístico dos empréstimos: alguns aspectos no inglês. *Alfa*, São Paulo, 24, p. 73-92, 1980.
69. FUDGE, E. C. Syllables. *Journal of Linguistics*, v. 5, p. 253-286, 1969.
70. GALVÃO, B. F. R. *Vocabulário etimológico, ortográfico e prosódico das palavras portuguesas derivadas da língua grega*. Rio de Janeiro: Alves, 1909.
71. GIRELLI, C. A. *Brazilian Portuguese syllable structure*. Tese de Doutorado, University of Connecticut, 1988.
72. GOLDSMITH, J. (ed.) *The handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell Publishers, 1995.
73. \_\_\_\_\_. *Autosegmental Phonology*. Tese de Doutorado. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1976.
74. GREVISSE, M. *Le bon usage*. Paris: Duculot, 1993.
75. HALLE, M. Distributed morphology: impoverishment and fission. In: *MITWPL 30: PF: Papers at the Interface*, p. 425-449. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
76. \_\_\_\_\_. The Russian declension: an illustration of the theory of distributed morphology. In: Cole, J.; Kisseberth, C. (eds.) *Perspectives in Phonology, CSLI Lectures Notes*, no. 51, p. 29-60. Stanford, California: CSLI Publications, 1994.
77. HALLE, M.; MARANTZ, A. Some key features of distributed morphology. In: *MITWPL 21: Papers on Phonology and Morphology*, p. 275-288. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
78. \_\_\_\_\_. Distributed morphology and pieces of inflection. In: Hale, K.; Keyser, S. J. (eds.) *The View from the Building 20: Essays in Honor of Sylvain Bromberger*, p. 111-176. Cambridge, MA: MIT Press, 1993.
79. HALLE, M.; IDISARDI, W. General properties of stress and metrical structure. In: Goldsmith, J. A. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge, Massachusetts: Blackwell Publishers, 1996.
80. HALLE, M.; VAUX, B. *Theoretical aspects of indo-european nominal morphology: the nominal declensions of Latin and Armenian*. 1997 (ms)

81. HARLEY, H. Hug a tree: deriving the morphosyntactic feature hierarchy. In: *MITWPL 21: Papers on Phonology and Morphology*, p. 289-320. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
82. HARLEY, H. & NOYER, R. State-of-the-article: distributed morphology. *GLOT*, 4.4, p. 3-9, 1999.
83. \_\_\_\_\_. Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, vocabulary items and the encyclopaedia. In: *MITWPL 32: Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect*. Cambridge, MITWPL, p. 119-137, 1998a.
84. HARRIS, J.W. Nasal depalatalization *no*, morphological wellformedness *sí*; the structure of Spanish word classes. In: *MITWPL 33: Papers on Syntax and Morphology*, p. 47-82. Cambridge. MA: MIT Press, 1999.
85. \_\_\_\_\_. Why *n'ho* is pronounced [li] in Barceloní Catalan: morphological impoverishment, merger, fusion, and fission. In: *MITWPL 30: PF: Papers at the Interface*, p. 451-479. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
86. \_\_\_\_\_. There is no imperative paradigm in Spanish. In: Martínez-Gil, F.; Morales Front, A. (eds.), *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*, p. 269-340. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 1997.
87. \_\_\_\_\_. The syntax and morphology of class marker suppression in Spanish. In: Zagona, K. (ed.), *Grammatical Theory and Romance Languages*, p. 99-122. Amsterdam: John Benjamins, 1996.
88. \_\_\_\_\_. The syntax-phonology mapping in Catalan and Spanish clitics. In: *MITWPL 21: Papers on Phonology and Morphology*, p. 321-353. Cambridge, MA: MIT Press, 1994.
89. \_\_\_\_\_. The OCP, prosodic morphology and sonorant Spanish diminutives: a reply to Crowhrst, *Phonology*, 11, p. 179-190, 1994.
90. \_\_\_\_\_. The form classes of Spanish substantives. *Morphology Yearbook*, 1, p. 65-88, 1991b.
91. \_\_\_\_\_. The exponence of gender in Spanish, *Linguistic Inquiry*, 22, 1, p. 27-62, 1991a.
92. \_\_\_\_\_. Spanish word markers. In: Nuessel Jr., F. (ed.), *Current Issues in Hispanic Phonology and Morphology*, p. 34-54. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1985.
93. \_\_\_\_\_. *Syllable structure and stress in Spanish*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

94. \_\_\_\_\_. Noncontative morphology and Spanish plurals. *Journal of Linguistic Research*, 1:1, p. 15-31, 1980.
95. \_\_\_\_\_. A note on Spanish plural formation. *Language*, 46, 4, p. 928-930, 1970.
96. \_\_\_\_\_. *Spanish phonology*. Cambridge, MA: MIT Press, 1969.
97. HOOPER, J. B. The syllable in phonological theory. *Language*, v. 48 (3), p. 525-540, 1972.
98. \_\_\_\_\_. *An introduction to natural generative phonology*. London: Academic Press, 1976.
99. HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
100. HUALDE, J. I. On Spanish syllabification. In: Campos, H.; Martínez-Gil, F. (eds.), *Current Studies in Spanish Linguistics*, p. 475-493. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 1991.
101. ITÔ, J. *Syllable theory in prosodic phonology*. Tese de Doutorado, Amherst: University of Mass. 1986.
102. \_\_\_\_\_. Silabeo y estructura morfêmica en español. *Hispania*, 72, p. 821-831, 1989.
103. KATAMBA, F. *An introduction to phonology*. England: Longman, 1989.
104. KAHN, D. *Syllable-based generalizations in English phonology*. Tese de Doutorado, MIT. 1976.
105. KENSTOWICZ, M. *Phonology in generative grammar*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd. Cambridge: Massachussets, 2001.
106. KHEDI, V. *Morfemas do português*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1993.
107. KLEIN, P. W. Spanish 'gender' vowels and lexical representations, *Hispanic Linguistics*, 3, p. 147-162, 1989.
108. \_\_\_\_\_. The nature and uses of the spanish neuter. *Studia Neophilologica*, v. 60, p. 109-117, 1988.
109. \_\_\_\_\_. Spanish gender morphology. *Papers in Romance*, 5, 2, p. 57-64, 1983.
110. LAPESA, R. *Historia de la lengua española*. 7 ed., Madrid: Escelicer, S. A., 1968.
111. LEÃO, D. N. *Origem da língua portuguesa*. Lisboa: Prodomo, 1945.
112. LEE, S.H. O estatuto das vogais temáticas do não-verbo em português. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte (no prelo), 1999.
113. \_\_\_\_\_. *Morfologia e fonologia lexical do português do Brasil*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.

114. LEITE, Y. de F. *Portuguese stress and related rules*. Tese de Doutorado. Austin: University of Texas, 1974.
115. LIEBER, R. *Deconstructing morphology – word formation in syntactic theory*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
116. LIGHTNER, T. M. The role of derivational morphology in generative grammar, *Language*, v. 51, 3, p. 617-638, 1975.
117. LOPEZ, B. S. *The sound pattern of Brazilian Portuguese (Cariocan dialect)*. Tese de Doutorado. Los Angeles: UCLA, 1979.
118. LUFT, C. P. *Minidicionário Luft*. 20 ed., São Paulo: Ática, 2000.
119. \_\_\_\_\_. *Novo guia ortográfico*. 29 ed., São Paulo: Globo, 2000.
120. \_\_\_\_\_. *Moderna gramática brasileira*. 9 ed., São Paulo: Globo, 1989.
121. LUNDEBERG, O. K. On the gender of *Mar*: precept and practice. *Hispanic Review*, 1, p. 309-318, 1933.
122. MACGINNIS, M. Word-internal syntax: evidence from Ojibwa. In: Koskinen, P. (ed.), *Proceedings of the 1995 CLA Annual conference*, Toronto Working Papers in Linguistics, p. 337-347.
123. MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. Lisboa: Livros Horizonte, 5 v., 1977.
124. MAIA, C. de A. *História do galego-português: estado lingüístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI* (com referência à situação do Galego Moderno). Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, INIC, 1986.
125. MADDIESON, I. *Patterns of sounds*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
126. MATEUS, M. H. M.; d'ANDRADE, E. *The Phonology of Portuguese*. New York: Oxford University Press, 2000.
127. MATEUS, M. H. M. *Curso de fonologia*. ABRALIN, 1999.
128. \_\_\_\_\_. *Aspectos da fonologia do português*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1975.
129. MARANTZ, A. *Words*. <http://web.mit.edu/afs/athena.mit.edu/org/l/linguistics/www/marantz.home.html>. 2002.

130. \_\_\_\_\_. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, 4: 2, p. 201-225, Penn Working Papers in Linguistics. 1997a.
131. MARTÍNEZ-GIL, F. Word-final epenthesis in Galician. In: Martínez-Gil, F.; Morales-Front, A. (eds.), *Issues in the phonology and morphology of the Major Iberian languages*, p. 269-340. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 1997.
132. MENUZZI, S. *On the prosody of the diminutive alternation -inho/-zinho in Brazilian Portuguese*. HIL/ University of Leiden, 1993. (não-publicado)
133. MEYER-LÜBKE, W. Grammaire des langues romanes. Tome deuxième: *Morphologie*. New York: G. E. Stechert & Co, 1923.
134. MIOTO, C. et al. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999.
135. MIRANDA, A. R. M. *A metafonía nominal*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 2000.
136. MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4 ed., Campinas: Pontes, 2002.
137. MORALES-FRONT, A.; HOLT, E. The interplay of morphology, prosody, and faithfulness in Portuguese pluralization. In: Martínez-Gil, F.; Morales-Front, A. (eds.), *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*, p. 393-437. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 1997.
138. MORENO, C. *Morfologia nominal do português: um estudo de fonologia lexical*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.
139. \_\_\_\_\_. *Os Diminutivos em -inho e -zinho e a delimitação do vocábulo nominal no português*. Dissertação de Mestrado. UFRGS, 1977.
140. MURILLO, J. E. La marcación del género en los sustantivos del español: entre la flexión y la derivación. *Filología y Lingüística*, v. XXV (1), p. 181-192, 1999.
141. NASCENTES, A. *O idioma nacional*. 3 ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.
142. \_\_\_\_\_. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1955.
143. NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris, 1986.
144. NIDA, E.A. *Morphology: the descriptive analysis of words*, 2 ed., University of Michigan Press, Ann Arbor, 1949.
145. NOYER, R. (maintainer) Distributed Morphology Web Page. URL: <http://www.ling.upenn.edu/~rnoyer/dm.html>

146. \_\_\_\_\_. Impoverishment theory and morphosyntactic markedness. In: Lapointe, S; Brentari, D. K.; Farrell P. (eds.), *Morphology and its relation to phonology and syntax*. Stanford: CSLI, p. 264-285, 1998.
147. \_\_\_\_\_. *Features, positions and affixes in autonomous morphological structure*. Doctoral Dissertation, MIT, 1992.
148. NUNES, J. J. *Compêndio de gramática histórica portuguesa: fonética e morfologia*. Lisboa: Clássica, 1975.
149. \_\_\_\_\_. *Digressões lexicológicas*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1928.
150. OJEDA, A. A note on the Spanish neuter. *Linguistic Inquiry*, 15, p. 171-173, 1984.
151. OLTRA-MASSUET, I. *On the notion of theme vowel: a new approach to Catalan verbal morphology*. MIT: SM Thesis, 1999.
152. \_\_\_\_\_. On the constituent structure of Catalan verbs. In: *MITWPL 33: Papers on Syntax and Morphology*, p. 279-322. Cambridge, MA: MIT Press, 1999.
153. OLTRA-MASSUET, I.; ARREGI, K. *Stress-by-Structure in Spanish*. 2001. (não-publicado)
154. PAGEL, D. F. Contribuição para o estudo das vogais finais inacentuadas em português. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 25, p. 85-99, Jul./Dez., 1993.
155. PEPERKAMP, S. *Prosodic words*. Doctoral Dissertation, Universiteit van Amsterdam. The Hague: Holland Academic Graphics, 1997.
156. PEREIRA, M. I. P. *O Acento de palavra em português: uma análise métrica*. Tese de Doutorado. Coimbra, 1999.
157. PESETSKY, D. *Zero syntax*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
158. PETERS, S. (ed). *Goals of linguistic theory*. New Jersey: Prentice-Hall, 1972.
159. PETRUCCI, P. R. Fatos de estabilidade no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 23, p. 57-70, Jul./Dez., 1992.
160. PIDAL, M. R. *Orígenes del español: estado lingüístico de la península ibérica hasta el siglo XI*. Madrid: Espasa-Calpe, 1972.
161. PIKE, K. & PIKE, E. Immediate constituents of Mazateco syllables. *International Journal of Applied Linguistics*, n. 13, p. 78-91, 1947.
162. OLIVEIRA, F. *Grammatica da lingoagem portuguesa*. Lisboa: José Fernandes Júnior, 1933.

163. OLIVEIRA, A. M. P. de. Brasileirismos e regionalismos. *Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.), p. 109-120, 1998.
164. REDENBARGER, W. J. Apocope and lenition in Portuguese. In: Martínez-Gil, F.; Morales-Front, A. (eds.), *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages*, p. 439-465. Washington, D. C.: Georgetown University Press, 1997.
165. RIO-TORTO, G. M. Mecanismos de produção lexical no PE. *Alfa*, São Paulo, 42 (n. esp.), p. 15-32, 1998.
166. ROCA, I. M. The organisation of grammatical gender. *Transactions of the Philological Society*, v. 87 (1), p. 1-32, 1989.
167. ROCHA, L. C. de A. *Estruturas morfológicas do português*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
168. ROSA, M. C. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
169. ROTH, W. O Empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24, p. 157-177, 1980.
170. SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8 ed., São Paulo: Melhoramentos, 2001.
171. \_\_\_\_\_. *Dificuldades da língua portuguesa – estudos e observações*. 5 ed., Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.
172. SAINT-CLAIR, R. N. The Portuguese plural formation. *Linguistics*, 68, 90-102, 1971.
173. SALTARELLI, M. Spanish plural formation: apocope or epenthesis? *Language*, v. 46 (1), p. 89-96, 1970.
174. SANDMANN, A. *Morfologia Lexical*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.
175. SAPORTA, S. On the expression of gender in Spanish. *Romance Philology*, v. XV (3), p. 279-284, 1962.
176. \_\_\_\_\_. Morpheme alternants in Spanish. In: Kahane, H. R.; Pietrangeli A. (eds.), *Structural Studies on Spanish Themes*. Salamanca: University Press, 1959.
177. SCHANE, S. A. *Fonologia gerativa*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
178. SHADID, A. C. La formación del género en español. *Filología y Lingüística*, v. XXIII (2), p. 153-159, 1997.
179. SILVA, R. V. M. e. *O português arcaico – fonologia*. São Paulo: Contexto, 1996.
180. \_\_\_\_\_. *O português arcaico – morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 1994.

181. SILVA NETO, S. Textos medievais portugueses e seus problemas. *Coleção de Estudos Filológicos*, 2, Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 1956.
182. SLOAT, C.; TAYLOR, S.H.; HOARD, J.E. *Introduction to phonology*. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New Jersey, 1978.
183. SPENCER, A. Nominal inflection and the nature of functional categories. *Journal of Linguistics*, 28, p. 313-341, 1992.
184. SPENCER, A.; ZWICKY, A.M. (eds.) *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.
185. TESCHNER, R.V.; RUSSELL, W.M. The gender patterns of Spanish nouns: an inverse dictionary-based analysis. *Hispanic Linguistics*, 1, p. 115-132, 1984.
186. TEYSSIER, P. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
187. TRASK, R. L. *A dictionary of grammatical terms in linguistics*. New York: Routledge, 1999.
188. \_\_\_\_\_. *A dictionary of phonetics and phonology*. New York: Routledge, 1996.
189. VANDRESEN, P. O vocalismo português: implicações teóricas. In: *Revista Brasileira de Linguística*, 2, p. 80-103, 1975.
190. VASCONCELOS, C. M. *Lições de filologia portuguesa: segundo as preleções feitas aos cursos de 19/11/12 e de 19/12/13 seguidas das lições práticas de português arcaico*. Lisboa: Martins Fontes, 1946.
191. VASCONCELOS, J. L. de. *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1970.
192. \_\_\_\_\_. *Textos arcaicos*. 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.
193. VENNEMANN, T. Rule inversion. *Língua*, 29, p. 209-242, 1972.
194. \_\_\_\_\_. *Aspectos do sistema vocálico do português*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS, 1997.
195. VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquias nas palavras do português*. Tese de Doutorado. Lisboa, 1994.
196. WETZELS, L. W. Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, 23, p. 19-55, jul./dez., 1992.
197. \_\_\_\_\_. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. *Probus*, p. 1-34, fev. 1997.

198. WILLIAMS, E. On the notions “lexically related” and “head of a word”. *Linguistic Inquiry*, v. 12, n. 2. MIT: 1981.
199. \_\_\_\_\_. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.
200. ZANOTTO, N. *Estrutura mórfica da língua portuguesa*. Caxias do Sul: EDUCS, 1986.

## ANEXOS –

### CLASSES FORMAIS DO PORTUGUÊS (Listas não-exaustivas)

#### CLASSE I - /o/

- |               |               |                |
|---------------|---------------|----------------|
| 1. abet-o     | 36. arquiv-o  | 71. búfal-o    |
| 2. abrolh-o   | 37. artig-o   | 72. burac-o    |
| 3. ácid-o     | 38. asil-o    | 73. burr-o     |
| 4. ácin-o     | 39. at-o      | 74. cabel-o    |
| 5. ácop-o     | 40. átom-o    | 75. cab-o      |
| 6. ádit-o     | 41. atrit-o   | 76. cajad-o    |
| 7. afet-o     | 42. autômat-o | 77. calabouç-o |
| 8. áfod-o     | 43. azulej-o  | 78. calam-o    |
| 9. agour-o    | 44. báculo-o  | 79. cálculo-o  |
| 10. aip-o     | 45. badal-o   | 80. cal-o      |
| 11. alam-o    | 46. bairr-o   | 81. calour-o   |
| 12. alfabet-o | 47. bandid-o  | 82. caminh-o   |
| 13. alh-o     | 48. banh-o    | 83. cânham-o   |
| 14. aliment-o | 49. banj-o    | 84. can-o      |
| 15. almoç-o   | 50. barr-o    | 85. cantar-o   |
| 16. alun-o    | 51. beij-o    | 86. cant-o     |
| 17. alvoroç-o | 52. beij-o    | 87. capach-o   |
| 18. âmag-o    | 53. beril-o   | 88. capítulo-o |
| 19. amárac-o  | 54. besour-o  | 89. caprich-o  |
| 20. amarel-o  | 55. bezerr-o  | 90. caramel-o  |
| 21. âmbit-o   | 56. bich-o    | 91. caramuj-o  |
| 22. amplex-o  | 57. bic-o     | 92. cárav-o    |
| 23. amulet-o  | 58. biscoit-o | 93. carbon-o   |
| 24. andraj-o  | 59. bloc-o    | 94. carinh-o   |
| 25. anel-o    | 60. boat-o    | 95. carmel-o   |
| 26. ângul-o   | 61. bob-o     | 96. carneiro   |
| 27. ânim-o    | 62. bolet-o   | 97. caroç-o    |
| 28. anj-o     | 63. bolet-o   | 98. carrasc-o  |
| 29. an-o      | 64. bol-o     | 99. carr-o     |
| 30. ânod-o    | 65. bot-o     | 100. cártam-o  |
| 31. ânul-o    | 66. braç-o    | 101. cartuch-o |
| 32. aparelh-o | 67. brej-o    | 102. carvalh-o |
| 33. araut-o   | 68. brom-o    | 103. casac-o   |
| 34. arcan-o   | 69. buch-o    | 104. cas-o     |
| 35. ar-o      | 70. buç-o     | 105. castel-o  |

106. casul-o  
107. catálog-o  
108. catarr-o  
109. cátul-o  
110. caval-o  
111. cenh-o  
112. cep-o  
113. céram-o  
114. charut-o  
115. chinel-o  
116. chocalh-o  
117. choup-o  
118. chouriç-o  
119. cíat-o  
120. cíbal-o  
121. cigarr-o  
122. címbal-o  
123. ciment-o  
124. cim-o  
125. cíngul-o  
126. círcul-o  
127. cítis-o  
128. cler-o  
129. clor-o  
130. coalh-o  
131. cobalt-o  
132. coch-o  
133. coc-o  
134. códig-o  
135. coelh-o  
136. cogumel-o  
137. col-o  
138. coloss-o  
139. compromiss-o  
140. cômput-o  
141. conceit-o  
142. cõndil-o  
143. cõneg-o  
144. confeit-o  
145. conflit-o  
146. congress-o  
147. conselh-o  
148. consol-o  
149. contat-o  
150. contralt-o  
151. cop-o  
152. cordeir-o  
153. córreg-o  
154. cótil-o  
155. cotovel-o  
156. cour-o  
157. cõvad-o  
158. crav-o  
159. crédito-o  
160. cred-o  
161. crepúscul-o  
162. crisântem-o  
163. crisólit-o  
164. criv-o  
165. crocodil-o  
166. crom-o  
167. crótal-o  
168. crucifix-o  
169. cub-o  
170. cuc-o  
171. cúmulo-o  
172. cunhad-o  
173. dad-o  
174. dan-o  
175. débito-o  
176. décor-o  
177. decret-o  
178. dédal-o  
179. ded-o  
180. defeit-o  
181. degred-o  
182. delit-o  
183. despoj-o  
184. detrit-o  
185. diab-o  
186. diálog-o  
187. dígit-o  
188. dínam-o  
189. doid-o  
190. don-o  
191. dren-o  
192. duel-o  
193. dut-o  
194. éban-o  
195. ec-o  
196. efei-to  
197. eg-o  
198. eix-o  
199. el-o  
200. êmbol-o  
201. êmer-o  
202. endur-o  
203. engenh-o  
204. éol-o  
205. éreb-o  
206. esboç-o  
207. escalp-o  
208. escândal-o  
209. escolh-o  
210. esconderij-o  
211. escrav-o  
212. escrot-o  
213. escrúpul-o  
214. escud-o  
215. esdrúxul-o  
216. espaç-o  
217. espécul-o  
218. espelh-o  
219. espetácul-o  
220. espet-o  
221. espich-o  
222. espinh-o  
223. espírit-o  
224. espõndil-o  
225. esquelet-o  
226. esquil-o  
227. éssed-o  
228. estábul-o  
229. estad-o  
230. estanh-o  
231. estásim-o  
232. estil-o  
233. estof-o  
234. estômag-o  
235. estrad-o  
236. estrépit-o  
237. estrib-o  
238. étim-o  
239. eunuc-o  
240. exercit-o

241. êxit-o  
242. êxod-o  
243. extrat-o  
244. fad-o  
245. fâmul-o  
246. fâner-o  
247. far-o  
248. fat-o  
249. fav-o  
250. fech-o  
251. fen-o  
252. fenômen-o  
253. fércul-o  
254. ferr-o  
255. fet-o  
256. feud-o  
257. fígad-o  
258. fig-o  
259. filh-o  
260. fin-o  
261. fi-o  
262. floc-o  
263. flux-o  
264. foc-o  
265. fog-o  
266. for-o  
267. forr-o  
268. fósfor-o  
269. fracass-o  
270. frêmit-o  
271. frêmul-o  
272. fris-o  
273. froux-o  
274. frústul-o  
275. frut-o  
276. fulan-o  
277. fum-o  
278. futur-o  
279. gában-o  
280. gad-o  
281. gafanhot-o  
282. gálag-o  
283. gálbul-o  
284. galh-o  
285. gal-o  
286. gat-o  
287. gel-o  
288. gêner-o  
289. gess-o  
290. glob-o  
291. goiv-o  
292. gom-o  
293. gôngil-o  
294. gorr-o  
295. granit-o  
296. graniz-o  
297. gril-o  
298. grup-o  
299. guiz-o  
300. hábit-o  
301. hálit-o  
302. hal-o  
303. hámul-o  
304. haríol-o  
305. helébor-o  
306. hiat-o  
307. hin-o  
308. ídol-o  
309. imag-o  
310. im-o  
311. ímpet-o  
312. índig-o  
313. inset-o  
314. institut-o  
315. iod-o  
316. jarr-o  
317. jat-o  
318. jazig-o  
319. jeit-o  
320. joelh-o  
321. jog-o  
322. júbil-o  
323. jug-o  
324. lábar-o  
325. laç-o  
326. ládan-o  
327. lad-o  
328. lágar-o  
329. lag-o  
330. laiv-o  
331. láteg-o  
332. láudan-o  
333. laud-o  
334. lavab-o  
335. leit-o  
336. lêved-o  
337. líber-o  
338. libid-o  
339. líbit-o  
340. lim-o  
341. linh-o  
342. lix-o  
343. lob-o  
344. lod-o  
345. lúpul-o  
346. lut-o  
347. lux-o  
348. macac-o  
349. mach-o  
350. mac-o  
351. mag-o  
352. manceb-o  
353. marid-o  
354. marmel-o  
355. martel-o  
356. mat-o  
357. médic-o  
358. med-o  
359. mégar-o  
360. menin-o  
361. meteor-o  
362. mic-o  
363. milh-o  
364. mim-o  
365. minuan-o  
366. minut-o  
367. miol-o  
368. mit-o  
369. moch-o  
370. moç-o  
371. model-o  
372. mod-o  
373. módul-o  
374. mof-o  
375. moinh-o

376. molh-o  
377. morceg-o  
378. mormaço-o  
379. morr-o  
380. muc-o  
381. mulat-o  
382. mur-o  
383. murr-o  
384. múscul-o  
385. mútul-o  
386. muxox-o  
387. nab-o  
388. nac-o  
389. narciso  
390. neófit-o  
391. net-o  
392. nex-o  
393. nich-o  
394. ninh-o  
395. noiv-o  
396. novel-o  
397. núcle-o  
398. número-o  
399. óbol-o  
400. obstácul-o  
401. ocas-o  
402. ocean-o  
403. ócul-o  
404. olfat-o  
405. olh-o  
406. orgulh-o  
407. orvalh-o  
408. oss-o  
409. ouriço-o  
410. our-o  
411. outon-o  
412. oval-o  
413. ov-o  
414. pábul-o  
415. paço-o  
416. pálam-o  
417. palat-o  
418. palhaço-o  
419. pan-o  
420. pântan-o  
421. papir-o  
422. paradox-o  
423. parafus-o  
424. paraís-o  
425. páral-o  
426. páram-o  
427. párod-o  
428. pássar-o  
429. patron-o  
430. pecaço-o  
431. pedaço-o  
432. peit-o  
433. pêl-o  
434. pêndul-o  
435. pepin-o  
436. períbol-o  
437. perig-o  
438. período-o  
439. periquit-o  
440. pescoço-o  
441. pes-o  
442. pêsseg-o  
443. pian-o  
444. pífar-o  
445. pigarr-o  
446. pilot-o  
447. píncar-o  
448. pin-o  
449. piolh-o  
450. plátan-o  
451. poço-o  
452. pólip-o  
453. pó-l-o  
454. polv-o  
455. pom-o  
456. pórfir-o  
457. por-o  
458. pov-o  
459. prad-o  
460. prat-o  
461. praz-o  
462. preâmbul-o  
463. preceit-o  
464. preço-o  
465. preg-o  
466. preit-o  
467. prejuíz-o  
468. prel-o  
469. presbíter-o  
470. pretext-o  
471. prim-o  
472. process-o  
473. produt-o  
474. prógon-o  
475. progress-o  
476. projet-o  
477. prólog-o  
478. protocol-o  
479. prum-o  
480. púcar-o  
481. púlpit-o  
482. punh-o  
483. pupil-o  
484. queij-o  
485. queix-o  
486. quiab-o  
487. quil-o  
488. rában-o  
489. rab-o  
490. ral-o  
491. ram-o  
492. ranh-o  
493. rat-o  
494. realej-o  
495. rebanh-o  
496. recad-o  
497. regat-o  
498. reg-o  
499. rein-o  
500. relh-o  
501. rem-o  
502. repolh-o  
503. respeit-o  
504. retrat-o  
505. ris-o  
506. rit-o  
507. rod-o  
508. rol-o  
509. rótul-o  
510. ruf-o

511. ruíd-o  
512. rum-o  
513. sábad-o  
514. sabug-o  
515. sac-o  
516. sapat-o  
517. sap-o  
518. sarr-o  
519. seb-o  
520. sécul-o  
521. segred-o  
522. seix-o  
523. sel-o  
524. séqüit-o  
525. seren-o  
526. serr-o  
527. serviç-o  
528. sésam-o  
529. sigil-o  
530. sil-o  
531. símbol-o  
532. sin-o  
533. sínod-o  
534. sis-o  
535. soalh-o  
536. sobrad-o  
537. soc-o  
538. sol-o  
539. soluç-o  
540. sonh-o  
541. son-o  
542. sopran-o  
543. sor-o  
609. zel-o  
544. sorrís-o  
545. sovac-o  
546. sucess-o  
547. suc-o  
548. sum-o  
549. sussurr-o  
550. tabac-o  
551. tac-o  
552. tálam-o  
553. tal-o  
554. tarr-o  
555. tártar-o  
556. tat-o  
557. tes-o  
558. tesour-o  
559. tet-o  
560. text-o  
561. tif-o  
562. tijol-o  
563. tímpan-o  
564. tip-o  
565. toc-o  
566. tom-o  
567. top-o  
568. torped-o  
569. tour-o  
570. tráfeg-o  
571. trajet-o  
572. traj-o  
573. trânsit-o  
574. trap-o  
575. trech-o  
576. tremoç-o  
577. trev-o  
578. trib-o  
579. tribut-o  
580. trig-o  
581. trilh-o  
582. troc-o  
583. tron-o  
584. tub-o  
585. tucan-o  
586. tuf-o  
587. túmul-o  
588. umbig-o  
589. úmer-o  
590. urs-o  
591. úter-o  
592. val-o  
593. vampir-o  
594. vas-o  
595. vead-o  
596. veícul-o  
597. venen-o  
598. verdug-o  
599. vermelh-o  
600. viç-o  
601. vinh-o  
602. violin-o  
603. virag-o  
604. vitel-o  
605. vitilig-o  
606. viúv-o  
607. vizinh-o  
608. zéfir-o

Terminação *-ão /o/*

1. açafreão
2. afeição
3. agrião
4. alazão
5. alçapão
6. algodão
7. aluvião
8. ambição
9. anão
10. anfitrião
11. arpão
12. artesão
13. atenção
14. aversão
15. avião
16. balcão
17. barão
18. bastão
19. batalhão
20. bisão
21. bordão
22. botão
23. brasão
24. camaleão
25. camarão
26. caminho
27. campeão
28. canção
29. canhão
30. capelão
31. capitão
32. carvão
33. caução
34. condão
35. condição
36. coração
37. diapasão
38. embrião
39. emoção
40. ermitão
41. estragão
42. faisão
43. falcão
44. feijão
45. função
46. furacão
47. galpão
48. gamão
49. gavião
50. gibão
51. gratidão
52. ilusão
53. irmão
54. irrisão
55. jargão
56. lampião
57. legião
58. leilão
59. lição
60. limão
61. loção
62. macarrão
63. mansão
64. melão
65. menção
66. missão
67. monção
68. multidão
69. mutirão
70. nação
71. noção
72. obsessão
73. ocasião
74. opinião
75. oração
76. orfeão
77. padrão
78. pagão
79. paixão
80. patrão
81. pavão
82. pavilhão
83. pelotão
84. pendão
85. pensão
86. perdição
87. perfeição
88. pinhão
89. plantão
90. poção
91. poltrão
92. população
93. porão
94. porção
95. posição
96. profissão
97. profusão
98. proporção
99. pulmão
100. quinhão
101. ração
102. refeição
103. refrão
104. região
105. religião
106. rincão
107. roldão
108. rufião
109. sabão
110. sacristão
111. saguão
112. salmão
113. sanção
114. sazão
115. serão
116. sermão
117. sertão
118. sifão
119. solidão
120. solução
121. sultão
122. tabelião
123. talão

124. televisão  
125. tendão  
126. tensão  
127. tição  
128. timão  
129. tradição

130. trovão  
131. tubarão  
132. tufão  
133. vagão  
134. varão  
135. verão

136. violão  
137. vocação  
138. vulcão  
139. zangão  
140. zarcão

## CLASSE II - /a/

1. ab-a
2. abelh-a
3. abóbad-a
4. abun-a
5. acarijub-a
6. acerol-a
7. acroam-a
8. açucen-a
9. acúsmat-a
10. acústic-a
11. adag-a
12. adeg-a
13. aduan-a
14. adúlter-a
15. ágat-a
16. agulh-a
17. ajurucuruc-a
18. alcáçov-a
19. alcândor-a
20. alcaparr-a
21. alcov-a
22. alcunh-a
23. aldrav-a
24. alfaf-a
25. alfândeg-a
26. alfazem-a
27. alfíten-a
28. algazarr-a
29. algem-a
30. almáceg-a
31. almofad-a
32. almôndeg-a
33. almucábal-a
34. alpac-a
35. alpargat-a
36. am-a
37. amapol-a
38. amarel-a
39. amazon-a
40. âmbul-a
41. ameaç-a
42. ameix-a
43. amígdal-a
44. amor-a
45. ampol-a
46. anáfeg-a
47. anáfor-a
48. anagram-a
49. analem-a
50. anátem-a
51. âncor-a
52. anedot-a
53. ânfor-a
54. anicauer-a
55. anten-a
56. antífon-a
57. apostil-a
58. aquarel-a
59. arandel-a
60. aren-a
61. argil-a
62. argol-a
63. armadilh-a
64. arom-a
65. arrud-a
66. árul-a
67. as-a
68. ascom-a
69. assan-a
70. aul-a
71. aur-a
72. auror-a
73. avei-a
74. avenid-a
75. axil-a
76. axiom-a
77. azáfam-a
78. azed-a
79. azeiton-a
80. azêmol-a
81. bab-a
82. bÁCOr-a
83. bainh-a
84. bal-a
85. baliz-a
86. barat-a
87. barem-a
88. barr-a
89. barric-a
90. barrig-a
91. báscul-a
92. bastilh-a
93. bat-a
94. batalh-a
95. batat-a
96. batuquir-a
97. baunilh-a
98. bazuc-a
99. beat-a
100. bebid-a
101. beir-a
102. bergamot-a
103. berinjel-a
104. bermud-a
105. beterrab-a
106. bexig-a
107. bic-a
108. birr-a
109. birut-a
110. bisnag-a
111. bitácul-a
112. bitol-a
113. blastem-a
114. blus-a
115. boc-a
116. boç-a
117. bocaiúv-a
118. bochech-a
119. bod-a
120. bodeg-a

- |                 |                   |                 |
|-----------------|-------------------|-----------------|
| 121. boin-a     | 166. camarad-a    | 211. cédul-a    |
| 122. bol-a      | 167. cambub-a     | 212. cegonh-a   |
| 123. bonec-a    | 168. camis-a      | 213. cel-a      |
| 124. borbolet-a | 169. camomil-a    | 214. célul-a    |
| 125. borr-a     | 170. campanh-a    | 215. cen-a      |
| 126. borrach-a  | 171. cancel-a     | 216. cenour-a   |
| 127. boss-a     | 172. cânfor-a     | 217. censur-a   |
| 128. bot-a      | 173. canjic-a     | 218. cep-a      |
| 129. botij-a    | 174. cap-a        | 219. cer-a      |
| 130. braç-a     | 175. capar-a      | 220. cerâmic-a  |
| 131. brech-a    | 176. capejub-a    | 221. cerej-a    |
| 132. brig-a     | 177. capel-a      | 222. ceroul-a   |
| 133. bris-a     | 178. capivar-a    | 223. cervej-a   |
| 134. broc-a     | 179. capot-a      | 224. chácar-a   |
| 135. broch-a    | 180. cápsul-a     | 225. chag-a     |
| 136. brochur-a  | 181. carabin-a    | 226. chair-a    |
| 137. brum-a     | 182. caraíb-a     | 227. cham-a     |
| 138. brux-a     | 183. carambol-a   | 228. chap-a     |
| 139. buch-a     | 184. caranguej-a  | 229. cháven-a   |
| 140. búgul-a    | 185. carapaç-a    | 230. chibat-a   |
| 141. bul-a      | 186. carapanaíb-a | 231. chin-a     |
| 142. bússol-a   | 187. carapuç-a    | 232. chit-a     |
| 143. buzin-a    | 188. caravan-a    | 233. choup-a    |
| 144. cabal-a    | 189. carcaç-a     | 234. chul-a     |
| 145. caban-a    | 190. cárcav-a     | 235. chuv-a     |
| 146. cabanh-a   | 191. carnaúb-a    | 236. cicut-a    |
| 147. cabeç-a    | 192. caron-a      | 237. cigarr-a   |
| 148. cabriúv-a  | 193. carótid-a    | 238. cimitarr-a |
| 149. caçap-a    | 194. carquej-a    | 239. cinem-a    |
| 150. caçarol-a  | 195. cartel-a     | 240. cintur-a   |
| 151. cachaç-a   | 196. caruan-a     | 241. citar-a    |
| 152. cadeir-a   | 197. cas-a        | 242. cítol-a    |
| 153. cadel-a    | 198. casamat-a    | 243. clar-a     |
| 154. cáfil-a    | 199. cascat-a     | 244. cláusul-a  |
| 155. caian-a    | 200. casimir-a    | 245. clim-a     |
| 156. caiarar-a  | 201. cassat-a     | 246. cloac-a    |
| 157. caicumán-a | 202. castanh-a    | 247. clorofil-a |
| 158. caleç-a    | 203. catadup-a    | 248. coal-a     |
| 159. calêndul-a | 204. catapor-a    | 249. cobij-a    |
| 160. calh-a     | 205. catarat-a    | 250. cobr-a     |
| 161. calif-a    | 206. caud-a       | 251. coc-a      |
| 162. calot-a    | 207. caus-a       | 252. cod-a      |
| 163. cam-a      | 208. cautel-a     | 253. coif-a     |
| 164. câmar-a    | 209. cav-a        | 254. col-a      |
| 165. camarad-a  | 210. cebol-a      | 255. coleg-a    |

256. coleg-a  
257. cóler-a  
258. colet-a  
259. cólic-a  
260. colin-a  
261. colun-a  
262. com-a  
263. comet-a  
264. cômod-a  
265. compot-a  
266. compress-a  
267. condut-a  
268. congongh-a  
269. conjectur-a  
270. cop-a  
271. copaib-a  
272. cópul-a  
273. corbelh-a  
274. corcov-a  
275. coriz-a  
276. cornac-a  
277. cornij-a  
278. cortiç-a  
279. cortin-a  
280. corvet-a  
281. corvin-a  
282. cot-a  
283. cov-a  
284. cox-a  
285. coxilh-a  
286. cozin-h-a  
287. crater-a  
288. cremon-a  
289. crianç-a  
290. criatur-a  
291. crin-a  
292. crisálid-a  
293. crític-a  
294. crom-a  
295. crônic-a  
296. cub-a  
297. cuc-a  
298. cuic-a  
299. cuiúb-a  
300. cunh-a  
301. cupir-a  
302. cúpul-a  
303. curac-a  
304. curiacic-a  
305. curupir-a  
306. cutipac-a  
307. dádiv-a  
308. dam-a  
309. dat-a  
310. deriv-a  
311. dev-a  
312. diadem-a  
313. diafragm-a  
314. diagram-a  
315. diáspor-a  
316. diastem-a  
317. diazom-a  
318. diet-a  
319. dilem-a  
320. diplom-a  
321. direit-a  
322. diret-a  
323. disciplin-a  
324. doc-a  
325. dogm-a  
326. don-a  
327. donzel-a  
328. drag-a  
329. draiv-a  
330. dram-a  
331. dríad-a  
332. drog-a  
333. drus-a  
334. duch-a  
335. dun-a  
336. eclegm-a  
337. éclog-a  
338. eclus-a  
339. eczem-a  
340. edem-a  
341. éfir-a  
342. em-a  
343. emblem-a  
344. empad-a  
345. empres-a  
346. enchov-a  
347. enem-a  
348. engom-a  
349. enigm-a  
350. entranh-a  
351. enxad-a  
352. enxaquec-a  
353. enxáveg-a  
354. enzim-a  
355. epístol-a  
356. epítog-a  
357. époc-a  
358. épur-a  
359. er-a  
360. ervilh-a  
361. escad-a  
362. escal-a  
363. escam-a  
364. escápul-a  
365. escaramuç-a  
366. escol-a  
367. escopet-a  
368. escor-a  
369. escotilh-a  
370. escov-a  
371. escrib-a  
372. escróful-a  
373. escun-a  
374. esfer-a  
375. esfirr-a  
376. esgrim-a  
377. esmegm-a  
378. esmol-a  
379. espad-a  
380. espátul-a  
381. espig-a  
382. espinh-a  
383. espirem-a  
384. espolet-a  
385. espor-a  
386. espos-a  
387. espum-a  
388. esquem-a  
389. esquin-a  
390. estem-a

391. estereom-a  
392. esterigm-a  
393. estigm-a  
394. estof-a  
395. estol-a  
396. estom-a  
397. estop-a  
398. estrad-a  
399. estratagem-a  
400. estrel-a  
401. estrom-a  
402. estuf-a  
403. ésul-a  
404. etap-a  
405. etiquet-a  
406. exártrem-a  
407. fábric-a  
408. fábul-a  
409. fac-a  
410. fad-a  
411. fain-a  
412. faix-a  
413. faláric-a  
414. fam-a  
415. fantasm-a  
416. farândol-a  
417. farinh-a  
418. farof-a  
419. farr-a  
420. faun-a  
421. fav-a  
422. faxin-a  
423. fécul-a  
424. feir-a  
425. fenigm-a  
426. fer-a  
427. férul-a  
428. fich-a  
429. figur-a  
430. fil-a  
431. fístul-a  
432. fit-a  
433. fivel-a  
434. flam-a  
435. flanel-a  
436. flaut-a  
437. flech-a  
438. floem-a  
439. flor-a  
440. foc-a  
441. folh-a  
442. fonem-a  
443. fontan-a  
444. formig-a  
445. fórmul-a  
446. fortun-a  
447. foss-a  
448. frag-a  
449. fragat-a  
450. freir-a  
451. fronh-a  
452. frot-a  
453. frótol-a  
454. frústul-a  
455. frut-a  
456. fus-a  
457. futur-a  
458. gadanh-a  
459. gaiol-a  
460. gait-a  
461. gajet-a  
462. gal-a  
463. gálbul-a  
464. galer-a  
465. galoch-a  
466. gamel-a  
467. gamet-a  
468. gan-a  
469. gândar-a  
470. gandul-a  
471. gangorr-a  
472. gangren-a  
473. garoup-a  
474. garr-a  
475. garraf-a  
476. garup-a  
477. gavet-a  
478. gavot-a  
479. gem-a  
480. gengiv-a  
481. gib-a  
482. gincan-a  
483. gleb-a  
484. glos-a  
485. goiab-a  
486. gol-a  
487. gom-a  
488. gônad-a  
489. gôndol-a  
490. goril-a  
491. got-a  
492. graç-a  
493. gralh-a  
494. gram-a  
495. gram-a  
496. granad-a  
497. gravat-a  
498. grax-a  
499. gred-a  
500. grelh-a  
501. groselh-a  
502. grot-a  
503. grut-a  
504. guaçupit-a  
505. guaipev-a  
506. guandir-a  
507. guaraçaim-a  
508. guaracimbor-a  
509. gueix-a  
510. guerr-a  
511. guitarr-a  
512. gul-a  
513. gungunhan-a  
514. hárpag-a  
515. hégir-a  
516. her-a  
517. heurem-a  
518. hien-a  
519. hifem-a  
520. hipotec-a  
521. hosan-a  
522. hulh-a  
523. idiom-a  
524. igaruan-a  
525. igrejt-a

526. ilh-a  
527. imbui-a  
528. inambuquiçan-a  
529. indun-a  
530. inhac-a  
531. íntim-a  
532. invej-a  
533. iog-a  
534. ir-a  
535. isóbar-a  
536. ivirapem-a  
537. jabuticab-a  
538. jac-a  
539. jacamacir-a  
540. jacin-a  
541. jacucac-a  
542. jacumaíb-a  
543. jaguar-a  
544. jaguatiric-a  
545. jandiparaíb-a  
546. janel-a  
547. jangad-a  
548. janot-a  
549. januaír-a  
550. japuír-a  
551. jaquet-a  
552. jararac-a  
553. jarr-a  
554. jaul-a  
555. jereb-a  
556. jibói-a  
557. jojob-a  
558. jub-a  
559. jurubeb-a  
560. jut-a  
561. labared-a  
562. lac-a  
563. ladainh-a  
564. lagartix-a  
565. lágrim-a  
566. lam-a  
567. lâmin-a  
568. lâmpad-a  
569. lap-a  
570. lapel-a  
571. lasanh-a  
572. lat-a  
573. laud-a  
574. lav-a  
575. legítim-a  
576. leiv-a  
577. lem-a  
578. lenh-a  
579. lentilh-a  
580. lham-a  
581. libélul-a  
582. lim-a  
583. lir-a  
584. locomotiv-a  
585. loj-a  
586. louç-a  
587. lous-a  
588. luf-a  
589. lul-a  
590. lup-a  
591. lut-a  
592. luv-a  
593. mac-a  
594. maconh-a  
595. mácul-a  
596. madrinh-a  
597. magm-a  
598. magnat-a  
599. magnat-a  
600. mal-a  
601. malh-a  
602. maloc-a  
603. mam-a  
604. mandal-a  
605. mandíbul-a  
606. mandioc-a  
607. manem-a  
608. manteig-a  
609. map-a  
610. máquin-a  
611. maravilh-a  
612. maripos-a  
613. marmit-a  
614. marmot-a  
615. mascar-a  
616. mass-a  
617. mat-a  
618. matrac-a  
619. maxil-a  
620. máxim-a  
621. mazel-a  
622. mech-a  
623. medalh-a  
624. médic-a  
625. medul-a  
626. meger-a  
627. melen-a  
628. membran-a  
629. mes-a  
630. mesquit-a  
631. met-a  
632. métop-a  
633. mic-a  
634. milh-a  
635. min-a  
636. mínim-a  
637. mirr-a  
638. miss-a  
639. mísul-a  
640. mochil-a  
641. mod-a  
642. moed-a  
643. mol-a  
644. moquec-a  
645. mor-a  
646. mortadel-a  
647. mosc-a  
648. mucam-a  
649. mukur-a  
650. mul-a  
651. mulet-a  
652. mumbic-a  
653. muriçoc-a  
654. mus-a  
655. músic-a  
656. mutuc-a  
657. nádeg-a  
658. narin-a  
659. nat-a  
660. natur-a

661. naut-a  
662. navalh-a  
663. neblin-a  
664. nêesper-a  
665. neum-a  
666. nômin-a  
667. nor-a  
668. not-a  
669. novel-a  
670. nuc-a  
671. ogiv-a  
672. oliv-a  
673. ômeg-a  
674. omoplat-a  
675. onç-a  
676. opab-a  
677. opal-a  
678. óper-a  
679. órbit-a  
680. orelh-a  
681. origm-a  
682. ótic-a  
683. ov-a  
684. ovelh-a  
685. pac-a  
686. paçoc-a  
687. págin-a  
688. pal-a  
689. palafit-a  
690. palet-a  
691. palh-a  
692. pamonh-a  
693. panel-a  
694. panquec-a  
695. panter-a  
696. pantomim-a  
697. pap-a  
698. papil-a  
699. papoul-a  
700. pápric-a  
701. parábol-a  
702. paradigm-a  
703. parafin-a  
704. pararac-a  
705. parartrem-a  
706. pássar-a  
707. pastilh-a  
708. páten-a  
709. páter-a  
710. pátin-a  
711. pausa-a  
712. paut-a  
713. peç-a  
714. peçonh-a  
715. pelot-a  
716. pen-a  
717. pêndul-a  
718. pênul-a  
719. pepit-a  
720. per-a  
721. percalin-a  
722. pereb-a  
723. pererec-a  
724. pérgul-a  
725. peripiem-a  
726. perob-a  
727. pérol-a  
728. persian-a  
729. pértig-a  
730. peruc-a  
731. pesso-a  
732. pétal-a  
733. petec-a  
734. piaçav-a  
735. pílul-a  
736. pindaíb-a  
737. pinh-a  
738. pip-a  
739. pipir-a  
740. pipoc-a  
741. piracajar-a  
742. piranh-a  
743. piraob-a  
744. piscin-a  
745. pistol-a  
746. plac-a  
747. plag-a  
748. plain-a  
749. planet-a  
750. planilh-a  
751. plan-o  
752. plaquet-a  
753. plástic-a  
754. platin-a  
755. plerom-a  
756. pleur-a  
757. plum-a  
758. poem-a  
759. poet-a  
760. polain-a  
761. polêmic-a  
762. polític-a  
763. poltron-a  
764. pólvor-a  
765. pomad-a  
766. pop-a  
767. porcelan-a  
768. pororoc-a  
769. poup-a  
770. praç-a  
771. prag-a  
772. praman-a  
773. pran-a  
774. prat-a  
775. preg-a  
776. preguiç-a  
777. premiss-a  
778. pres-a  
779. presilh-a  
780. press-a  
781. primavera-a  
782. problem-a  
783. procel-a  
784. profet-a  
785. program-a  
786. propin-a  
787. pros-a  
788. próstat-a  
789. prostitut-a  
790. prov-a  
791. puérper-a  
792. pulg-a  
793. pum-a  
794. pupil-a  
795. pur-a

796. púrpur-a  
797. pústul-a  
798. quediv-a  
799. querel-a  
800. querigm-a  
801. quérquer-a  
802. quimer-a  
803. quot-a  
804. rabeç-a  
805. rábul-a  
806. rac-a  
807. raç-a  
808. rágad-a  
809. rainh-a  
810. raiv-a  
811. ram-a  
812. rapos-a  
813. recíproc-a  
814. regat-a  
815. ren-a  
816. repres-a  
817. repúblic-a  
818. resin-a  
819. ret-a  
820. retin-a  
821. ricot-a  
822. rif-a  
823. rim-a  
824. rip-a  
825. rix-a  
826. roch-a  
827. rod-a  
828. rolh-a  
829. ros-a  
830. rot-a  
831. rotin-a  
832. roup-a  
833. rox-a  
834. rubric-a  
835. rúcul-a  
836. rug-a  
837. ruiv-a  
838. safen-a  
839. safir-a  
840. sag-a  
841. ságen-a  
842. sal-a  
843. salad-a  
844. saliv-a  
845. salsich-a  
846. sâmar-a  
847. sanfon-a  
848. sapipoc-a  
849. saracur-a  
850. sardinh-a  
851. sátir-a  
852. saun-a  
853. saúv-a  
854. savan-a  
855. sear-a  
856. sed-a  
857. seit-a  
858. seiv-a  
859. sel-a  
860. sem-a  
861. sêmol-a  
862. sentinel-a  
863. senzal-a  
864. sépal-a  
865. seren-a  
866. serenat-a  
867. serr-a  
868. set-a  
869. sibil-a  
870. sicom-a  
871. sigm-a  
872. sílab-a  
873. sintagm-a  
874. sintom-a  
875. sinuc-a  
876. sistem-a  
877. sítul-a  
878. sob-a  
879. sobrancelh-a  
880. sod-a  
881. soj-a  
882. sol-a  
883. som-a  
884. som-a  
885. sonat-a  
886. sop-a  
887. sucat-a  
888. sucupir-a  
889. suf-a  
890. suicid-a  
891. surdin-a  
892. sutur-a  
893. tab-a  
894. tabel-a  
895. tac-a  
896. tach-a  
897. tainh-a  
898. tal-a  
899. tâmar-a  
900. tapejar-a  
901. tapem-a  
902. taper-a  
903. tapioc-a  
904. taquar-a  
905. tar-a  
906. tarantel-a  
907. tarântul-a  
908. tarapem-a  
909. taref-a  
910. tareg-a  
911. tarif-a  
912. tariob-a  
913. tartarug-a  
914. tátic-a  
915. tatuaív-a  
916. taturan-a  
917. técnic-a  
918. tégul-a  
919. tel-a  
920. telefonem-a  
921. telh-a  
922. tem-a  
923. têmpor-a  
924. teorem-a  
925. tépal-a  
926. terr-a  
927. tesour-a  
928. tésser-a  
929. testemunh-a  
930. tiar-a

- |               |                |               |
|---------------|----------------|---------------|
| 931. tigel-a  | 953. trut-a    | 975. vésper-a |
| 932. tirib-a  | 954. tuatar-a  | 976. viatur-a |
| 933. tisan-a  | 955. túber-a   | 977. víbor-a  |
| 934. toalh-a  | 956. tucuruv-a | 978. vid-a    |
| 935. toch-a   | 957. túníc-a   | 979. vidam-a  |
| 936. tog-a    | 958. turbin-a  | 980. vil-a    |
| 937. tômbol-a | 959. úlcer-a   | 981. vinh-a   |
| 938. tópic-a  | 960. unh-a     | 982. viol-a   |
| 939. touc-a   | 961. urin-a    | 983. vírgul-a |
| 940. traír-a  | 962. urumbeb-a | 984. virilh-a |
| 941. tralh-a  | 963. uv-a      | 985. víscer-a |
| 942. tram-a   | 964. úvul-a    | 986. vitel-a  |
| 943. tramel-a | 965. vac-a     | 987. vítim-a  |
| 944. trápol-a | 966. vag-a     | 988. vitrin-a |
| 945. traum-a  | 967. val-a     | 989. volut-a  |
| 946. trelaç-a | 968. var-a     | 990. xáquim-a |
| 947. trem-a   | 969. vassour-a | 991. xícar-a  |
| 948. tribun-a | 970. ved-a     | 992. xil-a    |
| 949. trip-a   | 971. vel-a     | 993. zigom-a  |
| 950. trolh-a  | 972. vered-a   | 994. zon-a    |
| 951. trop-a   | 973. vergonh-a |               |
| 952. truf-a   | 974. verrug-a  |               |

Terminação -ã /a/

- |             |             |              |
|-------------|-------------|--------------|
| 1. afã      | 11. divã    | 21. sacristã |
| 2. anã      | 12. elã     | 22. sutiã    |
| 3. anfitriã | 13. ermitã  | 23. tabeliã  |
| 4. avelã    | 14. galã    | 24. talismã  |
| 5. barbacã  | 15. hortelã | 25. tarumã   |
| 6. cafetã   | 16. irmã    | 26. tecelã   |
| 7. campeã   | 17. jaçanã  | 27. titã     |
| 8. capitã   | 18. maçã    | 28. tucumã   |
| 9. castelã  | 19. pagã    | 29. vilã     |
| 10. cortesã | 20. romã    |              |

**CLASSE III - Ø**  
(Componente Fonológico: Ø / e)

a) -Ø

/r/	/S/
1. abajur	13. algoz
2. açúcar	14. ananás
3. almíscar	15. anis
4. azar	16. ás
5. bulevar	17. capuz
6. chofer	18. chafariz
7. contêiner	19. convés
8. dor	20. cruz
9. flor	21. feliz
10. jaguar	22. gás
11. par	23. giz
12. radar	24. lilás
	25. lis
	26. luz
	27. matiz
	28. mês
	29. país
	30. perdiz
	31. raiz
	32. rapaz
	33. rês
	34. tamis
	35. tez
	36. viés
	37. voraz

b) (C) -e

1.	abacat-e	42.	bif-e	83.	chucrut-e
2.	abad-e	43.	bilhet-e	84.	chut-e
3.	abrot-e	44.	blef-e	85.	ciudad-e
4.	achaqu-e	45.	boat-e	86.	clâmid-e
5.	acicat-e	46.	bod-e	87.	claqu-e
6.	açud-e	47.	bodoqu-e	88.	clav-e
7.	ágap-e	48.	bolich-e	89.	clip-e
8.	alambiqu-e	49.	bot-e	90.	club-e
9.	alcagüet-e	50.	bracelet-e	91.	coch-e
10.	alfaiat-e	51.	brequ-e	92.	codaqu-e
11.	alfinet-e	52.	bret-e	93.	coiot-e
12.	algib-e	53.	brioch-e	94.	colchet-e
13.	alicat-e	54.	briqu-e	95.	colet-e
14.	almanaqu-e	55.	briquet-e	96.	conduít-e
15.	almoxarif-e	56.	broch-e	97.	confet-e
16.	antílop-e	57.	buldogu-e	98.	confrad-e
17.	apetit-e	58.	buqu-e	99.	conhaqu-e
18.	apliqu-e	59.	but-e	100.	cônjug-e
19.	apócop-e	60.	butiqu-e	101.	convit-e
20.	apóstrof-e	61.	cabid-e	102.	coqueluch-e
21.	arrebiqu-e	62.	cacif-e	103.	coquet-e
22.	arrecif-e	63.	caciqu-e	104.	corpet-e
23.	áspid-e	64.	caíqu-e	105.	corselet-e
24.	atabaqu-e	65.	calech-e	106.	cotonet-e
25.	ataúd-e	66.	camarot-e	107.	craqu-e
26.	aug-e	67.	canivet-e	108.	crech-e
27.	aulet-e	68.	capacet-e	109.	crep-e
28.	azevich-e	69.	capot-e	110.	críquet-e
29.	azimut-e	70.	carpet-e	111.	croqu-e
30.	azorragu-e	71.	casquet-e	112.	croquet-e
31.	badulaqu-e	72.	casset-e	113.	crup-e
32.	baguet-e	73.	césped-e	114.	culot-e
33.	banquet-e	74.	charret-e	115.	cúspid-e
34.	baqu-e	75.	chav-e	116.	deboch-e
35.	basquet-e	76.	chef-e	117.	debut-e
36.	becap-e	77.	chequ-e	118.	dequ-e
37.	beg-e	78.	chicot-e	119.	detetiv-e
38.	belbut-e	79.	chiqu-e	120.	disquet-e
39.	belich-e	80.	chocolat-e	121.	dop-e
40.	bequ-e	81.	chop-e	122.	dot-e
41.	berloqu-e	82.	choqu-e	123.	égid-e

124.	elit-e	166.	hósped-e	208.	quib-e
125.	enquet-e	167.	iaqu-e	209.	quibeb-e
126.	envelop-e	168.	iat-e	210.	quilat-e
127.	equip-e	169.	iod-e	211.	quitut-e
128.	escabech-e	170.	iogu-e	212.	raqu-e
129.	escalop-e	171.	jad-e	213.	raquet-e
130.	escarlat-e	172.	jip-e	214.	rebit-e
131.	escot-e	173.	lev-e	215.	red-e
132.	escret-e	174.	limit-e	216.	reproch-e
133.	escroqu-e	175.	lob-e	217.	rob-e
134.	esnob-e	176.	loqu-e	218.	roquet-e
135.	espaguet-e	177.	lot-e	219.	rud-e
136.	espardequ-e	178.	majestad-e	220.	sacerdot-e
137.	espequ-e	179.	mamut-e	221.	sanduíche
138.	espot-e	180.	manchet-e	222.	satélit-e
139.	esputiniqu-e	181.	maquet-e	223.	saúd-e
140.	esquif-e	182.	marionete	224.	seb-e
141.	estaf-e	183.	mascot-e	225.	sed-e
142.	estep-e	184.	massicot-e	226.	síncop-e
143.	estoqu-e	185.	matalot-e	227.	soquet-e
144.	estrof-e	186.	mat-e	228.	sorvet-e
145.	estuqu-e	187.	maxix-e	229.	suav-e
146.	fantoch-e	188.	metad-e	230.	suít-e
147.	fetich-e	189.	molequ-e	231.	tablet-e
148.	flap-e	190.	mot-e	232.	tapet-e
149.	flech-e	191.	nev-e	233.	tíquet-e
150.	frad-e	192.	nômad-e	234.	tomat-e
151.	fraqu-e	193.	od-e	235.	top-e
152.	fret-e	194.	omelet-e	236.	trâmit-e
153.	gabinet-e	195.	pagod-e	237.	trapich-e
154.	gaf-e	196.	pared-e	238.	trav-e
155.	galop-e	197.	pastich-e	239.	trinchet-e
156.	ginet-e	198.	picap-e	240.	truqu-e
157.	glot-e	199.	pich-e	241.	ultraj-e
158.	grad-e	200.	piqueniqu-e	242.	valet-e
159.	grev-e	201.	piquet-e	243.	vermut-e
160.	grip-e	202.	pirâmid-e	244.	virtud-e
161.	grud-e	203.	pleb-e	245.	vontad-e
162.	guach-e	204.	plugu-e	246.	xarop-e
163.	hadoqu-e	205.	prax-e	247.	xequ-e
164.	haxix-e	206.	príncip-e	248.	xerif-e
165.	hereg-e	207.	quequ-e	249.	xot-e
				250.	zênit-e

(CC) -e

1.	abutr-e	42.	estandard-e	83.	lúgubr-e	124.	record-e
2.	açoit-e	43.	estand-e	84.	madr-e	125.	reid-e
3.	acord-e	44.	estant-e	85.	malt-e	126.	renqu-e
4.	açougu-e	45.	estingu-e	86.	manch-e	127.	revanch-e
5.	acr-e	46.	estirp-e	87.	mart-e	128.	rifl-e
6.	adarv-e	47.	falang-e	88.	marufl-e	129.	ringu-e
7.	álacr-e	48.	faring-e	89.	mediocr-e	130.	rinqu-e
8.	alard-e	49.	febr-e	90.	mening-e	131.	romanc-e
9.	alaúd-e	50.	feix-e	91.	ment-e	132.	sabr-e
10.	albergu-e	51.	fiacr-e	92.	merengu-e	133.	sangu-e
11.	alcaid-e	52.	fiord-e	93.	mestr-e	134.	serpent-e
12.	alc-e	53.	flert-e	94.	milagr-e	135.	siring-e
13.	alcorc-e	54.	foic-e	95.	milord-e	136.	sort-e
14.	alegr-e	55.	font-e	96.	míop-e	137.	suingu-e
15.	alfeir-e	56.	fraud-e	97.	mold-e	138.	surf-e
16.	alforj-e	57.	freir-e	98.	mong-e	139.	suspens-e
17.	alicerc-e	58.	frond-e	99.	mont-e	140.	teip-e
18.	alpist-e	59.	front-e	100.	mort-e	141.	tigr-e
19.	alqueir-e	60.	fust-e	101.	nobr-e	142.	timbr-e
20.	ancestr-e	61.	gangu-e	102.	nocaut-e	143.	torp-e
21.	aport-e	62.	gent-e	103.	noit-e	144.	torqu-e
22.	arenqu-e	63.	gland-e	104.	nort-e	145.	trempe-e
23.	arrabald-e	64.	golf-e	105.	odr-e	146.	trist-e
24.	ars-e	65.	golp- e	106.	orb -e	147.	trust-e
25.	art-e	66.	grand-e	107.	overloqu-e	148.	tuíst-e
26.	avalanch-e	67.	greid-e	108.	padr-e	149.	tungu-e
27.	azeit-e	68.	hast-e	109.	palanqu-e	150.	turf-e
28.	bacamart-e	69.	horizont-e	110.	parqu-e	151.	ubr-e
29.	bagr-e	70.	host-e	111.	part-e	152.	uísqu-e
30.	bail-e	71.	iogurt-e	112.	passaport-e	153.	uíst-e
31.	balaústr-e	72.	jasp-e	113.	peix-e	154.	urb-e
32.	bangu-e	73.	lanch-e	114.	pent-e	155.	ventr-e
33.	biltr-e	74.	laring-e	115.	pest-e	156.	verd-e
34.	bisont-e	75.	lebr-e	116.	podr-e	157.	vest-e
35.	blecaut-e	76.	leiaut-e	117.	ponch-e	158.	vinagr-e
36.	bond-e	77.	leit-e	118.	pont-e	159.	viscond-e
37.	bosqu-e	78.	lent-e	119.	post-e		
38.	cond-e	79.	lest-e	120.	quent-e		
39.	copirrait-e	80.	linc-e	121.	quiosqu-e		
40.	espinafr-e	81.	livr-e	122.	rebeld-e		
41.	esport-e	82.	lord-e	123.	rebenqu-e		

**CLASSE IV - /e/**

- |     |            |     |            |
|-----|------------|-----|------------|
| 1.  | acrópol-e  | 31. | estress-e  |
| 2.  | alfac-e    | 32. | fac-e      |
| 3.  | alfec-e    | 33. | folclor-e  |
| 4.  | almeç-e    | 34. | fol-e      |
| 5.  | anófel-e   | 35. | glac-e     |
| 6.  | apêndic-e  | 36. | halter-e   |
| 7.  | ápíç-e     | 37. | hélic-e    |
| 8.  | apólic-e   | 38. | índic-e    |
| 9.  | ar-e       | 39. | índol-e    |
| 10. | artífic-e  | 40. | iol-e      |
| 11. | árvor-e    | 41. | manicur-e  |
| 12. | áugur-e    | 42. | mármor-e   |
| 13. | aurífic-e  | 43. | mêmor-e    |
| 14. | áuspíç-e   | 44. | mess-e     |
| 15. | beness-e   | 45. | metrópol-e |
| 16. | blocauss-e | 46. | móbil-e    |
| 17. | bul-e      | 47. | mol-e      |
| 18. | cálic-e    | 48. | óbic-e     |
| 19. | caracter-e | 49. | pel-e      |
| 20. | cárcer-e   | 50. | prec-e     |
| 21. | céler-e    | 51. | precoc-e   |
| 22. | cérvic-e   | 52. | prol-e     |
| 23. | class-e    | 53. | púber-e    |
| 24. | códic-e    | 54. | quermess-e |
| 25. | consol-e   | 55. | rissol-e   |
| 26. | control-e  | 56. | tabul-e    |
| 27. | cúmplic-e  | 57. | torr-e     |
| 28. | doc-e      | 58. | toss-e     |
| 29. | escor-e    | 59. | val-e      |
| 30. | espádic-e  | 60. | vórtic-e   |
|     |            | 61. | xal-e      |

### CLASSE V - Ø\*

/-l/	/-N/	-V	-VV
anel	aipim	açaí	boi
anil	álbum	araçá	caubói
anzol	armazém	bauru	frei
azul	atum	boné	herói
barril	cetim	cipó	jubileu
canal	crepom	ipê	lei
caracol	éden	jabuti	mingau
cinzel	edredom	jacaré	pai
corcel	jasmim	maracujá	perau
farol	jovem	mocotó	pônei
pardal	ordem	robô	sarau
sol	trem	urubu	troféu

---

\* Essas palavras são em pequeno número, pois seu elencamento teve início após os dados foco de estudo já terem sido coletados, estando já em fase de análise.

Cíntia da Costa Alcântara

**CURRICULUM VITAE**

Pelotas  
2002

# CURRICULUM VITAE

Dezembro, 2002

## 1 DADOS PESSOAIS

Nome: Cíntia da Costa Alcântara  
Nascimento: 16/03/1969, Pelotas/RS - Brasil  
CPF: 50411853015

## 2 FORMAÇÃO ACADÊMICA/TITULAÇÃO

- 1999                   Doutorado em Lingüística e Letras.  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Rio Grande do Sul, Brasil.  
Título: O Papel da Vogal Final /e/ no Sistema Lingüístico do Português Brasileiro.  
Orientador: Professora Doutor Leda Bisol.  
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil.
- 1996 - 1998           Mestrado em Mestrado Em Letras.  
Universidade Católica de Pelotas, UCPEL, Rio Grande do Sul, Brasil.  
Título: O Processo de Aquisição das Vogais Frontais Arredondadas do Francês por Falantes Nativos do Português. Ano de obtenção: 1998.  
Orientador: Professora Doutor Carmen Lúcia Matzenauer Hernandorena.
- 1989 - 1993           Graduação em Letras - Português/Francês.  
Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, Rio Grande do Sul, Brasil.

## 3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL

### Universidade Católica de Pelotas - UCPEL

#### Vínculo institucional

1997 - 1998 Vínculo: Nenhum, Enquadramento funcional: Professora Auxiliar, Carga horária: 3.

#### Atividades

3/1997 - 12/1998   Extensão universitária.

#### Atividades de extensão realizadas

1. Professora de Língua Francesa.

### Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

#### Vínculo institucional

1998 - 1998 Vínculo: Nenhum, Enquadramento funcional: Professor temporário, Carga horária: 45.  
1997 - 1997 Vínculo: Nenhum, Enquadramento funcional: Professor Temporário, Carga horária: 45.

- 1995 - 1995 Vínculo: Professor substituto, Enquadramento funcional: Professor substituto, Carga horária: 40.  
1994 - 1994 Vínculo: Nenhum, Enquadramento funcional: Professora de Língua Francesa, Carga horária: 6.

#### **Atividades**

2/1998 - 2/1998 Ensino.

##### **Disciplinas ministradas**

1. Lingüística Geral.
2. Lingüística Aplicada à Língua Portuguesa.

8/1997 - 8/1997 Ensino.

##### **Disciplinas ministradas**

1. Lingüística Geral.
2. Lingüística Aplicada à Língua Portuguesa.

8/1995 - 12/1995 Conselhos, Comissões e Consultoria.

##### **Cargos ou funções**

1. Coordenadora de Curso de Extensão Universitária.

8/1995 - 12/1995 Ensino.

##### **Disciplinas ministradas**

1. Francês e Fonética da Língua Francesa.

3/1994 - 7/1994 Extensão universitária.

##### **Atividades de extensão realizadas**

1. Professora de Língua Francesa.

## **4 PRODUÇÃO CIENTÍFICA, TECNOLÓGICA E ARTÍSTICA/CULTURAL**

### **4.1 PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA**

#### **4.1.1 Artigos completos publicados em periódicos**

- 1 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. VOGAIS DO FRANCÊS: Uma Proposta de Trabalho. Caderno de Letras da UFPel, Pelotas, n. 8, p. 91-121, 2001.
- 2 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. O processo de aquisição de LE: o caso das vogais frontais arredondadas do Francês. Coleção Investigações em Lingüística Aplicada, Pelotas, n. II, p. 211-234, 2001.
- 3 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. A indeterminação do sujeito. Caderno de Letras da UFPel, Pelotas, n. 6, p. 65-71, 1998.

#### **4.1.2 Demais tipos de produção bibliográfica**

- 1 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. A contribuição da lexicografia pedagógica à aprendizagem e ao ensino de uma língua estrangeira ou segunda. Pelotas: EDUCAT, 2000. (Tradução/Artigo).

## 4.2 PRODUÇÃO TÉCNICA

### 4.2.1 Demais tipos de produção técnica

- 1 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. O Papel da Vogal Átona Final /e/ em Português. 2002. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 2 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. As vogais nasais do francês e sua aquisição por aprendizes brasileiros. 2001. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 3 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. Vogais do Francês: Uma proposta de Trabalho. 2001. (Curso de curta duração ministrado/Outro).
- 4 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. O processo de aquisição do francês. 2000. (Apresentação de Trabalho/Outra).
- 5 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. Aquisição de LE e Estratégias de Simplificação. 1999. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 6 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. O processo de aquisição de LE: O caso das vogais frontais arredondadas do francês. 1999. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
- 7 ALCÂNTARA, Cíntia da Costa. O Processo de Aquisição de LE. 1998. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).